QUILOMBOS DO VALE DO JEQUITINHONHA

MÚSICA E MEMÓRIA

QUILOMBOS DO VALE DO JEQUITINHONHA: MÚSICA E MEMÓRIA

Copyright © Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Musica e Memória

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

F655f Fogaça, Sérgio
Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória / Evanize Sydow, Sérgio Fogaça – 1. ed. - São Paulo: Nota Musical Comunicação, 2017

364 p.

ISBN

1. Comunidades quilombolas – comunidades tradicionais – Tradição oral
2. Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais I. Título

CDD: 778.9

Nota Musical Comunicação
contato@quilombosdojequitinhonha.com.br

Este livro é dedicado às comunidades de remanescentes de quilombos de todo o Brasil, pelo exemplo de resistência que nos dão ao longo dos séculos.

Quilombos do Vale do Jequitinhonha
Música e Memória

Coordenação-geral
Evanize Sydow

Coordenação de textos
Sérgio Fogaça

Coordenação de vídeo e fotografia
Cleber Cardoso Nunes

Fotos
Cleber Cardoso Nunes

Equipe de campo
Alessandro Araújo
Cleber Cardoso Nunes
David Ramos
Evanize Sydow
Francisco Jorge Peres
Sérgio Fogaça
Sérvulo Borges

Articulação estadual
Adão Domingos
Alessandro Araújo
Fabiane Cínara Vissotto
Kerlane Oliveira
Sérvulo Borges

Projeto gráfico
Carlos Pitombo

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação
Contato: contato@quilombosdojequitinhonha.com.br

Quilombos do Vale do Jequitinhonha
Música e Memória

Expediente 006
Apresentação 012
Municípios, comunidades e metodologia 016
Vale do Jequitinhonha 019

Berilo

Apresentação 020
Nesse dia a casa encheu de gente 023
A jovem guardiã das tradições.....035
Minha avó vivia num casarão chamado senzala 045
Uma pessoa sem história não é ninguém 055
Naquele tempo a gente vivia em volta do pilão, socando milho, para se manter 073
Jequitinhonha: cultura e talento em abundância 085
Nascida e criada na Folia de Reis.....103

Chapada do Norte

Apresentação 116
Com a palavra, a Rainha do Congado.....119
Família unida na congada, viola e cantoria.....131
"Antigamente a gente juntava em mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro"143
Uma grande família chamada Alves 151
A festa de 192 anos.....161
Sai do caminho, Curiango, deixa eu passar 169
Agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo.....183

Minas Novas

Apresentação 201
Um córrego chamado Capoeirinha.....205
A banda centenária 219
Devoção ao Rosário e conhecimento aurífero dos escravos: a história de Minas Novas.223
A fé em Nossa Senhora do Rosário 231
O mestre dos tambores mineiros 239
As histórias de dona Rosarinha.....247
Terra até tem. Mas eu planto, planto, planto e não sai mais nada 257

Virgem da Lapa

Apresentação 267
Um século de sabedoria 269
Chovia mesmo.....279
Uma grama de ouro por dia 295
Acabou a água, acabou o ouro.....309
"Um mar de eucalipto" 319
Naquele tempo ninguém adoecia 331
Nossa Senhora do Rosário, sua casa cheira/cheira cravo e rosa/flor da laranjeira ... 343

Agradecimentos.....349

Notas.....352

Bibliografia 357

Apresentação

Iniciado em janeiro de 2014, o projeto Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória pesquisou e registrou as manifestações culturais nas comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, bem como a memória da história dessas comunidades, resgatando e preservando esse valioso patrimônio imaterial. Além deste livro, com entrevistas e um rico acervo fotográfico, o projeto resultou em 30 vídeos de curta duração e um portal na internet, todos de acesso gratuito.

A exuberante diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha é resultado, principalmente, de toda região ter sido destino de quilombolas à época da exploração do ouro, no século XVIII. Nessa área, eram os escravos que faziam o trabalho pesado na mineração, mas também foram eles que trouxeram tal conhecimento da África.

Enquanto os habitantes mais velhos guardam a memória de sua história, os mais jovens lutam para que essas tradições não se percam com o passar do tempo. Nos quatro municípios pesquisados, a equipe participou de festas, encontros, apresentações especialmente marcadas para estes registros, nas quais as comunidades revelaram suas danças, histórias e cantos. Mesmo com as diversas dificuldades que enfrentam – especialmente, pela falta da água e infraestrutura – as comunidades seguem vigorosas em manter suas tradições e seu rico legado cultural.

Por ser uma iniciativa que tem a tradição oral como seu ponto central, este livro traz 28 depoimentos históricos de personagens importantes, de diferentes gerações, que fazem um grande perfil da vida nas comunidades quilombolas dos municípios de Berilo, Chapada do Norte, Minas Novas e Virgem da Lapa. Ancestralidade, alegrias, dificuldades, costumes, festas e conhecimentos tradicionais são revelados com muita emoção nesta publicação. Outros materiais produzidos por esta pesquisa – em texto e audiovisual – podem ser acessados no portal do projeto: www.quilombosdojequitinhonha.com.br.

O trabalho realizado pelo projeto Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória serviu também para reforçar a certeza de que esta é uma região na qual o fazer do povo – seja na dança, na religião, na culinária ou na forma de lutar diariamente – é muito vivo. E isso tem colaborado para que esse grupo social resista ao sistema que tem violado seus direitos ao longo de décadas. É deveras tardia a hora dessas pessoas serem vistas e ouvidas. E é por essa razão que este livro chega às suas mãos agora.

Municípios, comunidades e metodologia

O material produzido pelo projeto *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória* teve como fio condutor entrevistas feitas através da metodologia de história oral e a documentação das diferentes manifestações culturais encontradas. O foco na música se deve ao fator agregador e identitário que esta traz às comunidades quilombolas, daí a necessidade da preservação de suas tradições musicais e de dança.

Foram envolvidas cerca de 60 comunidades quilombolas e aproximadamente 1.200 pessoas que participaram cantando, dançando, rememorando histórias e reivindicando direitos. Além da participação das comunidades quilombolas, contamos com o apoio e o envolvimento de representantes das escolas, professores e diretores, secretarias de cultura, da assistência social e de militantes do movimento quilombola dos municípios.

Seja nos acompanhando nas comunidades, seja fazendo ponderações sobre a realidade vivida por essas famílias ou nos apresentando como estão desenvolvendo a educação quilombola nos locais em que estamos trabalhando, a parceria com esses atores enriqueceu profundamente esta iniciativa.

A articulação local que fizemos foi importante, dado que as casas das famílias quilombolas desta região têm a especificidade de estarem muito distantes umas das outras e agregá-las demandou visitas a cada família - que, em boa parte do ano, estão, essencialmente nas colheitas de cana ou café fora do Vale do Jequitinhonha. Ainda que tenhamos contado com articuladores da equipe trabalhando com muita antecedência às viagens de campo junto às instituições locais para facilitar o trabalho, os imprevistos são próprios de um trabalho como esse. Mas tamanho foi o envolvimento e o respeito das comunidades e seus representantes com este projeto que o inesperado não nos impediu de estar com as comunidades.

Paralelamente ao trabalho de campo, a pesquisa documental foi desenvolvida pela equipe em fontes primárias e secundárias, além de novas referências que foram agregadas no decorrer da pesquisa realizada. O trabalho de campo também nos colocou em contato com documentos históricos importantes para o tema.

Impressionou a todos da equipe a forma como encontramos as comunidades muito vigorosas do ponto de vista da consciência de seus direitos. A manutenção de muitas dessas manifestações culturais mostra isso.

Os municípios incluídos foram Chapada do Norte, que tem mais de 90% de sua população formada por quilombolas; Berilo, o município com maior número de comunidades tradicionais de Minas Gerais; além de Minas Novas e Virgem da Lapa. São localidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano.

O levantamento teve como foco as seguintes comunidades:

Chapada do Norte – comunidades Cruzinha, Cuba, Misericórdia, Moça Santa, Gamela, Gravatá, Córrego Santa Rita, Córrego do Rocha, Paiol, Poções Porto dos Alves, Ribeirão da Folha, Ribeirão da Cachoeira, Ferreira e Água Suja

Berilo – comunidades Brejo, Caititu do Meio, Alto Caititu, Caititu de Baixo, Morro do Boteco, Quilombola, Vila Santo Isido, Vai Lavando, Barro, Capivari, Relâmpago, Itacambira, Povo, Jatobá, Jacu, Bom Jardim, Mocó, Muniz, Água Limpa de Cima, Água Limpa de Baixo

Minas Novas – comunidade Gravatá, Mata Dois, Bem Posta, Macuco, Nagô, Quilombo, São Cristóvão, São Benedito do Capivari, Trovoada, Cabeceira do Ribeirão da Folha, São Pedro do Alagadiço, Cabeceiras, Santiago, Capão de Taquara

Virgem da Lapa – comunidades Almas, Bugre, Curral Novo, Mutuca, Onça, Rosário, Pega, Capim Puba, Cardozo, Gravatá, Massacará

O rico Vale do Jequitinhonha

Invertendo o olhar, e talvez, aí sim, oferecendo uma ótica que também é realidade na região, a de seu patrimônio histórico-cultural, o Vale do Jequitinhonha é referência para o estado de Minas Gerais e também para o Brasil. Região comumente associada a baixos índices de desenvolvimento humano, se considerados os valores das riquezas naturais e humanas o que se verá é uma clara deficiência de investimentos públicos e privados, além de condições climáticas desfavoráveis.

Rico é o Vale do Jequitinhonha sincrético, que abraçou todas as raças e religiões, de vastos recursos minerais e exuberante diversidade cultural. Rico é o Vale do Jequitinhonha vivo em luta e desenvolvimento, apesar de muitas vezes menosprezado por poderes públicos. Rico é o Vale do Jequitinhonha da Festa do Divino, de origem portuguesa, em celebração às fartas colheitas, ou da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, devoção sedimentada pelos escravos vindos à força da África, trazendo na bagagem devoção e fé, além de farto conhecimento na exploração mineral.

São eles, os ex-escravos, população negra que minerou, cavou, construiu, plantou, colheu e fez florescer um Vale de riquezas imensuráveis. Em suas costas estão as marcas do trabalho e também a alegria transmutada em festas e celebrações comemoradas por todas as cidades e comunidades. É deles a força por trás do processamento de todas as riquezas naturais que hoje identificam a região. Da culinária ao artesanato, da música e dança ao florescimento de municípios que só se desenvolveram, na época do padroado, pelo fortalecimento das irmandades sustentadas pela fé e religiosidade trazidas pelos escravos.

O rico e valente Vale do Jequitinhonha traz em sua história e, principalmente, na história de seu povo construtor de um legado de desenvolvimento cultural e social, uma marca impressa à luta e ao trabalho, mas também de elevação humana, que transforma sofrimento em canto, dor em dança, memória em artesanato, força em fé e esperança de sempre alcançar um dia melhor, sob a luz de toda a dedicação pessoal e coletiva, construindo um lugar próspero e iluminado.

Berilo

Com quase 300 anos de história, o município de Berilo surgiu como vários povoados daquela época: da exploração de ouro na região. No início do século XVIII, bandeirantes paulistas, liderados por Sebastião Leme do Prado, procuravam o metal precioso no interior mineiro. Encontrando grande quantidade na confluência do Rio Araçuaí com o Córrego da Água Suja, o bandeirante iniciou ali um primeiro núcleo populacional, em 1727.

Dois anos depois, motivados pela notícia de ouro na região, onde já se abrigavam cerca de mil moradores, foi fundado um primeiro vilarejo denominado Distrito de Nossa Senhora da Conceição de Água Suja. Embora nascido da mineração, logo se expandiu outras duas culturas de subsistência, a agricultura e a pecuária. Em 1887 o distrito passou a se chamar Água Limpa, e pertencia ao município de Minas Novas. Só em 1923 o nome foi trocado por Berilo, pedra preciosa encontrada em abundância na região, e emancipado como município apenas em março de 1963.

Hoje, com cerca de 14 mil habitantes, Berilo integra a microrregião de Capelinha e faz divisa com os municípios de Virgem da Lapa, Francisco Badaró, Chapada do Norte, José Gonçalves de Minas, Cristália e Grão Mogol[1]. É considerado o município com maior número de comunidades quilombolas de Minas Gerais.

Em Berilo, duas edificações do século XVIII chamam bastante atenção, além de significava identidade para a cidade: a igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, datada de 1729; e o Casarão Domingos de Abreu Vieira, da segunda metade do mesmo século. Estima-se, inclusive, que a igreja seja uma das primeiras edificações de todo o Vale do Jequitinhonha. Tão antiga e importante para a região que foi reconhecida e tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1974, embora infelizmente esteja praticamente abandonada nos dias de hoje, com apenas uma pessoa cuidando de limpar e preservar o pouco que ainda resta em seu interior.

Já o Casarão Domingos de Abreu Vieira, ilustre mineiro que fez parte do grupo de inconfidentes, inclusive sendo compadre de Tiradentes, foi reconhecido pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), que acredita que o casarão é da segunda metade do século XVIII. Fundamenta-se que o casarão serviu de sede para reuniões dos inconfidentes, com a presença do próprio Tiradentes, entre os anos de 1768 ou 1769, segundo um documento intitulado Alta da Devassa.

Diferentemente da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e por meio do tombamento do IEPHA, o casarão, que já estava bem danificado, passou por um restauro bastante importante em 2010. De qualquer forma, bem difícil é a manutenção e mobilização de uso do local, já que o IEPHA restaurou, mas acredita que essas funções ficam a cargo do município. Por isso, é só pelo esforço de voluntários, que estimulam culturalmente a edificação, que se faz presente o modo de vida e cultura quilombola ali.

Sendo assim, o Casarão abriga a sede do congado local, recebe batuqueiros quilombolas, a Folia de Reis, além de oficinas e outras manifestações. A população local entende que o espaço deve ser ocupado pela comunidade da região, como polo propagador da cultura quilombola. É fato que muitos turistas que passam pela cidade dificilmente se deslocam até as comunidades quilombolas, mas, certamente, visitam o casarão, tendo ali a oportunidade de entrar em contato com a rica e centenária cultura que identifica tão bem toda região.

Ainda hoje a cultura continua bem viva em Berilo. São inúmeras as manifestações musicais e dança apresentadas durante festas que acontecem durante todo o ano. Para citar algumas, costumam estar presentes danças e manifestações musicais como O Nove, Roda, Lava Saia, O Velho, Beira Mar, Caboclo e Surubim, entre outras, além de festas significativas e importantes da cultura quilombola, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que sempre acontece durante o mês de outubro.

Um resgate mais recente e muito importante na história do município é a festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, que agora acontece sempre no dia 8 de dezembro. São nove dias de terços e orações que culminam com uma procissão da bandeira que sai da casa do mordomo, chega na igreja para a celebração da Santa Missa para, então, hastearem a bandeira. No dia seguinte há a alvorada às 5h e, às 9h, saem em procissão com a imagem de Nossa Senhora Conceição, celebram missa e, em seguida, concluem com a coroação e festa, com batuqueiros, congada e refeições.

Até a data de 20 de maio de 2016, eram 12 as comunidades quilombolas de Berilo certificadas pela Fundação Palmares (Água Limpa de Baixo, Água Limpa de Cima, Alto Caititu, Muniz, Caititu do Meio, Mocó dos Pretos, Morrinhos, Quilombolas, Vila Santo Isidoro, Brejo, Cruzeiro e Tabuleiro). Além disso, há uma comunidade remanescente de quilombo – Vai Lavando – com processo de certificação em andamento até a mesma data na Fundação Palmares.

Dona Pretinha (Maria Lopes de Oliveira)
Comunidade Barra do Ribeirão

Nesse dia a casa encheu de gente

Maria Lopes de Oliveira, conhecida em Berilo como Dona Pretinha, tem 75 anos e é uma das artesãs mais antigas e conhecidas da região. Ela começou a tecer aos dez anos de idade. Aprendeu sozinha, de tanto ver a mãe trabalhar no tear. A mãe, por sinal, era uma excelente artesã e criou os filhos com os cobertores que fazia e vendia, dia a dia. O grande zelo que a mãe tinha com o seu tear fez com que Dona Pretinha só se atrevesse a criar sua primeira peça, às escondidas, num dia em que estava sozinha em casa. A mãe saiu para vender os cobertores e ela aproveitou a brecha. Ao chegar, a mãe percebeu que alguém havia mexido no artefato.

Com medo de que outra pessoa apanhasse em seu lugar, Dona Pretinha revelou que era a responsável por tal estripulia. Para sua surpresa e profunda emoção, no lugar de muitas palmadas, a mãe deu à menina o seu maior presente: o primeiro abraço em todos aqueles 10 anos. E uma incumbência: a partir daquele instante, tamanho era o talento de Pretinha, esta seria sua substituta e a provedora da família, dado que a mãe, adoecida, já não conseguia mais tecer o suficiente. Nesse dia, a casa encheu de gente para conhecer a mais nova artista da família.

Meu nome é Maria Lopes de Oliveira, e meu apelido é Pretinha, minha comunidade é Barra do Ribeirão

Quantos anos a senhora tem?
Estou com 75 anos, eu nasci em 5 de julho de 1939

A senhora nasceu aqui?
Aqui, graças a Deus.

E seus pais, são daqui também?
Daqui também, desse mesmo lugar.

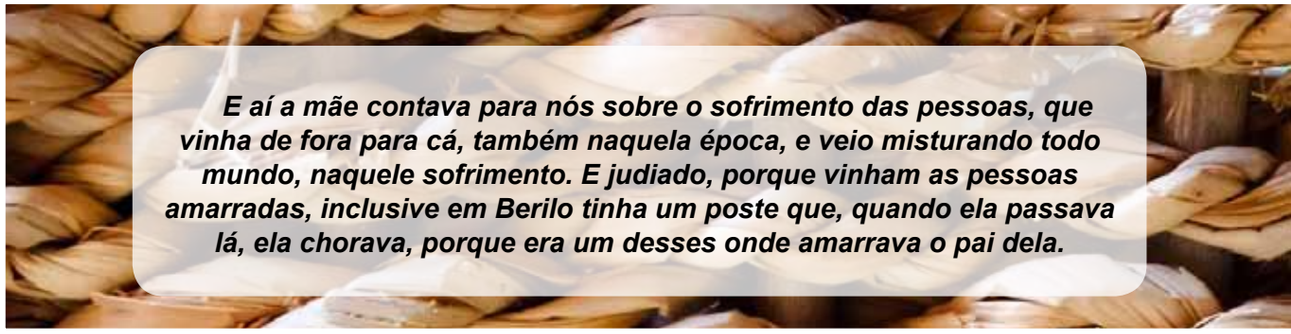
E seus avós?
Meus avós também. Bom, meus avós, por parte de pai, é daqui, e do lado de minha mãe, é lá do Ribeirão, lá chama Bananal, é pertinho.

Quantas famílias moram aqui?
Agora está morando aqui umas 20 famílias, só aqui, porque as do Sanin nós não contamos. Só daqui da Barra do "Birão" tem 20 famílias.

Quando a senhora era criança morava mais gente aqui?
Morava eu, meus irmãos, meu pai, minha mãe.
E o número de famílias no local?
Na comunidade? Era o mesmo número de famílias. Dos mais novos sou eu mesmo, os mais velhos moravam tudo aqui.

A senhora lembra das histórias dos seus avós, contando que são descendentes de ex-escravos?
Eu lembro de histórias de meus avós de sermos descendentes de escravos, porque minha mãe sempre contava para nós. Meu pai morreu muito novo, ficou eu mais minha mãe e meus irmãos. Daí ela tirava o tempo para contar para nós a história. Meu bisavô era escravo, meu avô era escravo, do lado de mamãe, e do lado de papai eram índios. Minha bisavó era índia, e foi "pegada" e criada com meu bisavô, meu tataravô. Então, eles pegaram, criaram ela, e casou com meu bisavô, a vó de meu pai.

Inclusive aqui na beira do rio tem um lugar onde eles caminhavam. Quer dizer que nós não saímos herdando nem de pai e nem de mãe, a gente saiu herdando de nossa bisavó, Egoberta Moreira de Jesus.



E aí a mãe contava para nós sobre o sofrimento das pessoas, que vinha de fora para cá, também naquela época, e veio misturando todo mundo, naquele sofrimento. E judiado, porque vinham as pessoas amarradas, inclusive em Berilo tinha um poste que, quando ela passava lá, ela chorava, porque era um desses onde amarrava o pai dela.

Ainda tem esse lugar?
Tem, aqui em Berilo. Porque depois foi modificando e foi acabando, depois da assinatura da Princesa Isabel... depois da assinatura dela é que foi acabando os escravos. Mas em nossa família teve muitos que foram escravizados, muito sofrido. Mas aí ficamos nós, levando a vida no sofrimento também, porque nossos pais não tinham nada. Tinha é coragem de trabalhar, lutava daqui, lutava dali.

A senhora conta para suas netas essas histórias?
Conto, conto, eles sabem essas histórias. A gente tem que contar para os netos da gente, para os filhos da gente. Mas só que tem isso que, de uns tempos para cá, parece que eles estão achando que a vida está melhor do que aquele tempo, e eles não põe tudo na cabeça, né? Porque Deus me livre também se pusesse, porque eu sempre fui uma pessoa... nunca fui pessoa assim de esmorecer não. Eu sempre fui uma pessoa animada, corajosa, se mandasse eu ir para os matos afora, eu ia, nós fazíamos arapuca, pegava e comia naquele tempo, porque não existia nada. Existia mandioca, cana, essas coisas tinha bastante. Então, nós íamos para o mato, tirava bastante, comia aquilo e, pronto, ia levando a vida.

Até hoje eu tenho saudade daquele tempo. Porque nossa vida foi sofrida, mas a gente acostumou com aquele sofrimento. Minha mãe, quando morreu, estava com 66 anos, era muito doente, eu é que tomava conta de tudo dentro de casa, do que fazer. Eu acabei criando a minha família, e a família dela primeiro, e nós fomos levando a vida.

Quantos irmãos a senhora tem?

Nós éramos oito irmãos, alguns morreram e ficamos em quatro irmãos. Desses quatro irmãos, tem eu.

E a senhora é a mais velha?

Sou a mais nova. Deles eu sou a caçula.

Dessas histórias dos escravos que a senhora disse, da sua bisavó, da sua avó, o que a senhora lembra, o que eles contavam, o que era esse sofrimento, o que eles viviam?

Eles contavam do sofrimento, mas não era assim por conta de coisa de comer e beber não. Eles contavam do sofrimento por causa deles serem muito escravizados. O pessoal não tinha liberdade para nada, tudo que fazia estava ruim. Então, o que eles contavam era isso, sofria demais. E o serviço era um serviço de escravo. Nosso serviço, toda vida, foi um serviço de escravo. Porque eu falo isso, porque ninguém tinha leitura, a gente vivia tudo em cima da ignorância mesmo. Então, nosso serviço era roçar, estocar, plantar.

Mas naquele tempo dava bastante, por isso que eles não reclamavam, naquele tempo dava bastante mantimento. Agora, hoje, que a vida não está muito de escravidão, igual era, o pessoal está mais escravizado. Porque hoje, como se diz, a gente planta, não dá. Naquele tempo dava tudo, a gente colhia feijão. Essa salinha onde vocês estão isso era amontoado de feijão, aquela sala lá amontoada de milho, guardava o mantimento dentro de casa. Tinha hora que a gente não tinha nem lugar de guardar. Nós pegávamos, nós púnhamos dois, três capados no chiqueiro. Nós matávamos um e punha na dispensa, e matava os outros e dava aos outros.

Dos alimentos dessa época o que a senhora lembra que continua tendo e o que lembra que não tem mais?

Continua tendo as mesmas coisas, só que é assim: não é coisa de falar "eu tenho" porque ano passado, ano atrasado a gente plantou uma roça de milho, inclusive meu filho plantou uma roça de milho e deu 200 sacos de milho, que ele vendeu, e ficou duas tuiona de milho que deu para passar o ano passado até agora. E já o ano passado e esse ano, o "miozinho" que eles colheram está aí no galpão, pôs num saco, carregou nas costas e pôs aí.

Então a gente tem, tem de tudo. Se a gente plantasse e desse, porque a vontade e a natureza do homem estão aí, e das mulheres também, porque eu também trabalhei direto, minha vida foi na roça. Então a natureza e a vontade estão aí, mas o ruim é que a gente planta e não dá nada. Quando está no tempo, às vezes, da lavoura florescer, aí vem só o sol e acaba morrendo tudo, acaba não dando nada. Acaba a pessoa voltando à estaca zero, ficando sem nada, porque plantou, mas não deu. Muitas pessoas estão melhor de vida, outras estão pior. Porque uma coisa que está nas mãos de Deus nós não podemos falar assim "oh Deus, faz isso". Então, tem de esperar por Deus, só a vontade e a coragem é que não pode deixar acabar.

É que nem eu falo para o meu povo: nós reunimos, nós temos associação, e eu falo com eles "gente, vamos reunir, vamos levar as coisas a sério, não vamos esmorecer, porque a gente não pode deixar a peteca cair, a gente tem que segurar ela". Então, a gente vai remando. Para mim, graças a Deus, criei meus filhos tudo, batendo tear, foi no tear. Eu tenho uma casinha em Berilo, foi feita com meu tear. E meus meninos não é tudo estudado, porque, é como se diz, "veio a voz de São Paulo e tomou, levou". Lá em São Paulo eu tenho, já estudado, ele trabalha em escola lá, o José Onésio; tem Graça, tem Nascileno, ele trabalha como tratorista, e tem Cida, que mora em Osasco. Nesinho mora na capital de São Paulo, Graça mora em Guarulhos e Nascileno mora aqui perto de Brasília.

E algum de seus filhos se interessou pelo tear?

Todos eles sabem tecer, graças a Deus. Mas só com o tempo que vai chegar lá.

Seus netos também tecem?

Não, neto que eu tenho mesmo, que está comigo, é essa aí (a menina Carol, presente durante a entrevista). Tem as duas meninas de Beto, mas essas estão agora já estudando. E tem os outros que estão em São Paulo. Tem a outra, a Neci, que é uma boa tecelã. No mais, aqui as vizinhas, que trabalhavam no tear, foram para lá, outras duas que morreram. Agora, de tecelã mesmo daqui da comunidade só eu, comadre Tiana, comadre Maria, tem duas Marias, mais Justina, e as meninas que moram lá no Tabuleiro. Elas dançam catira lá no Tabuleiro, garanto que vocês já conhecem elas, filhas do Leone, mora dentro de Berilo. Então ficou assim, as artesãs saíram um bocado. Só de artesã que eu tinha dentro da minha associação eram 68 artesãs. Mas entre morte e mudança, daí que ficou só nós.

A senhora aprendeu a tecer com quem?

Eu aprendi a tecer com a maior facilidade. Minha mãe era artesã, ela tecia, mas ela não gostava que a gente mexesse no tear dela. Ela tecia cobertas, cobertor de lista. Mas um dia eu senti vontade de entrar no tear dela e tecer um pouquinho. Minha cunhada tecia cobertor, a gente falava assim "cobertor pintado", mas era a coberta com a benfeitoria, né? Então, eu olhava como ela ensinava a tecer, olhava, eu ficava com aquela vontade de dar uma tecida no tear.

Num dia de sábado, minha mãe pegou os cinco cobertores dela... porque mãe tecia, mãe punha o pano no tear e tirava cinco cobertores no dia. Aí ela pegou seus cobertorzinhos, foi para a feira e deixou o pano no tear. E eu falei: "é hoje". Enchi um balaio de canela, peguei a lançadeira, fui para o tear e fui tecendo. Coloquei a lançadeira de lado e as canelas de outro lado, peguei os cordões, cortei, coloquei tudinho direitinho lá para poder passar, porque a gente tem que tecer, joga a lançadeira para lá, passa quatro fios e bate o pé, joga para cá e bate o outro pé, e assim vai.

Daí, quando fazia os quatro fios, eu ia lá e passava. Eu teci uma coberta nesse dia, coberta pintada. E aí eu pensava, que mãe era muito brava, "e agora? mãe vai me matar na hora que ela chegar, porque ela vai dar falta desse tear". Porque ela tecia, ela punha aquelas rodonas, ela punha 20, 30 cobertores de uma vez, mas se virasse um pouquinho ela sabia. Aí eu peguei o tear dela, cortei a coberta, coloquei tudo do jeitinho que estava e peguei a minha coberta que eu tirei, pus fileira no meio, porque era desses cobertorzinhos comuns, que tinha que costurar. Saía dessa largurinha e eu costurava no meio, para a coberta ficar grande. Peguei essa coberta, e pus lá na cama do quarto, da sala, e deixei lá dobradinha. E aqui era um cerrado de colonião[1], porque naquele tempo chovia muito, era farto, tinha bastante. E pensava que na hora em que ela chegasse eu ia esconder dentro desse colonião para não me pegar.

Aí ela chegou e a primeira coisa que ela fez foi ir no tear, parece que Deus estava contando a ela e me contando também. Ela perguntou quem tinha mexido no tear dela, porque ela tinha vendido só cinco cobertas. Ela pensando alto, achando que tinha tirado aquilo mesmo e eu gritei de lá: "ô mãe, se enganou, foi isso mesmo". Eu pensando que ia enganar. E ela: "o que você está fazendo aí?" E eu: "estou cortando vassoura", porque antes a gente varria com vassoura de angico. "Eu estou cortando vassoura para varrer o terreiro."

Mas aí ela apurou, quando viu que estava faltando mesmo, apurou, e eu não gosto de jogar a culpa em ninguém. Eu tinha que cumprir a minha palavra, porque fui eu que fiz o erro, então, eu tinha que falar a ela. Porque se eu não falasse, ela ia pensar que era Justina, minha cunhada, que tirou o pano, a mulher de meu irmão. Eu não ia deixar ela fazer confusão com os outros. Eu gritei: "ô mãe, vai aí no quarto da sala que a senhora vê onde é que seu pano sumiu, espia aí. Ô mãe, mas pelo amor de Deus não bate em mim, não". Aí ela entrou lá, pegou a coberta, que não tinha uma pareia. Estava bem tecidinha, bonita, eu tinha colorido as puxada para poder fazer as pintas, mas que estava bonita. Aí ela foi saindo e chorando e gritando todo mundo. Nesse dia a casa encheu de gente. Aí chamou a veia Emília, chamou meu padrinho Manoel, o compadre Camilo, a comadre Justina, para mostrar a coberta que eu tinha tecido.

Quantos anos a senhora tinha?

Eu tinha dez anos. Ela pegou chamou todo mundo e me abraçou. Foi o primeiro abraço (emocionada)... quando eu conto essa história, dá vontade de chorar. Foi o primeiro abraço que eu senti que minha mãe me abraçou. Aí ela foi só me abraçando e falou: "ô minha filha, você pediu pelo amor de Deus para eu não bater em você, pois eu não vou bater em você não, eu vou entregar o seu tear, porque, de hoje em diante, quem vai tecer é você, porque você sabe que eu sou doente". Aí, a coberta que eu teci ela levou para Berilo e vendeu por 5 mil réis e daí já deu para ela guardar dinheiro, comprar o que precisava e guardar dinheiro. Vendia por esse preço e dava para comprar o sal e o querosene, porque as outras coisas a gente não precisava comprar. Ás vezes, ela comprava meio metro de americano[2], para a gente fazer a sainha para poder ir na missa, era desse jeito.

Aí já ficou assim, eu no tear desde os dez anos. Eu fiquei mais castigada nessa idade, porque com dez anos eu comecei a tecer e, quando eu tinha doze anos, ela já não pôs mais o pé no tear. Eu garanti a família dela, meus irmãos e ela. Não tinha dinheiro para comprar um remédio, então já passou a ter um dinheiro para comprar um remédio. Já passou a ter dinheiro para comprar a base que precisava dentro de casa e também a comprar uma roupinha melhor para poder ir na missa. Comprava aquela chitinha, não era pano bonito, caro, mas um paninho que dava para andar no meio das pessoas.

Naquele tempo sofremos muito, mas Deus me deu essa inteligência. E dessa inteligência ajudou a família de minha mãe. Aí eu criei a minha, casei, estava com 16 anos, aí já vieram os filhos. Eu tecia, não tinha preço, eu pegava e vendia com qualquer precinho aí na rua, um quilo de sal, comprava na minha mão. Domingos

e Adélia comprava na minha mão, eles levavam para Teófilo Otoni para trocar por sal e café. E levava também para vender, para fazer sacaria, para ensacar café, em Teófilo Otoni. Isso aí era quando negociava com Domingos e Adélia.

Agora, as minhas peças vendo para Euclides, para Zé Pereira, aqui em Berilo, até que Deus ajudou que a gente conheceu o pessoal de Araçuaí, e esse pessoal veio de lá fazer um encontro com a gente. Temos mais de 500 encontros no mundo. Nós fazíamos os encontros em Araçuaí. Mas vinha as pessoas de tudo quanto é lugar. Aí veio o pessoal de Belo Horizonte, que é o pessoal da Codevale (Comissão do Desenvolvimento Vale do Jequitinhonha), que ficou nos conhecendo. Aí eles já passaram a encomendar para nós as peças.

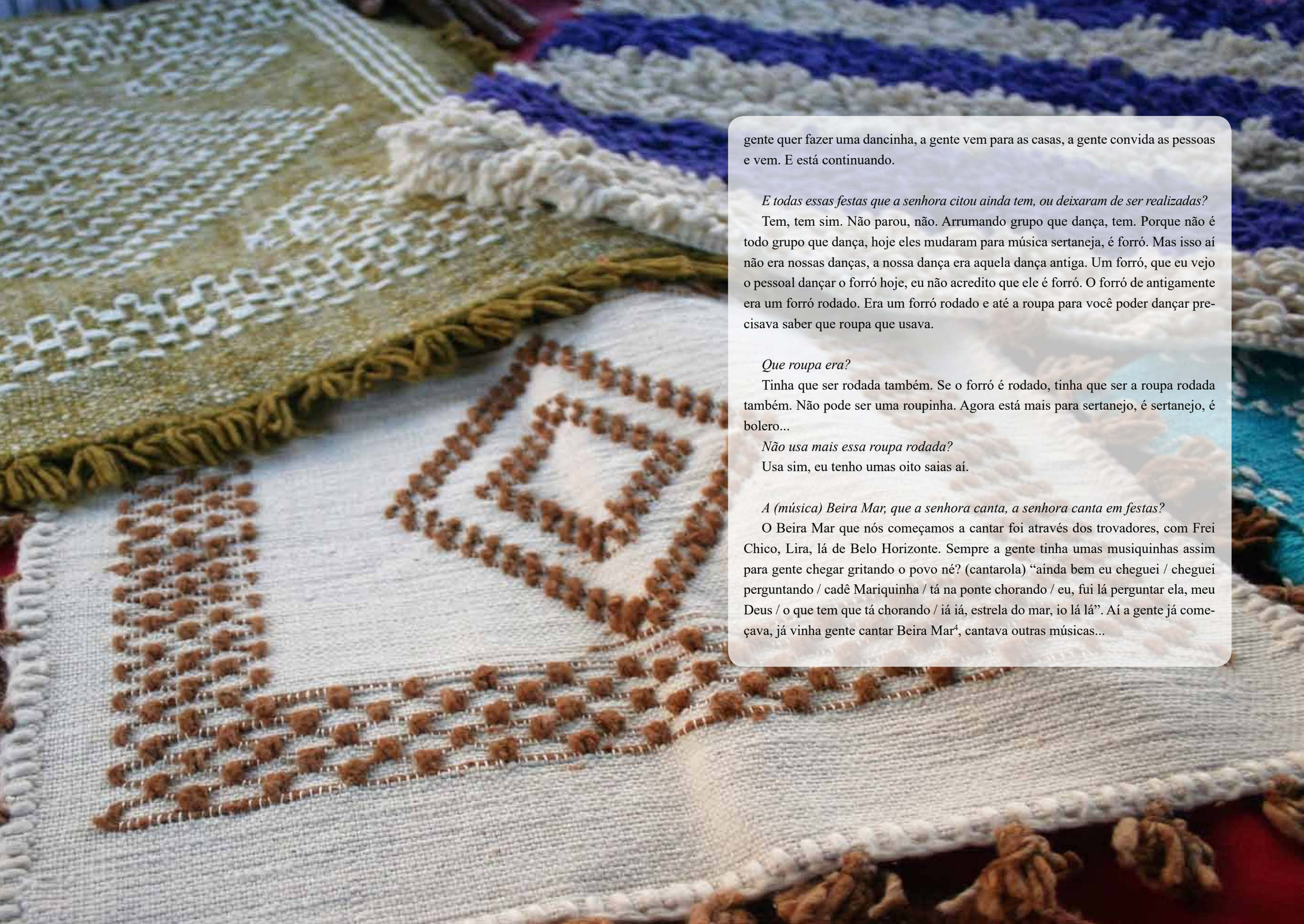
Eles vinham, e iam para a Roça Grande, mas o pessoal de Roça Grande não gostava de avisar nós não. Vinham, faziam as vendas lá e não avisavam para nós que a Codevale tinha vindo, para nós não vender as peças, e não vendia. Nós ficamos mais por baixo por causa disso. Aí João Tubinho ficou sabendo que eles vinham, pegou e fez um trato com eles, para eles esperarem nós lá no morro da venda e assim eles compravam as pecinhas da nossa mão.

Dona Maria, vamos falar de lembranças da comunidade, de dança e música na comunidade. Que lembrança a senhora tem das danças que, desde o tempo da sua mãe vocês têm aqui na comunidade?

Desde menina que nós acompanhamos aqui na comunidade as danças. Meu pai era violeiro, meu irmão, José Garcia, era violeiro. E meu pai gostava de fazer aquela dança de viola, uma passava para lá, outro passava para cá e a dança de Vilão, a dança de Forró, a dança de Batuque. Mais era Batuque, naquele tempo quase não existia dança de Forró, era mais batuque. Dança dos Nove era dança muito bonita. A dança dos Nove tem que ter nove violeiros; três violeiros vão para lá, três vão para lá, três vêm para cá e a gente passando no meio. E a dança de Vilão também, uma dança muito bonita para quem sabe dançar, e a dança do Batuque.

Em que momento vocês dançavam o batuque, o vilão? Em que festas?

A gente fazia as festas de fogueira. Fazia, não, faz. A tradição do lugar. Festa de São João, Festa de Santo Antônio, Festa de São Pedro, Festa de Santana e mais os terços, nas casas, porque nós aqui sempre rezamos os terços nas casas. Agora nós não estamos rezando os terços nas casas porque nós rezamos na igreja. Mas quando a



gente quer fazer uma dancinha, a gente vem para as casas, a gente convida as pessoas e vem. E está continuando.

E todas essas festas que a senhora citou ainda tem, ou deixaram de ser realizadas?

Tem, tem sim. Não parou, não. Arrumando grupo que dança, tem. Porque não é todo grupo que dança, hoje eles mudaram para música sertaneja, é forró. Mas isso aí não era nossas danças, a nossa dança era aquela dança antiga. Um forró, que eu vejo o pessoal dançar o forró hoje, eu não acredito que ele é forró. O forró de antigamente era um forró rodado. Era um forró rodado e até a roupa para você poder dançar precisava saber que roupa que usava.

Que roupa era?

Tinha que ser rodada também. Se o forró é rodado, tinha que ser a roupa rodada também. Não pode ser uma roupinha. Agora está mais para sertanejo, é sertanejo, é bolero...

Não usa mais essa roupa rodada?

Usa sim, eu tenho umas oito saias aí.

A (música) Beira Mar, que a senhora canta, a senhora canta em festas?

O Beira Mar que nós começamos a cantar foi através dos trovadores, com Frei Chico, Lira, lá de Belo Horizonte. Sempre a gente tinha umas musiquinhas assim para gente chegar gritando o povo né? (cantarola) “ainda bem eu cheguei / cheguei perguntando / cadê Mariquinha / tá na ponte chorando / eu, fui lá perguntar ela, meu Deus / o que tem que tá chorando / iá iá, estrela do mar, io lá lá”. Aí a gente já começava, já vinha gente cantar Beira Mar[4], cantava outras músicas...

Beira Mar

"ô Beira Mar / quem cantou aqui foi eu, ô Beira Mar adeus são, adeus viagem na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / vou remando minha canoa, lá para o porto do pesqueiro / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / menina você venha cá, para ver se tu conhece / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / você não venha com pouco caso, perto de mim você não padece / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / vou remando minha canoa, lá para o porto do pesqueiro / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / quando eu for embora daqui, quero sair avoando / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / para esse povo não dizer, que eu saí daqui chorando / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / a coisa que tenho inveja, rapazinho de boa altura / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / calça branca e paletó, trinta e oito na cintura / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia / adeus, adeus, com adeus, que eu vou me embora / eu morava no fundo do mar, eu não sei quando eu voltarei / mas eu sou canoeiro / vou remando minha canoa, lá para o porto do pesqueiro / ô Beira Mar, adeus são, adeus viagens na areia."

Sanete Esteves de Sousa
Comunidade de Mocó dos Pretos

A jovem guardiã das tradições

Nascida e criada na comunidade de Mocó dos Pretos, Sanete Esteves de Souza, ex-diretora da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais, traz muitas lembranças de quando era criança. Tempo em que as famílias sentavam na porta das casas, em noite de lua cheia, e trocavam versos de uma casa a outra ao som de instrumentos tocados por pais e tios, numa verdadeira comunhão entre vizinhos. "Hoje tem a televisão, e quando a gente fala de fazer alguma coisa parecida, as pessoas respondem, 'está na hora da minha novela'. É novela da tarde, novela da noite, e ninguém mais faz nada", recorda.

Combativa, trabalha arduamente para a manutenção da cultura e valorização da questão quilombola. Atua diretamente nas diversas associações do município e reconhece que as certificações ajudam no reconhecimento, autoestima e manutenção cultural do município. "Os certificados estão ajudando no resgate e manutenção da cultura local, porque é feito um trabalho de conscientização. Tínhamos a consciência da riqueza cultural deixada de pai para filho, mas não a consciência de que tudo isso era de nossos antepassados e com tanto sacrifício, como foi com os quilombolas", pontua. Estima-se que na região existam 14 mil habitantes que se reconhecem como remanescentes de escravos.

Gostaríamos que você contasse para gente, primeiro um pouco do contexto de Berilo, no estado de Minas Gerais, como o maior município quilombola de Minas. A importância dos quilombolas de Berilo para Minas Gerais e para o Brasil.

Na verdade, seria a importância dos quilombolas para o Brasil e não só para Berilo. Porque penso que os negros têm uma história muito rica, como creio que outras etnias também têm na construção do Brasil. O importante é que nós, quilombolas, preservamos uma tradição, ou várias tradições, que muitas etnias não preservam. Muitas coisas se deixam acabar ou esquecer. Tudo o que tem aqui, que os quilombolas de Minas Gerais, e principalmente do município de Berilo, têm é que tudo o que sabem foi passado realmente de pai para filho. A importância é muito grande no contexto histórico.

O município de Berilo possui 42 comunidades, sendo que 36 são identificadas como quilombolas e 8 são certificadas. E o que mudou nessas oito ao serem certificadas? Na verdade, os certificados não vieram nos dizer que somos quilombolas. Somos nós é que dizemos para o governo que somos quilombolas, e eles nos reconhecem com uma certificação. O título não veio ainda porque nós não temos conflito de terra. As terras onde estamos, nós do município de Berilo, são as terras que nossos avós deixaram para nossos pais e que, por sua vez, deixaram para a gente, e assim nós continuamos no mesmo lugar.

O importante na riqueza cultural do município, e da aprendizagem, é que pessoas que não tinham a consciência de serem quilombolas passaram a ter. Porque "lá em cima" alguém diz "você tem direito igual" e nós, que não corríamos atrás desse direito e crescemos com muitas dificuldades, achávamos que o normal era ter essa dificuldade e pronto. Hoje a gente sabe que nós temos dificuldade, mas que temos que correr atrás para saná-las, ir atrás de alguém, do governo federal, estadual ou municipal.

Muitas vezes, nós mesmos sanamos algumas dificuldades, já que em todos os quilombos do município de Berilo têm uma associação quilombola e todos os moradores dessas comunidades remanescentes de quilombos se reúnem e formam uma associação para resolver minimamente possíveis problemas. Daí não precisamos buscar em outros lugares, principalmente, esferas governamentais que mandam para gente tudo de cima para baixo. Nós gostamos de tudo de baixo para cima.

Esse reconhecimento local de ser quilombola veio com a certificação?

Veio com a certificação, porque foi feito um trabalho de conscientização. Tínhamos a consciência de que tudo que tínhamos era rico e foi deixado de pai para filho, mas não tínhamos consciência de que isso era de antepassados, com tanto sacrifício, como teve nos quilombos.

Por exemplo, onde nós estamos agora, no Alto Caititu. Eu sou da comunidade de Mocó dos Pretos, e temos Caititu do Meio ao lado, mas todos foram gerados de um grande quilombo que é exatamente aqui onde estamos, Alto Caititu. O maior problema que nós enfrentamos nessas comunidades é que o governo, ao sancionar a lei, não imaginava a quantidade que somos.

Outro dia, um prefeito de Itabirito esteve em Berilo e falou que o governo trata melhor os índios que os quilombolas. Eu respondi a ele o que eu acho; na verdade os índios são em menor quantidade. Quando o governo deu direito para os índios, ele acertou que tinha pouca quantidade de índios. Mas quilombolas eles não imaginavam o quanto nós éramos. Então as políticas públicas chegam com mais eficácia para os índios e menos para os quilombolas. Vamos imaginar que eles fizeram um programa para dois mil quilombolas; não dá, somos mais de cem mil. Significa que a estratégia pública que eles tinham não vai chegar, e vai levar muitos anos para alcançar a todos nós.

Quantos quilombolas possui Berilo?

Nós somos 865 quilombolas certificados.

E sem certificação?

Somos dez mil, aproximadamente. Como o município é quase todo quilombola - três mil estão na cidade -, somos aproximadamente 14 mil.

E número de comunidades?

As certificadas, como quilombolas?

Todas.

São 42 comunidades quilombolas no município de Berilo.

E certificadas?

Certificadas são 8 e identificadas quilombolas, 36 comunidades.

"Eu estava
Nossa S
Capfen

Com a certificação, quais benefícios vocês tiveram?

Tivemos vários benefícios. Nas escolas, por exemplo. Escolas estaduais, embora as municipais também recebam uma verba per capita. Não estou dizendo que o valor é esse, mas se o valor normal por aluno é de 40 centavos, nós, quilombolas, recebemos 80, praticamente o dobro. Por isso tem condições da escola melhorar o prédio, a estrutura, trabalhar melhor a parte pedagógica.

A escola também tem condições de resgatar a cultura, através de várias danças, coisas que a comunidade foi perdendo. Só que na escola municipal não acontece, o que é repassado, na verdade, e só para alimentação; não se investe nos prédios. Porque tem uma questão no município de uma escola falar "porque a escola de tal comunidade tem direito a essa pintura, a essa estrutura, e nós que também somos do município não temos"? Então, eles batem na tecla de que estariam discriminando outras comunidades que não são certificadas, e a verba não cai.

Já nas escolas estaduais, como a Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, Santo Isidoro e Escola Estadual Ribeirão do Altar, como são estaduais, esse dinheiro é gerenciado pelo colegiado dentro da escola. Investem no prédio, como vocês acabaram de ver na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida. Investem no resgate das danças, visitam as comunidades para presenciar a história, vivem de verdade como povo da comunidade. As municipais não; o que faz na escola A faz na X e não modificam em nada, porque eles pensam que estão discriminando, sendo que, na verdade, estão devolvendo um direito tirado. Mas a gente pode ler a mesma frase e cada um coloca sua conclusão.

Quais são os principais problemas das comunidades quilombolas de Berilo?

São inúmeros, mas o principal é a mudança de clima que a gente sempre enfrenta. Isso não tem como a gente interceder muito se não tiver um governo eficaz para ajudar na intervenção humana, de como saber conviver com esse clima. Aí vem a falta de água, estradas péssimas. A administração funciona assim; tem um buraco, vai lá e passa a patrola[1]. E quando chove? Até para chegar a alimentação da cidade para o pessoal da zona rural comprar é difícil.

Sobre a saúde, nós, quilombolas, negros do Brasil, temos especificidades na saúde e é diferente de outras etnias. Por exemplo, anemia falciforme[2] nós negros temos, é hereditário, outras etnias não têm. Mas o município, a saúde, o SUS não tem como tratar isso de forma diferenciada. Muitas vezes não temos médicos nem para tratar de nada.

Temos também o problema da evasão escolar. Porque o município pequeno que não tem como dar emprego a todos, o jovem sai para a colheita do café e o corte de cana, e aí acaba estudando menos. Já estudam pouco, e desse pouco diminui mais ainda. Antes iam só os pais e os rapazes. Hoje vão famílias inteiras para a colheita do café. Estão também saindo as mulheres que vão para a cidade grande trabalhar como doméstica. Apesar de ter bastante oferta de escolas e programas para todos estudarem, tem a situação da alimentação para aguentar estudar. Se não tiver o que comer hoje, não vai adiantar nada.

E do ponto de vista da tradição cultural, vocês conseguem manter essa tradição aqui?

Fica difícil também manter essas tradições, afinal, muitos saem. Para o corte de cana os homens ficam oito meses fora, além das mulheres, que também hoje vão. Ficam lá oito meses. Para o corte de café, mais quatro. Quem vai para trabalhar como doméstica só volta depois de um ano, quando tem férias das casas.

Então, para manter essa cultura fica difícil, porque os pais nunca estão, e o pouco de mulheres que ficam para cuidar das crianças e cuidar da lavoura é que mantém essa cultura. Os que ficam fora adquirem o hábito de se engajar em outras culturas. Quando vêm aqui, que é uma vez por ano, uma semana de férias ou 15 dias, não tem como estar praticando a cultura local, ou participar das festas locais.

Quais são as manifestações culturais de dança e música que ainda hoje se manifestam aqui nas comunidades? E as que você tem de lembrança que ficou para trás e não acontecem mais?

Todas as comunidades têm a festa de padroeiro e todas as festas de padroeiro ainda são feitas de maneira tradicional. Tem a parte religiosa, que, em sua maioria, são católicas. São poucos os terreiros. Tem a missa, o levantamento do mastro, que ainda é com congado, com banda filarmônica, e ainda tem a tradição de dar comida em tudo o que se faz.

Se faz um terço, comida para todos; se faz uma festa, comida para todos, e é comida típica do lugar. Além dessas festas, todas as comunidades participam da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Berilo, em outubro. São as comunidades que produzem os doces, que são feitos nas próprias comunidades, e os mordomos são das próprias comunidades. Este ano o mordomo é da minha comunidade, comunidade de Alto Caititu e Mocó dos Pretos.

O que são os mordomos da festa?

São as pessoas que ficarão responsáveis pelo penúltimo dia da festa. É o dia de buscar a santa no rio, oferecer o café da manhã, às 4 horas da manhã. Depois vai buscar a santa às 9 horas e oferece o almoço, às 11 horas. E a outra comunidade, já que são duas como mordomo, fica responsável de tarde pelo mastro, a queima de fogos, a "levantação" da bandeira, a procissão com todos os grupos de congados e a janta. Esses são os papeis dos mordomos. É como se fossem auxiliares dos festeiros anteriores.

Daí temos também os grupos, como a Banda Filarmônica Santo Isidoro, o Congado Batuque dos Quilombolas, temos o Congado da Barra, que é São João Batista. Temos outras danças que estão sendo resgatadas, mas ainda não sei exatamente que linha estão tomando, ainda estão sendo estudadas. E o que temos ainda para resgatar, uma coisa que tinha, que me lembro de quando era criança, era sentar na porta de casa em noite de lua. Os pais pegavam um tambor, e também todos os pais naquela época tinham sanfona, violão, e tocavam esses instrumentos. As filhas jogavam verso, era verso para namorado, tudo o mais. Às vezes um vizinho combinava com outro. Eu lembro do meu pai do lado de cá e meu tio do lado de lá, e eles trocavam de noite, um jogava verso para o outro discutindo em versos. Era muito bom.

Hoje tem a mídia, a televisão e quando você fala de fazer alguma coisa as pessoas respondem "está na hora da minha novela". É a novela da tarde, é a novela da noite, e aí todo mundo hoje não faz mais isso.

E esse resgate de algumas manifestações se dá por quê? O que está estimulando esse resgate de algumas danças que tinham se perdido ou parado?

O que está estimulando são as certificações. Tipo "eu sou quilombola, o que existia, o que foi que meu pai fez e minha mãe fazia"? Se a gente não passar para frente não vai ter como continuar. E não é só a comunidade, por isso que a escola está sendo muito importante. A gente vai até a escola e conta a história, ou a escola vai até a comunidade e pergunta como era. Uma pessoa mais velha, que participou daquilo, vai na escola e fala ou mostra como era. Aí incentivam as crianças que querem praticar e repassam. Exatamente por isso que está sendo repassado, para que não morra. Porque adormecido já está, se a gente deixar não vai acordar nunca mais.

Qual a importância desse lugar onde estamos dentro da comunidade?

Aqui onde estamos é Alto Caititu. Segundo historiadores que aqui estiveram, neste local foi onde iniciou o quilombo. Iniciou com as pessoas que vieram parar aqui, vindo de Chapada do Norte ou Minas Novas. Minha mãe é de Minas Novas e meu pai, de Chapada do Norte, então, eu também vim de lá, de certa forma.

Aí, o que aconteceu? Aqui era um lugar, segundo historiadores, que era o quilombo onde tinha uma visão melhor para observar se vinha capitão do mato, ou outra pessoa estranha. Eles captavam tudo o que chegava, porque aqui dá para ver Chapada do Norte, Berilo, Virgem da Lapa, Francisco Badaró e Tocoiós. Aqui é um centro que dá para ver todos os lugares. Um lugar onde eles se protegiam de algo estranho que fosse chegar até a comunidade. E foi daqui também que gerou Mocó dos Pretos, todos são daqui, Caititu do Meio também, Água Limpa, Quilombolas e Água Limpa de Cima, todos foram iniciados a partir daqui, porque todos dessas comunidades que citei têm parentes que vêm daqui. Então, segundo a história, todos os quilombos próximos daqui foram originados aqui mesmo.

Maria das Graças
Comunidade Relâmpago

Minha avó vivia num casarão chamado senzala

Maria das Graças, de 64 anos, é uma das quilombolas de Berilo conhecida por dançar congado como ninguém. É ela quem carrega na cabeça uma das garrafas que caracterizam essa dança e reproduz o movimento que os escravos faziam ao dançar: eles enchiam a moringa de água e colocavam na cabeça. Se viesse a sede na hora da dança, podiam beber ou oferecer aos companheiros sem ter que sair da roda. Com memória das histórias contadas pelos pais, ela sabe que seus ancestrais, escravos, sofreram muito ali na comunidade de Relâmpago, nome advindo dos relâmpagos que os moradores dali assistiam enquanto lavavam areia na bateia para procurar ouro. Maria das Graças é neta de Maria Moreira Lopes e Mereciano, ambos descendentes de escravos. O pai dela contava que a avó vivia num casarão chamado senzala.

Meu nome é Maria das Graças, tenho 64 anos, e minha comunidade chama-se Relâmpago.

Relâmpago tem quantas famílias?
No meu tempo de criança tinha umas 20 famílias.

E agora?
Agora tem umas cinco famílias. Alguns ficaram velhos, outros mudaram para Berilo, outros mudaram para São Paulo.

A senhora tem ideia de quanto tempo tem a comunidade de Relâmpago?
Eu tenho 64 anos e já nasci nessa comunidade.

E seus pais?
Meu pai morreu com 68 anos.

Nasceu lá também?
Também.

E seus avós?
Todos nasceram e morreram lá também.

E a senhora sabe com que idade morreram seus avós?
Não, meu avô eu não sei porque não conheci, mas meu pai morreu com 69 anos.

Há quanto tempo?
Morreu em 1985.

E a senhora sabe a história da sua família, de seus avós?
Meu pai era muito pobre. Inclusive lá tem o nome Relâmpago porque quando eles vinham lavar areia na ***bateia***, então dava aquele relâmpago e a gente via o ouro sair, era muito rico. A gente vivia assim, trabalhando na roça, colhendo algodão, milho, feijão, arroz. À noite, a gente fiava algodão, para comprar aquelas coisas que a gente não tinha, querosene, que usava no lampião, ou candeeiro, além de café e sal. Era o que a gente

BATEIA é um utensílio usado para exploração de minério em pequena escala, entre os quais o ouro. Ele é mergulhado na água e, com sua agitação, em movimentos circulares, separa-se a água e os sedimentos depositados na bateia. Essa separação acontece pela diferença de densidade entre os minérios metálicos dos demais sedimentos. Muito usado pelos ex-escravos e seus descendentes, até hoje é mantido nas casas das famílias quilombolas. Mas a falta de água impede a atividade nos dias atuais.

comprava naquele tempo. Arroz, feijão, farinha... a gente fazia farinha também, era na roda. E aí a gente trazia aquelas coisas, farinha, feijão, frango, ovos de galinha, para vender aqui (em Berilo), para comprar o que a gente não tinha.

Vinha caminhando, eram sete quilômetros. Lá de casa até aqui a gente vinha caminhando. Meu pai tinha um cavalinho e ele trazia as coisas no cavalo, e a gente vinha trazendo ovos de galinha e outras coisas que não dava para trazer, alface, repolho. Tudo a gente vendia, era da roça mesmo, e a gente vinha trazendo nos balaios.

E a senhora já sabia que era descendente de escravos?

Sabia que minha avó era, a Maria Moreira Lopes, e Mereciano, os avós paternos. Esses aí já eram descendentes de escravos. A minha avó veio da escravidão.

O que a senhora lembra das histórias dela, onde ela trabalhava, como ela vivia?

Ah, ela vivia num casarão. Chamava senzala. Aí as mulheres ficavam assim, tudo junto com os homens, não tinha separação nem nada. Meu pai contava que ela contava que fazia um tachão de comida para os escravos comerem. Tinha tronco, eles amarravam os escravos, aqueles que eram mais rebeldes eram amarrados no tronco e apanhavam muito. A minha avó, a Maria Moreira, era descendente de escravo, negro. Inclusive, tinha lá um lugar que eles lavavam ouro, tinha um calçadão que eles faziam para tirar o ouro por baixo. O lugar dava muito ouro, os escravos lavavam e não tinha a liberdade deles ficarem com o ouro, lavava para o senhor.

Ela também lavava?

Lavava, ela e o Mereciano, que era meu avô, o marido dela, todos eles lavavam. Depois eles compraram, porque veio a liberdade e eles compraram essa terrinha, foi onde nós moramos, nessa comunidade de Relâmpago.

Mas onde eles eram escravos como chamava a localidade?

Era Relâmpago mesmo, era lá mesmo que eles tiravam o ouro.

Eles eram escravos ali e depois ficaram libertos?

Eles eram escravos ali, ficaram libertos e compraram a terrinha lá mesmo, criaram oito filhos, os irmãos do meu pai.

Essas 20 famílias que estavam lá, nessa época em que a senhora nasceu, elas eram todas parentes?

Eram todos dos Nunes. Eu sou dos Nunes. Então, era Manoel Nunes, que era meu pai, João Nunes, Antônio Nunes, Joaquim Nunes. Esse Adelmo Teixeira, que eles falaram lá (evento Grito Quilombola, que aconteceu antes desta entrevista, em Berilo, no dia 9 de abril de 2014), tudo era das famílias, é Marco Teixeira e tinham outros que me esqueci agora, Candido Teixeira, era tudo de lá.

E vocês não se misturaram com índio?

Não, todos negros.

A senhora lembra dessa época dos seus avós? O que eles faziam de cultura, eles dançavam, quais eram as danças?

Eles dançavam. Mais era o Vilão[2] (cantarola): "aprendi dançar vilão / não foi nessa terra não / aprendi com alemoa, das terras dos alemão". E tinha outra dança, que minha mãe disse que eles dançavam: "bambu quero ver quebrar, ô, bambu nos quebra já". Era roda também, que usava para fazer Lundu[3], Nove[4], eram essas danças que existiam.

E dessas danças, quais delas vocês dançam até hoje?

Só o Vilão que, de vez em quando, a gente dança.

Como era o Lundu, você tem lembrança ou sabe como era?

O lundu era um bocado de gente. A dança eu sei, mas a música eu me esqueci: "aprendi dançar lundu / aprendi dançar lundu". É quase que o mesmo do Vilão, aí joga para os versos: "vamos dar mais uma volta / vamos dar mais uma volta / a viola mandou dar / a viola mandou dar, a viola está pedindo / a viola está pedindo / licença pra descansar / licença pra descansar, licença pra descansar ou lá ia ê". Era assim que era o Lundu.

Quais instrumentos acompanhavam?

Violão e prato. E o prato com garfo batendo. Era muito bom nesse tempo.

E quais eram as comidas que sua avó fazia, nos tempos antigos?

Da minha avó eu não lembro, mas lembro da minha mãe. Tinha o cuscuz, socava no pilão, e fazia o cuscuz para a merenda, bolo de fubá. Na janta, às vezes, tinha arroz. Na janta era canjiquinha com frango, que minha mãe fazia muito. Meu pai punha muito camarada, muita gente para trabalhar e aí a comida para os camaradas era mais feijão, arroz e abóbora, no almoço. Na janta já era angu[5], canjiquinha e frango. Era a janta dos camaradas.

E hoje vocês continuam fazendo essas coisas, essas comidas?

Eu ainda faço. Agora, o cuscuz mesmo é difícil fazer, porque é difícil colocar o milho de molho. O milho tem que ficar de molho para depois socar e fazer o cuscuz. Mas a canjiquinha ainda gosto.

A religião da sua avó qual era?

Católica.

Prato bem típico da culinária brasileira e muito popular na cozinha mineira. Geralmente preparado com farinha de milho (fubá), em muitas regiões conhecido como polenta, principalmente em regiões de influência italiana. Além da farinha de milho, o angu também pode ser preparado com farinha de mandioca.

E vocês também?
Eu também, meus pais eram católicos.

E não tinha candomblé?
Nesse tempo não.

E hoje tem?
Hoje tem.

Que tipo de festa tem na comunidade? Quando você pensa na sua comunidade, que festa você acha que marca a comunidade?
Junina, a fogueira de São João.

E durante a fogueira quais são as músicas ou danças que vocês costumam ter?
Tem as danças de São João: "e balão já vai subindo / vai deixando uma garoa / ô, que noite tão linda / ô, que noite tão boa / sobe, sobe meu balão / balãozinho da amizade / vai dizer a São João / que para nós, ele manda a felicidade".

E você pode contar um pouquinho da história da garrafa na cabeça, no congado[6]?
A garrafa na cabeça é que os escravos sempre dançavam com a moringa. E ali, naquela moringa, eles punham água e as coisas para, na hora da dança, matarem a sede e dividir com seus companheiros.

E como chama quem carrega a garrafa na cabeça?
Madrinha da congada.

Quantas tem?
Tem duas.

Sempre são duas?
Sempre são duas.

Uma é diferente da outra?
Não, tudo é uma coisa só, só que uma tem água e a outra tem vinho. Uma carrega água e a outra carrega vinho.

Você sabe o que isso representa?
Não posso falar o que isso representa. Só sei que, na congada, levava... porque os escravos levavam aquela água, aquele líquido na garrafa.

Alessandro Borges Araújo
Comunidade Brejo

"Uma pessoa sem história não é ninguém"

Com essa ideia na cabeça e muita força de vontade nas mãos, Alessandro Borges Araújo, de 27 anos, agente cultural da cidade de Berilo e presidente da Coquivale, Comissão das Comunidades Quilombolas do Médio Jequitinhonha, se empenha na preservação e manutenção da cultura local como um guerreiro contemporâneo. Diretamente envolvido com todas as manifestações culturais, sociais e políticas do município, atua diretamente em pelo menos dois dos principais ícones da cidade, o Casarão Domingos de Abreu Vieira e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

O Casarão, que foi palco de reuniões dos chamados "inconfidentes", com a presença do próprio Tiradentes, é hoje importante núcleo para valorização da cultura quilombola da região. Tombado pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), em 2010 recebeu uma importante reforma em sua estrutura, embora seu funcionamento dependa da boa vontade de políticas locais. Entre outras manifestações, abriga ali a sede do congado local e da Folia de Reis, mas suas funções poderiam ir bem além. "Acredito que o Casarão poderia se tornar um centro de ofícios para jovens e crianças. Tem tanto artesão morrendo e levando para túmulo tudo que sabe, como artesanato com barro, cerâmica, madeira e couro", lamenta o jovem quilombola.

Já a igreja de Nossa Senhora da Conceição agoniza a olhos vistos, mesmo tendo sida tombada pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1974. Considerada uma das construções mais antigas de todo o Vale do Jequitinhonha, foi construída em 1729. Nem toda essa imponência histórica tem garantido sua mínima manutenção, e tanto sua estrutura como seu acervo se deterioram sem dó nem piedade. "Para mim, essa igreja aqui conta a história do município, imagina só quanta coisa já se passaram debaixo dela?", indaga.

Por favor, conta para gente um pouquinho da história desse Casarão, a história do Domingos Vieira.

Aqui, o IEPHA deduziu que é da segunda metade do século XVIII, porque não tem documentação certa que fale da construção. Mas o que a gente sabe é que pertenceu a Domingos de Abreu Vieira, que fez parte do grupo dos inconfidentes e da conjuração mineira. O Domingos de Abreu Vieira era compadre do Tiradentes, por ter batizado a filha dele. Ele vivia em Minas Novas, era contratador do dízimo.

Quando ele fez o pedido para ser o capitão da cavalaria do Água Suja (nome antigo do município), então teve que se mudar para cá, onde viveu durante 15 anos. A gente acredita que quando ele chegou aqui o sobrado até já existia. Porque ele não viria para cá para viver 15 anos e construir um sobrado dessa dimensão. E por isso a gente acredita que o sobrado já existia. Também parece que havia pertencido à família do padre Rolin, de Diamantina, que também era um dos inconfidentes da época.

O Tiradentes frequentava aqui?

Tem um documento chamado *Alto da Devassa*[1] que afirma que este sobrado serviu de cenário para reuniões dos inconfidentes. Eles faziam muitas reuniões, de certo para planejar contra a Coroa, e provavelmente tenha servido, sim, de cenário para as reuniões. O pessoal acredita - e isso é uma coisa que passou de boca em boca – que, por volta de 1768 ou 1769, Tiradentes, além de todos os inconfidentes, se hospedaram aqui e em Minas Novas. Lembrando que o Domingos de Abreu Vieira tem dois sobrados: esse sobrado aqui em Berilo e tem mais um em Minas Novas, que fica lá do lado do sobradão.

E com relação à conservação aqui do Casarão? A gente acabou de ver uma igreja (Igreja Nossa Senhora da Conceição, de 1729) que está bem deteriorada, e o Casarão a gente percebe que está bem conservado. Gostaria que contasse um pouco sobre o uso que esta comunidade faz do Casarão, como vocês preservam. Como ele é mantido? Afinal, você é a única pessoa aqui que toma as iniciativas para isso, certo?

É. O sobrado, diferente da Igreja Matriz, ele é tombado por outro instituto, que é também de patrimônio, mas é estadual, que é o IEPHA, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. O IEPHA já tem uma atenção especial com os bens que eles tombam. Esse sobrado já estava bastante danificado e, em 2010, eles fizeram uma reforma, um restauro bastante importante; tiraram os forros para serem restaurados também.

Agora, a manutenção do sobrado é que é meio difícil. Porque eles fazem o restauro, mas a manutenção e a mobilização, no entendimento deles, é o município que tem de fazer. Afinal, não tem porque restaurar uma construção dessa para não ter nenhum movimento cultural. E por isso eu assumi praticamente o posto de mobilizador cultural aqui, mas voluntário. Aqui eu sou pago só para fazer a limpeza, só para fazer a faxina. Fazer as reuniões, abrir para a comunidade, receber visitantes, para isso eu não sou pago e faço esse trabalho como voluntário. Fazer uma exposição, ir atrás de outros voluntários para poder dar aula de música, dar aula de artesanato, fazer oficinas, tudo a gente que faz, mas de maneira voluntária.

As comunidades quilombolas daqui se apropriam deste espaço de alguma maneira?

Através das manifestações culturais, sim. Porque, de certa forma, aqui já é a sede do congado dos quilombolas, do batuque dos quilombolas e da Folia de Reis[2], que

é da comunidade quilombola do Morro do Boteco. Aqui é a sede, por mais que pertença às comunidades de lá. Eu acho assim: é das comunidades quilombolas, mas a maior dificuldade está em a cidade aceitar esses quilombolas.

A gente traz para a cidade, até porque é na cidade que o pessoal mais vem. Passa um turista aqui ele não vai na comunidade quilombola, mas eles vêm aqui, por exemplo, a uma visita no sobrado. E aqui ele vai passar a conhecer um pouco das culturas das comunidades quilombolas. Isso foi uma ideia que a gente teve, não sei se foi certo ou errado, mas aqui se tornou a sede das manifestações culturais que pertencem às comunidades quilombolas, de algumas delas.

Você entende que o casarão tem vocação para receber que tipo de manifestação, de festa ou de acontecimentos?

Eu acho que o sobrado poderia se tornar um centro, não vou chamar de resgate cultural, não, mas podia se tornar um centro de ofício. Porque tem tanta coisa se perdendo, né? Mas podia se tornar um centro de ofícios, onde se realizariam oficinas para jovens e crianças. São tantos artesãos que estão morrendo e levando para o túmulo tudo aquilo que ele sabia fazer no artesanato de barro, cerâmica, tecelagem, madeira, couro. E poderia fazer isso aqui, tem tantos cômodos, e poderia ser um centro de ofícios. Mas falta projeto, alguém precisaria fazer um projeto, alguém tem que assumir esse posto.

Alessandro, como você vê Berilo, já que é considerado o maior município quilombola de Minas Gerais, o principal nesse sentido? Como você vê hoje essa questão cultural, o resgate disso? Vocês estão conseguindo fazer esse resgate? E se não estão conseguindo, o que está faltando?

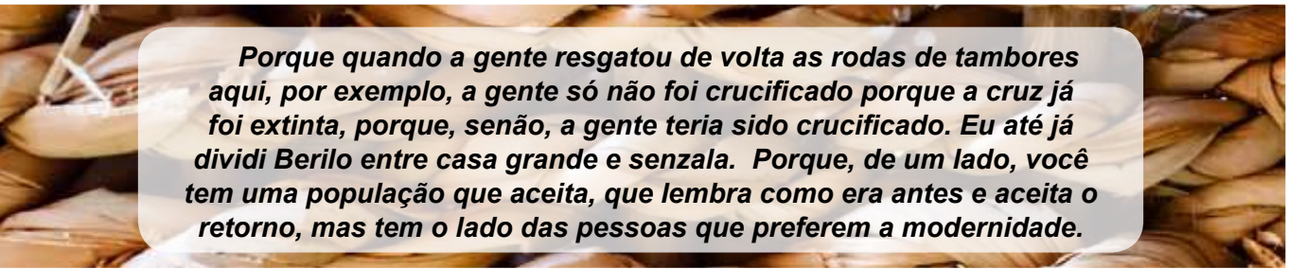
Às vezes a gente faz uma pesquisa, porém, somos nós que estamos fazendo, são pessoas simples, do povo, que está fazendo. Mas eu acho que precisa de pesquisas mais aprofundadas feitas por historiadores, pessoas que terão credibilidade diante da sociedade.

A devocional de Berilo é um problema sério. Muita gente troca a devoção a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora do Rosário, pela devoção a Nossa Senhora dos Pobres, que, na verdade, é Nossa Senhora de Banneux, vinda da Bélgica. Tem turma aqui, não é todo mundo não, mas que prefere aceitar uma coisa, não vou nem chamar de moderna, mas que não pertence a nosso povo.

Você olha em todos os lugares aqui, vê uma casa e acha que ela é nova. Mas quando você entra na casa é que se percebe que ela tem os traços antigos, mas eles preferem mudar a fachada porque acham feio fachada antiga. Acho que deveria fazer esse resgate cultural, conscientizar da importância. Como na escola: por que eu vou ensinar uma dança moderna para um menino? Porque ele prefere a dança moderna. Mas, a partir do momento que eu conscientizar aquele jovem que aquela era a dança dos pais dele, e que fez parte da história, e que se ele perder aquilo, ele perde também a identidade dele... Imagina alguém sem identidade, ele não é ninguém. Uma pessoa sem história não é ninguém.

Nós temos tantas pessoas que saem para a universidade e vão lá estudar engenharia, fazer doutorado e não sabem nada daqui, não conhece uma manifestação cultural daqui. Aí quando chega lá fica vendido, o pessoal imagina o Vale do Jequitinhonha como o vale das riquezas culturais. Mas a maioria dos jovens que sai do Vale do Jequitinhonha e vai para Belo Horizonte, ou São Paulo, passa vergonha quando os outros perguntam sobre a cultura do Vale, porque eles não conhecem. E é aí que vem o danado do preconceito com as comunidades quilombolas, porque você só tem preconceito daquilo que você não conhece. A partir do momento que se conhece é quando passa ter o respeito por aquilo e entender.

A referência do tambor, aqui em Berilo, é o terreiro de umbanda, é o terreiro da macumba. Então, quando nós fizemos a primeira roda de tambor em Berilo foi um Deus nos acuda. Porque eles pensaram que a gente estava fazendo um ritual religioso, não imaginavam que era um ritual cultural. Quando as senhoras se vestem de branco na festa da Nossa Senhora do Rosário, a gente vê tanto gracejo, a gente vê pessoas rindo, cochichando um com o outro. E são pessoas que viram a festa antiga, que viram essas negras, pretas velhas, do Mocó, vindo trazer pote de barro na cabeça para vender aqui, mas são pessoas que desde aquele tempo não aceitam o negro no meio da sociedade. São pessoas preconceituosas, racistas que temos aqui no município de Berilo. E não só em Berilo, em vários lugares, que não aceitam o negro mesmo. Respeita, porque existe lei que obriga a respeitar. Mas tem pessoas



Porque quando a gente resgatou de volta as rodas de tambores aqui, por exemplo, a gente só não foi crucificado porque a cruz já foi extinta, porque, senão, a gente teria sido crucificado. Eu até já dividi Berilo entre casa grande e senzala. Porque, de um lado, você tem uma população que aceita, que lembra como era antes e aceita o retorno, mas tem o lado das pessoas que preferem a modernidade.

que, se pudessem tirar a gente do meio social, tiraria. Isso é visível aqui, a gente vê. Como se dissessem: "você não é capaz, isso que você está fazendo não importa para a gente". Isso aí a gente ouve direto.

Quando você fala "essa gente" são pessoas brancas, ou uma parte dos próprios negros?

Não, os negros não. O importante dos negros de Berilo é que eles sabem da história deles. Ninguém melhor para contar sua história que você mesmo. Mas ainda existe essa questão do branco em Berilo. Nós temos, por exemplo, questão de famílias em Berilo que se acham donas do município, donas da cidade, que eu costumo chamar de os generais do século XXI. Eu até sugeri que voltasse o nome de Água Suja de novo, Arraial de Água Suja, porque existem generais ainda em Berilo, pessoas que não aceitam. Não é questão mais do negro, só porque você tem uma pele negra, essa questão de "fulano é negro e não vou aceitar ele aqui". Isso não existe mais. Agora, o que existe é a questão de não aceitar a forma de vida daquele negro.

Um exemplo: outro dia vi uma cena bastante engraçada, tinha uma moça bem branquinha e um rapaz bem negrinho namorando na praça. Eu estava passando e uma senhora falou assim: "você está vendo, depois fala que o povo tem preconceito de negro, olha ali, uma menina branquinha namorando um rapaz negro". E eu disse: "ótimo, está certo, mas vamos olhar o menino agora, para ver como ele está. O menino está com um boné de hoje, uma blusa e uma calça da moda, está com um tênis bacana. Agora, eu queria ver essa menina branca chegar perto dele se ele estivesse usando aquelas roupas de antigamente, turbante igual ele veio da África, para a gente ver".

Então, a questão não é mais da pele não, a questão hoje em dia é a questão da cultura do negro, que é outra luta que está começando a ser travada. Antes, porque ele era negro, agora a luta que começa a ser travada é que o preconceito hoje é cultural, não é mais racial. Não temos preconceito racial mais não. "Ah, fulano recebeu preconceito porque é negro", isso não existe mais. Agora ele sofre preconceito pela cultura que ele coloca, que ele mostra. Tanto é que a gente impõe ao negro quilombola a maneira dele vir para a cidade. Se ele não vier com a roupa da moda, ele vai ser zombado. Se ele vier com roupa de chita, turbante, vão falar "está loco, endoidou". Nós temos evento de indígenas, numa outra cidade aqui, que vão para a cidade e passam despercebidos, porque eles não vão mais com os adornos de pena, não vão mais com roupas deles, eles vão como as pessoas da chamada "civilização" de hoje em dia.

E os mais antigos, as pessoas mais antigas das comunidades, vocês estão preocupados em ouvir essas histórias, guardar essas histórias, para que as crianças conheçam, para que os próximos conheçam, ou isso está se perdendo?

Eu estou preocupado com isso, porque me preocupo com a minha história. Porque a partir do momento que, por exemplo, as comunidades do Brejo e Cruzeiro deixarem de existir aquela parte cultural, para mim, eu perdi até a minha identidade, que está lá. Eu estou preocupado, mas a maioria não está. Precisamos inventariar, registrar, catalogar, e precisa fazer isso urgente, porque nós temos pessoas que estão morrendo e levando para o túmulo tudo que conhecia. Muitas pessoas falam das manifestações culturais de um tempo atrás como se fosse há mil anos. Eu tenho 25 anos e lembro das manifestações culturais, as principais delas. Eu tenho 25 anos e lembro dos tamborzeiros no Cruzeiro. Eu lembro da Folia de Santo Reis, que chamava Deus Menino. Eu cantava nessa folia, fazia requinta de criança. Lembro das danças do Nove, do Vilão.

O que está faltando hoje é o jovem se aproximar dos mais idosos. O jovem não se aproxima mais. Nós temos instituições, como escolas, que não levam os jovens. Para que a gente saiba que os Estados Unidos são a maior potência do mundo, isso deve ser aula de história ou geografia. Por que uma dessas aulas, que duram 50 minutos, por que uma dessas aulas no mês não pode ser sobre a cultura da comunidade daquela própria região?

Se vocês perguntarem a um menino qual a dança típica que vocês têm aqui, ele não vai saber. Se você falar "é a dança do Nove", eles vão achar que é o número

nove: não vão saber que é uma dança que os avós deles dançavam. Falta isso, nós temos professores hoje que são só professores, eles não são mais parte da família. Porque eu tive professores que eram como se fosse minha mãe, até puxão de orelha eu levava. Mas eles me ensinaram que tinha que valorizar aquelas pessoas da região, para valorizar a própria história. Aí nós formamos hoje profissionais que vão para as ruas, quebram vidros, tentam reivindicar o "mundo e o fundo", e estão reivindicando o quê, isso "aqui" (faz sinal de dinheiro com os dedos), e não estão olhando o conteúdo que eles são obrigados a passar para aquelas crianças. Eu sou muito a favor dos professores, para mim são os mestres, mas hoje o professor ele é profissional, ele não é mais parte de nossa família não, infelizmente ele não é.

Nós temos uma árvore aqui que tem cem anos. Se o professor não falar com aquele menino que ela tem cem anos, que ela é importante para o município, quando nós, que sabemos que é importante, morrermos, aquele menino quando for grande vai lá e corta ela, e faz uma praça bonita lá, e aí acabou a história. E nós não podemos falar mais com o jovem, porque isso se torna uma obrigação da família, mas é uma obrigação da escola. A escola tem que ensinar mesmo, mas ela não pode ensinar só que o mundo é dividido em norte, sul, leste, oeste, não; ela tem que ensinar a história do município.

Eu mesmo sugeri que nós deveríamos ter aula de cultura na escola, ter aula de história, geografia, português, mas uma delas tinha que ser aula de cultura da região, do local. Porque nós conhecemos hoje que a China come aqueles bichos, peixe vivo, mas nós não sabemos que os negros quilombolas comem angu de caroço. Por que tem aula de inglês nas escolas, e porque não pode ter aula do modo de falar do nosso povo aqui? Aí, quando um mais velho vai conversar com um jovem, ele diz: "você está falando errado, moço, fala direito, não fica fazendo a gente passar vergonha não, fala direito". Mas quando alguém está falando do modo de falar daqui, não está falando errado, não. É daquele jeito mesmo, é a maneira dele ser. É identidade, não é falta de estudo não. A palavra está bonita ali, e aqui (gesto que aponta para a cabeça) não tem nada. Tem gente que a palavra está totalmente ao contrário e aqui (repete o mesmo gesto) tem tanta coisa, né? É uma pena, infelizmente estamos vivendo isso na educação brasileira.

Qual a importância histórica da Igreja de Nossa Senhora da Conceição para Berilo?

Essa é a igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município de Berilo, a primeira igreja construída na região, em 1729. É uma das construções mais antigas em todo o Vale do Jequitinhonha. A importância dela é comprovada na medida em que ela foi reconhecida como patrimônio pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tombada em 1974. Porém, hoje ela está praticamente abandonada.

Ela não tem nenhum funcionário para limpeza e manutenção. Foram retirados os altares e também as imagens sacras, o acervo e até hoje não tem nenhum plano de restauro. Tudo está guardado em lugares inapropriados, sendo praticamente devorados por cupins. Com a retirada dos altares, tiraram também todo o acervo de imagens, que são mais de 80 peças, entre elas, esplendores, coroa, sacrário e crucifixos, afinal, não tinha condições de ficar aqui, a igreja é insegura. Com essas portas, qualquer empurrão, qualquer pessoa entra na igreja. Mas retiraram e colocaram num lugar inapropriado.

Esse processo de retirada dos altares, das peças sacras, como e quando começou? Quando começou essa destruição da igreja?

Em 1987, se não me engano, foi um período de muita chuva aqui, e uma das paredes cedeu e ficou tudo exposto. Aí começaram a retirar com a desculpa de restaurar a igreja. Retiraram tudo, levantaram a parede e não voltaram os altares para cá.

E como é a presença do IPHAN aqui?

Ah, muito ruim. Acho que tem mais de dez anos que o IPHAN não faz uma vistoria. Orientação acho que só em 1974 com o tombamento da igreja. Eles fizeram um trabalho nessa igreja e na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que, por mais que ela tenha sido tombada, reconhecida como um bem do município, isso não impediu que ela fosse saqueada, com várias peças vendidas. Depois de um tempo ela foi totalmente demolida. Só tem o espaço no chão, e um paredão de pedra onde suportava a igreja.

A gente teme que com essa igreja aconteça como na outra, que seria demolida como foi a outra, porque ela não pode ser um perigo para a população também.

Chegou uma época em que, acho que com o penúltimo padre daqui, teve que fechar a igreja porque ela oferecia risco para as pessoas na hora da missa.

Você sabe como está a parte elétrica daqui?

Muito ruim. De noite não tem como ter celebração aqui porque as luzes ficam apagando e acendendo, parece milagre (risos).

E o teto?

Muito ruim também. Quando chove, fora essa parte central que tem o forro, o resto, sacristia e nas laterais, é a mesma coisa que estar no terreno na hora da chuva, molha tudo. O telhado está todo estragado.

A igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos, que caiu, é de quando?

Ela era da primeira metade do século XVIII.

Em termos de peças desta igreja, quais são as mais valiosas?

Temos a Nossa Senhora da Conceição, que foi repintada. Temos a imagem de Senhora de Santana, que o pessoal fala que é a Santa Mestra, Santana. Tem São Miguel Arcanjo, São Pedro, a Sagrada Família, a Nossa Senhora da Paz, que é uma das mais bonitas. Tem as imagens de roca[3] de Nossa Senhora da Piedade. Tem o Senhor dos Paços, o Senhor Morto, e outras imagens. Tem, inclusive, imagens que pertenciam a Nossa Senhora do Rosário, que depois da queda da igreja passaram para o acervo desta, como a imagem de São Benedito Mouro, de Santa Ifigênia e a imagem de Nossa Senhora do Rosário que foram passadas para este acervo, após a queda da igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Qual a importância histórica desta igreja para a comunidade de Berilo?

Para mim ela conta a história do município. Aqui em pé não é só a construção, olha só quanta coisa já passou debaixo desta igreja.

E por falta de condições, tem alguma celebração que aqui acontecia e não acontece mais?

Aqui tinha a Festa do Divino, que era anterior à Festa de Nossa Senhora do Rosário. Eu não sei por qual motivo ela deixou de existir, até porque eles criaram uma outra festa na mesma data do Divino, que era na primeira semana de junho. No mês de maio eles fazem uma grande festa, uma festa de origem belga, de Nossa Senhora de Banneux. É uma festa que um padre belga trouxe para cá, e nisso deixou de fazer a festa do Divino Espírito Santo aqui.

Eles contam que era uma festa muito bonita, que tinha as folias dos caboclinhos, a corte real. Inclusive nós temos ainda a coroa do Divino que faz parte do acervo desta igreja também. Essa é uma das festas que deixou de ser feita aqui. Outra é a festa de São Sebastião. Também porque a igreja, depois que eles fecharam, caiu no esquecimento, ninguém queria fazer nada aqui.

E quando foi isso?

A festa de São Sebastião acho que foi em 1990. A festa do Divino tem 67 anos que ela deixou de existir. Depois foi feito um grupo de trabalho para fazer pesquisas dessas festas que existiam e eu fiz parte do grupo. Foi então que ficamos sabendo dessa festa do Divino. Fizeram pesquisa também da festa do Rosário, que já tinha 18 anos que estava desativada, mas foi a única festa da pesquisa que voltou, e isso mesmo sem igreja, sem irmandade.

Dessas pesquisas que você fez com esse grupo, vocês levantaram sobre a frequência desta igreja, no século XVIII, XVX, se eram só brancos? Ou a partir de que momento os quilombolas passaram a frequentar?

Tudo leva a crer o seguinte: pelo fato de ter tido uma outra igreja dedicada aos homens pretos, ficamos sabendo que aqui só enterravam os homens brancos. Os negros eram enterrados no Rosário. Acredito que aqui era um espaço reservado à nata da sociedade na época, porque os pretos estavam voltados lá para o Rosário.

Qual é o seu papel aqui, você trabalha para o Casarão também?

Eu sou faxineiro do sobrado Domingos de Abreu Vieira, o Casarão. Esse é outro bem tombado, porém pelo IEPHA, órgão estadual que tem um cuidado maior com os bens sob responsabilidade deles. Agora, aqui na matriz, eu tiro um tempo aos sábados para fazer uma limpeza, mas não é considerado nem faxina, e é um trabalho voluntário.

Quando vocês dizem que pesquisam sobre o passado dessa igreja, a partir de que dados vocês conseguem levantar essas informações?

A sorte é que a gente ainda encontra alguns livros que pertencem ao acervo da paróquia. Nós temos alguns livros de 1700, que tem aqueles registros de batismo e que o pessoal chama de batistel[4]. Ele indica que fulano de tal foi batizado na igreja de Nossa Senhora da Conceição. Inclusive tem uma curiosidade: dizem que o primeiro nome de Berilo era Arraial de Água Suja; e não era. Era Arraial de Nossa Senhora da Conceição da Água Suja das Minas Novas, e do Araçuaí, depois. Então, Arraial da Nossa Senhora da Conceição da Água Suja das Minas Novas do Araçuaí. A gente encontra muito isso lá nos livros.

Inclusive, o único livro que sobrou da irmandade da Nossa Senhora do Rosário afirma que a irmandade foi criada em 1821, e se chamava Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Água Suja da Minas Novas do Araçuaí. A única coisa que sobrou da irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi isso. Aqui na igreja de Nossa Senhora da Conceição nós pesquisamos através dos livros que ainda tem na paróquia. Por exemplo, um inventário das imagens. Se vocês vissem o livro de inventario hoje, e comparar as imagens que tem, não significa nem a terça parte das imagens que tinham do acervo original, dos castiçais. Berilo foi muito roubada, teve uma perda histórica muito grande.

E tudo isso ia para onde?

A gente nem imagina. Passaram muitos padres aqui, muitas ordens religiosas, e o povo daqui não sabia o valor que tinha um castiçal de prata, achando que era só um valor religioso. Mas não só os padres, os viajantes que também passavam por aqui sabiam que aquilo tinha um valor, além do religioso. Como a pia batismal. Aqui nós temos uma pia batismal, mas a pia batismal da igreja do Rosário dizem que foi vendida para um colecionador de São Paulo. Tivemos uma perda histórica muito grande aqui.

O acervo que vocês têm hoje aqui é tombado?

Ele é tombado junto com o tombamento da igreja. Conversando com um promotor do ministério público para patrimônio cultural, ele falou que quando uma igreja é tombada, todo acervo sacro é tombado junto. É inventariado

e tombado. Então, acreditamos que todas as imagens tenham sido tombadas também.

E hoje em dia, a igreja funciona quando?

No domingo pela manhã.

Em nenhuma outra situação?

Em nenhuma outra situação. No mais, a única festa que mobiliza essa igreja aqui é a festa da padroeira, que também estamos resgatando, dia 8 de dezembro. Uma festa muito bonita, simples, mas bonita, uma festa que volta no tempo. Foi através de pesquisa, de resgate cultural. Berilo está passando por uma fase de resgate cultural, estamos tentando resgatar tudo o que estamos vendo pela frente.

E como é essa festa da padroeira, como ela acontece?

A festa da padroeira inicia com meio dia de festa, tem os repiques de sinos e queima de fogos. Aí tem a ladainha de tarde, o ofício da Conceição, que fazemos durante nove dias, os terços, as orações. E no mastro tem a procissão da bandeira que sai da casa do mordomo e, quando chega aqui, tem a celebração da Santa Missa para depois fazer o hasteamento da bandeira. No outro dia tem a alvorada festiva, às 5 horas da manhã. Quando são 9 horas, tem a procissão com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Depois, a celebração da missa e a coroação da padroeira.

Tem uma música popular que pertence a Imaculada Conceição, nossa padroeira. É uma música que o povo da roça gosta muito de cantar. Ela é um bendito, mais ou menos assim:

"Levantei de madrugada / levantei de madrugada / para varrer a procissão / para varrer a procissão / Encontrei Nossa Senhora / encontrei Nossa Senhora / senhora da Conceição / senhora da Conceição / Eu pedi a ela um raminho / eu pedi a ela um raminho / ela me disse que não / ela me disse que não / Eu tornei a lhe pedir / eu tornei a lhe pedir / ela me deu seu cordão / ela me deu seu cordão / O cordão era tão grande / o cordão era tão grande / que do céu varria o chão / que do céu varria o chão / Inda dava sete voltas / inda dava sete voltas / em redor do coração / em redor do coração / Numa ponta tem São Pedro / numa ponta tem São Pedro / na outra senhor São João / na outra senhor São João / E no meio tinha o letreiro / e no meio tinha o letreiro / da virgem da Conceição / da virgem da Conceição / Minha mãe Nossa Senhora / minha mãe Nossa Senhora / é madrinha de João / é madrinha de João / Eu também sou afilhado / eu também sou afilhado / da virgem da Conceição / da virgem da Conceição".

Essa "virgem da Conceição sou afilhado", porque aqui tinha uma mania de arrumar só o padrinho, não arrumava a madrinha não, porque a madrinha era a virgem da Conceição. Quando a pessoa vinha para o batismo, já vinha com a ideia de que a Nossa Senhora da Conceição era a madrinha. Então esses benditos da Nossa Senhora da Conceição sempre terminam assim, que é popular aqui.

Cesário de Souza e Teonília Moreira Vieira
Comunidade Brejo

Naquele tempo a gente vivia em volta do pilão, socando milho, para se manter

Dona Teonília e seu Cesário, da comunidade do Brejo, em Berilo, são do tempo do pilão para socar o milho, da procura do ouro mexendo na bateia, quando as águas ainda eram abundantes. Das festas de Santa Cruz, muito centrada nas tradições, só com bolo de folha e café, das rodas de viola ondem todos jogavam versos a noite toda. São do tempo das parteiras, que trabalhavam horas e horas para um rebento nascer, e dos raizeiros, sábios conhecedores da terra e seus ensinamentos naturais. As mulheres, pioneiras em tudo, principalmente na luta, levavam seus filhos na roça e, deixando-os na sombra de uma moita, juntavam-se a seus maridos para o trabalho pesado da terra. Histórias de um tempo passado na memória dessa gente valente.

Vocês são nascidos aqui na comunidade do Brejo?

Sim, sou nascida na comunidade do Brejo.

Ela nasceu aqui, mas eu nasci no Córrego Grande, depois é que vim para cá.

E os pais de vocês?

Meu pai eu nem conheci. Mas minha mãe morreu faz uns cinco anos ou mais, em Guaíba. E eu tenho um irmão que até hoje está em Guaíba, levou ela para lá.

E os pais da senhora, são daqui também?

Meu pai não, ele era de Córrego Grande, mas ele casou e veio para cá também.

E os avós, vocês conheceram?

Avós não, nenhum.

E o senhor?

Eu conheci, quando era menino, conheci meu avô e avó.

Quais histórias eles contavam para você, quando era pequeno?

Meu avô era um cara muito bom, ele contava muitas histórias.

Vocês lembram deles contarem histórias sobre ex-escravos?

Não. Mas isso aí era para ele ter contado porque ele vivia nessa luta. Mas eu não me lembro. Ele contou, mas eu não lembro.

E na família da senhora, tinha algum escravo?

O pessoal todo passava trabalhando para se manter, né. O finado meu pai mesmo, a gente passava era necessidade.

O pai dela socava o café no pilão para tomar. Hoje você não vê um pilão batendo. Naquele tempo vivia em volta do pilão socando milho para se manter.

O que fazia no pilão?

Uai, socando para tirar o fubá, e tinha peneira. Socava o milho e peneirava para fazer uma comida. Hoje acabou, você não vê pilão batendo em canto nenhum. Eu tenho um pilão aí, mas está parado. Naquele tempo, as mulheres levantavam cedo, entre 4 e 5 horas da manhã já se escutava pilão batendo para todo lado, "tan tan tan tan, tan tan tan tan". Hoje não se vê mais pilão batendo. É, já foi difícil, hoje está bom. Hoje o povo já pode agradecer a Deus porque melhorou. Naquela época não era brinquedo.

O senhor trabalhava em que?

Eu trabalhava na lavoura igual aqui, fazia uma rocinha.

Feijão, arroz,naquela época dava. Hoje está dando pouco.

Mandioca. Subindo aquele rio até hoje eu mostro onde eu trabalhava com a mandioca. Tirava a mandioca, ralava, trazia no bornal e colocava no sol para fazer farinha para comer.

A senhora também trabalhava?

Trabalhava, de fora a fora. Levava todos meus meninos para a roça, ficavam tudo debaixo das moitas, e eu trabalhando.

Eu sozinho não aguentava, ela levava os meninos para lá, colocava debaixo da moita e agarrava na enxada mais eu.

Naquela época a gente trabalhava demais.

E vocês cultivavam o quê?

Era milho, mandioca. Tinha aquele engenho que torcia à mão. Colocava a cana, fica um de cá e outro de lá. Eu mesmo já fiz, coloquei ele para rodar.

Com quantos anos vocês começaram a trabalhar?

Meninos de dez anos para frente os pais já estavam com eles na roça.

Eu lembro que uma vez estava com a enxada, era menino pequeno, aí minha mãe veio dar a boia. Naquele tempo, menino plantava batata. Mas eu disse "a senhora não vai falar comigo por quê?". Porque no dia de São João tinha aquela bombinha estopim. E nós vendíamos batata para comprar bomba para fazer farra na folia, no dia de São João. E hoje qual é o menino que está pegando numa arroba de batata para plantar? Eu era um pequeno assim e ela chegava e tomava a enxada da minha mão, e levava eu para trazer uma comida. "Oh mãe, deixa a enxada aqui". E ela, "não, você não fica aí não". Tomava a enxada de mim para eu não comprar mais bomba.

A senhora começou menina também?

Sim, comecei menina. Meu pai levava todo mundo para a roça. As meninas tudo pequenininha para a roça, para ensinar a trabalhar.

Aqui na comunidade do Brejo?

Isso, aqui na comunidade do Brejo. Ele morava ali do outro lado.

O dia de São João como vocês comemoravam?

Naquele tempo fazia, mas hoje acabou, você não vê ninguém fazendo um bolo de folha para comer. Naquele tempo fazia um bolo de folha, de mandioca, fubá. E hoje a gente não vê mais o bolo de folha, acabou tudo.

De quando vocês eram pequenos, que festas mais vocês têm lembrança que aconteciam aqui na comunidade?

Naquele tempo os meninos ficavam se divertindo e soltando essas bombas.

Mas fazia brincadeira sim, nas casas de São João.

Fazia, mas os meninos não estavam sabendo de nada porque só estavam soltando bomba.

Tinha festa, só que não tinha esse negócio de baile como hoje. Era O Nove, Polistra, Roda, que o povo brincava bastante, os mais velho.

Hoje você não vê pegarem numa viola. Eu também fui bom na viola, mas hoje eu não faço nada.

A senhora dançava?

Dançava, dançava Roda, O Nove. Polistra não, Polistra é só os homens que brincavam.

As mulheres faziam uma roda no terreiro, que dava um divertimento bom. Uma atirava um verso, outra atirava outro, depois outra respondia. Bonito quando uma tocava um verso e a outra já adivinhava outro verso que ia dar certo.

Os pais de vocês participavam dessas festas.

Participavam. Naquele tempo, vou dizer, hoje vocês estão vendo o pessoal tomar cerveja, eu estou conhecendo cerveja é hoje. O povo vivia bebendo é a cachaça. Hoje você chega nos lugares e só vê cerveja, e virou uma maldição, quanto é que está custando uma cerveja hoje? Até pinga hoje está difícil para beber.

E a festa de Santa Cruz?

Eu vou contar, ela foi boa. Mas deu uma diferença, e manda eu falar qual foi a diferença, manda eu falar?

E qual foi a diferença?

A diferença é que eu nunca vi um padre celebrar missa no dia de Santa Cruz. O padre de Berilo esteve aí, estava lotado de gente, e ele explicou muita coisa e deu conselho ao povo para acompanhar a comunidade, e fazer o culto. Foi uma coisa boa, explicou ao povo a palavra que era certa. E o padre mudou.

Quando que acontece a festa de Santa Cruz?

É dia 3 de maio, mas ele mudou. O dia da Santa Cruz é dia 3 de maio, e ele mudou para 3 de abril. Naquele tempo existia a reza porque ajudava. Hoje eles não estão fazendo reza, estão fazendo é festa. Sabe porque ele mudou? Um dia o povo deu de ir embora, ficava pouca gente aqui. Aí mudou ela para cá, porque aí já tem bastante gente para fazer a festa.

E como acontece a festa? Como é celebrada, o que vocês dançam, o que vocês comem, o que vocês rezam?

Para rezar bem, é rezar 100 vezes. Olha, esse menino (Alessandro) foi que rezou lá em cima, ele pode contar a festa de Santa Cruz, ele pode contar melhor que eu. Ele que fez a reza lá.

De primeiro, quando tinha a festa de Santa Cruz, rezava a festa lá. No tempo dos velhos, era com pinguinho de café e aqueles bolinhos de folha, depois dava uma garrafa de pinga para o povo. E hoje não, se não for uma festona, não serve.

Tem que dar comida para o povo.

É vinho, guaraná, quitanda.

E ficou bom, não ficou ruim não. A gente não aguenta mais, mas para os meninos moços ficou bom.

Mas na época dos mais velhos como era, como vocês faziam a festa.

Não tinha nada não, era só a reza da Santa Cruz e cafezinho, além de bolo de folha.

Mas na festa dos mais velhos vocês dançavam também, eles dançavam?

Tinha vez que dançava, mas tinha vez que só rezava e ia embora.

E muita gente participava antigamente?

Sim, tinha bastante gente, só não fazia a festa igual agora. Mas o povo juntava, gostava da Santa Cruz.

E o que eles rezavam antigamente?

A mesma reza de agora, reza 100 vezes. Daí você dá um balde com milho para quem está com a ideia boa, para não passar de 100 vezes. E aquele bago de milho, para quem trabalhava, pegava três bagos de milho que aquilo era bom para plantar no meio da roça, se pedisse uma riqueza.

E a cachaça que vocês tomavam, era feita aqui mesmo?

Era, mas agora está acabando. Eu mesmo já tirei cana daqui para levar lá para cima. Bebia cachaça era aqui mesmo, dos engenhos que movia. Mas até os engenhos de fazer cana já acabaram. E agora quanto é que está custando um litro de pinga?

A religião de vocês aqui sempre foi católica?

Foi, o pessoal sempre acompanhou essa religião.

E desde o tempo dos seus avós, eles eram católicos?

Sim, eram tudo católico. Os crentes aqui que começou foi de uma época para cá.

Agora aqui os crentes ninguém pode falar mal porque eles acompanharam certinho, igual o católico mesmo. Mas foi de uns tempos para cá que começou.

Tem muita benzedeira aqui?

Benzedeira acabou. Acabou porque morreu e diferenciou, e não estão mexendo mais com isso. O coitado que está numa pior aqui tem que ir para o doutor mesmo.

Seu Cesário, gostaríamos de saber o que o raizeiro fazia?

O raizeiro acabou, mas ele cortava sua raiz sossegado para o povo, e naquele tempo tinha vez que dava certo. Não está dando certo hoje, mas eu já vi raizeiro dar remédio para um coitado e ele aprumar. Hoje não apruma porque não tem.

Acabou raizeiro.

Trabalhavam na base da raiz?

Isso.

Raiz de quê, por exemplo?

Eles conheciam raiz aí que dava a um coitado, fazia a garrafada e ele melhorava, mas hoje acabou. Acabou não, porque muitas pessoas aqui do mato conhecem uma raiz para cortar uma febre, uma gripe.

Mas só teve um raizeiro ou vários?

Ah, era para todo lado, raizeiro que tratava do povo.

Mas raiz de quê, por exemplo?

A raiz certa, que eles cortavam, eu não sei. Eles arrancavam um saco de raiz, que ninguém sabe o que era, só eles sabiam.

Mas quando vocês, ou um filho, ficavam doentes, vocês iam até eles?

Ia. Eu falo para a senhora que eu já fui. Eu já fui num raizeiro para pegar remédio para essa mulher. Eles passavam remédio e davam para ela tomar. Até hoje ela anda sem problema.

O que a senhora sentia que o raizeiro deu remédio e a senhora melhorou?

Naquela época ninguém nem sabe o que era não. A gente foi lá e melhorou, mas não sabemos o que era. Agora hoje qualquer coisinha vai para o médico.

E o médico dá remédio como o raizeiro, e o remédio que te acertar, Deus é que ajude que ele acerte. Não é porque está dando remédio é que vai aprumar. Quando dá certo é que melhora.

O raizeiro era melhor?

Não. O raizeiro dava o remédio, mas ninguém pode contar que era melhor. Porque às vezes o doutor dá um remédio que dá certo com a doença. É a mesma coisa do doutor e o raizeiro, se dá um remédio que dá certo, pronto.

E tinha parteira aqui?

Tinha. Hoje é que não estamos vendo parteira por aqui. Mas uma mulher estava para ganhar uma criança, e eu mesmo já corri atrás de parteira para vir aqui para casa, e ficava dois, três dias mais eu aí, e quando a mulher aprumava é que ela ia embora.

Mas primeiro elas tinham que fazer curso para depois parir as crianças. Mas acabou tudo.

Eu conheci parteira entendida. Mexia com a mulher e a criança. Agora acabou.

Quando a mulher está barriguda já vai para Berilo fazer o pré-natal.

Há quanto tempo não tem mais parteira aqui?

Faz tempo. A madrinha Agostinha, que foi a derradeira, mas fazia tempo que ela não "pegava" criança. (para seu Cesária).

Agora tem que levar de carro para o doutor.

Mas vocês achavam melhor antes com as parteiras?

Não. Mas as parteiras que passaram aqui em casa acabava bem. E tudo igual. Mas agora melhorou, e não vou falar quem é melhor, ou se é parteira que mexia com as mulheres ou que é o doutor, diferenciou tudo, ninguém pode falar isso não.

Do que vocês sentem mais saudade da época de criança?

A diferença é que naquele tempo, se uma mãe gritava com um menino ali, ele atendia. Minha mãe me dava um potinho de água e atendia ela, trazia a água. Agora, hoje, manda um menino fazer isso aí, manda. Manda para ver se ele vai. Não vai. Minha lembrança é essa. Diferenciou tudo. Agora para explicar isso hoje, a cabeça não ajuda. Um menino hoje está sabendo mais coisa que um homem da minha idade. Tem uma coisa aí que menino fala, "o moço, você não sabe de nada". Diferenciou.

E a senhora, o que a senhora sente falta mais?

Naquele tempo dos veios era mais maneiro, mas hoje não tem jeito não. Hoje o pessoal está estudando mais, e quando tem estudo, sabe conversar mais que a gente, né?

Mas tem uma coisa que vou contar para vocês. Naquele tempo eu já vi gente de meia idade pegar uma companheira. Olha, hoje os coitados dos velhos que estão sozinhos aí, e vai atrás de uma companheira para fazer café para ele lá, mas não quer não, quer menino novo. Acabou tudo, o que eu vi não vejo mais.

Vocês têm ideia de quantas famílias moram na comunidade do Brejo?

Aqui tem 30 e poucas famílias.

Os filhos de vocês estão aqui?

Sim, tem só um fora.

Não. Quantos tem aqui?

Tem Adão, André, Maria e Rosa, só Antônio que está fora.

Os que estão aqui fazem o quê, estudam, trabalham?

As crianças estão estudando.

E vocês vivem de quê?

Nós aposentamos. A gente pega o salário no fim do mês, não estamos fazendo nada não. Eu estou sentido porque caí numa pior, nem com meu salário eu como. Os meninos é que me ajudam.

Tem algum filho seu que trabalha na lavoura?

Os que estão aqui todos trabalham na lavoura.

E vocês pegaram ouro aqui?

Eu era um homem que não saía do córrego. Eu não tinha nada, eu quebrava o galho era lá no córrego. Essa mulher aqui me ajudou, batia a bateia, conseguiu um pedacinho de ouro. Trabalhava, hoje dá uma bateia para uma mulher?! Mulher não, essas meninas novas, agora acabou tudo.

E para plantar na terra hoje, continua boa?

Não, a terra hoje enfraqueceu um pouquinho. A chuva está pouca. Eu ainda estou fazendo uns quintais, mas a chuva está pouca. Mas se chover bem é a mesma coisa que antes. Mas esses meninos novos não querem mexer com isso não, e eles estão certos. Mas Deus é um só, se melhorar para eles, melhora para vocês também.

André Candido Teixeira
Comunidade de Vai Lavando

Jequitinhonha: cultura e talento em abundância

Cada comunidade quilombola é recheada de histórias centenárias. Vai Lavando não foge disso e preserva com orgulho muitas tradições e lembranças. Nesse relato, quem nos conta um pouco da região é André Candido Teixeira, morador desde nascença de Vai Lavando, assim como seus pais e avós. Andrezinho, como é popularmente conhecido, lembra das danças típicas e manifestações culturais, algumas ainda preservadas, e outras que só encontram lugar na memória.

Ele também relata como os ex-escravos chegaram ali, fugidos da escravidão, e como resistiram à tirania dos homens brancos de então. Acredita-se que a comunidade começou a se formar antes mesmo da libertação dos escravos, em 1888. Relatos dos mais antigos levam os moradores a essa conclusão. Andrezinho exalta a retomada da memória, depois de insistentes trabalhos de conscientização, resgatando manifestações culturais que tinham sido esquecidas, como a Dança do Beira Mar e a Dança do Marinheiro.

Meu nome é André, no popular é Andrezinho. Minha comunidade é Vai Lavando, que vem dos escravos, estou com 51 anos. Estou aqui desde que nasci e aqui permaneço.

Qual é a origem do nome Vai Lavando?

A origem vem dos escravos. Porque com o garimpo, eles lavavam o cascalho, e vai faiscando no bater. Daí um escravo perguntou para outro assim: "está achando ouro aí?". O outro respondeu: "ainda não". O primeiro disse "então, vai lavando, vai lavando". E aí ficou o nome Vai Lavando.

O senhor nasceu aqui? E seus pais?

Eu nasci aqui, meus pais e também meus avós. E aí vem vindo a tradição familiar.

E a história da sua família com relação aos escravos? Tem algum ex-escravo na sua família, o senhor sabe disso?

Não sei ao certo, mas vem na descendência. Porque se fez uma mistura de raças, de escravos com brancos.

O que o senhor tem de lembrança de seus avós, que contavam dessa época?

A lembrança que eu tenho é de um vizinho chamado Camilo Mendes, e eu lembro dele contando assim que presenciou os escravos trazendo água de lá de cima para lavar o cascalho aqui na nossa comunidade. As marcas são visíveis aqui nas nossas terras. Eles traziam água por gravidade.

Tinha muito ouro aqui?

Tinha muito ouro, muito ouro, toneladas de ouro que eles exportavam para fora, para Portugal. Segundo os mais velhos contam, era muito ouro.

E as famílias daqui tiravam muito ouro?

Muito pouco, porque foi muito explorado, e para os escravos acabou ficando pouco ouro. Desse pouquinho o pessoal foi tirando, foi tirando e hoje em dia é difícil encontrar ouro. Pode encontrar, mas é difícil.

Vocês têm ideia de quanto tempo tem a comunidade?

Em relação aos escravos?

Em relação aos escravos.

Eu acredito que isso foi mais ou menos em 1887, antes da Lei Áurea, mais ou menos por aí. Eu julgo que foi assim pelo que os mais velhos contam. Quantos anos tem é difícil saber.

E os escravos que vieram para cá, eles eram escravos quando vieram para cá, ou eles vieram saídos de algum lugar e vieram para cá libertos já?

Exatamente isso, nós vamos chegar nesse ponto. A cidade de Minas Novas, a 40 quilómetros daqui, era um quilombo. E para fugir do sofrimento, os escravos fugiam em grupo e se aglomeravam em algum lugar, para se refugiar e ter a liberdade. Esse foi o caso de nossa comunidade. Um grupo veio, acampou, formou como uma colônia, só que foram descobertos e o capitão do mato vinha atrás. Houve reação dos escravos, houve confronto, houve briga, os brancos mataram muitos negros. Vocês vão ver que nossa comunidade é branca, tem mais branco que negro.

Com esse confronto houve muito sofrimento, muita tortura, muito espancamento, e aqueles que sobreviveram foram sofrendo com trabalho escravo. Continuava o trabalho escravo, garimpando aqui na região, trazendo agua lá de perto de Lelivéldia, uma cidade que daqui lá tem 11 quilômetros, trazendo água pela gravidade para poder lavar o ouro aí. Foi daí que surgiu o nome de Vai Lavando, como já comentei.

Mas eles continuaram escravos, só que aqui?

Continuaram escravos aqui, mas o ouro que achava era exportado.

E esses primeiros escravos aqui da região, os que não morreram, o senhor sabe quem eram as pessoas, o nome deles?

Não sei não. Nem os mais velhos sabem dizer o nome ou quem eram. Um senhor que morreu há pouco tempo, nome de Camilo Mendes, ele presenciou o povo abrindo o rio para trazer a água. Quando tinha uma árvore muito forte, juntava a negrada toda até conseguir arrancar a árvore para poder passar a água. O nome de cada um é difícil saber.

Ele morreu agora?

Acho que há uns sete anos atrás.

QUEM VEN-
CE A SI
MESMO É
FORTE

Com quantos anos?

Noventa e alguma coisa.

E quais as principais dificuldades que vocês têm aqui?

A principal dificuldade que a gente sempre teve aqui é agua para beber, para banhar, para fazer irrigação, sempre foi isso. O difícil acesso com os poderes públicos, porque sempre os grandões abafam, querem encobrir a gente. Tem sempre aquela dificuldade de conseguir aquilo que a gente quer.

Tem escola aqui?

Tem.

Quantas famílias tem aqui?

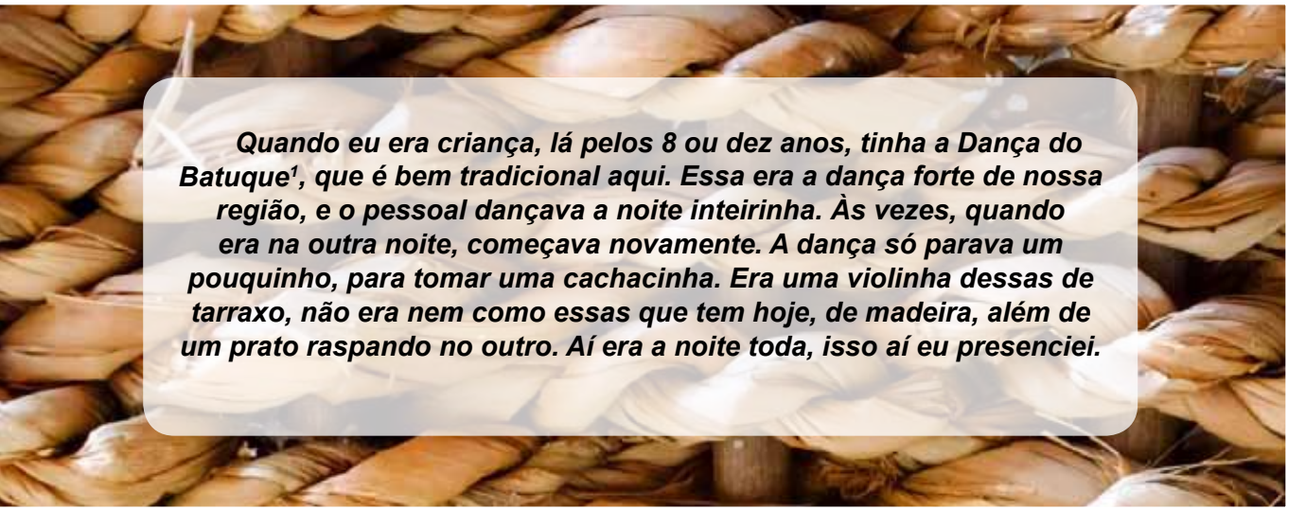
Cento e trinta famílias.

Então quer dizer que é uma comunidade misturada?

Sim, mas a maioria são brancos.

E índio não teve?

Teve, mas há muitos anos e a gente não sabe contar a história.



Quando eu era criança, lá pelos 8 ou dez anos, tinha a Dança do Batuque[1], que é bem tradicional aqui. Essa era a dança forte de nossa região, e o pessoal dançava a noite inteirinha. Às vezes, quando era na outra noite, começava novamente. A dança só parava um pouquinho, para tomar uma cachacinha. Era uma violinha dessas de tarraxo, não era nem como essas que tem hoje, de madeira, além de um prato raspando no outro. Aí era a noite toda, isso aí eu presenciei.

Em que situações que acontecia esse batuque?

Nas festas juninas, de São João, São Pedro, Santo Antônio. Às vezes num sábado, final de semana, quando estava todo mundo. Às vezes fazia colheita, estava todo mundo contente e aí comemorava com batuque a noite toda.

E vocês tem uma preocupação de manter essa cultura, as danças e as músicas?

Temos sim, é o que a gente vem lutando. Mas é difícil a gente conseguir aquilo que a gente quer pelos maiorais, pessoas do poder público, que não dão muito valor. Essas tradições vão caindo, caindo. Mas o nosso desejo é resgatar e valorizar.

Mas tem algum projeto que vocês já tentaram fazer, como juntar as crianças, os mais jovens?

Sim, já tentamos pela entidade de ARAI, Associação Rural de Assistência à Infância, que tem aqui na cidade de Berilo, que é a entidade que mais valoriza isso. Mas a entidade só traz gente de fora para ver, para assistir. Às vezes filma e vai embora, e a gente não tem um retorno disso. Não tem um fundo para poder crescer e assim vai ficando. Inclusive, a gente tinha um grupo grande de batuque, uma parte já dispersou, porque viaja, vai embora, casam e vão desanimando com a situação e aí vai morrendo a cultura. Mas o interesse da gente é segurar, manter isso.

Mas você tem uma ideia de quem poderia continuar isso? Se vocês pudessem pedir recurso para quem vem de fora, o que vocês gostariam de fazer, tem um grupo que poderia trabalhar com os mais jovens?

Sim. Como eu já conversei com o pessoal da Secretaria de Cultura. Mas nem vir aqui eles vêm. Um lugar onde a gente poderia buscar apoio é nessa área de cultura. Daí o pessoal daqui vai desanimando, vai saindo fora. Mas fica aquele desejo no fundo. A gente fica até aborrecido de ver aquela cultura morrendo. Se tivesse alguma pessoa que orientasse a gente, ajudasse a gente a crescer nessa área, uma pessoa que tivesse mais conhecimento...

Quando perguntamos de memória você falou que lembrava do batuque, mas o batuque ainda acontece?

Acontece, mas assim, quando vem o pessoal visitar. Não é uma coisa constante como antigamente. Quando tem eventos na casa de cultura, a gente forma o grupo e faz a dança.

E além do batuque, tem outras manifestações?

Tem cantiga de roda, que era muito comum no meu tempo de criança. Tem a Dança do Beira Mar, que a gente ainda faz quando tem visita. Tem a Dança do Marinheiro.

Como é a Dança do Beira Mar?

Beira Mar é batendo com as mãos. Você canta, vai dançando e batendo as mãos.

E só canta ou tem instrumento acompanhando?

Com instrumentos acompanhando, violão, pandeiro. Tem a dança do Marinheiro, um grupo vai de encontro com o outro, vai e volta. Vai cantando e dançando, indo e voltando, é muito bonita. Tem a Dança do Vilão, mas não é tradicional de nossa comunidade, é da comunidade vizinha, de Tabuleiro, uma dança muito bonita também.

Essas danças são da época de seus avós, eles dançavam?

Isso, eles dançavam. A única diversão que tinha era isso, dançar Batuque, dançar Vilão, Cantiga de Roda, Beira Mar. Naquela época não tinha televisão, nem rádio.

E eles passaram para os filhos deles, que são seus pais?

Isso. E eu, na minha idade, quando era criança entrava no meio, meio que não sabia direito, mas já entrava no meio e dançava também.

E vocês para seus filhos?

Nós estamos tentando passar. Inclusive eles gostam mais de tocar, chega lá pega o instrumento e toca, mas já não é muito de dançar, como os mais velhos. Mas hoje em dia tem tanta dança diferente, eu não gosto. Eu gosto de uma coisa bem natural, esses negócios de funk, essas coisas, não desfaço, mas não gosto.

Porque o senhor acha que eles não estão mais interessados?

Por conta da televisão, onde eles vêem essas danças diferentes. Também a internet, onde eles descobrem coisas diferentes. Eles acham que são coisas que ficaram no passado, na cabeça deles eles pensam assim, que ficou algo no passado. Mas para mim, para nós, não é. É uma coisa que a gente quer manter viva essa chama.

As escolas locais passam as histórias da própria comunidade para as crianças?

Quando a gente cobra, passa. Mas a gente precisa cobrar dos professores.

Nas escolas locais, vocês têm alguma coisa voltada para a educação quilombola, especificamente sobre a história?

Tem. Inclusive a merenda escolar hoje vem do projeto quilombola. Às vezes a professora faz aquela dancinha de roda com as crianças. A gente está sempre cobrando para não deixar isso morrer.

E essas professoras são quilombolas ou elas vêm de fora?

Às vezes vêm de fora, mas chega no meio da gente e vamos cativando.

Então, esse conceito de quilombola nas escolas, eles trabalham com isso?

Trabalham, porque a gente cobra. Foi em 2005 quando chegou o projeto quilombolas aqui, aí eu comecei a divulgar nas escolas. "Olha, trabalhem isso", falando aos professores para passarem às crianças. Inclusive, me chamavam para dar depoimento, em entrevistas, com as crianças. Não só na nossa comunidade, mas também nas cidades, Berilo, Lelivéldia, escolas vizinhas.

O que é o projeto quilombola, é um projeto de quem?

Pelo que eu sei, foi um projeto do governo, levantar uma coisa que estava escondida, para valorizar e a gente poder cobrar esse direito. Não estou certo se é isso mesmo, mas eu penso assim.

Mas é da Fundação Palmares?

Isso, da Fundação Palmares.

E quando que veio para cá esse projeto?

Em 2005.

De lá para cá, o que o senhor acha que acrescentou para vocês, ou não acrescentou em nada?

Acrescentou, sim, a cultura que estava praticamente morta, conseguiu resgatar. Não como a gente quer, mas um pouco. Nas escolas, por exemplo, a merenda, que,

às vezes, não vinha, agora vem com mais frequência. A valorização do negro. Porque tinha uma discriminação de negro aqui que Deus me livre. Para eu implantar esse projeto quilombola aqui em Berilo tive uma dificuldade tremenda. Quando chegou o agente federal aqui com trabalho social, o pessoal da cidade, "ah, que que é isso, aqui não tem negócio de negro não, não teve negócio de escravo não". E eu disse: "gente, eu sou negro, como não tem negro em Berilo, eu sou negro. Os escravos estiveram aqui, eu tenho marca lá no meu terreno que eles estiveram aqui. Tem até um lugar para eles garimparem lá, eu posso mostrar para qualquer um. Como que não teve isso aqui?". Aí, baixaram a crista e o projeto expandiu. Aí encontrei com a Sanete, uma guerreira, que abraçou esse projeto comigo, e aí o projeto expandiu. Mas a gente quer que expanda mais.

Berilo é o município em Minas Gerais com o maior número de quilombolas. Mesmo assim, o senhor teve toda essa dificuldade. A população branca aqui é pequena ou grande?

É grande. Só que na nossa comunidade aqui, Vai Lavando, os negros são minoria. Mas em questão de município os negros são em número bem maior. Veja, Caititu do Meio, Vila Santo Isidoro, a Comunidade Quilombola, são muitos negros.

E depois que o senhor começou esse trabalho, com essa conscientização de que aqui tinha muitos escravos, as pessoas começaram a aceitar ou até hoje têm resistência?

Hoje já não tem resistência, porque reunimos um grupo grande, até com pessoas de outras cidades, por exemplo, de Minas Novas. Já veio gente nos apoiar, pessoal de Belo Horizonte vem apoiando a gente. Aí o pessoal viu que não tinha como segurar, que estava uma coisa bem clara, para todo mundo ver. Começaram a visitar os pontos onde os escravos tiveram. Aí baixou a crista né?.

E com relação à religião no tempo dos escravos, vocês sabem que religião eles tinham e se as comunidades, por exemplo, Vai Lavando, mantém essa cultura religiosa?

Sim, sim. Eram católicos, rezavam o terço, o rosário, que eles falam, tinha o ofício. Inclusive na nossa comunidade não tinha outra religião, era só católica. Mas por volta de uns 30 anos começaram a aparecer outras religiões, e hoje já tem um número muito grande de outras religiões, Assembleia de Deus, Cristã do Brasil, espírita.

Em relação à alimentação, sobre os alimentos que eles faziam lá atrás e o que vocês conseguem manter até hoje. O senhor lembra o que era e o que até hoje está mantido?

A feijoada, o bolo que chamam de Cabo de Machado, bolo que é feito de fubá de milho, com batata, assado na folha de bananeira. Isso aí é tradicional, até hoje tem. A feijoada, que é uma comida dos escravos.

A feijoada que o senhor fala é de feijão marrom?

Não, preto e com toucinho. Porque hoje em dia faz feijoada com linguiça, mistura um monte de coisa. Mas a feijoada dos escravos era feijão preto com toucinho. Tinha também o café tropeiro, que não era coado no coador, eles misturavam ali na água e tomavam com rapadura, não tinha esse açúcar refinado.

O que você acha que tem de mais rico, o que tem maior valor aqui na Comunidade de Vai Lavando?

Você diz de cultura?

De uma forma geral, qual a riqueza maior que vocês têm aqui?

Pensando em pessoas é a amizade, o entrosamento, a harmonia, todo mundo conhece todo mundo, todo mundo confia em todo mundo. Mesmo que a pessoa seja pobre, não tenha recurso, não tenha dinheiro, ela não pega numa arma para assaltar os outros, como a gente vê na televisão. E a acessibilidade das pessoas. Por exemplo, se tem uma pessoa necessitando, vamos todos nos unir para ajudar. Um dá um arroz, outro açúcar, ou café, e por aí vai. Isso com relação a convivência. Mas em relação a cultura, tem as danças, como a do Batuque, por exemplo.

As pessoas aqui têm noção de que são quilombolas, que são descendentes dos escravos?

A maioria tem, mas uns ainda não sabem definir o que é quilombola, por mais que a gente fale. Parece que eles não querem muito entrar no assunto, sei lá, ignoram, respeitam, mas não quer se envolver.

E as festas, quais são?

Tem a festa da comunidade, que é a festa de Santa Luzia[2], em 13 de dezembro. Em junho tem as festas de São João, São Pedro e Santo Antônio, mas é uma tradição que está acabando, morrendo, porque o pessoal vai mudando de religião e vai

VAI
LAVANDA

desprezando essas coisas. Mas é uma coisa que ainda tem, faz uma fogueira para o dia de cada um desses santos, mas não é forte como antes. Como eu disse para vocês, tinha a Dança do Batuque a noite toda. Inclusive o pai da minha esposa fazia essa Dança de Batuque quase todo sábado e a noite toda. Cachaça, café e batuque.

A festa de Santa Luzia, como é a comemoração dela?

Tem a procissão da bandeira, depois a missa, depois comes e bebes, e depois o forró com artistas da região ou artistas de fora, e vai a noite toda.

Os jovens estão indo muito para São Paulo para trabalhar, ou ficam aqui?

Vão muito, muito. Ou para São Paulo, ou para o sul de Minas para a colheita do café. Vai surgindo emprego em outras cidades e eles vão saindo. Uma das questões que estamos tendo dificuldade é essa, ninguém consegue segurar isso, porque não conseguem dar emprego para ninguém, então tem que deixar ir. Essa é uma das razões que nossas tradições vão caindo. As mocinhas estudam, aparece emprego bom em outra cidade, vão para lá. Os meninos estudando, e, depois, "ah, vou parar o estudo porque vou para o café", vai para o sul de Minas. Chega lá, às vezes gosta, e vai para outro emprego. Inclusive, nessa época, já começa o pessoal sair; em abril, maio o pessoal já está saindo.

E para plantar aqui, a terra é boa?

A terra é boa, mas tem a questão do clima, do tempo. Porque na época de meu pai, meus avós, a gente plantava feijão, milho, arroz, mandioca, plantava de tudo. A gente comia daquilo que a gente produzia. Aí depois veio caindo, caindo, parece que o tempo foi mudando, hoje está mudando o clima, e raramente você vê uma lavourinha que alguém planta. Porque às vezes planta e não colhe. E tudo que a gente precisa é comprado no supermercado.

E vocês vivem de que aqui?

Por exemplo, eu faço um bico de pedreiro, ou roçando uma manga, tem um plantio de abacaxi na cidade vizinha aqui de Capão, o pessoal vai para lá trabalhar... Vai levando assim.

Tem assistência do bolsa família aqui?

Bolsa família também tem.

Todo mundo tem bolsa família aqui?

Não são todos, mas a maior parte sim.

Mas tem alguém que deveria estar recebendo e não recebe?

Acredito que sim, mas a gente precisava fazer um levantamento, mas com certeza tem.

O senhor é presidente da associação?

Não, não sou. Eu fui o fundador e presidente para poder organizar ela e depois passei para os outros.

Como chama a associação?

Associação Comunitária Vai Lavando.

Mas é uma associação quilombola?

Isso, quilombola.

E hoje quem é que dirige?

No momento o presidente é o Santos Quirino da Silva, mas que já está vencendo o mandato.

E o senhor tem algum cargo na associação?

Não tenho.

O senhor fundou a associação e tem esse trabalho bem forte aqui na comunidade. Se pudesse mandar um recado como se fosse para a sociedade escutar, em relação a vocês, as histórias de vocês, o que o senhor diria?

É tanta coisa que a gente quer falar que fica até meio perdido. Mas que olhassem mais para o Vale do Jequitinhonha, que chamam de vale da miséria. Aqui não é vale da miséria, é sim vale dos injustiçados. Eu falo abertamente, não tenho medo de falar. Eu digo que é o vale dos injustiçados porque você vê outros lugares todos se desenvolvendo. Aqui já veio gente de Belo Horizonte, São Paulo, Estados Unidos, Bolívia, México, vem todo mundo ver a cultura da gente, mas não dão retorno. Não é só na questão de cultura, é em todos os aspectos.

Eu queria que as autoridades, em quem a gente vota no período das eleições, olhassem para a gente com mais carinho, com mais respeito. Por que vale da miséria? Um lugar cheio de talento, cheio de cultura e não é valorizado. Vocês desculpem que eu fico indignado quando começo a falar nisso. A gente pensou que ia ter um retorno, mas não teve nada até hoje. O pessoal busca talento no Brasil inteiro, até no exterior e não busca o Vale do Jequitinhonha, com tanto talento que tem aqui. Lugar de homem trabalhador, pessoas trabalhadoras, pessoas que querem ver o Brasil crescer, mas não têm valor. Fica desvalorizado.

Quando é época de política acham a casa da gente. Quando é época de política fica tudo doido por aqui, "você tem que me apoiar, porque vou fazer isso, fazer aquilo", e depois acaba. Então acho que é hora de começarem a olhar para o Vale do Jequitinhonha com mais respeito, com mais carinho. Olhar esse rosto suado e queimado de sol que o trabalhador do Vale do Jequitinhonha tem, e respeitar mais um pouco. Tratar com mais respeito, procurar trazer mais recurso, ver que a gente luta, forma associações.

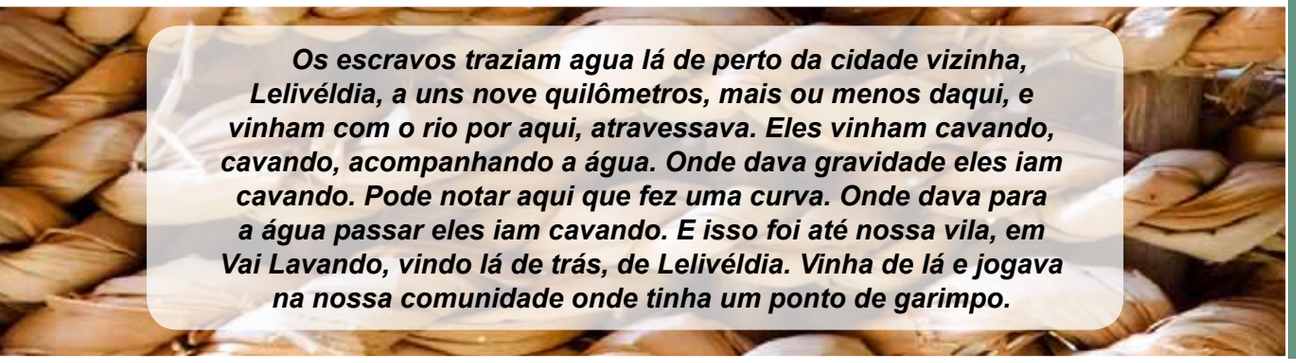
Quando a gente vai correr atrás, colocam uma dificuldade para a gente, vendo que tem coisas que para gente é difícil, mas para eles são fáceis; colocam uma dificuldade para gente. Inclusive aqui na nossa cidade, em Berilo mesmo, tem dificuldade para coisas fáceis de resolver. Enrolam, enrolam a gente passando de um para o outro. Acho que é hora de olhar a gente com mais respeito, porque o pessoal da área rural respeita o pessoal da cidade, e a gente quer ser respeitado também.

Tem alguma historia que você poderia lembrar dos antepassados?

Quando os escravos saíram do quilombo lá em Minas Novas, eles aglomeraram nessa área aqui ó, nessa baixada aqui. Moraram um tempo aqui, mas o capitão do mato veio, vocês vêem que o ponto aqui é estratégico, esses altos aqui eles observavam se o capitão do mato estava vindo. Mas um dia o capitão do mato veio e pegou, e aí deu confronto, enfrentaram os brancos. Só que os brancos mataram mais os negros, houve tortura, muito sofrimento. Inclusive até nos dias de hoje, tem pessoas que ainda vêem vultos, dizem que é devido ao sofrimento deles, os gemidos agonizantes. A gente já viu, já ouviu vulto. Eu falo que já ouvi, antes de ter essas casas aqui, eu vi vulto ali, ouvi gemido de como alguém sofrendo muito, como se a pessoa tivesse amarrada e apanhando muito. Isso eu falo porque eu vi. (alguém fala ao fundo, bem baixinho). Pois é, ela está confirmando aí que pessoas já viram negros andando aí, é isso aí.

Aqui é o lugar onde originou a comunidade de vocês?

É onde originou, eles moraram aqui. Inclusive disse que aqui tinha muito buraco, aterro para poder fazer as moradias deles.



Os escravos traziam agua lá de perto da cidade vizinha, Lelivéldia, a uns nove quilômetros, mais ou menos daqui, e vinham com o rio por aqui, atravessava. Eles vinham cavando, cavando, acompanhando a água. Onde dava gravidade eles iam cavando. Pode notar aqui que fez uma curva. Onde dava para a água passar eles iam cavando. E isso foi até nossa vila, em Vai Lavando, vindo lá de trás, de Lelivéldia. Vinha de lá e jogava na nossa comunidade onde tinha um ponto de garimpo.

Vilma Alves Lopes
Comunidade São José do Mocó/Mocó dos Pretos /Morro do Boteco

Nascida e criada na Folia de Reis

Bastante festejada em várias partes do Brasil, a Folia de Reis se mantém na comunidade de Mocó dos Pretos, próxima ao município de Berilo, muito pela tradição familiar e boa vontade de Vilma Alves Lopes. Ela conta que foi seu avô quem passou a festejar a Folia na comunidade e depois um tio manteve a tradição. Com a morte desse tio, Vilma pegou para si a responsabilidade e hoje em dia a festa abarca cerca de 800 pessoas. Comemorada no dia 6 de janeiro, o congado dá o tom musical sempre regado a comidas da terra, como o feijão tropeiro, arroz, biscoito de fubá e bolo. Segundo Vilma, no tempo de seus avós e tios a variedade era maior, com tutu de feijão e frango caipira, mas a animação e devoção continuam a mesma. Além da própria comunidade, também frequentam a festa pessoas de Alto Caititu, Agua Limpa, Muniz, Caititu do Meio e Badaró.

Qual a origem do nome da comunidade São José do Mocó?

Toda a vida a gente conheceu por esse nome, São José.

Mas por que tem esse nome, de onde vêm?

Mocó dos Pretos porque aqui é uma comunidade mais de gente negra mesmo. Já vem a tradição desde os antigos, que nós somos negros, então é documentado esse nome.

Qual a história da Folia de Reis aqui?

A gente foi crescendo com isso. Meu avô mexia com engenho, essas coisas, então acho que era a maneira deles se divertirem, era fazendo a Folia de Reis. Antes era feito dia 6 de janeiro e terminava dia 20 de janeiro, que é o dia de São Sebastião. Depois, nós, mais novos, só fazemos dia 6 de janeiro, a gente já não prolonga esse tempo de festa, 15 dias de festa. Mas nunca deixamos morrer de tudo, sempre a gente faz, e com muitas luzes coloridas, vermelho, amarelo, que para eles cada luz significa uma coisa.

Quais são os significados?

Eles diziam que o vermelho significa muita alegria, o amarelo para nunca faltar as coisas dentro de casa, que tem que ter muita comida, muita bebida. Quando eles passaram para nós, veio das mãos do meu tio, já não eram meus avós que faziam essa festa, era meu tio. Daí continuamos fazendo dia 6 de janeiro.

Você disse que não prolonga mais, que antes era diferente?

Porque antes acho que a comunidade era mais esforçada com essa festa cultural, e hoje já não é tão avançada. O povo antes pegava mais forte com essa festa. Os jovens de hoje não são tão enturmados com a festa, que é cultura, é comida, é dança, jogar verso. A gente tenta levar eles para esse rumo, mas é mais difícil. Antes, quando nossos pais levavam, a gente ia com amor, porque aquilo era uma coisa nossa. Hoje já não é tanto assim. Mas a gente tenta manter.

Seus pais contavam quem passou para eles a Folia?

Meu pai não era de falar muito, ele só levava a gente. A gente cresceu nessa festa, é nessa festa que eu quero que meu filho cresça. Para ele, significava muito, mas não chegou a dizer para a gente como aprendeu.

Você lembra da festa desde pequenininha?

Desde pequena.

O que mudou daquela época para hoje na Folia?

Como eu disse, mudou que os jovens não vão muito mais. Os antigos acabaram morrendo e não passaram para os novos os versos que eles sabiam. Então ficou uma Folia de Reis, mas sem aquele brasão que eles tinham, porque muitas coisas que eles tinham morreram e levaram com eles. Meu tio dizia assim: "a Folia de Reis para mim é um bastão. Eu só entrego a minha Folia quando eu morrer". E eu até brincava com ele: "quando o senhor morrer, então, vai acabar, porque não está passando para ninguém".

Só que infelizmente, antes de ele morrer, quando faltava um ano, ele já não estava bem, ele falou. "Gente, se eu morrer vocês não enterrem a festa, continuem fazendo". E essas festas são muito difíceis de fazer, porque são festas que você consegue pouco apoio e são muito caras. É muito difícil para a gente achar num órgão público uma ajuda, tem que ser com a comunidade. Dia 29 de dezembro a gente já começa a falar com as comunidades: "fulano, você vai doar alguma coisa para fazer a festa?". Aqueles mais idosos doam com o coração, e a gente continua fazendo.

O que tem a festa, como vocês organizam, que tipo de dança, que tipo de celebração? Qual o significado da festa e como ela acontece de fato?

É como eu falo para os meninos, sempre alguém me pergunta, mas eu não sei, eu sei que eu achei na minha comunidade e não deixei acabar. Tem o congado, embora o congado não seja bem da Folia. A Folia hoje a gente faz mais com o congado. Meu avô criou essa festa, eu não sei dizer muito bem. Eu sei dizer que a gente sempre achou ela e mantém daquele jeito para não acabar. E também porque a festa de nossa comunidade traz muita gente. Mas é uma festa que a gente pegou pela metade. Tem a minha tia, que se ela não estivesse caducando, ela está com oitenta e poucos anos, ela poderia explicar melhor. Mas ela é evangélica e ela acha que poderia até acabar com isso. Hoje em dia ela fala "isso é besteira".

E o que a festa tem, como vocês organizam?

Junta todo mundo, veste saia longa, colorida, bandeira colorida, joga muito verso. Levanta a bandeira de Santo Reis no dia 6. Daí tem comes e bebes, biscoito,

Nossa Senhora
no chamou
Mundo Negro
Nossa Senhora
no chamou
Mundo Negro

comida. Antes tinha tutu, mas a gente não faz mais, hoje a gente faz feijão tropeiro, arroz, feijão. Mudou algumas coisas, não é mais como os antigos faziam, que era tutu, biscoito, frango caipira, coisas que crescemos vendo aqui. Essa cultura foi morrendo aos poucos. Hoje a gente faz feijão tropeiro e dança, tem um grupo de congado que vem. Levanta a bandeira, vai jogando verso e vai dando continuação à festa.

O congado é daqui da comunidade mesmo?

Sim, é a comunidade com mais algumas pessoas da cidade, alguns amigos de lá.

Fora o congado, tem alguma outra dança?

Tem o forró, além do congado.

Mas na época da sua infância quais eram as danças?

Era só o congado até o dia amanhecer. Só que hoje já não é mais até o dia amanhecer, e só tem o congado, o forró e a sanfona. Hoje a gente coloca muitos cantores para os jovens. Faz a missa às 15h, daí vai o congado, 19h levanta a bandeira, depois comes e bebes, e depois ainda já vêm os artistas para terminar a festa.

Você falou que seu tio não queria passar o mastro para outro continuar, qual era o significado desse mastro para ele? Por que ele tinha tanto zelo por isso?

Acho que significava muito na vida dele. Para mim, acho que aquilo era como se fosse a vida dele mesmo. Uma vez eu perguntei para uma pessoa da igreja porque que ele implicava de não deixar ninguém fazer a festa no próximo ano, mas ele dizia que só entregava essa festa depois de morrer. Mas ele nunca passou porque só ele fazia aquilo, mas só deixou depois que morreu.

E ele passou, no caso é você quem está organizando?

Isso. Desde pequenininha eu já acompanhava ele na festa. Depois que morreu, a gente ficou um ano sem fazer. Ele sempre brincava, "quando eu morrer não vou entregar, Dituca (ele me chamava assim), vai continuar fazendo a festa". Aí a gente continuou fazendo, mas, como eu disse, uma cultura que era deles. Ele falava: "eu tenho vontade de morrer e deixar minha festa registrada". Mas infelizmente isso não aconteceu.

Quantas pessoas participam da festa?

Mais de 800 pessoas.

De várias comunidades? Quais?

Berilo, Mocó, Alto Caititu, Água Limpa, Muniz, Caititu do Meio, Badaró, vem muita gente.

Mas é uma tradição dessa comunidade e que as outras participam?

Isso.

O seu tio guardava essa tradição; quem passou para ele, foi seu avô?

Sim, eram meus avós que faziam.

E seu tio participava da festa desde pequeno?

Sim, porque eram os pais dele que faziam. A gente já deixou morrer muitas coisas, porque antes tinham aqueles tachões de cobre. Quando eles morreram a gente vendeu. Tinha aquela bimbarrona[1] que eles colocavam vinho, só que essas coisas não existem mais, muita gente nem conhece. Eu falo para meus filhos que conheci muita coisa dos meus avós que eles não conheceram, porque a gente deixou acabar. Para nós aquilo era tudo pesado, portanto, só tem ali um acento do meu avô que eu mostro para meus meninos. E não tem nem foto para mostrar as coisas.

Até quando tinham essas coisas, mais ou menos?

As bimbarras até uns 30 anos atrás, porque eu tenho 42 anos e lembro das bimbarras.

Você percebe interesse nos mais novos em continuar a festa, tocando, dançando?

Tem. Porque eu tenho filho de 22 anos e eles falam que tem que fazer, já acostumou, é um hábito, a comunidade espera aquele dia, não precisa nem falar que tem a festa, no horário os convidados já chegam.

Há quanto tempo vocês fazem a festa?

Tem dez anos.

ROSARIO

E com quanto tempo de antecedência você começa a preparar a festa?

A gente começa com um mês de antecedência.

E como vocês se dividem para preparar essa festa, quem faz o quê?

Sempre tem umas meninas aqui na comunidade que ajudam. A gente pede para fazer biscoito, bolo, fazemos biscoito de fubá também. Eu fico mais com a parte da cozinha. A gente se divide, pede umas pessoas para dar o vinho, dentro da comunidade mesmo, e com o pessoal que vem de fora. Vai fazendo assim.

Você tem ideia de quantas famílias tem essa comunidade?

A nossa comunidade tinha 74 famílias, só que muitos foram para São Paulo, agora não sei direito.

Esse material que você falou que tinha antigamente, a bimbarra, tem alguma para gente ver?

Não tem.

E a idade da comunidade, você tem ideia aproximada, levando em conta de que seus pais e avós viviam aqui?

A minha avó morreu com 98 anos, e tem 15 anos que ela morreu. Que a minha família vive aqui deve ter uns cento e poucos anos.

Mas anteriormente, a comunidade já existia?

Olha, dizem que a primeira casa desse povoado foi da minha avó.

A casa ainda existe?

Caiu com as chuvas deste ano.

Você tem memória de algum escravo na sua família?

A minha avó falava que ela era, ela saiu fugida e por isso veio para esse povoado aqui.

Ela saiu de onde?

Da escravidão, mas ela não explicava para gente direito. Essas pessoas não são muito de se abrir. Eles sabiam muita coisa, mas não se abriam com a família. Mas ela sempre dizia que a casa dela foi a primeira que teve aqui.

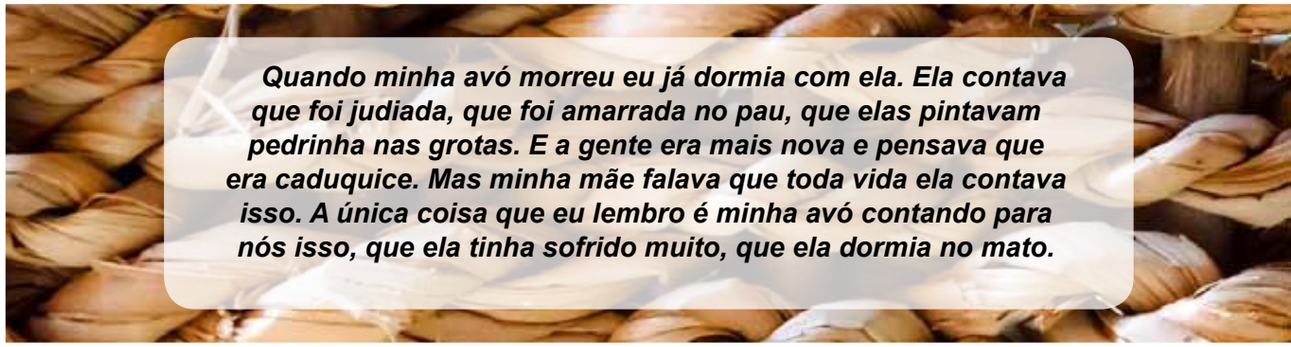
Mas você sabe de onde ela veio, se foi de Minas Novas ou outro lugar?

Não sei. Outro dia até estava falando sobre isso, ela chamava Ana Eulália de Souza, não se sabe o significado do nome dela.

(A voz de um senhor junto) – Eu acho que ela tinha família de índio.

E o seu avô?

Ele eu não conheci.



Quando minha avó morreu eu já dormia com ela. Ela contava que foi judiada, que foi amarrada no pau, que elas pintavam pedrinha nas grotas. E a gente era mais nova e pensava que era caduquice. Mas minha mãe falava que toda vida ela contava isso. A única coisa que eu lembro é minha avó contando para nós isso, que ela tinha sofrido muito, que ela dormia no mato.

CANTINHO
QUILOMBOLA

Chapada do Norte

Com cerca de 15 mil habitantes, Chapada do Norte foi habitada inicialmente por bandeirantes paulistas, comandadas por Sebastião Leme do Prado, assim como o município de Berilo. A exploração do ouro acontecia às margens do rio Capivari, por volta de 1728. O povoado recebeu o nome inicial de Santa Cruz de Chapada e era subordinado à capitania da Bahia. Desde os primórdios, as terras foram bastante ocupadas pela população negra fugida de maus tratos, constituindo grande quantidade de comunidades quilombolas dentro e fora do município[1].

Dentre as manifestações culturais de maior destaque na cidade está a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Mantidas as suas características intactas por 192 anos, a celebração rendeu ao município honra imensurável: o registro da festa como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado de Minas Gerais, concedido pelo IEPHA, em maio de 2013. Ganha ainda mais relevância quando lembramos que o Estado possui 853 municípios, quase todos eles com suas festas e celebrações, sendo Chapada do Norte o único a receber tal honraria.

A culinária e o artesanato nas comunidades quilombolas de Chapada do Norte continuam preservadas na memória e nas mãos de seus habitantes. Desde o tempo em que o pilão era peça obrigatória nas casas, a feitura do angu e do milho apresentam características mais saborosas e nutritivas. Assim como o arroz pilado, que era usado para fazer galinha caipira, especiaria mais difícil de encontrar, pelo menos nos moldes mais tradicionais.

"Socávamos milho no pilão para fazer bolo, que a gente tratava como 'bolo no cabo de machado'. Era bolo feito de farinha de mandioca e fubá do milho socado, juntava com outros ingredientes e enrolava na folha de bananeira, colocava para assar e ficava muito gostoso", nos conta a rainha do congado de Chapada do Norte, Geni Carvalho Soares, da comunidade de Água Suja.

Outro prato típico da região é a canjiquinha, iguaria feita de milho triturado, cozido com carne de porco e outros temperos, deixando aí o toque particular de cada região ou pessoa. Embora essa estrutura seja a mais tradicional, também é feita com carne bovina, frango ou linguiça. Como seu preparo oferece essa flexibilidade, percebe-se a variedade de sua elaboração. "Quando faço canjiquinha, coloco osso de boi ou de porco dentro", ensina Maria Aparecida Machado Silva, da comunidade Córrego do Rocha.

No artesanato local encontram-se peças feitas de palha de banana, palha de milho, peças de barro, como panelas, potes e botijas. Era muito comum antigamente as pessoas trabalharem durante o dia na lavoura, e, durante a noite, manusearem a palha de milho para tecer tamboretes, sacolas e porta- joias que ainda são encontrados no município ou mesmo em comunidades quilombolas no interior, como Gravatá.

"Eu sei tecer esteira de palha de banana. Hoje a gente dorme tranquilo em bons colchões, mas fui criada dormindo em cama de taquara, esteira de palha de banana e coberta de algodão", relata Geni.

O artesanato aprendido com pais e avôs, às vezes, fica comprometido por falta de matéria-prima, ou mesmo por falta de interesse das novas gerações, como lembra Maria Joana Ferreira Soares, da comunidade de Moça Santa. "Saber as pessoas sabem fazer um cesto de palha de milho, de palha de banana ou uma panela de barro. Mas, se não tiver chuva, não tem o milho, não tem a palha de bananeira. Além do mais, a juventude aqui não se interessa por aprender essas coisas."

Até a data de 20 de maio de 2016, eram 8 as comunidades quilombolas de Chapada do Norte certificadas pela Fundação Palmares (Córrego da Misericórdia, Gravatá, Moça Santa, Poções, Porto dos Alves, Porto Serrano, Faceira, Córrego do Rocha). Além disso, há cinco comunidades remanescentes de quilombos – Água Suja, Córrego do Buracão, Córrego do Tolda, Ferreira e Samambaia – com processo de certificação em andamento até a mesma data na Fundação Palmares.

Geni Carvalho Soares
Comunidade Água Suja

Com a palavra, a Rainha do Congado

Rainha do congado em Chapada do Norte, Geni Carvalho Soares tem relatos bem sentimentais de toda a sua trajetória. Assumiu o cargo depois do falecimento da rainha anterior e desenvolve com brilho e responsabilidade o novo posto. Relembra com angústia histórias do tempo de seu tataravô, passadas de geração para geração, que relatam o sofrimento do tempo dos escravos, que eram amarrados e humilhados. Mas transmuta em alegria dizendo: “hoje nós temos esse prazer imenso de ter a liberdade”. Em suas lembranças também está a comida feita no pilão; o tear da mãe e o engenho onde o pai fazia rapadura.

Sou nascida e criada na comunidade de Água Suja. Hoje eu habito em Chapada do Norte. Eu sou a rainha do congado, assumi o lugar de Eva de Souza. Assim que nós a perdemos fizemos uma votação e votaram em mim. O congado tinha ficado com oito pessoas, hoje estamos com 43 pessoas. Graças a Deus, nós temos bastante jovens no congado e estamos indo muito bem.

Você é bisneta, tataraneta de escravos, qual é a história da sua família?

Sou tataraneta de escravos.

Seus tataravós eram escravos?

Sim, meus tataravós.

Você pode contar um pouquinho a história da sua família?

Posso contar o que meu pai contava. Eles trabalhavam na roça e naquele tempo tinha a Maromba. Quando chegava de tarde, às vezes, achavam uma flor com o nome de parreira. Quando eles achavam essa flor ficavam alegres e tinha dança de noite. Como eu era dona da roda da lavoura, eles me avisavam que teria dança em casa. De tarde, eles iam com um pé de milho enfeitado com dinheiro e com uma garrafa, já que nosso congado tem uma garrafa de água ou bebida e dançamos com ela na cabeça. Aí iam duas crianças na frente e outras pessoas atrás. Nós comíamos, bebíamos e dançávamos a noite toda.

Essa é a Maromba?

Essa é a Maromba, que se tornou congado hoje. Ele começou na roça e hoje está na cidade.

Qual a diferença da Maromba para o congado, em que momento ele se transforma em congado?

É porque a Maromba era ligada ao trabalho e o congado a gente sai para se divertir. A gente canta, a gente dança e, às vezes, se precisar, a gente chora também, porque tem os momentos difíceis. Mexer com o povo não é fácil, mas está tudo bem.

Você conhece um pouco da história da dona Eva, que antes era a rainha do congado, para contar?

Sim. A dona Eva era minha comadre. Quando ela brincava o congado eu estava sempre do lado dela. E era assim, ela podia estar doente ou qualquer outra coisa, mas se dissesse para ir no congado, ela não tinha doença que segurasse. Ela levantava, pegava a bandeira e o figurino dela, e ia. Então, quando adoeceu, que foi para morrer, ela me pediu, dizendo assim: "ô comadre, quando Deus me chamar eu queria que você me receba com o figurino". E eu até pensei que não era verdade, não queria acreditar, mas aconteceu.

Quando ela morreu nós recebemos com o figurino conforme pediu. Eu fui falar com o pessoal da irmandade para deixar colocar ela aqui na igreja, e eles deixaram, foram muito gentis conosco. E aí, num prazo de uns 15 dias, eles fizeram, junto com o tesoureiro, uma reunião com a turma sobre se a gente ia parar com o congado ou ia seguir. As minhas amigas de trabalho pediram para fazer a votação e votaram em mim. Hoje estou assumindo o lugar dela, não pode deixar a cultura acabar. Eu não esperava estar nesse lugar desse jeito, esperava entrar de outra forma, mas se Deus quis assim, assim será.

Qual o papel da rainha do congado?

A rainha do congado tem a responsabilidade pelas companheiras, pelas dançarinas. Quando tem uma viagem para fazer eu vou atrás das meninas para avisar. Vou atrás da Fabiane para conseguir o veículo. Assumo também as crianças. Reparem que tem sempre um tanto de crianças e a responsabilidade é toda minha, que muitas vezes viajam sem a mãe.

Você pode descrever um pouco o que é essa manifestação cultural de vocês para quem é de fora e não conhece?

Quando chamam, a gente vai, como aqui mesmo quando tem a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Inclusive quando a gente entra no veículo para viajar eu costumo rezar. Porque eu via a comadre fazer, e eu estou tentando seguir o caminho dela. Mas, quando a gente chega, começa a cantar assim. "Senhora do Rosário, sua casa cheia / Senhora do Rosário, sua casa cheia / É de cravo e rosa, olelê, flor da laranjeira / É de cravo e rosa, olelê, flor da laranjeira". Nós começamos assim e assim vai. Tem mais músicas que a gente canta, nós brincamos, nos divertimos, gostamos da

cultura. A gente não tem vergonha de falar, e onde precisa nós vamos, e no percurso nós somos amigos de todos.

Vocês são quilombolas, o que isso representa para vocês? Principalmente nesse lugar, onde a cultura quilombola é tão forte, quando vocês olham para fora o que vocês sentem?

Graças a Deus nos sentimos honrados. Eu me sinto honrada. Anos atrás meu pai falava que nós não tínhamos valor, nós não éramos conhecidos, nós não comíamos na mesma mesa. Mas hoje, graças a Deus, em todos os lugares que nós vamos somos muito bem recebidos. As pessoas nos tratam bem e nós temos um prazer imenso de estar com todos.

Em relação à religiosidade de vocês, do que tinha antes e do que tem agora: você acha que isso também foi preservado, desde lá, dos tempos de seus tataravôs?

Não. O meu tataravô conta que eles sofriam muito, eles eram amarrados, batidos, eram cuspidos. Não comiam a comida que os outros comiam. Eles viviam "lavando" areia no rio, caçando ouro, e quando eles achavam eles comiam, quando não achavam passavam fome. E hoje nós temos esse prazer imenso de ter essa liberdade.

E a religião, qual a religião de vocês?

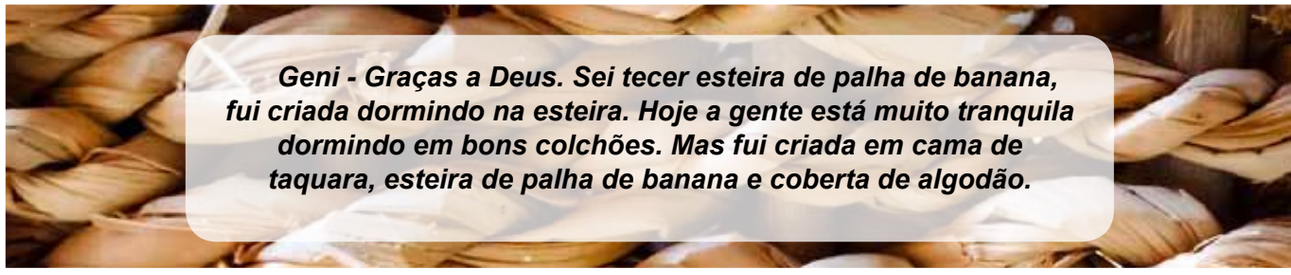
Católica.

E é a mesma religião de seus antepassados?

Sim, sim.

E em relação à comida, mais relacionado ao dia a dia de vocês, vocês preservam essa cultura do que eles faziam antes, algum tipo de comida especifica?

A gente prepara mais essas comidas de hoje, mas quando a gente sente saudade da comida antiga, daí a gente faz. A gente fazia comida no pilão, lá em casa tinha gangorra d´água, e tinha gangorra também de pé. Minha mãe tinha tear para tecer pano e meu pai tinha engenho para fazer rapadura. Hoje a gente não faz, porque o tempo não está chuvoso e não tem cana. Mas se precisar fazer qualquer uma dessas coisas que eu falei, eu faço.



Geni - Graças a Deus. Sei tecer esteira de palha de banana, fui criada dormindo na esteira. Hoje a gente está muito tranquila dormindo em bons colchões. Mas fui criada em cama de taquara, esteira de palha de banana e coberta de algodão.

Tem alguma comida da qual você tem saudade e que não faz mais por falta de alguma coisa, do pilão ou outra coisa?

Sim, por exemplo, o milho socado no pilão dá um angu mais saudável. Hoje em dia eu não faço porque a gente já compra esse fubá de armazém, não é o mesmo angu. A farinha, quando a gente fazia a farinha de mandioca ralando, era outro gosto, outro sabor. Hoje em dia a gente está comprando essas farinhas que vêm de fora. Eu mesma mudei para a cidade por causa da água, porque lá em casa não tinha água. Antes dava bastante milho. Sou mãe de sete filhos, e o que eu podia fazer num lugar sem água com esse tanto de criança? Por isso mudei para a cidade.

Nós socavámos milho no pilão para fazer bolo, a gente tratava bolo no cabo de machado. Era bolo feito de farinha de mandioca e fubá de milho socado no pilão, juntava com os outros ingredientes e enrolava na folha de banana, colocava no fogo para assar, fica muito gostoso. Tenho saudade desse bolo, tenho saudade do angu, como já falei. A canjiquinha tirada no pilão também é muito diferente, muito gostosa. O arroz pilado, que a gente usava para fazer galinha caipira, nossa, é muito gostoso. Além de outras coisas.

Além do congado, tem outras manifestações que vocês preservam aqui nessa região, de cultura, que envolva dança, música?

Sim, nós dançamos o Caboclo[1], dançamos Roda, Forró, o Vilão.

Explica um pouco como é o Vilão?

O Vilão a gente dança ele de lenço, dando de braço com quatro, oito pessoas. (Ela canta). "Aprendi dançar vilão, aprendi dançar vilão / não foi nessa terra não, não foi nessa terra não / na terra dos alemão, na terra dos alemão / eu aprendi dançar vilão, aprendi dançar vilão", e aí joga verso.

CONGADA
NOSSO
SENHOR
ROSÁRIO

Que instrumentos acompanham o Vilão? Os mesmos da congada ou são diferentes?

Os mesmos da congada, pandeiro, viola, sanfona, e, no mais, a garganta.

Aqui na região, qual a demanda que vocês têm como quilombolas?

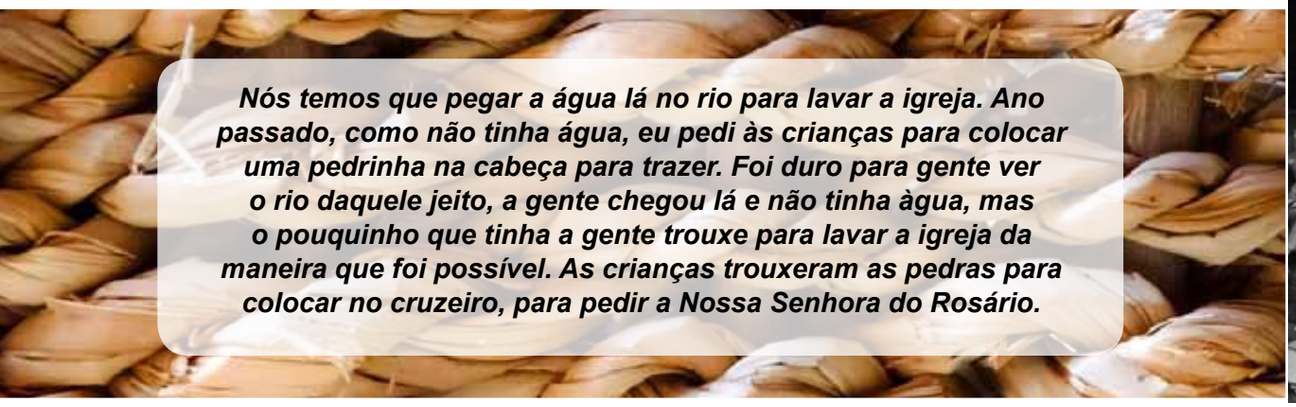
Nós estamos contestando aqui os figurinos. Porque vocês podem reparar essas meninas novas que estão aí, além da metade das outras pessoas, que também não têm figurino. Nós somos famílias que trabalham cedo para comer de tarde, e não temos condição de comprar. Às vezes as mães tiram da boca para poder comprar os figurinos. Nós estamos com essa questão, inclusive porque vem a festa do Rosário aí e precisamos disso. Eu vou ver se consigo alguma coisa na prefeitura, um pouco de dinheiro, para ver se dá para comprar o figurino para elas. São crianças em escola, não trabalham e as mães estão tudo no corte de cana, do café, para manter a casa. Muitos deles moram de aluguel. Então estou com essa questão do figurino.

A festa do Rosário que você fala é de junho?

No meio de outubro. A festa do mês de outubro é dos negros pretos de Chapada do Norte. A festa de São João que é no mês de junho.

Então fala para a gente sobre a festa do Rosário, como vocês organizam essa festa e o que ela tem em termos de cultura, o que ela traz?

A festa do Rosário nós começamos ela na quinta-feira, quando a gente vem aqui para a lavagem da igreja. Aí a gente vai na casa do rei, da rainha, pega os materiais, eu convido as meninas e vamos para o rio. Não sei se vocês já viram, mas ano passado a gente estava com uma demanda muito ruim sobre a água.



Nós temos que pegar a água lá no rio para lavar a igreja. Ano passado, como não tinha água, eu pedi às crianças para colocar uma pedrinha na cabeça para trazer. Foi duro para gente ver o rio daquele jeito, a gente chegou lá e não tinha àgua, mas o pouquinho que tinha a gente trouxe para lavar a igreja da maneira que foi possível. As crianças trouxeram as pedras para colocar no cruzeiro, para pedir a Nossa Senhora do Rosário.

Então, começa quinta-feira, a gente busca a água no rio, lava a igreja, depois que termina vem o café na casa do rei e da rainha. Quando são seis horas a gente desce para a casa do rei com o congado. Quando é na sexta-feira a gente descansa um pouco, porque passou aqui o dia todo, para o dia de sábado cedo a gente ir buscar a imagem de Nossa Senhora lá no correguinho do Rosário, também com o congado, e assim vai indo. Quando é na segunda-feira, aí é o dia da bagunça, junta o congado, o tambor, a gente se perde na rua, a gente não sabe se está no congado ou no tambor. Também tem a banda de música, todo mundo junto, é aquela bagunça,

Cesário Luiz de Souza, José Luiz Teodoro, Adelina Luiz de Souza, Maria Patrocínio Sales
Comunidade Córrego da Misericórdia

Família unida na congada, viola e cantoria

Irmãos de sangue e de fé, unidos pela congada e pela vida na roça, Cesário, José Luiz e Adelina contam com orgulho suas andanças, sempre acompanhados da viola e de muita cantoria. No grupo também está Maria Sales, congadeira apaixonada que não mede esforços para sua dedicação: "Gosto tanto da congada que posso estar caindo de cansada, mas, se falam na congada ou puxam uma viola, aquilo me levanta e me transformo numa menina de 15 anos de idade." Os irmãos cresceram na congada puxada pelo pai, Herculano. Soltam o verbo para contar causos e estripulias, mas sempre cercados de muito trabalho. Pegando pé de milho para fazer boneco de cabelo vermelho, seu José conta da paixão pela viola. "Eu sou um cara que, quando via um homem numa viola, tocando, eu pequeno, aquilo ficava fervendo no meu coração", poetisa. Pegava o instrumento escondido do pai e aprendeu a tocar sozinho, para surpresa de todos.

Gostaríamos que contassem um pouco da origem da comunidade de vocês, de quando ela foi fundada, de onde vêm as pessoas que fundaram a comunidade. Vocês sabem?

Cesário - Essa comunidade quem fundou foi o velho, meu pai. O Zé Luiz, que era meu avô, morreu com 40 anos e largou a filharada para ele criar, e meu pai criou. Daí, 30, 50 homens na roça, cortava o dia inteirinho e brincava à noite, e foi assim que fundou a comunidade.

Como era o nome dele?

Cesário - Herculano Luiz Teodoro.

O senhor sabe dizer mais ou menos em que época foi isso?

Cesário - Eu não sei, eu era muito pequeno ainda, e depois ele infartou.

Quantos anos o senhor tem?

Cesário - Setenta e sete.

E o senhor?

José Luiz - Oitenta e dois anos.

E a senhora?

Adelina - Setenta e quatro anos.

Maria - Cinquenta e sete anos.

O senhor é o mais velho, quais lembranças tem da comunidade?

José Luiz - Na época do meu pai, Herculano, e a gente pequeno em casa, lembro dos homens na lavoura. Se ele chamava dez homens, esses dez chamavam mais dez, e ficavam vinte homens. E minha mãe reclamava, dizendo: "não falei para chamar só dez". Mas servia o café, dava uma pingazinha e saía essa fila de homens para a lavoura, e nós, pequenos...

As cozinheiras ficavam de longe, não ficavam perto não. Depois que todo mundo acabava de comer, juntavam os pratos e as vasilhas. Daí esses homens levantavam e diziam: "opa, vamos pagar essa pinga". Eram oito homens, quatro daqui e quatro de lá, quatro tirava aqui e quatro respondia lá, a coisa era bonita. Ia passando o tempo, e quando via, já era meio-dia.

Tinha uma flor que chamava parreira, se encontrasse ela na lavoura, era alegria. Se eu achasse, ela podia usar o chapéu de couro. Logo as cozinheiras chegavam, e eu que estava ali, ia lá entregar a cozinheira. Mas pegava no serviço, batia na enxada assim. E brincava umas cantigas bonitas. Se nós íamos brincar, saía dois homens, ou três, afundava na capoeira, caçava aqueles pés de milho, fazia um boneco, de cabelo vermelho. Todo mundo dava um "dinheirozinho", para enfeitar os pés de milho. E aí só na cantiga, até chegar na porta da fazenda.

Daí na fazenda, podia ser a cozinheira ou a menina moça... enfeitava uma bandeja, eu entregava esse pé de milho e recebia uma bandeja toda enfeitada, e repartia a bebida para todo mundo. Quando acabava de repartir, soltava a mão na viola, quatro homens brincando até o dia amanhecer. O dono da fazenda dava café, mas já ia para outra comunidade com esses homens, cantando e tudo. Nós cortávamos dia e noite, sem dormir.

Isso tudo que o senhor está contando, é na mesma região que o senhor vive até hoje?

José Luiz - É onde nasci. Começou com o meu pai. E eu tinha um irmão mais velho chamado João. E eu falei para ele: "o João, vamos comprar uma viola para tirar esses homens do pé do nosso pai, estão aproveitando demais dele". E ele já sabia do pé dessa flor, parreira, e foi numa fazenda de madrugada, pegou tudo que é botão que tinha. Daí fizemos uma bandeira e depois um bogodó.

O que é o bogodó?

José Luiz - Enrolado num papel o nome das pessoas, vai chamando um por um. O dono do mastro levanta o mastro. Levantou o mastro hoje e amanhã tinha que descer acompanhando para a casa dele com a bandeira. Eles eram em quatro homens, trabalhavam com o meu pai e eu. Meu pai trabalhava numa fazenda, Secas Águas, na lavoura, cana, e eu pequeno tomava conta da lavoura. Esse negócio de oito, nove, dez mulas, tocava isso tudo aí, e nós moleques assim.

Isso que o senhor estava contando no começo é a maromba?

José Luiz - É a maromba. Depois nós criamos o congado. Eu sou um cara que quando via um homem pegando numa viola, tocando, eu pequeno, isso ficava fervendo meu coração. E pensava: "ah, se eu pudesse comprar uma viola". Foi quando falei para o meu irmão, João, da gente comprar uma viola para tirar esses homens da costa de meu pai.

Aí nosso senhor comprou uma violinha velha. Primeiro ele não deixava eu tocar, ele afinava e afinava e eu olhando ele tocar. Mas quando ele saía para trabalhar, eu entrava no quarto e chacoalhava, chacoalhava, chacoalhava. Aí ele chegava: "quem pegou minha viola?", mas minha mãe falava: "tá abestado, João, ninguém pegou a sua viola". Mas quando peguei da primeira vez, ele até admirou, porque achou que eu estava tocando pela primeira vez. Eu aprendi às minhas custas. Depois compramos uma de doze cordas, da mão de um velho. E depois eu comprei, paguei e toquei.

Vamos falar um pouquinho com vocês duas, sobre a lembrança de vocês, da comunidade, da cultura, do que vocês preservam. Quais são as memórias de vocês, do que os avós faziam e o que vocês continuam fazendo. A senhora é neta ou bisneta de ex-escravos?

Adelina - Eu não conheci os escravos não.

Mas qual é a história de sua família?

Adelina - Eu não sei contar direito essa história de escravo.

O que a senhora lembra do que seus pais contavam?

Adelina - Não lembro muito, a ideia ficou muito fraca.

Mas em relação ao congado, o que a senhora lembra?

Adelina - É como o Zé estava falando aí, saiu do serviço de meu pai. E o povo era todo unido, saía de uma comunidade para a outra. Quando alguém levantava um mastro e chamava, lá íamos nós. E a gente ainda não usava roupa de congado não, era qualquer roupa. A gente saía de noite, de dia, ia buscar bandeira na casa dos outros para levantar. E nós repetíamos que a gente era o congado, até virou o "Congado de Vera". Teve um padre aqui, chamado Paulo, que chamou a gente para cantar as cantigas velhas. Nós fomos para a igreja, cantamos, e aí passou a ser congado mesmo.

Então começou com a senhora e seus irmãos?

Adelina - É, e meus irmãos. Meus dois irmãos mais velhos já morreram também. Os cantadores já morreram tudo, as mulheres.

Tem poucos cantadores?

Adelina - Tem poucos, é só nós aqui. Somos em três irmãos.

Vocês três são irmãos?

Adelina e José Luiz - Somos.

Dona Maria, conta um pouquinho de suas lembranças.

Maria – Sim. Primeiro queria dizer que não sou nascida e criada dentro de Chapada, mas estou aqui desde 1972. A origem do meu pai já tinha a parte cultural. Criamos e trabalhamos na lavoura. A gente trabalhava com a moagem de cana, que era para fazer a rapadura. O meu pai era, e é, cantador de Nove e Caboclo, além de pedreiro e ferreiro. Ele hoje está com 83 anos.

Eu fui criada nesse trabalho com meu pai, participando do Nove e do Caboclo. Quando tinha uma festa de casamento, ele era convidado para fazer a festa cantando esses ritmos. Ele tinha a parceria dele, de homem, para o Caboclo, e as mulheres para cantar o Nove. Só que, quando ele começava a cantar o Caboclo nós tínhamos que estar sentadas observando os passos daquele que ia errar. Nós não poderíamos falar, mas tinha que observar para dar sinal para a pessoa, que estava errado. E a parte do Caboclo ele tinha a mocidade, os moços para ajudar ele no Nove.

Você pode explicar para gente o que é o Nove e o Caboclo?

Maria – Sim, o Caboclo, quando é o chefe, ele tem aquela música para cantar. Quando ele canta, os outros cá respondem, joga o verso e responde. Quando ele jogou o verso, vai seguindo aquela música. A mesma coisa é o Nove, quando começa a música do Nove, nós precisamos responder, e já vai dançando e trocando os pares. O Caboclo tem que estar os pares certinho, de um lado e de outro. Agora, quando ele canta lá e responde o verso, daí também trocam os pares.

Já o Nove, a gente pode ir em quatro pessoas, mas não pode errar. Então, ele canta lá e a gente vai respondendo e vai trocando os pares, de frente para trás, de frente para trás, e vem de lá até aqui, e daqui vai voltando, até finalizar aquele trabalho, aqueles minutos que tem que cantar. Se for para repetir o cântico, pode repetir. E foi nisso que eu fui criada.

No mais, parte de instrumento ele não deu possibilidade de pegar porque a viola dele vivia trancada na caixa. Só de noite, quando ele ia acender o fogo para fazer o carvão para trabalhar na tenda. Aí ele colocava nós para empurrar aquele pau que ia caindo, e ele ia tocando e nós pegando a música e cantando, mas não podia atrapalhar ele cantar. E depois nós continuamos, meu filho; meu irmão, de onze anos, que já aprendeu a tocar a sanfona também. Acompanhamos o meu irmão, e veio vindo de irmão para irmão.

O Nove e o Caboclo?

Maria - Não. Só as outras músicas, da igreja. Às vezes um baile, ou quando coloca uma mesa de leilão. O Nove e o Caboclo meu pai nunca aceitou acompanhar de sanfona.

Ele continua o Nove e o Caboclo?

Maria - Parou agora porque não aguenta mais.

E não passa para ninguém?

Maria - Se for possível ele pode passar. Mas ele é uma pessoa muito emocionada, porque ele tem saudade daquele trabalho, e também não tem os parceiros para estarem acompanhando. Depois, morando aqui, me casei e nunca desisti de estar participando da parte cultural. Depois veio participar aqui o Dr. Joaquim, que é uma pessoa que trabalha com teatro. Eu aceitei que meus filhos acompanhassem, eu não participava do teatro para dançar, mas eu participava acompanhando as crianças com o Dr. Joaquim.

E veio vindo, acompanhando eles aqui nos atos da congada, eu sempre adorei, o meu marido era emocionado com a congada. Eu acompanhava, mas não vestia a saia de chita, mas a outra saia comum, e eu acompanhando eles. Nessa eu estou até hoje, amo a congada, amo mesmo, de verdade, e sou da irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Eu tenho o nome de Rainha do Angu, porque trabalho nas festas. Sou tão emocionada, adoro tanto a congada, que eu posso estar caindo, mas se fala numa congada, ou quando a gente começa, eles puxam a viola, aquilo me levanta, eu me transformo numa menina de 15 anos.

A gente percebe que a congada vai continuar. A gente vê gente mais jovem que está no grupo. Vocês percebem a congada como algo que vai continuar, é a manifestação mais forte de vocês?

Maria - Lembrando das pessoas lutadoras da congada, sempre o que mais gostamos foi a presença deles. Só que algumas pessoas achavam que eles tinham de chegar e trabalhar, e não tinha que ter um valor. O valor que quero dizer é quantas vezes que havia pessoas que convidavam, mas eles tinham dificuldade de vir, deixar suas casas fechadas. Enquanto que tinham pessoas que não convidavam eles nem para dar um café.

Isso tudo aconteceu no tempo do meu marido vivo, em 1979, quando minha sogra foi a rainha da festa de Nossa Senhora do Rosário. Surgiu um festeiro junto que não quis acolher, achou que o gasto seria muito. Aí meu maridou chegou e falou para mim: "Maria, tem bastante feijão cozido, prepara o almoço que eu vou buscar o pessoal da congada. Enquanto eles estiverem em Chapada eles vão comer e beber aqui". Esse foi nosso maior prazer de atender, receber eles, e sei que ficaram felizes. Essa família aqui falou que é da Misericórdia, eu tenho como a minha família e quero tudo de bom para eles. Então, estamos vindo nessa luta, já viajamos muito.

Você sabe dizer quanto tempo tem o grupo?

Maria - Que esse grupo foi criado já tem mais de 50, 60 anos, porque ele já permaneceu crescendo dentro desse grupo.

A congada a gente percebe que deve continuar porque tem jovens no grupo. O Nove e o Caboclo, pelo que você contou, pode deixar de existir?

Maria - Se nós quisermos criar o Nove e o Caboclo, nós podemos criar aqui através deles, mas é preciso também ensaiar com as crianças.

E além da congada, do Nove e do Caboclo, tem alguma outra manifestação cultural, ou dança, ou música?

Maria - Tem outras danças.

Cesário - Quando levantava a bandeira, cantávamos a noite toda o Nove e o Caboclo. Hoje acabou foi o velho Caboclo. Ano passado, lá no mercado, foi direto só forró.

Maria - Tem a parte da dona Eva, pessoas lutadoras pelas viagens, para conseguir algumas coisas. Sempre que uma pessoa que vinha para alguma coisa eu já mandava um bilhetinho para dona Eva. Mas aí veio o falecimento dela, eu acompanhei muito a saúde dela. Até no dia de seu falecimento conversamos, minutos antes, por conta de um e-mail sobre instrumentos musicais que estávamos precisando. Comentei com ela que já havia respondido o e-mail, que precisava de resposta no dia anterior àquele nosso encontro, e ela me disse. "Já disse a você que tudo que você fizer para a congada está bem feito, você sabe o que faz".

Aí ela afastou, eu olhei para ela, olhei para minha filha, e eu vi que ela, né... Depois de 15 minutos já foi o falecimento dela. Então, com isso, eu não desisti. Sou companheira deles enquanto Deus me der força e eu aguentar. Espero que todos continuem da mesma forma, e sei que vocês vão dar a gente muito apoio. Eu tenho hoje três netas que participam da congada, e tem uma de três anos que tem foto dela tocando a sanfoninha. Se estamos aqui hoje com vocês é porque nós somos felizes e adoramos esse trabalho. Eu tenho pedido para as famílias que têm as crianças, para que elas participem um pouco mais.

Antônio Domingos da Costa, Maria, Rita da Costa Silva, Corina Costa de Matos
Comunidade de Poções

"Antigamente a gente juntava em mutirão,
e um ajudava a capinar a roça do outro"

A contar pelo número de manifestações culturais que essa quadra de moradores da comunidade de Poções tem na memória, a cultura local deve ficar bem viva ainda por muito tempo. Eles recordam com alegria de danças, como Nove, Vilão, Catira, Folia de Reis, Coco e Roda, e lamentam que os mais novos, hoje em dia, só queiram saber de forró. É como se uma infinidade de ritmos, ritos e danças fosse reduzida a um só gênero. A falta de oportunidade que empurra muitos a procurar trabalho e estudo, principalmente em São Paulo, é lembrada e destacada. Mesmo assim, costumes centenários permanecem, como o bolo de folha, feito de fubá; a canjiquinha; o ora-pro-nóbis. São alimentos que dão força para lembranças de um tempo de mais união. "Antigamente a gente juntava em mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro. Quando era de tarde, todo mundo que morava perto estava com a roça limpa. Depois, trazia o pé de milho todo enfeitado de notas de dinheiro para dentro daquela casa, e de noite tinha dança", recorda, saudosa, Corina.

Gostaria de começar perguntando o nome de vocês, idade e de onde vocês são?

Antônio - Eu tenho 63 anos, e sou nascido e criado aqui na comunidade de Poções.

Maria - Sou de 1950, tenho a mesma idade dele, 63 anos, sou nascida e criada aqui também.

Rita - Tenho 66 anos, e também sou nascida e criada aqui em Poções.

Corina - Nascida e criada aqui, e meus avós também já eram nascidos aqui. Estou com 62 anos.

Vocês têm algum parentesco entre vocês?

Tem um galho, somos parentes, tem cunhado etc.

A gente gostaria de saber a idade aproximada de Poções. Vocês até já comentaram que não sabem a data exatamente, mas que seus pais e avós já eram de Poções?

Rita - Bisavô já era de lá.

Antônio - Nossos avós morreram e deixaram nós aqui.

Corina - Minha avó morreu com 80 anos.

Antônio - Meu avô morreu com 120 anos.

Em que ano o seu avô morreu?

Corina - Aí é difícil.

Faz quanto tempo que o seu avô morreu?

Antônio - Eu tinha uns 14 anos, agora estou com 63.

Então tem mais de uns 300 anos a comunidade?

Deve ter sim.

E o que vocês têm de lembrança de seus avós? O que eles passaram de cultura quilombola para vocês?

Dança, Catira, o Nove, Roda, Coco, nosso trabalho, a terra, foram eles que deixaram para nós trabalhar. A religião, nós somos católicos. Nossa comunidade toda era católica e ainda é. Alguns entraram agora em outra religião, mas todos eram católicos.

O senhor falou Catira, o que mais?

Antônio - O Nove.

Quais são as principais manifestações, aqui tem congado também?

Não.

Quais são as principais?

Corina - O Nove, Roda e Catira.

E esses são preservados até hoje?

Sim.

Os avós de vocês dançavam, quem ensinou vocês?

Rita - Nós vimos eles dançando e aprendemos.

Antônio - Tem a Folia de Santo Reis, que também eles que nos ensinaram. Ensinavam não, cantavam, sempre teve na nossa cultura.

E vocês ensinaram para os filhos de vocês, para os netos?

A gente passa, mas muitos não querem saber.

Corina - Antigamente, quando a gente ia nos forrós, nas festas, a primeira que começava tudo era a Roda, as Catiras, o Nove e Vilão. Depois é que pegaram a sanfona e tocavam forró. Faziam uma rodona lá no terreiro, depois era o Vilão, Nove, Catira, jogavam verso. Era bem animado. Hoje não, hoje é só som.

Em que tipo de festas vocês dançam a Catira?

Corina - Antigamente eram nas festas religiosas, festas dos santos da comunidade. Agora hoje, de vez em quando inventa uma festa por aí e faz.

Rita - Mas a festa era que levantava os mastros, e aí tinha festa grande.

Corina - Antigamente a gente juntava num mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro. Quando era de tarde, todo mundo que morava perto estava com a roça limpa. Depois, trazia o pé de milho todo enfeitado de notas de dinheiro para dentro daquela casa, e de noite tinha dança.

Rita - E as mulheres recebiam com uns litros enfeitados.

Corina - Era pinga, não existia nem vinho e nem cerveja, era cachaça.

Antônio - Tinha também suco, groselha, essas coisas.

Corina - E era uma vida maravilhosa.

Antônio - Alguns calçados e outros descalços.

Corina - Ninguém reparava no outro.

O que mudou?

Corina - Mudou tudo. A mocidade hoje é diferente, se não tiver uma calça de marca, não está contente. As moças, se não tiverem uma roupa daquelas compradas lá em Minas Novas, também não estão contentes. Hoje é bem diferente.

Antônio - Vestia aquelas calças de algodão, tecido no tear.

Corina - Tingida com casca de pau. Vestia, ia no forró e dançava sossegada. E limpava arroz no pilão, tirava canjiquinha no milho, à força, e fazia o almoço. Era muito mais forte que hoje. Hoje, se não for arroz bom ninguém quer comer.

Era mais unido?

Corina - É. Feijão de corda, angu, fava. Hoje se não for aquele feijão bom ninguém quer, mudou muita coisa.

E das festas religiosas, vocês continuam com alguma?

Corina - Continua, na nossa comunidade continua. Nós levantamos o mastro todo ano.

Qual festas vocês fazem?

Corina - Nossa Senhora Aparecida.

Que época é?

Corina - Em dezembro.

Que dia de dezembro, ou são vários?

Corina - A gente não marca o dia porque procura fazer de sábado para poder todo mundo participar. O pessoal não está, muita gente vai e fica em São Paulo.

Antônio - A levantada do mastro mesmo é dia 12 de outubro, mas, por causa do pessoal que se esparrama, nós esperamos a turma chegar para poder reunir.

Quantas famílias tem lá na comunidade de vocês?

Corina-– Tem 48 famílias.

E qual o principal trabalho dessas famílias? Vocês trabalham ali mesmo ou saem para ganhar o sustento fora?

Corina - Alguns ficam, porque não aguentam mais. Mas alguns têm de ir, porque aqui não está dando. A gente planta, só se chove, se não chove, com muito ou pouco sol, vai ficar esperando o quê?

E planta o quê?

Corina - Planta milho, mandioca, feijão. Mas nem todos dão, só o milho.

Tem algum prato que vocês acham que representa melhor a comunidade de vocês, que é mais comum? Ou mesmo pensando em tempos antigos, no tempo de seus avós?

Corina - Tem o bolo de folha.

O que é o bolo de folha?

Corina - Ele é feito de fubá. A gente faz, enrola na folha de bananeira e leva ao fogo, forno a lenha, e assa. Tem também canjiquinha, algumas pessoas ainda comem. Tem angu, ora-pro-nobis. São esses que nós lembramos dos antigos. Bolo de folha é feito de fubá. A gente faz...

E artesanato?

Corina - Tinha uma mulher que fazia renda, mas ela já morreu. A gente ainda tem o cobertor de linha, que eles faziam.

E não faz mais?

Rita - Ah, agora não.

Seus bisavôs, tataravôs são ex-escravos, que a gente chama de quilombolas. Vocês sabem de que região eles vieram?

Rita e Corina - Ah, é difícil saber.

Vocês não sabem se foi de Diamantina?

Corina - Diamantina era lavação de ouro.

Rita - E nós lavávamos muito na bateia.

Corina - Na bateia ainda lava, ainda ontem mesmo eu lavei. Experimentei, ainda não deu nada, mas eu lavei. Ainda lavo cascalho para caçar ouro.

Até hoje vocês fazem isso?

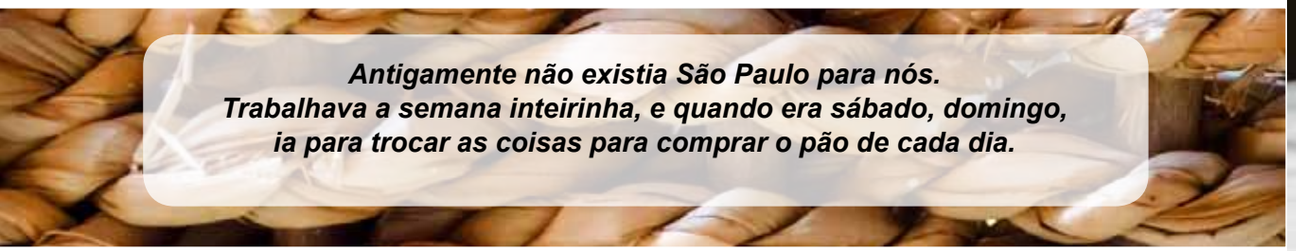
Corina - Eu lavo. De vez em quando, que agora a coluna não está dando. Mas de vez em quando, quando eu vejo que dá para ir eu vou.

Rita - É, dá uma chuvada.

Mas as pessoas acham alguma coisa?

Corina - Antigamente a gente vivia disso.

Rita - Era fiando na roda para vender os panos.



Antigamente não existia São Paulo para nós. Trabalhava a semana inteirinha, e quando era sábado, domingo, ia para trocar as coisas para comprar o pão de cada dia.

Quando vocês falam de São Paulo, estão falando de quê, sobre corte de cana ou São Paulo capital mesmo?

Corina - Hoje, a maioria dos meninos novos está indo para a capital mesmo. Mas alguns vão para o café e outros para a cana, então é repartido. Mas na capital tem tantos, eu mesmo tenho dois, e ela tem três ou quatro.

Rita - Agora tem quatro.

Corina - Tem que ir para lá para trabalhar e ter estudo melhor. Aqui não tem, e nós não aguentamos pagar o estudo para eles aqui. A minha filha mesmo está estudando para ser médica, então ela mesma trabalha e paga o estudo dela, a faculdade. E outros vão para o café ou para a cana. O rio agora veio, e levou tudo da roça. Quem fez roça na beira do rio está sem nada. Então vai ficar aqui fazendo o quê, tem que ir trabalhar em São Paulo, para poder comer e beber.

José João Alves Soares, Ernestina Alves, Elisa Alves Souza, Elza Alves Vieira, Sandro Gomes dos Santos Comunidades de Porto dos Alves e Porto Servano

Uma grande família chamada Alves

Tudo indica que as comunidades vizinhas Porto dos Alves e Porto Servano tenham a origem de seus nomes nas famílias que sempre habitaram ali, desde os tempos da pós-escravatura. Segundo relato de seus moradores, José João, Ernestina, Elisa e Elza, os mais velhos de que eles têm conhecimento em cada comunidade são Joaquim Alves, de Porto dos Alves e Servano dos Santos, de Porto Servano. Os quatro lembram com alegria das tradições e fatos pitorescos das comunidades, como quando ainda não tinha luz, e seus pais socavam mamona, colocando num prato e acendendo esse preparo para a iluminação do ambiente. “Ficava um fumaceiro na casa, mas a luz, naquele tempo, era essa”, rememora José João. Ou de quando ainda não tinham instrumentos e o batuque era feito na porta. “Eu mesmo tinha um avô que fazia batuque na casa de qualquer um, batendo na porta, e o povo dançava a noite toda”, conta Elisa.

José João Alves Soares – Tenho 47 anos e sou da comunidade de Porto dos Alves.

Elza Alves Vieira – Tenho 48 anos, e mora na divisa de Porto dos Alves e Porto Servano. Nasci no Servano, e moro lá, mas é divisa com Porto dos Alves.

Ernestina Alves – A minha idade é 72 anos, moro em Porto dos Alves, na beira do Rio Araçuaí.

Elisa Alves Souza – Tenho 66 anos, moro em Porto dos Alves, mas nasci em Esgamela.

Com quantos anos a senhora mudou para Porto dos Alves?

Elisa – Já há uns 20 anos.

Você, que é mais novo que elas, o que lembra? Você conviveu com seus avós, conhece sobre a origem de vocês?

José – Eu tenho pouca lembrança, convivi pouco com meus avós. Nós aqui somos da religião católica e quando tinha alguma festa eles sempre passavam alguma coisa para nós. Ou quando tinha mutirão, um ajudava na roça do outro e no final fazíamos uma festa. No final tinha a roda, o Nove, o Vilão, o Caboclo. Mas eu acho que os mais velhos estão mais por dentro disso.

Mas vocês mais jovens preservam essa cultura?

José – Preservamos quando tem uma festa com Vilão, Roda, Nove, Caboclo. O Nove é uma dança.

O Nove é uma dança, e o que é o Caboclo?

Elza – O caboclo é uma dança de quatro pessoas.

Essas danças estão ligadas à religião, tem alguma delas que é mais especifica para algum ritual religioso?

Elza – Sim, a Roda mesmo, o Vilão, o Caboclo Surubim, o Nove.

Vocês podem falar um pouco de cada uma delas, e também ligar cada uma delas ao respectivo ritual religioso?

Elza – Quando tem as festas, às vezes, a gente levanta o mastro e você vai com a bandeira na frente, e o povo pulando atrás, daí entrega e sempre tem o Nove.

E é ligado a qual religião?

Elza – Católica.

A comunidade é toda católica?

Elza – Tem alguns que não, são adventistas ou batistas, mas uns pingados mesmo.

Mas da memória mais antiga que vocês têm são sempre todos católicos, não tem outra religião?

Elza – É.

E a questão de levantar o mastro, o que isso significa numa dança dessas? Tem algum simbolismo, algum significado diferente?

EAS – Significa que é uma tradição dos mais velhos, que sempre tinha aquele mastro, e depois do mastro tem as danças.

Elza – É uma brincadeira de fé, e a gente foi criado naquilo. Fazia uma festa, rezava o terço e tinha um pau onde colocava a bandeira na ponta. Vai levantando o pau e a bandeira ia subindo, muito bonito, e o pessoal rodando atrás. Então é uma dança muito bonita.

Elisa – Por exemplo, dia de São João a gente levanta o mastro e canta assim: "São João de muitas velas, vai levantar a bandeira se Deus quiser" E os outros respondem: "o São João, que dia que é, até pelo ano se Deus quiser" Com isso fazia aquela festa, e todo mundo dançava o Caboclo, e também a Roda e o Vilão.

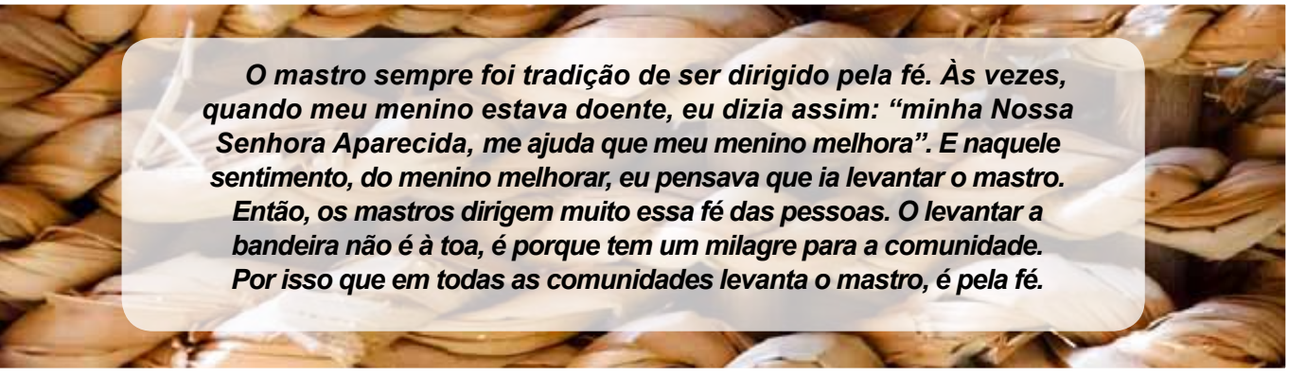
Era a noite toda?

Elisa – Era.

Isso continua, os mais novos também estão juntos?

Elisa – Continua, e os mais novos vão seguindo a mesma coisa. Na verdade, são os mais novos que estão dançando porque os mais velhos não estão tendo força.

José – O mastro sempre foi tradição de ser dirigido pela fé. Às vezes, quando meu menino estava doente, eu dizia assim: "minha Nossa Senhora Aparecida, me ajuda que meu menino melhora". E naquele sentimento, do menino melhorar, eu pensava que ia levantar o mastro. Então, os mastros dirigem muito essa fé das pessoas. O levantar a bandeira não é à toa, é porque tem um milagre para a comunidade. Por isso que em todas as comunidades levanta o mastro, é pela fé. Ficou por uma brincadeira



de fé, de nós, os homens católicos. Outras vezes, se tem um irmão doente, na UTI, a gente pede para Virgem da Lapa ajudar o irmão melhorar, que no próximo ano fazemos a festa. É dirigido assim.

Elisa – Também tem quando os mais velhos reúnem numa casa para rezar o terço, num sábado ou domingo, fazendo promessa. Convida a rezadeira, faz oração e depois sempre tem um golinho de refrigerante, biscoito e bolo de fubá.

Nessa festa de levantar o mastro, que comidas acompanham ou acompanhavam e ainda tem?

Elisa – Costuma ter bolo, biscoito, pão, café, refrigerante e um vinhozinho.

Mas lá atrás, no tempo de seus avós, que comida eles faziam e que vocês até hoje, de vez em quando, ainda fazem?

Elisa – São essas mesmo, biscoito e bolo.

Angu não?

Elisa – Angu também, cuscuz.

José – O arroz naquele tempo era a canjiquinha, eu lembro. E minha mãe ainda faz, é muito bom.

Quantos anos tem a comunidade de vocês, sabem mais ou menos?

Todos – Acho que ninguém lembra. Aqui desde os antigos era Porto dos Alves.

Elisa – Era assim. É Porto dos Alves porque tem um povo que tinha canoa, e sempre repetia que ia passar lá em cima, nos Alves. As pessoas comentavam sempre

assim, "fulano de tal é dos Alves", ou, "vou passar lá em cima nos Alves". Assim como a gente também comentava que ia passar no Servano, já que o pessoal lá, os mais velhos, era Servano. E nisso continuou e o pessoal a dizer "eu vou passar no Porto Servano".

A comunidade, então, ganhava o nome da família?

José – O mais velho que morava aí se chamava Joaquim Alves, então ficou sendo Alves.

Elisa – E lá embaixo, o mais velho da comunidade se chamava Servano dos Santos, e ficou assim o nome da comunidade.

De vocês quem é o mais velho? A senhora lembra de seus avós, chegou a conhecer?

Ernestina – Não conheci não.

E seus pais morreram com quantos anos, mais ou menos?

Ernestina – Meu pai morreu com quase 70 anos.

Faz tempo que ele morreu?

Ernestina – Acho que uns 40 e poucos anos.

Quer dizer que a comunidade deve ter mais de 150 ou 200 anos?

José – Tem mais, meu pai está com 74 e minha mãe com 76 anos, e a minha vó, mãe dela, já morava aí.

Elisa – E a sobre tradição dos mais velhos, do que o pessoal comia, que ele perguntou, eles plantavam arroz, colhiam e socavam no pilão. Os mais velhos comiam as coisas mais naturais, socava tudo no pilão, limpava o arroz, limpava o milho, tirava canjiquinha, e tirava canjiquinha grossa. Fazia escaldado de farinha de mandioca com gordura, e todo mundo comia. Farofa de quiabo que eu lembro bem lá em casa. E fazia farofa de ora-pro-nóbis ou de quiabo.

Ernestina – Abobora, maxixe , o que dava na roça nós plantávamos tudo.

José – E eu, com a minha idade, tenho 47 anos, ainda me lembro quando não tinha energia. A luz nossa era socando mamona, colocava num prato e acendia aquilo ali, ficava com um fumaceiro em casa, mas a luz era isso aí.

Grupo
da

Você tem filhos, eles mantem essa tradição das danças, das festas?
José – Sempre frequentam.

Vocês têm essa preocupação de passar para os mais jovens, para as crianças?
Elisa – Tem, e eles gostam muito. Tem muitos que já estão nos grupos.

Grupo de quê, por exemplo?
Ernestina – Estão no grupo de roda de caboclo que nós temos, Caboclo Surubim. Através de nós, um ou outro quer entrar. A gente faz uma roda e todos eles estão acompanhando. Por isso, a gente percebe que eles estão com vontade de seguir o que a gente também aprendeu. Os mais novos vão seguindo o passo. Eu lembro quando eu era mais novo, minha mãe rezava o terço, nós íamos num casamento, não tinha som, não tinha nada.
Elisa – Era sanfona.
Ernestina – Não tinha nem sanfona. Tinha um prato.
José – E a porta, batia na porta.
Elisa – Eu mesmo tinha um avô que fazia batuque na casa de qualquer um, batendo na porta, e o povo dançava a noite toda.
Ernestina – É uma tradição que a gente vem acompanhando. Hoje tem instrumento, tem a sanfona, mas a gente não esquece daquilo não. E qualquer coisa, a gente saia com um prato aí e dançava Caboclo, Roda, Vilão.

Então, as principais manifestações são o Vilão, a Roda...
Ernestina – O Nove. Tem um "passa quatro" que os novos não sabem fazer, a "trança" dele. Se chama Catira.

A senhora dançava também a Catira?
Ernestina – A Catira é mais os homens, mas a gente também ajudava.

A Catira então é uma dança de homens?
Ernestina – É, de quatro homens.

Que instrumentos que acompanham a Catira?
Elisa – A viola e o pandeiro, mas usava o prato também. Pegava um prato com garfo e vai batendo na beirada.

O tambor aparece em outras manifestações?
Elisa – Sim.

É mais recente?
José – Usava a caixa, aquela caixinha de couro.

Mas é de caixeira, que as mulheres usam?
José – O tambor que usava era aquele de madeira, um batia na frente, e outro com pedaço de pau atrás, para levantar o mastro.
Elisa – Na cidade mesmo, se não tiver aquele tambor ali, a gente sente falta dele. A festa mesmo é no tambor que vai chamando.

Eu gostaria de saber da situação das escolas aqui. As crianças não têm escola aqui, eles vão estudar lá em Chapada do Norte?
José – Ainda tem escola de 1º a 3º ano das crianças. Do 4º ano para frente é que vai para Chapada, na cidade.

Quantos quilômetros são daqui até lá?
José – São 15 quilômetros, mas a gente anda mais, porque entra nos lugares para pegar outras crianças.

O que vocês entendem por ser quilombola?
Sandro – A gente vivia escondido por esses matos, mas depois veio a informação de a gente ser quilombola, e nós não achamos ruim, não. A gente ficou contente por saber que nós somos quilombolas. Nós temos a nossa raça.
José – O pessoal se escondia por esses buracos todos. Eu conheci a minha avó, que morreu com 104 anos. Eles dizem que foram fugidos e se esconderam por aqui, o pessoal comenta.
Elisa – A minha bisavó também foi pegada no mato, "de cachorro". Minha mãe sempre conta que ela foi pegada no mato, como cachorro, ela era da raça índio.
Ernestina – A minha mãe sempre falava também que a avó dela foi pegada no mato de cachorro, que chegou aqui corrida, sem comer. Dizem que chegou comendo até coro de boi. Ela sempre conta. E depois de pega até casou e formou uma família.
Quando falavam que a gente era quilombola, eu lembrava de outra coisa. Porque no mato tinha um pau que chamava quilombola. A gente ia no mato e pegava, depois rapava e punha sal, gordurinha e fazia o angu no domingo. E olha, ficava gostoso. Então é isso que nós sempre entendíamos sobre quilombola. Era nossa alimentação quando a gente era pequena.

Maurício Aparecido Costa

A festa de 192 anos

A determinação de manter intactas as tradições da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Chapada do Norte, por 192 anos, rendeu ao município honra imensurável: o registro da festa como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado de Minas Gerais, concedido pelo IEPHA em maio de 2013. Ganha ainda mais relevância quando lembramos que o Estado possui 853 municípios, quase todos eles com suas festas e celebrações, sendo Chapada do Norte o único a receber tal honraria.

Segundo Maurício Costa, secretário de cultura da cidade e presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, esse mérito deve-se a todos os antepassados da cidade, que preservaram com bravura tais tradições por tanto tempo.

Primeiro, por favor, conta para gente um pouco sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário aqui de Chapada do Norte. Quando ela foi fundada, qual o objetivo de criação da Irmandade?

No início, lá pelos anos de 1700, 1800, no Brasil e aqui nessa região, havia muitas festas com características europeias. Acho que os brancos se sentiam mais à vontade. Segundo estudamos, teve um longo período em que os negros se sentiam meio excluídos da igreja, além de ter algumas agremiações de brancos. Aqui em Chapada do Norte teve a conferência do Divino, agremiações religiosas que tinham em sua maioria pessoas brancas.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário foi encontrada numa gruta, na época, por brancos. Segundo a história, essa imagem foi trazida para dentro da rua, do perímetro urbano, mas, misteriosamente, ela voltou para o mesmo local. Depois, tornaram a trazer de volta, e novamente ela voltou para o mesmo local. Traziam aqui para dentro da rua e ela voltava para a gruta, lá no Largo do Rosário. Num certo momento, os negros da época se reuniram e foram lá buscar com batuques, tambores, o que hoje é representado na "buscada da santa". Trouxeram a imagem, colocaram onde é hoje a capela da igreja de Nossa Senhora do Rosário e, a partir daí, a imagem permaneceu lá. Os negros daquela época começaram a se reunir para louvar a Virgem do Rosário, fazendo orações. Ou seja, eles encontraram um local onde eles se sentiam filhos da igreja, onde eles se sentiam à vontade.

Como é o roteiro da festa, quais são os momentos da festa, do começo até o final dela?

A gente pode dizer que a festa começa hoje, nesse dia que a gente chama de segunda-feira da posse. Porque hoje os festeiros novos que vão fazer a festa no próximo ano tomam posse, recebem a coroa dos reis velhos. Tomam posse na descida do reinado, são entregues em casa, onde servem ali um licor, uma quitanda e encerra. Já no próximo ano, logo em janeiro, fevereiro, a irmandade do Rosário, os irmãos do Rosário, já se reúnem para escolher os festeiros do outro ano, do ano seguinte. É a primeira atividade dos irmãos durante o ano, a reunião, a mesa que elege os festeiros que vão fazer a festa no próximo ano.

No domingo de Páscoa, uma nova atividade dos irmãos para retirada de esmolas. A gente se reúne na casa da rainha, no domingo de Páscoa, e convidamos todos os irmãos. Os irmãos são recebidos com um café da manhã e fazemos uma distribuição de ruas, de bairros, onde percorremos com a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Passamos nas casas gritando: "esmola para Nossa Senhora do Rosário". As pessoas já têm a fé de colocar uma oferta, muita gente tem a fé de beijar a santa, ou de entrar com a santa dentro dos cômodos da casa. Isso a gente faz com a rainha, é o dia de tirar esmola para a rainha, no domingo de Páscoa. Quando termina, a gente retorna para a casa da rainha e faz a contabilidade do que foi arrecadado. A rainha serve um almoço para os irmãos em agradecimento aos trabalhos daquele dia.

Isso é uma forma da rainha mostrar que, apesar de estar com a coroa, de ser a rainha naquele ano, ela se coloca no mesmo patamar dos fiéis. Como se dissesse: "eu sou rainha mas preciso mostrar que preciso da ajuda de vocês, com o apoio de todo mundo. Eu estou como rainha para organizar a festa, mas a festa é de todo mundo". A gente repete essa mesma atividade na quinta-feira de Pentecostes, agora na casa do rei. O mesmo procedimento: chega, toma um café da manhã, distribui as ruas. Sai para a retirada de esmolas, e no final tem a confraternização com um almoço.

Durante o ano, os irmãos se reúnem algumas vezes na igreja do Rosário, dependendo das demandas. Essas reuniões acontecem normalmente aos domingos, e normalmente às 14h. Quando chega por volta de agosto, setembro, a gente se reúne para fazer a divisão de tarefas. E, finalmente, quando a festa chega, numa sexta-feira, que é o meio-dia das novenas, nós vamos para a igreja do Rosário com uma banda de música, com o rei e a rainha, além de convidar alguns irmãos para estarem presentes. Ao meio-dia a banda de música começa a tocar, na porta da igreja do Rosário, solta os fogos e descemos para a casa da rainha, onde é servido licores, quitandas. De lá nós vamos para a casa do rei, isso tudo no primeiro dia. De noite tem a primeira novena, que é sempre celebrada pela Irmandade do Rosário.

No sábado, novena, no domingo, novena, na segunda-feira, novena, e já na terça-feira começa novena e leilão, que se repete na quarta-feira. Já na quinta-feira temos a lavação da igreja pela manhã. Na quinta de tarde, a quinta-feira do angu, que é uma confraternização para aquelas pessoas que passaram o dia todo trabalhando na igreja do Rosário, fazendo a lavação. Hoje a lavação é diferente. Antigamente as pessoas iam no rio e traziam baldes de água e jogava, esfregava, essa coisa toda. Mas com o passar do tempo, a igreja começou a ter problemas, por questão de cupins e tal,

então, depois da restauração, a gente mantém a lavação da igreja, mas é simbólica, porque hoje não pode mais jogar água. Mas se lava os castiçais e alguns pertences, como coroas. Isso durante toda a quinta-feira.

Às 17h, a gente desce para a casa da rainha, já com a participação dos tamborzeiros, do congado e da população que vai se juntando ali, e vai todo mundo para a casa da rainha. O padre costuma ficar aguardando para dar a benção do angu, que é servido em seguida. E logo depois do angu tem mais uma noite de novena.

Na sexta-feira é só novena e já no sábado temos, pela manhã, a buscada da santa. Nos reunimos na porta da igreja do Rosário, os tamborzeiros, congado, irmãos do Rosário, a população, e descemos para o córrego do Rosário para buscar a imagem. O padre faz ali um momento de oração, fala um pouco sobre a história e depois subimos de volta com a imagem, passa na casa da rainha, passa na casa do rei e, ao meio dia, temos que estar dentro da igreja do Rosário, porque ao meio-dia começa o meio-dia da festa. Os reis na porta da igreja do Rosário, a banda de música toca e solta fogos.

Já de noite tem a última novena, o mastro a cavalo, com a encenação entre mouros e cristãos. O capitão do mastro é um católico que normalmente é convidado ou se oferece, como aconteceu ano passado; o atual capitão se ofereceu. Depois do mastro tem a última noite de leilão. Nesse sábado são dois leilões ao mesmo tempo, um que acontece na casa da rainha e outro que acontece na casa do rei. Geralmente a banda de música toca um pouco na casa de cada leilão.

No domingo tem o reinado, pela manhã, quando os reis, já caracterizados de rei e rainha, sobem para a igreja, com outros participantes e cortejo. Quando chegam lá tem a missa da festa, que a gente diz que é o grande momento da festa. Os nove dias de novenas são uma preparação para a missa da festa. Depois dessa missa, a gente desce para a distribuição de doces na casa do rei. Às 17 horas do domingo tem a procissão, o reinado e conclui com a coroação à virgem do Rosário. De uns dez anos para cá também está acontecendo um festival folclórico.

Vocês incluíram a participação desses grupos folclóricos há pouco tempo?

Sim, há pouco tempo, deve ter uns oito anos.

Foi uma demanda deles ou da Secretaria de Cultura?

Foi uma demanda, na época, da Secretaria de Educação, Desportos, Cultura e Lazer. O secretario da época, Adailton Rodrigues, que a gente conhece como Tim, ele e a Fabiane (Fabiane Cínara Vissotto, coordenadora da Secretaria de Cultura de Chapada do Norte) começaram a perceber a necessidade de abrir um espaço dentro da festa do Rosário para a diversidade de grupos folclóricos que tem no município. A gente já tem a participação do congado e dos tamborzeiros, e daí tiveram essa ideia muito boa de abrir esse espaço. Depois da coroação não tem nada religioso da festa acontecendo; são só os shows da parte social, que acontecem um pouco mais tarde. Por isso, de uns anos para cá tem tido essa participação dos grupos folclóricos, que agregou bastante valor e cultura para a festa. Afinal, é uma festa religiosa, mas é também uma festa cultural e folclórica.

Essa interação dos grupos culturais e quilombolas, já que Chapada do Norte é um grande quilombo, no sentido de que 90% do município tem origem nos quilombos, como vocês fazem essa integração? As comunidades, os quilombolas, eles estão o tempo todo junto com vocês ao longo desse ano todo de preparação da festa, eles participam dessa preparação?

A gente, por estar na Secretaria, tem contato com as comunidades quilombolas durante todo o ano. Tem alguns trabalhos que são feitos, como inventários, solicitação de coisas que estão precisando, instrumentos, confecção de roupas. Sobre a festa do Rosário, mais especificamente, a gente costuma falar mais perto da festa mesmo. Quando chega agosto, a gente confecciona as cartas, começa a ligar para as lideranças de cada grupo, fazer o convite, negociar com o poder público que vai buscá-los, como e em que local recebê-los. Temos contato com os grupos folclóricos durante todo o ano, mas, sobre a festa, a gente vai tendo contato de agosto para frente.

Só para concluir a trajetória da festa, você parou no domingo, quando entramos nesse assunto dos grupos folclóricos, mas ainda faltou o último dia, certo, a segunda-feira?

Exatamente. A festa se conclui na segunda-feira, que começa com o reinado. Os reis novos, até então novos, daquele ano, o rei busca a rainha, os dois buscam a rainha nova e depois o rei. Ou seja, os reis que estão fazendo a festa buscam os reis que vão fazer a festa do próximo ano, e todos subimos para a igreja do Rosário. Depois descemos para a buscada do cofre, que fica guardado na casa do tesoureiro da irmandade. E, conforme a tradição, os irmãos andam a passos largos, ao som da caixa que vai à frente marcando o ritmo. Normalmente é o tesoureiro que sobe com o

cofre na cabeça. Quando chega na igreja começam os trabalhos, com a apresentação dos pertences que estão no cofre, feito pelo tesoureiro.

Os trabalhos são abertos e vão de 10 horas da manhã até próximo às 18 horas, que é o recebimento de anuais, uma mensalidade hoje estipulada num mínimo de dez reais, oferta de devotos. Durante todo o dia os devotos vão à igreja do Rosário ofertar algum valor e a filiação de novos irmãos. O único dia que pode se filiar a irmandade é nessa segunda-feira, dia da posse. Então, durante o ano, quando a festa está se aproximando, as escolas aqui têm feito um trabalho bem interessante de divulgação da festa. Aí a gente aproveita esse espaço para reforçar isso, de quem quer entrar na irmandade o dia é esse. Quando são 18 horas encerram-se novamente os trabalhos, e os irmãos descem novamente com o cofre e guardam na casa do tesoureiro.

Às 19 horas tem a missa da posse, os reis do ano vigente passam a coroa para os reis que vão fazer a festa no próximo ano. Aí tem toda uma cerimônia que o padre faz, ele pega a coroa e faz a transição dos reis e a festa encerra com a descida do reinado. A gente entrega primeiro os reis que fizeram a festa naquele ano, porque eles não são mais reis, a festa para eles acabou, não estão mais com a coroa. Então, entregamos a rainha velha, o rei velho, depois a rainha nova, que está com a coroa, e finalmente o rei novo. Andei lendo o estatuto da festa, e podemos ainda dizer que a festa acaba no sábado seguinte, porque tem a descida da bandeira. A bandeira que subiu no mastro desce e um novo mordomo pega. É o que está no estatuto, que é quando desce a bandeira que se encerra tudo que é referente a festa do atual ano.

Gostaríamos de perguntar sobre o registro da festa como patrimônio de Minas. Como foi esse processo e por que esta festa especificamente tem esse registro, e outras tantas que acontece, de Nossa Senhora do Rosário, em Minas, não têm? Porque aconteceu esse reconhecimento e a partir de quando foi?

O registro da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado de Minas Gerais, para nós, chapadenses e irmãos do Rosário, é motivo de muito orgulho. É um reconhecimento da irmandade ter mantido as características da festa. Há alguns anos, os membros do conselho deliberativo do patrimônio cultural, os conselheiros em reunião resolveram pleitear um registro da festa como patrimônio, levando em consideração que a irmandade mantém as características da festa. Acho que aí foi o início do processo.

O prefeito da época, Eraldo Eustáquio Soares, que também é irmão do Rosário, e já fez festa, começou a intermediar com o pessoal do IEPHA esse desejo, esse anseio da irmandade em registrar a festa. Desde então, uma equipe do IEPHA passou acho que durante oito anos a vir aqui assistir a festa, fotografar, entrevistar pessoas. Foi um trabalho que durou oito anos até essa conclusão. No início do ano passado a gente já foi informado que o registro ia sair e que seria aprovado. Então fomos convidados, uma equipe aqui da irmandade de Chapada, de ir para Belo Horizonte participar da cerimônia que deu o título de Patrimônio Imaterial e Cultural para a festa de Chapada do Norte.

Eu acho que o principal motivo é que a gente deve muito aos nossos antepassados que mantiveram essas características, o angu, o doce, o reinado, procissão, coroação, o mastro, a encenação dentro do mastro. Acho que esse conjunto das características que foram mantidas fez com que a gente ganhasse, tivesse o prazer de receber esse título. Minas tem 853 municípios, inúmeras festas religiosas em vários municípios, e a primeira celebração reconhecida como patrimônio é a festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada. E o segundo bem imaterial. O primeiro tinha sido a forma de fazer o queijo, lá da cidade de Serro, e o segundo bem imaterial registrado foi a festa do Rosário de Chapada do Norte.

O IEPHA tem uns livros de saberes, sei que são cinco livros, e um deles é o livro das celebrações, que até então estava em branco. A primeira inscrição nesse livro é o registro da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Chapada do Norte. Então devemos muito aos irmãos do Rosário que há 192 anos vêm lutando para manter viva as características da festa. Tivemos sempre a preocupação de preservar tudo. Por exemplo, hoje tem a alvorada, que é às 5 horas da madrugada, e que é uma coisa cansativa para a banda de música. Já teve momentos em que alguns irmãos chegaram a propor a retirada da alvorada, mas a maioria sempre bancou de manter a tradição.

Acho que esse é o grande motivo desse registro. Se a gente relembrar desde o primeiro dia da festa até o último, é muita coisa que acontece, dentro da mesma festa. E eu acho que isso difere a festa aqui de Chapada do Norte das outras muitas importantes que existem aqui na redondeza, nas cidades vizinhas.

Quando exatamente foi o registro do IEPHA?

O registro foi dia 8 de maio de 2013, embora tenha mais de oito anos que eles tenham trabalhado nisso.

Mariana Luiz da Rocha, Idelina Luiz da Rocha, Maria Joana Ferreira Soares e José Soares Barbosa
Comunidade de Moça Santa

Sai do caminho Curiango, deixa eu passar

Comunidade marcada por inúmeras histórias e manifestações culturais Moça Santa é assim chamada por conta dos milagres de uma mulher chamada Rita, que ganhou fama por suas curas entre aqueles que a procuravam. Moça Santa atraiu gente da região e de longe, fazendo cegos enxergarem e deficientes físicos, andarem. É o que contam os mais antigos. Desde então, quase tudo na comunidade foi marcado por ela, como quando se levantou o mastro pela primeira vez, em 4 de fevereiro de 1949, exaltando um de seus milagres, sob as bênçãos do Bom Jesus.

Assim, espontaneamente, nesse dia a comunidade celebra Bom Jesus, diferentemente da data original de outros lugares. Período também que exaltam a cultura local, resgatando danças esquecidas por muitos anos, como o Curiango. "Essa é a principal manifestação cultural da comunidade, que começou com o João Levina, pai de José Soares Barbosa, e dona Maria Paula, mãe de Mariana e Idelina Luiz da Rocha. Esse resgate começou no momento em que tomamos contato com as histórias da comunidade, em busca de nossa certificação, a partir de 2004", nos conta Maria Joana, diretamente responsável pela retomada do orgulho quilombola na comunidade e também de reavivar outras danças, como o Recortado, Vilão de Lenço, Vilão de Braço e mais de 25 outras pesquisadas por ela.

A gente vai pedir para vocês falaram um pouquinho sobre a história desta comunidade. Quais danças permanecem, que religião é a que persiste desde os tempos de seus avós e bisavós, e como ressurgiu esse grupo de manifestação do Curiango? Primeiro gostaríamos de saber o nome e idade de cada um.

Mariana Luiz da Rocha - Eu tenho 74 anos, sou nascida e criada aqui.

Seus pais também eram daqui?

Mariana - Meu pai era daqui, mas minha mãe era de outro lugar.

E os pais do seu pai eram daqui também?

Mariana - Sim, eram daqui.

E a senhora?

Idelina Luiz da Rocha - Nós somos irmãs, eu tenho 74 anos.

Mesma idade, são gêmeas?

Idelina - Pois é, eles tiraram errado nossos registros, disseram que nós somos gêmeas, mas eu sou mais velha que ela. No registro está tudo junto.

E você?

Maria Joana Ferreira Soares - Tenho 47 anos e tem 26 anos que moro aqui na comunidade de Moça Santa.

E o senhor?

José Soares Barbosa - Tenho 60 anos, também nascido e criado aqui.

E seus pais também?

José - Meu pai era lá de Jatobá, mas casou e veio morar aqui onde nos criou até o final da vida, e aqui nós ficamos.

O senhor conheceu os seus avós, de onde eles eram?

José - Só uma avó, era lá de Jatobá.

Vocês se reconhecem como quilombolas, ou de serem netos, bisnetos de escravos? Alguém falou sobre isso com vocês quando crianças?

Mariana - Não, essa coisa de quilombola Maria "arrumou" foi de pouco tempo para cá.

Mas vocês sabiam que eram descendentes de ex-escravos?

Mariana - Não.

Na família de vocês nunca ninguém falou sobre isso?

Mariana - Não, nunca falaram.

E do senhor?

José - Também não.

E você, Maria Joana?

Maria Joana - A gente foi perceber que era quilombola de 2004 para cá. De fato, nós aqui somos originários de quilombolas, mas não tivemos esse conhecimento. Mas de 2004 para cá fomos participando de reuniões, trabalhamos com o pessoal da Fundação Palmares e do Centro de Referência da Cultura Negra. Tomando contato com essa pesquisa deles é que tivemos a percepção de sermos quilombolas. Tanto é que tenho uma história escrita, de um moço nascido em 1923, que contou sobre os primeiros moradores daqui. Daí é que descobrimos sermos de origem quilombola. Eu sou descendente de quilombola e de índio, a minha bisavó foi "pega de cachorro".

Mariana - Fiquei sabendo que minha bisavó também foi “pega de cachorro”.

Como assim?

Mariana - Pega porque era índia, vivia no mato. Aí minha bisavó foi “pega de cachorro”, eles adotaram ela.

Maria Joana - É tanto que meu pai era bem negrinho e o cabelo bem soltinho, igual o cabelo de índio mesmo.

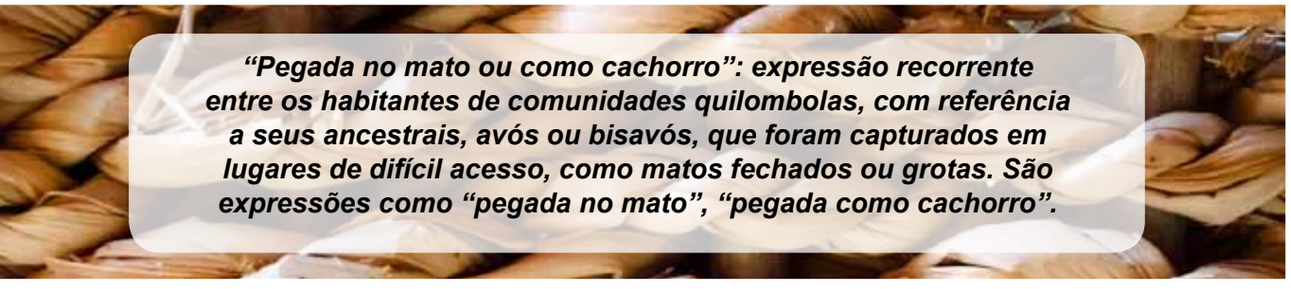
Então aqui vocês têm a mistura de quilombola com índio?

Maria Joana - Isso, de ex-escravos com índios.

Vocês todos será que são descendentes dessa mistura, de índio com quilombola?

Maria Joana - Eu sou dessa mistura.

Maria Joana - Minha bisavó também era, minha mãe que falava.



“Pegada no mato ou como cachorro”: expressão recorrente entre os habitantes de comunidades quilombolas, com referência a seus ancestrais, avós ou bisavós, que foram capturados em lugares de difícil acesso, como matos fechados ou grotas. São expressões como “pegada no mato”, “pegada como cachorro”.

E a senhora sabe mais alguma coisa dela, de que aldeia ou grupo pertencia, ela era daqui mesmo?

Maria Joana – Não sei, mas ela não nasceu aqui, veio de um sítio mais distante. Veio de Ribeirão do Sítio, depois de Gonçalves de Minas.

Voltando para a questão cultural da comunidade, o Curiango é a principal manifestação de vocês ou tem outras?

Maria Joana - É a principal, e quem começou foi o pai dele (José Soares Barbosa), o João Levina, e a mãe delas (Mariana e Idelina), que é a Maria Paula. Quando a Maria Paula casou ela já trouxe essa dança, mas junto com as pessoas mais antigas, que são o pai dele, mais o Juca Luiz, a Maria, Lucinda, Joana Cabra e Juvita. Foram essas as pessoas que trouxeram essa dança do Curiango.

Depois nós percebemos que a dança do Curiango é herdada de um pássaro que voa de noite. Quando a lua está alumiando, a gente vai andando na estrada e ele vai seguindo a gente, e ele vai pulando. Aí as pessoas dizem assim: “sai do caminho Curiango, deixa eu passar”. Era assim, de uma coisa qualquer junto com a criatividade, rimava com aquilo que viu. Eles fizeram essa dança inspirado nesse pássaro, que até hoje existe aqui.

Aí vocês retomaram essa dança há 26 anos?

Maria Joana - Não, nós retomamos a partir de 2004, mas tem 26 anos que eu passei a conhecer a Dança do Curiango. Eu ouvia falar, mas não conhecia, porque não sou nascida aqui. Mas a minha mãe falava que existia essa dança. Quando eu já estava aqui, teve uma inauguração da primeira escolinha, e eu pedi para eles dançarem. Era o pai dele que tocava, e a mãe delas, junto com as irmãs que eram muitas. Dançaram o Curiango para eu ver, e gostei, porque é uma dança bonita.

Mas aquilo parou. Com o passar do tempo, teve outra festa na mesma escola, e eu pedi a eles para dançarem o Curiango novamente. Foi quando a mãe dela disse “ah, não, ninguém dança isso mais não”. Mesmo assim elas dançaram. Perguntaram se eu dançava, eu não sabia, mas entrei na roda com elas e gostei demais. Daí passou mais um tempão até 2004, quando fomos tomando conhecimento sobre a cultura quilombola, sugeriram que a gente resgatasse a cultura. Foi então que sentei para conversar com eles e dizer que deveríamos voltar a motivar essas danças.

Falamos com o pai dele, que tocava, mas já estava doente, e a Maria Paula também já não estava conseguindo dançar mais. Mas o conhecimento deles foi passado para a gente, e fomos pegando, além de que, elas aqui sabiam. Fomos aprendendo e também buscando outras danças que dançávamos antigamente, ou que já tinha morrido. Na verdade, essa cultura nossa já tinha morrido e nós resgatamos de 2004 para cá. Só que já perdemos muita coisa.

Além do Curiango, quais outras danças?

Maria Joana - Tem várias. Tem o Recortado , tem o Vilão de Lenço e o Vilão de Braço, tem a Mariazinha, o Tiá, a Maria Chiquinha. Tem várias, eu já escrevi num caderno umas 25 danças, mas não lembro direito. A gente não lembra e não tem espaço para estar dançando tudo. Tem o Eu Estava na Peneira, tem o Beija-Flor, tem o Chia Chia, são várias.

Quer dizer que a partir do Curiango vocês aproveitaram para resgatar outras danças que não aconteciam mais?

Maria Joana - Isso mesmo. Tem o Titio, o Bambu, tem várias.

Que tipo de instrumentos acompanham essas danças, são sempre os mesmos? O Curiango, por exemplo?

Maria Joana - São sempre os mesmos. O bumbo, pandeiro, viola e sanfona. Na verdade, a sanfona colocamos de pouco tempo para cá, era só viola, pandeiro e o bumbo.

Em que oportunidades vocês apresentam? Em festa? Vocês são chamados em algum lugar?

Maria Joana - Onde chamar a gente para dançar nós dançamos. Principalmente quando tem uma festa da padroeira da comunidade, aí a gente vai. Quando as comunidades chamam para a gente levantar o mastro. Na festa do Rosário, em Chapada do Norte, a gente vai. Mas nós já dançamos em Belo Horizonte, em Santa Rita, Cachoeira, Boa Vista, em Minas Novas.

Aqui na comunidade tem algumas festas, em determinados momentos do ano, em que se dança o Curiango e outras danças?

Maria Joana - Dia 4 de fevereiro é a comemoração do Bom Jesus. O Bom Jesus, na verdade, é comemorado dia 6 de agosto. Mas aqui nós comemoramos dia 4 de fevereiro, porque foi o primeiro dia que, em Moça Santa, se levantou o mastro, 4 de fevereiro de 1949. É tanto que não se fala festa do Bom Jesus, é festa do dia 4 de fevereiro. Teve padre que até já pediu para a gente mudar a festa, mas nós não mudamos, nós não queremos. E pode cair em qualquer dia, pode ser segunda-feira, sábado, domingo, mesmo se tiver chovendo a gente levanta a bandeira, com sol quente, tem que ser naquele dia, nem que seja com 3 ou 4 pessoas, é naquele dia, nós não mudamos.

Qual é o significado de levantar o mastro para vocês? Por que são tão rigorosos com essa data? Qual o significado desse símbolo de levantar a bandeira?

Mariana - O significado é porque a Moça Santa virou santa. O milagre com o Senhor Bom Jesus, onde ela oferecia água, fazia milagre. Vinha muito romeiro, vinha padre, vinha até banda de música, quando ela virou santa, tocar aí. Vinha muita gente de longe, que ninguém nem conhecia. Então ela fez esse mastro com o milagre do Senhor Bom Jesus.

Vocês sabem quantos anos tem a comunidade, mais ou menos?

Maria Joana - Eu considero o ano de 1949. Mas certamente foi antes. Começou com essa que chamamos de Moça Santa, mas o nome dela era Rita. Ela era uma moça que fazia milagre, ela curava. Tinha um lugar onde ela pegava água, e que só ela pegava. A pessoa podia chegar doente que ela dava aquela água e pedia ao Bom Jesus que abençoasse, e aquela pessoa saía curada. Chegou aqui pessoa cega, que não enxergava, e ela dava dessa água, tinha um canto que ela cantava, ficava rezando vestida de branco e de véu. Ela dava dessa água e pedia que o Bom Jesus abençoasse. Dava para beber e para banhar o rosto, a pessoa que era cega voltava enxergando, a pessoa que vinha na muleta deixava as muletas e voltava caminhando.

Esses dias mesmo eu vi um senhor, daqui mesmo, contando que teve um cara que recebeu um tiro na cabeça, ficou com a bala na cabeça. Trouxe aqui, deu a água para beber, colocou água no ouvido dele e pediu para ele virar o ouvido, e quando ele virou o ouvido a bala saiu na mão dele. Eu não conheci, mas são pessoas mais velhas que conheceram ela e contam essas histórias. Eu conto o que me contaram, mas elas e ele conheceram também.

A senhora chegou a conhecê-la?

Maria Joana - Eu conheci, eu era pequena, mas conheci. Chegava gente ferida e quando saía, estava boa.

Idelina - Quando eu a conheci estava com 10 anos.

E o senhor lembra dela?

José - Eu lembro que ela morreu no ano em que me casei, mas a idade eu não lembro.

Quer dizer que o nome da comunidade veio por conta dela, isso pode querer dizer que antes dela aqui tinha outro nome?

Maria Joana - Esse córrego aqui antes chamava Córrego dos Macacos.

Idelina - Disse que tinha um mato grosso aqui e que tinha muito macaco. Mas depois que roçou esses matos aí, daí acabou, os macacos sumiram.

Com quantos anos seu pai morreu?

José - Com 86 anos, faz uns quatro anos ou mais.

Como o pai dele era daqui, então a comunidade tem mais de 100 anos, pelo menos. E quantas famílias, aproximadamente, tem a comunidade?

Maria Joana - Entre 55 a 60 famílias. Alguns chegam, outros morrem, então está nessa faixa. Outro dia eu contei 55 famílias, caso eu não tenha deixado alguma para trás.

Depois que vocês receberam esse título da Fundação Palmares, de quilombolas, de 2004 para cá mudou alguma coisa, veio algum tipo de benefício, o que mudou para vocês ficarem sabendo que são descendentes de ex-escravos?

Maria Joana - Mudou. Já recebemos benefícios como essa cisterna de prata, todas as famílias têm. Esse aqui mesmo foi a Seppir (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e a Eletrobrás que construíram para a gente, porque nós não tínhamos. E de vez em quando vem um projetinho através da associação. O conhecimento que a gente teve foi depois disso, porque a gente nem sabia o que era associação. Tanto que para a gente montar uma associação foi difícil demais, porque a gente não sabia como era.

Isso começou com uma reunião com um cara da Pastoral da Terra e o sindicato. Fizeram a reunião na escola, e eu vim. Daí uma menina de Belo Horizonte, chamada Janete, perguntou o que a gente queria fazer na comunidade para gerar renda, para a gente ter lucro. Tinham três comunidades reunidas, esperei eles responderem, mas não responderam. Daí eu disse a eles que meu sonho era a gente ter um espaço para a gente trabalhar com os jovens, para não precisar ir para São Paulo. Estavam abandonando os estudos, faziam só a 4ª série e depois iam para São Paulo. Eu queria manter esses jovens aqui. Daí ela disse que eu tinha uma semana de prazo para enviar o projeto para ela, mas eu nem sabia o que era projeto. Me disseram para procurar o sindicato, procurei, mas eles também disseram que não sabiam, e eu deixei. Daí um dia ligou para mim uma menina da Eletrobrás, me convidando para ir numa reunião em Salvador. Fui eu e minha cunhada para Salvador. Só depois dessa reunião é que nós criamos a associação. Então, veio o pessoal da Eletrobrás que, no início, era Petrobrás, depois passou para Eletrobrás, daí passou para o Centro de Referência de Cultura Negra de Belo Horizonte, e foram eles que deram toda a força para que a gente adquirisse a associação.

Além dessa festa do dia 4, tem outras festas importantes aqui da comunidade, que são comemoradas todos os anos?

Maria Joana - No Natal a gente também faz festas. Mas a nossa festa mesmo é no dia 4 de fevereiro, essa é tradicional. A gente faz outras festas, coloca mesa de leilão, faz um forró, mas a tradicional é a do dia 4 de fevereiro.

A religião de vocês é católica, todos vocês?

Maria Joana - É católica, mas aqui já tem bastante gente de outra religião, já está quase meio a meio.

E o candomblé, não tem?

Maria Joana - Tem.

Durante as festas quais comidas que tem e que sempre estiveram na comunidade?

Maria Joana - Tem o angu, polenta, feijão tropeiro, angu com ora-pro-nóbis, a canjiquinha que a gente mantém até hoje. Mas também quando a gente faz a festa aqui, para facilitar, estamos fazendo arroz com frango, além de biscoito e bolo de fubá enrolado em folha de banana.

E o bolo de folha, sabem se seus antepassados também consumiam?

Maria Joana - O bolo de folha é muito antigo mesmo, desde os antigos, minha mãe fazia bastante.

E o angu?

Mariana - Minha mãe gostava mais de comer angu que arroz.

Maria Joana - Angu, canjiquinha, ora-pro-nóbis e tinha o macunã. Mas hoje, graças a Deus, a gente não precisa mais comer o macunã, que é uma raiz que pegava lá no mato, uma coisa muito difícil. Mas graças a Deus hoje não precisa mais.

Mariana - O macunã é igual mandioca, uma raizona comprida, fazia mingau, angu, mas numa época que não tinha nada.

Idelina - Tem o biju, da massa da mandioca também, que faz ainda.

Os mais jovens, as crianças, vocês estão passando para eles o Curiango e outras danças?

Maria Joana - Nós estamos passando, mas hoje eles não estão tendo interesse não. É tanto que nosso grupo tinha 45 pessoas, e hoje acho que não chega nem a 15 pessoas. As meninas estão casando, e depois que casa não dança mais. Tem também a questão do estudo. Aqui só faz até o 3º ano e depois tem que sair para estudar e trabalhar. Só este ano já saíram seis do nosso grupo.

Quando eles saem daqui eles vão para onde?

Maria Joana - Eles vão para o interior de São Paulo.

Para fazer o quê?

Maria Joana - Para trabalhar, apanhar café...

Idelina - ... corte de cana...

Maria Joana - ... para o corte de cana, os jovens até que não estão indo muito não. Mas entram nessas usinas de cana.

Idelina - Colher laranja.

Eles mandam o dinheiro para cá?

Maria Joana - Não. Graças a Deus, hoje, as famílias não estão precisando. Às vezes o meu filho vai para lá trabalhar, mas ele vai fazer para ele mesmo, eu não preciso que ele me mande o dinheiro dele. O dinheiro dele é para ele, eu mesmo estou com dois filhos lá, mas o que ele faz é para a vida dele.

Esses que saem para a colheita do café e corte da cana falam como é a situação do trabalho deles lá, se eles conseguem ganhar alguma coisa, ou se é muito difícil?

Maria Joana - Sim, eles ligam toda semana para falar, e hoje em dia liga até que quase todo dia. É assim, trabalha três ou quatro meses para passar oito meses. Que o dinheiro que entra aqui é o que eles buscam lá na colheita de café e corte de cana. Então esse dinheiro é dividido por um ano. Por exemplo, eu trabalho quatro meses, mas sabendo que tenho que passar com esse dinheiro mais oito meses com o mesmo dinheiro.

Aqui tem plantio de quê?

Maria Joana - Milho, manaíba, feijão e cana. Antes a gente plantava de tudo, arroz, feijão, só que agora está dando pouca chuva. Feijão e arroz não estão dando mais. Daí não plantamos, ou só bem pouquinho. De primeiro a gente vivia só com isso, milho, feijão, arroz, abóbora, quiabo. Essas outras coisas ainda plantam, o milho, feijão, a cana, manaíba, o feijão andu, feijão fava, feijão de corda, abóbora, ainda planta. Fazemos uma hortinha.

De artesanato, tem alguma coisa que vocês produzem aqui?

Maria Joana - Aqui tem umas pessoas que aprenderam bem a fazer o cesto com palha de milho. Mas com a estiagem dá pouco milho, e com a palha que tem não dá para fazer. Tem a argila também, para fazer as panelas de barro, e tem bastante gente aqui que faz. Mas a juventude não gosta muito de fazer. Porque faz, mas não é um dinheiro que chega na hora, é preciso esperar. Nem transporte a gente tem para carregar essas coisas. Mas saber o pessoal sabe, a panela de barro, o cesto de palha de milho, de palha de banana. Só que essa matéria-prima fica em falta para nós também, porque se não tiver a chuva não tem o milho e não tem a palha da bananeira.

Aqui na com comunidade tem escola?

Maria Joana - Tem a creche, o prezinho e da 1ª até a 8ª série, aqui na comunidade. Depois disso vai para Boa Vista, aí tem o carro que pega. E lá faz do 1º ao 3º ano do ensino médio. Daí os que podem continuar, continuam; os que não podem, param. A maioria só faz mesmo até o 3º ano.

Maria Aparecida Machado Silva, José Elias Machado, Maria Ribeiro Sirina
Comunidade Córrego do Rocha

Agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo

A memória da escravidão, ou de um modo de vida escrava, ainda é latente para algumas pessoas que vivem em terras de ex-escravos. Esse é o caso de José Elias Machado, de 82 anos, que mora na comunidade Córrego do Rocha. Ele ainda lembra de seus pais contando da vida sofrida e privada de direitos. “Quando a gente não queria trabalhar, escutava do meu pai assim: ‘agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo’. Para comer tinha que trabalhar, para receber dinheiro tinha que trabalhar, se não, ficava aí, que nem animal no campo.”

As memórias são duras, mas também contribuem para a conscientização de direitos adquiridos, como bem lembra Maria Aparecida Machado Silva. "Hoje em dia, tanto o homem como a mulher que trabalham durante um dia, fazendo qualquer serviço, ganham o mesmo valor. Antigamente, não, a mulher era obrigada a trabalhar dois dias para ganhar um dia igual do homem", enfatiza.

Bonita é a história da mãe de dona Maria Ribeiro Sirina, parteira de mão cheia, muito requisitada pela comunidade. Foram incontáveis nascimentos de netos, parentes e amigos em toda região, e até mais longe. Chegam a contar que Rosa Sirina, era esse seu nome, chegava a fazer até três, quatro partos por dia. "Aconteceu dela ficar a noite inteira correndo de uma casa para outra fazendo parto. Tinha que ir avisando as famílias tudo que precisava fazer enquanto corria de uma casa a outra", relata Maria Aparecida.

Maria Aparecida Machado Silva – Sou nascida e criada aqui na comunidade Córrego do Rocha, município de Chapada do Norte. Há dez anos sou líder comunitária, já estou no segundo mandato como presidente da Associação Comunitária União Quilombola da comunidade, e há três anos como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Chapada do Norte. Tenho 38 anos, três filhos e gosto muito da comunidade, a minha vida é aqui.

E o senhor?

José Elias Machado – Tenho 82 anos.

Seu José, conta aquela história da certidão de nascimento, que o senhor estava contando para gente?

José Elias – Sim. Nasci no Córrego do Atanasi, filho de Margarida e João da Rocha. Quando eles morreram, eu não tinha nada, fiquei desprezado dentro de casa, só tinha querosene e água lá dentro. Para eu me manter, meus tios davam arroz, canjiquinha e andu, mas para eu ganhar isso tinha que trabalhar de joelho. E fui crescendo assim, ganhando meu sustento, ganhando meus 100, 200 réis, quando vim para o município de Chapada, e depois ainda fui para São Paulo. Lá não deu certo e depois ainda fui para o Paraná, fiquei um tempão e foi onde melhorei a minha situação, e hoje estou nessa posição. Me casei aqui com duas irmãs, aqui nesta comunidade e estou aqui até hoje, pela gloria de Deus.

O senhor casou com duas irmãs?

José Elias – Com duas irmãs, primeiro com uma, que morreu, voltei e casei com a outra.

Quantos filhos o senhor tem?

José Elias – Doze, mas tem poucos por aqui. Aqui acho que só três.

Maria Aparecida Machado Silva – Cinco filhos aqui. Maria José, Nadi, Marlene, eu...

José Elias - ... e Estela...

Maria Aparecida - ...Estela também, e Vanusa, seis.

E a senhora, como é o nome da senhora, e idade?

Maria Ribeiro Sirina – Esse é meu nome, mas sou conhecida como Lia. Tenho 68 anos, sou nascida e criada aqui. Meu pai morreu, estava com sete anos de idade, e foi minha mãe que lutou para acabar de nos criar, que éramos em quatro irmãos. Depois, uns casaram, outros morreram, agora aqui dos irmãos só tem eu.

Sua mãe, pais são todos daqui?

Maria Ribeiro – Minha mãe é de lá para os lados de Minas Novas, mas casou com meu pai que é aqui do Córrego.

Quantas famílias tem aqui?

Maria Aparecida – Que permanece mesmo aqui, se minha contagem não estiver errada, são 48 famílias.

E quantos anos tem a comunidade?

Maria Aparecida – Ah, essa informação eu não tenho.

Talvez uma idade aproximada pela idade de algum habitante?

Maria Aparecida – Ah, deve ter uns 150 anos, pela idade das pessoas que já moraram aqui. Comparando os filhos que ainda são vivos, em torno de 150 anos ou mais.

Qual a origem do nome da comunidade, Córrego do Rocha?

José Elias – É porque os mais velhos tinham a família de Rocha e Souza, e daí veio esse nome.

E o córrego é por quê?

Maria Aparecida – São duas histórias contadas. Uns falam que é pelo perfil da comunidade, já que tem muitas rochas. Inclusive, percorrendo daqui para trás, dá para ver quantas lapas infinitas tem. São rochedos que dá para ver daqui, embora por quilômetros dá para observar que é a mesma rocha. Esse é um lado da história. O outro que se conta é que a primeira família que morou aqui foi a família Ribeiro Rocha. Inclusive, a história contada é que ele é, o que mesmo da senhora, o José Ribeiro da Rocha?

Maria Ribeiro - Meu avô.

Maria Aparecida - Avô dela. Contam que são filhos dos primeiros moradores aqui da comunidade.

Quer dizer que ela é neta do primeiro morador da comunidade?

Maria Aparecida – No caso, eu sou bisneta de José Ribeiro Rocha, pelo lado da minha mãe.

Mas a mãe dela é irmã da senhora?

Maria Aparecida – Prima.

Aqui tem mistura de negro com índio?

Maria Aparecida – Não. Tem mistura de negro com pessoas de cor mais clara, que casaram ou vieram menores de outra comunidade. Mas somos total quilombola.

E essa questão do reconhecimento quilombola, esse autorreconhecimento, é recente ou vocês já conhecem há muito tempo?

Maria Aparecida – A gente já conhece há muito tempo, mas deve ter mais ou menos uns 10 ou 12 anos que nós ouvimos falar sobre o que é ser quilombola. Mas aceitação da comunidade não tem muito tempo não, tem em torno de cinco ou seis anos. Inclusive, eu acredito que ainda tem pessoas que não sabem falar com muita clareza o que é ser quilombola. Mas todos se autoidentificam.

Quando você diz que essa aceitação aconteceu há cerca de cinco ou seis anos, como aconteceu essa aceitação?

Maria Aparecida – Falo isso porque foi depois de vir algumas pessoas, igual vocês vieram. E vêm falando sobre o assunto. Isso foi despertando a curiosidade das pessoas.

Através dessa junção foi que nós fomos solidificando o que é ser quilombola. Mas, contando a história de antes, a gente se identifica como quilombola desde o nascimento.

Vocês têm título?

Maria Aparecida – Ainda não, mas já estamos cientes do que nós queremos. Inclusive domingo passado fizemos uma reunião da associação. A nossa associação foi alterada para ser associação quilombola. É uma associação que foi criada em 2000, com o nome de Associação Comunitária Boa Esperança. Depois de 2009 para cá, foi feita a alteração do nome dessa associação. E com a aceitação de todos, passou a ser Associação Comunitária União Quilombola de Córrego do Rocha.

Você falou que vocês conhecem há muito tempo essa história de ser quilombola. Vocês têm histórias ou sabiam que eram descendentes de ex-escravos? Desde pequeno seus avós falavam sobre isso?

José Elias – Falavam.

E quais as histórias eles contavam?

José Elias – A história de um fazendeiro que era dono disso tudo aqui, eu me lembro, chamava-se Antônio Paulo. Fazia cerca, todo mundo era escravo. Inclusive meu pai trabalhou muito, e minha mãe também trabalhou muito levando coisas na cabeça, sendo escravo.

Com quantos anos seus pais morreram?

José Elias – Minha mãe morreu com 70 e poucos anos.

E quanto tempo faz que ela morreu?

José Elias – Não lembro.

Maria Aparecida – Acho que há uns 15 anos, eu já estava moça quando ela morreu.

Então quando o senhor fala que eles eram escravos, isso foi no começo da vida deles?

José Elias – É, no começo da vida.

Parece então que em torno de 80 anos atrás, mais ou menos?

José Elias – Acho que é isso mesmo.

Mas quando fala escravo, como é isso que o senhor está falando, como eles viviam para o senhor dizer que eles eram escravos?

José Elias – Não tinha direito de nada. O direito deles era trabalhar e pronto, para comer.

Porque nessa época os escravos já estavam libertos, teoricamente, deveriam estar. Por isso que estou perguntando para o senhor se era naquele modelo de muitos anos atrás, de 300, 200 anos atrás, ou qual a diferença de como eles viviam essa vida?

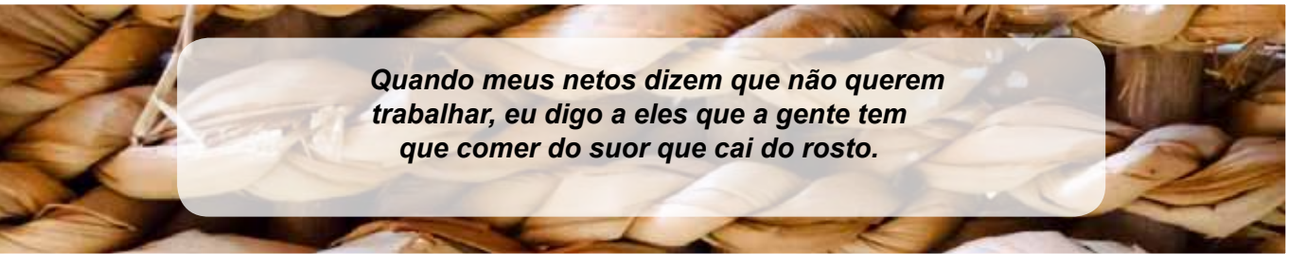
José Elias – Mas foi como eu falei para a senhora.

E o senhor lembra disso?

José Elias – Eu lembro um pouquinho. E de criança, lembro da minha mãe e meu avô falarem, o Isidoro e a Antoninha Machado.

Então os pais do senhor também viviam dessa maneira?

José Elias – Viveu, foi pouco mas viveu. E aí eles explicavam para nós, quando a gente não queria trabalhar, ele falava, "agora vocês estão libertos, mas eu me criei foi como escravo". Para comer tinha que trabalhar, para receber dinheiro tinha que trabalhar, se não ficava aí, que nem animal no campo. Eu sempre estou nessa peleja.



E esse homem, esse fazendeiro, o que aconteceu com ele?

José Elias – Ficou em nada. Quando ele morreu, não tinha nem um lenço para amarrar no queixo, a filha dele tirou da cabeça e amarrou no queixo dele, não tinha nem caixão. Aqui tem pessoas que conheceram ele um pouco, que ouviram falar, tem neto, sobrinho dele.

Falando um pouco da memória, do dia a dia da comunidade, e lembrando das festas que a comunidade sempre fez. Tem alguma festa que vocês lembram de infância que não acontece mais? Ou festa que acontece até hoje?

José Elias – Nessa época eu não lembro, mas só havia missa, festa não.

Qual a religião que as pessoas da comunidade seguem?

José Elias - Igreja Católica.

E o candomblé tem aqui?

Maria Aparecida e José Elias – Não.

E ligada à Igreja Católica, tem alguma festa que acontece todo ano?

José Elias – Tem a festa do Rosário, de Santa Cruz, de Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus.

E durante essas festas, que tipo de dança e música acontece?

Maria Aparecida – Acontecem os forrós e, às vezes, acontece apresentação de congada de outra comunidade. Não são em todas as festas não, mas tem "bateção" de tambores. E tem as músicas próprias das festas mesmo, em alguns trechos cantam refrões, tem a procissão. Costuma a procissão sair da casa dos festeiros e vir até a igreja, e nesse percurso as pessoas vêm cantando e dançando, batendo tambor.

Em que época acontece essa festa?

Maria Aparecida – Ela acontecia até um tempo atrás, em outubro. Só que foi sempre sendo atrasada a data por conta das imigrações. A maioria das pessoas, principalmente homens que imigram, acabam perdendo essa cultura. No momento ela estava acontecendo em dezembro, e, de três anos para cá, ela já vem acontecendo em janeiro. Porque antes do Natal os migrantes ainda não chegaram, e entre o Natal e Ano Novo fica muito apertado, muita festa junto. Agora ela acontece sempre no início de janeiro.

Mas vocês sabem se as coisas se perderam ao longo desses últimos 100, 200 anos nessas danças? Nessa comunidade vocês não preservam como em outras?

Maria Aparecida – Um pouco. Inclusive ficou uns seis, sete anos sem

acontecer essa festa, e a gente precisou de ajuda para acontecer esse resgate. Aí houve um resgate para voltar a acontecer essa festa. O motivo foi que acabou ficando um esperando pelo outro, e aí em 2011 ou 2012, não tenho muita certeza, foi que houve esse resgate, e agora ela está acontecendo com bastante responsabilidade.

A senhora, dançava antigamente?

Maria Ribeiro – Quando eu era mais nova eu ia nas brincadeiras. Tinha casamento e a gente ia, dançava o Nove, Caboclo, e usava o forró também?

Sempre teve o forró?

Maria Ribeiro – É, sempre teve.

Com sanfona?

Maria Ribeiro – É, com sanfona.

Mesmo na infância da senhora era o forró?

Maria Ribeiro – Era forró e a gente dançava muito.

O senhor também, ou tinha alguma outra, catira não tinha aqui?

José Elias – Não tinha não, só forró.

O seu Zé estava contando a história dos ex-escravos, das lembranças dele. A senhora tem alguma lembrança também do que seus antepassados contavam sobre vocês serem descendentes de ex-escravos?

Maria Ribeiro – Eu lembro mais de quando minha mãe ficou viúva, penava muito, trabalhava fora, e nós mais ela ajudando. No mais, eu conto da vida daí pra cá, mais que isso eu não lembro não.

Vocês conheceram suas bisavós?

José Elias – Não.

Maria Ribeiro – A minha bisavó, por parte do meu avô, eu conheci; da parte da minha mãe não.

E a senhora lembra das histórias que ela contava?

Maria Ribeiro – Não, não contava nada. Minha avó era muito simples.

E ela era daqui também?

Maria Ribeiro – Era, era do Souza. E meu avô era daqui também.

José Elias – Nascido e criado aqui mesmo.

Quando você fala que as pessoas daqui têm esse autorreconhecimento como quilombolas, quais outras histórias você lembra em relação a isso, do que você ouve aqui mesmo, memória que a gente pudesse registrar?

Maria Aparecida – Uma coisa que se perdeu aqui foi em relação ao artesanato, aqui tinha muito. Muitos artesanatos próprios da comunidade, com a fábrica de esteira. A mãe da Lia era uma artesã de barro, fazia panelas, bote, botijas de barro, levava para festas em outros municípios para vender, para subsistência. Tecia seus cobertores, as calças de algodão, que usava antigamente, as vestes eram totalmente diferentes da atual.

Uma coisa também que acabei lembrando, ouvindo eles falarem sobre a escravidão. Hoje em dia, mulher e homem trabalham, durante um dia de serviço, para um vizinho, e o mesmo valor que paga para a mulher paga para o homem. Antigamente, não. A mulher era obrigada a trabalhar dois dias para pagar um dia igual do homem. Então isso não deixa de ser uma escravidão diferente, mas é.

Sobre o direito de trabalhar fora, eu ouvi muito que as moças que iam para colheita do café, por exemplo, não eram moças confiáveis culturalmente. Eles achavam que porque viajou para fora perdia-se um pouco a cultura familiar. Hoje em dia isso é normal. É até comum que as moças hoje em dia larguem da escola para ir para a colheita do café, por necessidade. E antigamente tinha essa privação, por cultura.

O pessoal aqui vai muito para São Paulo?

Maria Aparecida – Muito, a migração aqui é fortíssima.

E sempre foi, aumentou, diminuiu?

Maria Aparecida – Aumentou. Sempre foi, mas aumentou muito. Que antes eram só os esposos, e hoje vai o esposo, esposa, filhos mais velhos. Tem muitas famílias que são obrigadas até a deixar crianças com outras famílias para viajar.

Quanto tempo eles ficam fora durante o ano?

Maria Aparecida – Quando vai para a colheita de café, tem ano que são três, quatro ou cinco meses, porque muitas vezes acha que o valor que ganhou lá é muito pouco para retornar e ficar o restante do período na região. Então termina a colheita numa fazenda e vão para outra. Mas varia muito, tem pessoas que acabam adoecendo lá e não ficam nem três meses, são diversas as histórias.

Mas, em geral, quanto vale a pena? Pergunto porque tem muitas histórias sobre a colheita de café e cana, de trabalho não remunerado de maneira adequada, de condições de trabalho muito ruins. Muitas vezes eles não podem nem sair por contraírem as dívidas de alimentação, de transporte, tudo isso. Essas pessoas vivem isso lá ou você não tem conhecimento?

Maria Aparecida – Tem, sim, alguns casos de descaso. Pelo que eu ouço contar, porque não é uma coisa vivida por mim, mas é de muito meu interesse e acabo perguntando para as pessoas... Muitas vezes se fecha contrato de como vai ser a maneira de trabalho, de pagamento etc, os responsáveis são chamados de "gato". Então, é uma coisa ilegal, quem tem que responder como é a maneira de trabalhar, ou de receber, são os trabalhadores e não um responsável pelos trabalhadores. Eles assinam e depois, quando começam a trabalhar, não é do jeito esperado de quando saiu daqui.

Aqui tem escola? Até que série?

Maria Aparecida – Tem sim. Da pré-escola até a 4ª série.

E depois disso?

Maria Aparecida – Aí vai para uma comunidade vizinha, que é uma comunidade polo, Batieiro, que vai da 5ª série até o terceiro ano.

É próxima a comunidade de Batieiro daqui?

Maria Aparecida – Não é tão longe, mais ou menos uns 5 quilômetros.

E eles vão como?

Maria Aparecida – Varia. Alguns vão de carro, ultimamente a gente está com uma demanda de um grupo de 13 alunos que vão a pé. Eles vão a pé, porque a escola vai cada vez mais crescendo o número de alunos, e precisa ter divisão de turma. Aí a turma que vai no turno da tarde tem o transporte escolar, mas a turma que vai pela manhã já não tem. Aí eles saem mais de uma hora antes do horário começar para chegar lá a tempo. Ou eles acabam perdendo o primeiro horário.

E com relação à comida que vocês tinham antigamente, pensando em bem antes, vocês mantêm alguma coisa?

José Elias – Tem algumas coisas que eu ainda faço, angu, abóbora.

Maria Aparecida – Toda comunidade faz.

José Elias – Faço canjiquinha, coloco osso de boi, de porco dentro.

Maria Aparecida – Bolo de fubá ainda tem as quitandeiras que fazem. Eu confirmo isso com toda clareza, porque nas épocas de festas, por exemplo, a gente ainda tem a cultura de fazer bastante biscoito caseiro e distribuir para os participantes da festa.

A senhora é filha de parteira.

Maria Ribeiro – Sim.

E a senhora é parteira também.

Maria Ribeiro – Não.

O que a senhora lembra da sua mãe, desses anos todos que ela foi parteira, a senhora pode contar um pouco para a gente?

Maria Ribeiro – Ela era doente, mas as pessoas chamavam e ela ia. Mas ela foi adoecendo, enfraquecendo.

Ela era a única parteira daqui.

Maria Ribeiro – No princípio era, depois tinha mais, que vinha de longe, mas sempre chamavam ela.

E ela ia para onde?

Maria Ribeiro – Aqui mesmo na comunidade, mas ia fora também.

Deve ter muita gente aqui que nasceu pelas mãos da sua mãe.

Maria Aparecida – A maioria. Os filhos da minha mãe mesmo. Minha mãe conta que todos os filhos dela foi a dona Rosa, a mãe da Lia, que recebeu. Tinha casos de mães que ficavam até três dias em trabalho de parto, mas acabava nascendo em casa.

Como é o nome dela todo?
Maria Ribeiro – Rosa Sirina.

Ela morreu com quantos anos?
Maria Ribeiro – Ela já tinha quase 70 anos.
E teve alguma parteira que ficou no lugar dela?
Maria Ribeiro – Tinha ficado, mas já morreu, era a Maria Inácia. Ainda tinha uma outra que também já morreu. Mas agora ninguém está usando isso mais.

Quando ela foi embora será que ela tinha noção de quantos partos ela tinha feito?
Maria Ribeiro – Acho que quase uns 40.
Maria Aparecida – Muito mais, muito mais.
Trinta anos, dá para nascer muita gente.
Maria Ribeiro – Eu mesmo tenho sete que foi ela que fez.
Maria Aparecida – O Lia, a senhora lembra dela contando que tinha noite que ela fazia três, quatro partos no dia. Isso foi eu ouvindo contar. Mas lembrei de uma vez que ela deu uma entrevista falando que a mãe dela falava que até atravessava rio no meio da noite. Tinha que ir avisando o que as famílias tinham que fazer com outro parto, até ela chegar. Então, já chegou acontecer de ela ficar uma noite inteira saindo de uma casa para outra fazendo parto.

A sua mãe era parteira e seu pai trabalhava em que?
Maria Ribeiro – Meu pai morreu eu estava com 7 anos. Mas trabalhou em lavoura.

O que vocês plantam ainda hoje aqui na região?
Maria Ribeiro – Aqui é milho, manaíba, feijão, andu, cana.

E carne, que tipo de carne?
Maria Aparecida – Porco, frango.

Vocês comentaram do artesanato, da esteira, da calça, do cobertor, nada disso mais é feito?
Maria Aparecida – Não, não. O artesanato mais recente que teve aqui foi o artesanato de palha de milho. Os filhos dela, minha irmã mais velha. Inclusive tem uma professora que está trabalhando aqui, que foi uma das artesãs, ela deve ter muita história para contar. Eles trabalhavam durante o dia na lavoura, e de noite tecia, fazia tamburete para sentar, sacolas, porta jóias que ainda tem no município de Chapada do Norte, Gravatá. Ainda fazem. Mas aqui na comunidade ninguém aprendeu para dar continuidade. As pessoas que aprenderam casaram e mudaram para outras comunidades, ou outras cidades. Foi o último artesanato aqui. Outro artesanato forte aqui era o de couro de boi, as camas eram feitas de couro de boi trançado.

Do ponto de vista de direitos como povo quilombola, o que vocês têm batalhado para ter aqui na comunidade?
Maria Aparecida – Como assim, você fala para a comunidade adquirir?

Exato. A questão da terra aqui é tranquila?
Maria Aparecida – É tranquila até certo ponto, que não foi certificado ainda como quilombola, mas todas as famílias têm seu pedacinho de terra, sua morada própria, que foi herdado, uns compraram de outros. Mas em relação à terra dizem que já foi muito difícil, eu já ouvi muitas histórias de um proprietário invadir a propriedade do outro, às vezes esperar as famílias dormirem para abrir picada e cercar o pertence do outro. Mas isso foi há muitos anos, hoje em dia é tudo organizado. Muitos não têm ainda documento legal da terra, mas têm sua propriedade marcada.

E outras questões, quando vocês vão atrás de governo federal, prefeitura, governo estadual, que tipo de coisa que vocês pedem para cá e que não vem?
Maria Aparecida – Olha, são vários os direitos que hoje em dia a gente está mais organizado enquanto comunidade. Nós aprendemos a cobrar coletivamente. Um tempo atrás as pessoas se mexiam de modo individual. Hoje em dia nós nos reunimos. Como o caso do transporte escolar para os meninos. Há uma desigualdade muito grande. Tem mãe aqui que pode falar isso, que vê um filho tendo que ir andando para a escola, passando fome até, porque quando a aula termina, só depois de uma hora é que vai chegar em casa. Enquanto outro filho pega um transporte perto de casa e vai para a escola e volta.
Eu não estou vivendo isso no momento, mas logo logo pode acontecer de eu passar por isso. Não precisaríamos estar passando por essa situação. Por exemplo, nossas estradas, pelo número de famílias que temos, nós temos bastante deficientes,

a gente nem pode usar esse termo, são os PNE, e aí essas pessoas não têm uma assistência adequada. São crianças que às vezes não caminham, e depois ficam pessoas isoladas.

Eu, como liderança, sofro com isso porque sei o direito que essas crianças têm, e não está sendo feito. Na área da saúde aqui tem um número grande de hipertensão, e são idosos, mas precisam pagar transporte para sair daqui e ir no polo, lá em Batieiro para fazer uma consulta, dando uma volta de quilômetros. Enquanto aqui é tão pertinho. Caso a estrada tivesse sendo mantida, organizada, eles poderiam pagar um valor menor, além de ir com mais rapidez. Ou até mesmo, uma coisa que já está com meio caminho andado, de uma vez por mês a gente ter atendimento médico.

Uma ou duas vezes no mês, estamos decidindo, alguns equipamentos já estão chegando. Nós conquistamos entre 2011 e 2012 um centro comunitário, um espaço bem organizado, mas só temos o espaço, não estamos utilizando porque não está acabado. Não tem energia, água, cadeiras. Então, um dos objetivos mais urgentes que temos é ampliar esse espaço. Porque esse espaço foi pensado para dar assistência aos PNEs, para as crianças que são dependentes e não estudam, eles não têm diversão.

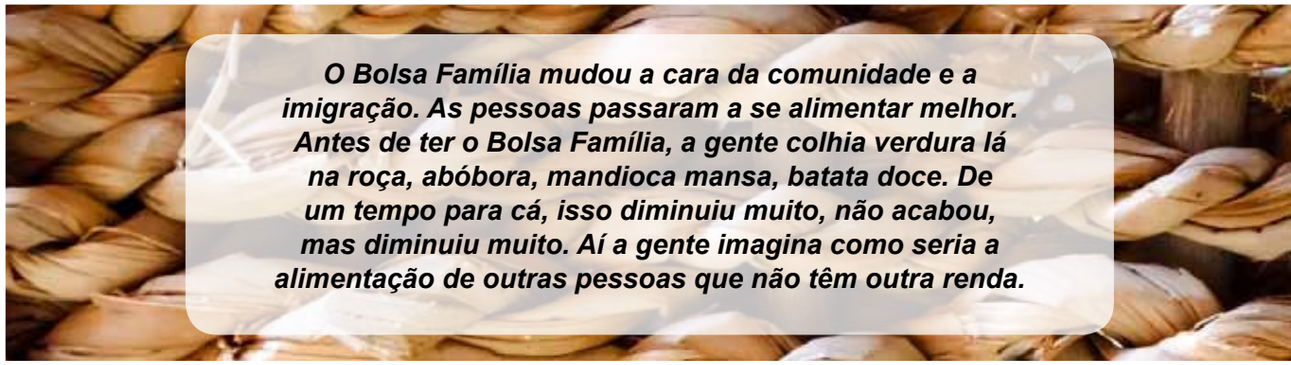
Tem o artesanato, mas é preciso ver qual é o forte dessas crianças para elas desenvolverem e para se sentirem gente. E sobre a renda das mulheres dos migrantes, que, por enquanto, não tem outro caminho. Essas mulheres não precisarem ficar esperando o Bolsa Família, que, para nós, é muito útil, mas ao mesmo tempo é uma miséria. Nós não queremos ficar só no Bolsa Família. A maioria das mulheres aqui, ou quase todas, não tem outra renda a não ser da imigração, aposentadoria por idade ou Bolsa Família. A renda que gira a comunidade é essa.

As pessoas que ficam aqui vivem como?

Maria Aparecida – Aposentadoria, a renda do Bolsa Família, que veio a mudar a cara da comunidade e a imigração.

Mudou a cara da comunidade em que sentido?

Maria Aparecida – Que as pessoas passaram a se alimentar melhor. Antes de ter o Bolsa Família a gente colhia verdura lá na roça, abóbora, mandioca mansa, batata doce, e de um tempo para cá isso diminuiu muito, não acabou, mas diminuiu muito. Aí a gente imagina como seria a alimentação de outras pessoas que não têm outra renda.



Todo mundo que deveria receber recebe?

Maria Aparecida – Não, nem todo mundo. Aqui ainda tem umas três famílias que estão dentro do perfil para receber o Bolsa Família e ainda não acessou. Aqui tem família que quase passa fome.

E por que não acessou ainda?

Maria Aparecida – A gente não tem essa resposta. São perguntas que são feitas quase todos os dias, e é só sofrimento. Eu mesmo já pensei assim, porque eu mesma não tiro do que eu tenho para ajudar essa família, todo mês. Só que eu penso, tenho também os meus filhos, seria como desvestir um santo para vestir outro. São famílias que passam por muito sofrimento, por conta da situação financeira. Procuramos ajudar essas famílias da melhor maneira possível, mas tem coisas que não estão no alcance da gente.

E a qualidade da água aqui?

Maria Aparecida – É boa. Nós temos o poço artesiano, já conquistamos a cisterna de 16 mil litros, que é água de comer e beber. E algumas famílias já têm até água de produção, que é o sistema p1+2.

Cida, você tinha falado da festa de Nossa Senhora Aparecida, que é a mais importante, onde vocês dançam, cantam um pouco. Quando acontece essa festa aqui?

Maria Aparecida – Ultimamente está acontecendo em janeiro. Ano passado aconteceu dia 5 de janeiro. Esse ano aconteceu dia 4 de janeiro, por causa da migração. O povo está ficando cada vez mais tempo fora.

Como ela acontece, durante o dia, de noite?

Maria Aparecida – Ela começa no início da noite. A gente reza um terço na casa dos festeiros, depois do terço serve um lanche para as pessoas que foram no terço. Depois do terço tem a procissão que vem com a imagem de Nossa Senhora Aparecida para a comunidade, e levanta o mastro. Mas antes, durante esse percurso da casa do festeiro para a igreja, aí tem danças e os tamborzeiros, a gente vem cantando e dançando. Depois do levantamento do mastro tem a mesa de leilão, ou se tiver bingo e alguma outra coisa, para arrecadar renda para manter a igreja. E depois do leilão começa o forró e a festa continua, com comes, bebes e tudo.

Essa cantoria que vocês vão apresentar para gente é o quê?

Maria Aparecida – É uma cultura que a gente fala de "jogar verso".

Isso é antigo também?

Maria Aparecida – Eu conheço desde a minha infância. Na escola isso era muito forte. Era muito separada a brincadeira de menino com a brincadeira de menina. A maior parte das meninas brincava de roda, tinha os refrões culturais, e cada um jogava o verso que queria. Mas isso é bem antigo.

Minas Novas

Município criado com a denominação de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas do Fanado, em 1728, também explorado por bandeirantes paulistas, ganhou o nome definitivo de Minas Novas, em 9 de março de 1840. A descoberta de ouro girou em torno dos afluentes do Rio Fanado, iniciando rapidamente um núcleo populacional, tendo como base uma capelinha erguida em homenagem a São Pedro .

A devoção sempre foi uma vocação da comunidade, desde o início de sua história. Com a exploração do ouro, a vinda dos escravos africanos trouxe um novo modo de vida e fé para a região: a devoção a Nossa Senhora do Rosário e o conhecimento da mineração que já praticavam em suas terras. Esse conhecimento mudou o patamar na exploração de ouro, inclusive valorizando os escravos detentores dessa sabedoria.

Também a consolidação de uma irmandade, como aconteceu com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, foi preponderante para a rápida ascensão do município, passando de arraial para vila, primeiro de Bom Sucesso, e depois a denominação de Minas Novas. É que a lei imperial vigente determinava que, sem uma confraria não tinha como criar uma vila, já que se vivia no período do padroado. "A igreja era o estado e o estado era a igreja", como bem lembrou José Henrique Mota Barbosa, atual provedor da Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos, de Minas Novas.

Além de uma infinidade de manifestações culturais típicas da cidade, como o congado e a Folia de Reis, também a culinária e o artesanato são abundantes, tanto na cidade como nas comunidades quilombolas do entorno. Especialmente em duas localidades históricas do município, encontram-se grande parte dessa produção. Um é o mercado municipal, que, principalmente aos sábados, abriga produtores de toda região com especiarias diversas de hortaliças, doces e cachaças, muito representativas da cidade. A outra é o Sobradão, prédio construído no século XVIII, com características da arquitetura colonial, onde abriga a Associação dos Artesãos de Minas Novas, com peças de cerâmica e argila.

Estima-se que em Minas Novas existam cerca de 156 pequenas comunidades rurais, que trabalham a semana inteira preparando os produtos para vender no mercado municipal no sábado. Eles colhem a mandioca, descascando, ralando e torrando, para fazer a farinha; produzem os doces, preparam o urucum, para, na madrugada do próprio sábado, os produtos estarem frescos para a venda e consumo.

Especiaria fundamental na região é a farinha de milho. O processo de preparo é curioso e rudimentar. Começa no cultivo, passa por debulhar o produto com as próprias mãos e, na hora de lavar, como a maioria dos produtores moram em regiões ribeirinhas, enchem sacos de algodão com o milho e colocam na correnteza do rio, amarrados numa árvore. É deixado no rio por alguns dias, e a água vai lavando a apurando esse milho, levando embora as impurezas. Depois de lavado com a peneira, colocam para secar e moem bastante, para depois colocá-los em fornos de barro.

O artesanato local tem bastante representatividade, como as famosas bonecas de cerâmica, com muitas mestras artesãs já famosas, e a tradição perpetuada por gerações. Mas também chama a atenção a arte de luteria de Mestre Antônio de Bastião, especialista em tambores e caixas. Em 2001, ele foi reconhecido como mestre artesão pela Fundação Artística de Ouro Preto, por mérito e técnica de passar tantos anos ensinando pelo método da oralidade. Para deixar registrado, Mestre Antônio sempre menciona a figura de seu avô, Artur Barreiro, com quem aprendeu o ofício e herdou as ferramentas para o trabalho de fazedor de tambores.

Até a data de 20 de maio de 2016, eram 8 as comunidades quilombolas de Minas Novas certificadas pela Fundação Palmares (Capoeirinha, Curralinho, Gravatá, Mata Dois, Pinheiro, Macuco, Quilombo e Bem Posta). Além disso, há uma comunidade remanescente de quilombo – Beira do Fanado Abaixo – com processo de certificação em andamento até a mesma data na Fundação Palmares.

Alino Rodrigues de Souza, Tila Rodrigues de Souza, Elias Alves Pires
Comunidade de Capoeirinha

Um córrego chamado Capoeirinha

No cruzamento de festas e danças populares com a cruel falta de água, a Comunidade de Capoeirinha vai construindo sua história de luta e alegrias. Festa do Divino, dança do Nove, Roda, Batuque, Vilão, tudo vira motivo para celebração, seja festa religiosa ou encontro informal com os amigos. O pessoal mais novo parece não estar muito engajado nas tradições, mas se depender dos mais velhos as manifestações culturais serão mantidas.

O outro lado da moeda é a falta de água, queixa constante em toda região. Atualmente, a comunidade de Capoerinha tem cerca 45 famílias, número bem menor do que já teve, em tempos passados. Era época diferente, quando o córrego chamado Capoeirinha transbordava de vida. “Cansei de ver meu pai cortando arroz com água no joelho, batia 30 sacas de arroz, mas secou tudo”, lamenta Elias Alves Pires. Ele comenta que a comunidade tinha dois poços artesianos, mas um secou. Sonha com a ideia da construção de uma barragem para distribuir água para todos ali.

Alino Rodrigues de Souza – Tenho 60 anos e sou da comunidade de Capoeirinha.

Tila Rodrigues de Souza – Tenho 48 anos e moro em Capoerinha.

Elias Alves Pires – Tenho 43 anos, sou conhecido como Tequinho, também de Capoerinha.

Vocês têm ideia da história da comunidade de vocês, há quanto tempo ela existe, quem eram os mais antigos, vocês lembram dessas informações?

Alino – A gente lembra de várias coisas de quando éramos crianças. Lembro de dança, o pessoal gostava muito de dançar forró caseiro. Festa de viola, tocar sanfona, mas com o tempo o tipo de som foi mudando. Mas eles gostavam muito de dança de viola, falava assim: "cantar paulista", "cantar caboclo", gostava demais, como ainda hoje ainda usam. Mas com o tempo, essa turma nova não quer mais ter uma brincadeira de viola, só mesmo os velhos que aproveitam.

Como era essa brincadeira de viola que você fala "cantar paulista, cantar caboclo"?

Alino – Sim, cantar em quatro pessoas, ou cantar em oito.

Elias - Em oito, quatro cantam de um lado, quatro respondem de outro e vão tocando na viola. Faz uma brincadeira, uma música que vem da nossa ideia mesmo. Eu mesmo já cantei muito e canto até hoje, quando tem uma festa. Eu faço festa em casa, e ainda acompanhando essa modernidade. Como em festa de Nossa Senhora do Rosário, festa de São João.

Você pode cantar um pouquinho para gente?

Elias – A gente canta mais bonito com a viola, quando estão os quatro emparelhados, um fala a primeira voz, outro a segunda, outro a requinta. Quando a gente está assim, reunidos para uma folia do Divino, tem o pouso e tem aquela chegada do Divino. Então o pessoal fica só sambando a noite toda. Aí senta ali e estuda, qualquer coisinha já faz um verso.

Alino – Nas festas não é todo mundo que agrada, mas em todo local tolera, o cara gosta de tomar uma cachacinha, ficar meio alegre e continua a brincadeira.

Elias – Mas eu vou cantar só o pedacinho de uma. Assim, a gente volta e fala: "vamos fazer um Nove, uma música que já foi do passado", e aí vamos fazendo aquele bem bolado. Agora deixa lembrar como vou começar, ajuda eu, gente. Por exemplo, se a gente vai cantar para uma mulher, como no tempo da juventude, eu mesmo já fiz isso, a gente fala assim: "A sua ausência amor...", i já esqueci, está vendo, "brincar meu nove, querida / eu vi a terra tremer / e diga amor, que começou a chover / meu coração, paixão, bateu forte por você".

Outro lá responde: "a sua ausência, amor, só me faz eu padecer / somente, querida, eu deixei de beber / só para dar certo, um dia, meu encontro com você". Eu fiz de conta assim, que antigamente eu era um cachaceiro, ninguém me queria, e fazendo de conta que larguei de beber, fui e fiz esse Nove. Fiz para cantar para uma menina, para ela ver que parei de beber e estava à disposição dela.

Alino – Mas isso cantava em oito pessoas, quatro de um lado e quatro de outro.

Tila – As mulheres também têm a Roda, Batuque, o Vilão. Então, uma canta um verso, outra responde esse verso, de brincadeira. Tem uma música que fala assim: "eu tenho meu cavalo com três pintas na quilina (crina) / quando quero ver meu bem, não tem sol e nem nuvina."

Elias – Aí outro já inventa outro verso, que pode responder assim: "você diz que canta verso / canta verso nem por isso / no dia que estou à toa / cantar verso é meu serviço". Um trovando, zoando o outro, na brincadeira.

Mas isso ainda acontece?

Elias – Acontece, acontece.

Alino – Mas só que está bem fraquinho.

Elias – É por causa da juventude de hoje, a turma mais nova, eles não querem saber dessas coisas, só de forró. Mas claro que eu também gosto de forró, não são só os novos não. Mas só que, se falar que é um samba de viola, para gente ir e todo mundo cantar, eu já vou mais alegre do que sendo o forró. Mas o dia que tem o forró eu também aproveito.

Tila – É mais bonito, os mais velhos gostam, mas os mais novos não estão querendo mais, só quer o forró. Mas é bonito quando a gente chega numa festa de viola e os homens estão cantando caboclo, o Nove, as mulheres estão cantando Roda, Batuque. Na hora que fazem o Nove, precisa fazer muitas filas.

Elias – É porque tem oito pessoas, e fica quatro de lá e quatro de cá. Tem uma primeira chamada e vai fazer esse nove que eu cantei, e vai fazendo as filas com carreira de quatro pessoas, e todo mundo passando de lá para cá, é muito bonito.

Tila – E quando é caboclo eles formam um caboclo e vai na sala, vai na cozinha, vai na varanda, vai no quintal, cantando, aquela fila de gente, os pares. Mas está acabando isso tudo.

LUMINA A NOSSA

Qual é a festa mais importante que acontece na comunidade, e quando ela acontece?

Elias – A mais importante é essa que estamos falando, a festa de viola. Acontece quando a gente quer, é só querer. Cada qual que tem sua casa e diz que vai fazer uma festa. Às vezes, eu tenho uma promessa de rezar um terço, por exemplo, dia 6 de agosto, do Senhor Bom Jesus, é dia de rezar terço. Dia de Nossa Senhora de Aparecida é dia de rezar. São João é dia de rezar, dia 24 de junho, e São Pedro, dia 29, vai indo assim. Daí reza um terço na casa da pessoa, e depois o dono da casa fala, que depois de rezar o terço, pode brincar, fazer uma festa de viola. E por aí vai, e costuma virar a noite.

E quando sai a Folia do Divino, todo dia de noite o Divino chega numa casa, onde a gente chama ali de pouso, que é onde o Divino vai pousar. O pessoal fala: "o pouso é na casa de fulano". Que nem eu mesmo, lá em casa, esperei o Divino e fiz uma festa. O Divino chegou, o pessoal chegou também e festejamos a noite toda. Todo mundo bebendo, todo mundo cantando, e por aí vai.

A Folia do Divino quando é?

Elias – Sempre sai em maio. Inclusive, lá em casa, foi dia 29 de maio e recolheu dia 2 de junho.

E participa muita gente?

Elias – Bastante gente, quando é dia de festa numa casa. Só no giro, tem umas quatro ou cinco pessoas girando. Chega na casa de um, à tarde, dorme lá, no outro dia cedo, sai de novo, vai para uma comunidade, faz a festa no final. Tem uma festa de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Novas, já faz parte também do Divino Espírito Santo.

Quantas famílias tem Capoeirinha?

Alino – Mais ou menos umas 45 famílias.

Diminuiu muito o número de família nos últimos anos?

Elias – Diminuiu muito, muito, muito.

Foram para onde?

Elias – Alguns foram para Minas Novas, outros foram para São Paulo. Por conta do lugar, cada vez que passa vai ficando pior. Quase não chove, choveu este ano, 30 dias no início, e, de lá para cá, só deu mais umas duas chuvinhas.

Vocês têm escola?

Elias – Essa aqui mesmo.

Até que série?

Elias – Aqui é de 1ª a 4ª série. Quando passa para 5ª, vai para Cruzinha, tem um ônibus que pega o pessoal.

E lá até que ano?

Elias – Até o terceiro ano. Essa parte está boa, mas a pessoa sai por conta da prioridade. Porque hoje para mexer com algo que dá renda tem que ter água suficiente, água sobrando, mas não tem água para todos mexerem com algo que vale a pena, aí cada dia que passa você vê sair um. Tinha lugar que tinha cinco, seis moradores emboladinhos, ali no povoado. Agora só se vê um, dois, naquele local. Tem um bocado em Nova Serrana, outros em Minas Novas, São Paulo, Restinga, daqui mesmo tem muita gente na Restinga, na região de Franca.

Alino – Na questão de prioridade é água, cada dia fica pior. Já tem um tempo que a produção de alimento cai, o povo vivia mais do trabalho. Na verdade, a maioria das pessoas está esmorecendo, porque é todo ano perdendo lavoura, todo ano perdendo lavoura. Vai indo que o cara esmorece. Aqueles que vão percebendo que não está tendo produção, vão saindo devagarinho, um atrás do outro, e vai esvaziando.

Não tem água corrente aqui mais. Em Capoeirinha mesmo, só água de poço artesiano, assim mesmo, pouca, e não de boa qualidade. E até o rio que permeia aqui, o Capivari, já acontece dele estar secando até o monte de cima. É ele que passa dentro de Chapada do Norte, ele secou até para cima daqui. Aqui é um lugar muito tranquilo, mas está deixando a gente esmorecer por falta da água, até por falta dos interesses políticos.

Para a gente interessa ter um local para fazer barragem, o que seria uma tranquilidade para dar água para as vacas, os porcos. Mas, infelizmente, o governo do nosso município, entra um, e sai outro, cada um pior que o outro. Se tivesse máquina para fazer barragem, para ajudar a segurar aquela água que chove, e vai embora, nós poderíamos ter. Mas não estamos achando apoio. Porque o que nós vemos nos jornais, é que o governo federal está dando mais tranquilidade para as pessoas da zona rural, mas os governos do município não estão atuando.

Mas qual sistema de água vocês têm, cisterna?

Elias – É poço artesiano. Mas a água que sai dele não dá para abastecer toda família que precisa. Eram dois poços, mas um já secou. Mas hoje o que poderia fazer é barragem, porque tem lugar para isso, para distribuir água para todos. Ou furar novos poços, porque quando chegam a furar, fura um poço raso, que dura um tempo e depois seca de novo.

Vocês têm plantação de quê aqui?

Elias – Não tem nada, só no período da chuva. Planta milho, feijão, mandioca, manaíba, só.

Alino – A gente fala assim, período das águas, às vezes, vocês não entendem que é no verão. Aqui a chuva de plantio começa em outubro, mas está tendo um período muito pequeno, já há vários anos.

Elias – A chuva que vem chove toda de uma vez, durante um mês.

Alino – Difícil, porque quando está para salvar a lavoura, ela vai embora. O plantio que ainda aguenta só com sol é mandioca e cana. Alguns que moram em lugar baixo ainda conseguem banana, mandioca mansa. Mas aqueles que estão em lugar pior estão quase paralisados.

Falando de culinária, vocês têm lembrança de alguma coisa que vocês comiam e que hoje não tem mais?

Elias – Sobre isso mesmo, sobre a falta de água. Me lembro quando criança que tinha um córrego chamado Capoeirinha, era muita água dentro dele, direto. Por isso, tinham muitas coisas que colhíamos na roça, como o inhame. Mas hoje ninguém colhe mais, porque não tem água. Na horta, a gente comia tudo que era verdura e tudo natural. Cansei de ver meu pai cortando arroz com a água no joelho. Batia 30 sacas de arroz. Hoje nada disso, secou tudo. Tinha a horta, com alho, repolho, cebola, minha mãe e meu pai, eles vendiam isso. Eram 50 réstias de cebola, 50 réstias de alho, e sobrava para a despesa. Hoje não existe nada disso.

A gente tem os terrenos, na verdade, que começou desde criança. Aqueles que não mudaram têm o terreninho dele, mas quando vai querer uma coisa diferente dessa que a gente comia da roça, hoje você é obrigado a buscar no armazém. É onde a gente come tudo envenenado. Antigamente era tudo natural. Por isso que antes os mais velhos viviam mais? Eu tenho 43 anos, ele tem 60, a possibilidade é de ele viver mais que eu, que tenho 40. Antigamente, morria por idade, hoje morre pelo que come. Eu comi mais porqueira que ele. São as coisas naturais que preservam as pessoas.

Alino – No meu tempo de mais jovem, até poucos anos atrás, o que tenho mais lembrança e tenho mais saudades é de um engenho feito na madeira, tocado a boi, que meu pai fez, e esse engenho deve ter rodado numa média de uns 50 anos. Quando meu pai morreu, ele ainda continuou, eu tocava junto com meus irmãos. A maioria de meus irmãos foi, e eu fiquei até que uns dez anos atrás, eu fui obrigado a abrir mão.

Fazia rapadura, fazia uma carga de rapadura, que significam 40 rapaduras. Rapaduras de dois quilos e meio a três quilos. E tinha vezes que esse engenho rodava 60 dias sem parar fazendo de duas em duas cargas e meia por dia. Depois foi caindo a produção, que até uns 12 anos atrás eu ainda consegui fazer. Então é a questão de companhia dos mais velhos, porque era muita gente para tocar o serviço, dois no engenho, duas tacheiras no tacho, um cortador de cana no canavial, e um tropeiro com os burros, era carregado no burro.

Elias – Hoje não existe isso por conta de falta de água e falta de chuva. Os canaviais não saem mais.

Alino – Eu fui obrigado a parar por falta de companheiro e por falta de água.

Tila – Começava quatro horas da manhã e terminava dez horas da noite.

Alino – Quando a água encurtou eu não sustentei mais. Eu moro daqui a mais ou menos um quilometro e meio. Eu vinha apanhar água com um burro para dar água aos bois, num minadouro de água que tinha nesse fundo aqui. Eu achava difícil todo dia aquela tormenta. Além de trabalhar de dia, ainda tinha que trazer os bichos na água para "sarar" eles. E levar água para tocar o serviço. Eu esmoreci, mas ainda sinto saudades do serviço até hoje. Daí eu acabei com a engenhoca. Mas a engenhoca, quando fizemos, meu pai mesmo é que fazia. Depois que meu pai morreu, ficamos eu e mais um irmão, e continuamos fazendo o serviço.

Vocês têm uma noção de quanto tempo tem a comunidade aqui de Capoeirinha?

Tila – Aqui começou em 1987.

Elias – Sim, o povoado da comunidade. Agora a procedência do pessoal é de muitos anos, os avós, bisavós são todos daqui de Capoeirinha.

Tila – A comunidade começou nesse meio aqui com uma cruz, fazendo penitência.

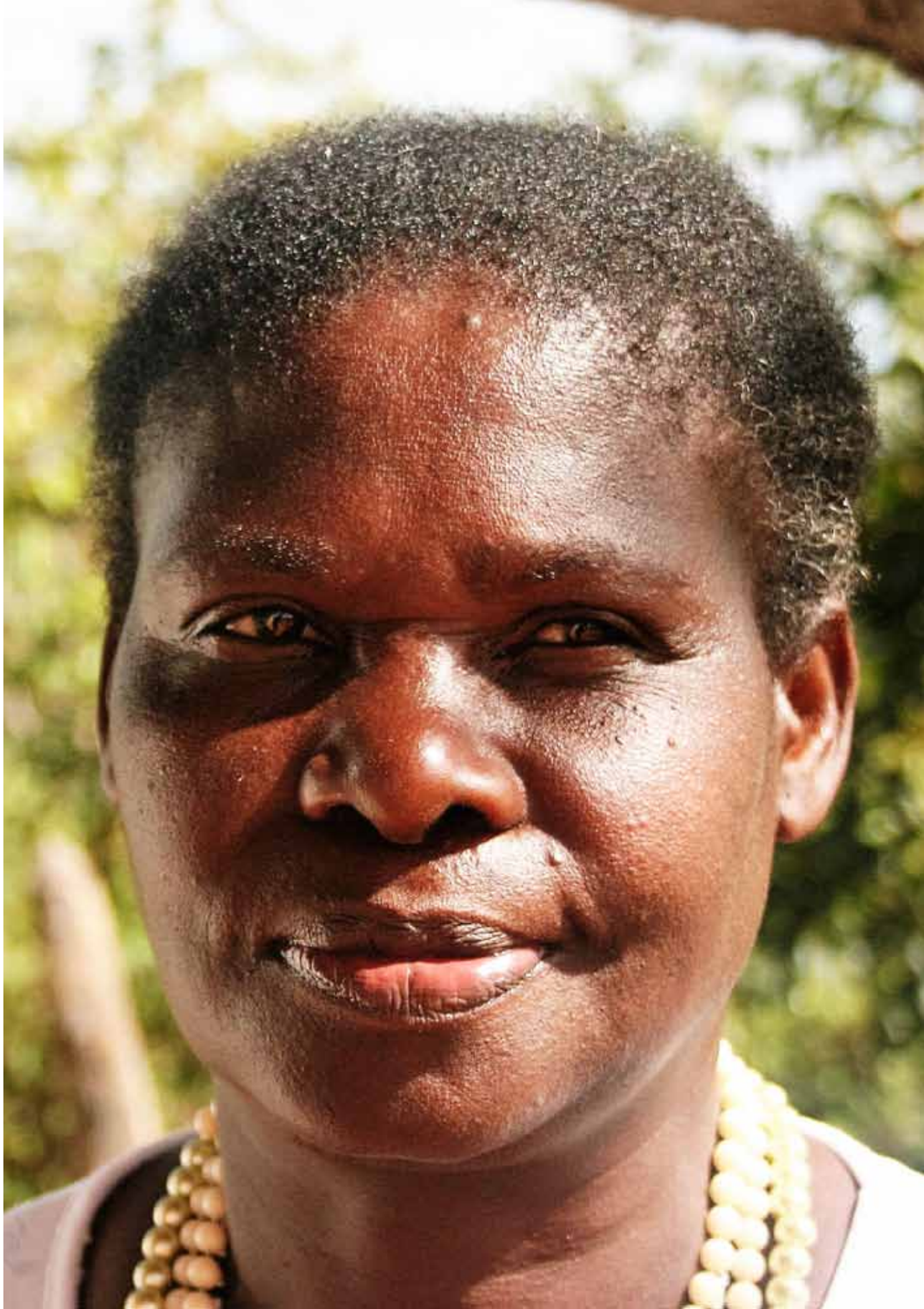
Naquele tempo chovia, mas quando fazia penitência, chovia mais ainda. Carregava pedra e colocava no pé da cruz, na cabeça, e quando terminava aquela penitência de nove dias, vinha a chuva. E graças a Deus louvado dava muito alimento para as pessoas. Aí foi começando assim, através de uma "dominga".

A dominga, é assim que a gente vai, leva um leilão, faz aquela bandeja, arremata, naquele tempo, uns centavos. Hoje vai para uns 15 reais, uns 30 reais, para a comunidade. Daí foi continuando assim, depois veio esse grupo aqui, depois veio a igreja lá. Acho que tem uns 15 anos que tem essa igreja aqui. A gente faz o culto. Sou eu mesma a dirigente do culto, ele aqui é o tesoureiro da igreja. Lá a gente continua com leilão, tem dia com festa, queima foguete.

Elias – Escolhe as pessoas para trazer o leilão, junta aquele dinheiro para fazer um benefício para a comunidade. Por exemplo, aquela igreja primeiro começou como uma casinha bem pequenininha, bem miudinha, que foi de dois velhinhos, comadre Teresa e Zé Branco. Eles falaram assim: "vamos fazer uma comunidade", aí fez a casinha. Através dessa casinha fez o leilão. Foi conseguindo dinheiro e conseguiu uma igreja grande, uma casa apropriada, através dos companheiros, todo mundo reunido.

Alino – Inclusive tem uma caixa de água. Nós temos dificuldade de água, ela foi feita agora e terminada uns quatro meses atrás. Isso com o custo da comunidade, com esse dinheiro que eles estão falando. Compramos material, ficou em torno de 3 mil reais, pagando com esse dinheiro adquirido de leilão. A turma entrou em mutirão para poder pagar a caixa para parar a água da chuva, da goteira. Ela pega mais ou menos 28 mil litros de água. E com isso nós estamos até fazendo umas plantinhas. Essa água serve para beber, uso doméstico.

Elias – É o que salva todo mundo, porque todo mundo tem uma caixa de receber a água que cai do telhado. Se não fosse ela, a maioria daqui já tinha ido embora. Porque a água que nós bebemos de rede encanada não é o suficiente.



Geralda Martins Pereira, Carlota Xavier Martins e Agostinho Alves Macedo
Comunidade Bem Posta

A banda centenária

A Banda de Taquara, na comunidade de Bem Posta, no município de Minas Novas, é patrimônio da região. Costuma estar presente nas festividades da sua comunidade e nas cidades vizinhas. Foi originada de outra comunidade, mas ganhou fama em Bem Posta e nem seus componentes sabem dizer a idade aproximada do conjunto. Em 1992, seu Agostinho, um dos depoentes, conseguiu registrar a banda em cartório. É ele quem conta um pedaço da história e mantém o grupo unido. Também são dona Geralda e dona Carlota, outras duas protagonistas da história da instituição, que dão seu relato de lembranças vividas. Memórias de um tempo saudoso que a comunidade se esforça para não ser esquecido.

Dona Geralda, é a senhora que conhece a história da banda de Taquara desde o começo?

Dona Geralda – Mais ou menos. Desde que eu sou nascida, e que meu pai veio para cá, é que sei dela. Essa banda foi nativa de um povo lá da comunidade de Macacos. Eles saíam de lá e vinham para festas aqui, brincar aqui, porque teve gente da minha família que casou com gente de lá. Foi aí que nós fomos pegando essa brincadeira deles e foi aumentando aos poucos. Depois, quem assumiu a banda foi o pessoal do João Procópio e os filhos dele, o Marcolino, Dé, Santo, Lourenço, ele tinha cinco filhos que tomaram conta da brincadeira. Depois, ainda meu pai foi juntando os meninos menores e aumentando a brincadeira.

Mas quando João Dominguinhos viu o pessoal de Macacos mexer com o assobio, tocar o assobio (flauta), ele foi num local e tirou uma taquara e fez um assobio de taquara. Ele acompanhava o povo, depois já fizeram outro assobio, e o povo de cá foi tomando conta. O pessoal de João Procópio uns morreram, outros esparramaram, e ficou meu pai sozinho com os meninos, o João de Maria, o João Dominguinhos, Geraldo e Vicente.

Mas de lá para cá foi acabando, acabando. O povo de João Procópio acabou tudo, meu pai também morreu e outros também morreram. Também tinha a velha Cristina, que, no começo não, mas de uma época em diante ela deu para brincar junto com a gente. Depois a Cristina faleceu, minha irmã faleceu, mas ainda ficou Oraci, brincando no meio da gente. Das mais velhas, só estou eu sozinha.

Mas a banda continua?

Dona Geralda – Continua. Ainda ontem estava falando com o Joaquim para colocar os meninos para não acabar. Mas eu falo para vocês que ficou tão difícil, porque só vai saindo gente.

E a senhora, dona Carlota, também fez parte da banda?

Dona Carlota – Eu ia mais vezes, gostava demais. Era só falar para mim sobre Folia do Divino ou Folia de Santo Reis eu ajudava os outros a cantar. Ia muito nas marujadas também, inclusive quando eles iam para a cidade também. Mas a gente vai ficando velha e doente, e depois meu povo acabou tudo. Não tenho mais ninguém vivo na família, sou só eu e Deus, e meus irmãos da igreja.

E qual a lembrança a senhora tem da Folia de Reis?

Dona Carlota – De bondade, eu gostava demais de Folia de Reis, para ajudar o povo cantar. Tinha uma voz boa e saúde. Essa igreja mesmo (local da entrevista), antes de eu passar a ser crente, ajudava direto nessa igreja. Nós saímos com novena, íamos nas grotas com novena de Nossa Senhora da Saúde, do Divino Espírito Santo. Nós não ficávamos sós. Aqui dentro, de Bem Posta, não. Nós andávamos muito por esse mundo. Na hora de recolher, a gente colocava uma mesada para aquele santo. Tinha vezes que a gente andava 15, 20 dias debaixo de chuva, dava pouso nas casas.

E quais eram as cantorias?

Dona Carlota – Eram os cantos mesmo de Santo Reis, do Divino, de Nossa Senhora da Saúde.

A senhora lembra de algum?

Dona Geralda – Eu lembro de Santo Reis. “Meu Santo Reis é um santo milagroso / é um santo milagroso / livra nós de peste e guerra, todos maus contrarioso / todos maus contrarioso”.

E o senhor, faz parte da banda desde quando?

Seu Agostinho – Antes do registro eu já participava dela. Porque eu registrei em cartório em 1992. Mas antes eu já brincava, ia em brincadeira em Minas Novas. Toda vida brinquei com pandeiro. Mas antes de entrar na Banda de Taquara eu fui à casa do pai dela (dona Geralda) perguntar para ele se sabia me explicar a história da Banda de Taquara. Mas ele disse que não sabia me explicar quantos anos a banda tinha. Porque quando ela veio para Bem Posta, já existia antes. Para registrar a banda, para tentar algum recurso, precisava saber mais sobre ela. Mas mesmo assim consegui registrar a banda em cartório, em 1992.

Dona Geralda – Nós éramos 25 pessoas, tudo grande e igual, sem menino pequeno no meio. A gente andou muito que nem sei contar em quantos lugares já fomos, Salinas, Juiz de Fora, Viçosa, Pato de Minas, acho que se for contar dá mais de 20 lugares. Eu lembro bem de uma vez que nós saímos de Minas Novas cinco horas da tarde, viajamos a noite inteirinha, lembro disso que nem hoje, e Zé Ricardo também estava nessa época, e fomos rezando um terço, e fomos até subir a Chapada rezando esse terço. Viajamos a noite toda e quando amanheceu, estava naquele deserto,

mas deram para gente, para cada um, uma coca e um pão, e assim foi até o almoço. Quando foi meio-dia, nós paramos, almoçamos e tornamos a seguir. E viajamos outra vez até cinco horas da tarde, para chegar lá longe, onde a gente tinha que chegar.

O que a banda costuma tocar, O Nove, Vilão, o que costumam tocar?
Seu Agostinho – Tudo que vem eles tocam, eles são bons, não são de brincadeira não.

Qual a formação da banda, quais instrumentos tem?
Seu Agostinho – A banda tem caixa, pandeiro, reco-reco, o assobio (flauta).
Tem as vozes, vocês já citaram o Vilão também.
Dona Carlota – O Vilão é bom demais.

E do Vilão, quais as músicas que vocês tocam?
Dona Carlota – Tem o Vilão Corrido, que passe debaixo assim. A gente cantava. "Aprendi dançar vilão, aprendi dançar vilão / Não foi nessa terra não, não foi nessa terra não / Aprendi com alemoa, aprendi com alemoa / na terra dos alemão, na terra dos alemão". Isso tocando viola e nós cortando, era bom demais.

Dona Geralda – Agora o Vilão Santinho é travado, é só de quatro. "Vilão santinho, vilão santinho / Vem tomar conta do meu Jardim / Eu também vivo caçando, quem toma conta de mim". Largava de um e pega outro, na dança.

Dona Carlota - Quando tinha vontade de namorar um rapaz, através do Vilão, jogava verso para puxar conversa. Agora acabou tudo. Às vezes quando deito na minha cama, lá em casa, fico lembrando de tudo.

Mas a banda se apresentava em quais situações aqui, em festas?
Seu Domingos – Sempre em festas. Festa de Santo Antônio.
Dona Geralda – Em toda festa que tinha. Aqui nunca faltou uma festa que eles não brincassem.

E hoje, em que oportunidades?
Dona Geralda – Hoje brinca do mesmo jeito, mas está mais fraco.
Dona Carlota – Todo o ano a banda costuma ir para a festa de São João, em Minas Novas.

José Henrique Mota Barbosa, provedor da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas

Devoção ao Rosário e conhecimento aurífero dos escravos: a história de Minas Novas

A história de nascimento e estruturação de Minas Novas não pode ser contada sem a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Foi a partir dela que o município se desenvolveu, sendo credenciado rapidamente e passando de arraial para vila, tal potencial de riquezas que a região tinha, e depois a denominação de Minas Novas.

Se os bandeirantes paulistas iniciaram o povoado, foram os negros bantos trazidos da África que potencializaram a mineração do ouro e a espiritualidade do Rosário, conhecimento e devoção que já traziam de seu continente de origem. Segundo José Henrique Mota Barbosa, provedor da Irmandade do Rosário, em Minas Novas, "os portugueses ficaram dois séculos aqui, ou mais, pisando no ouro sem saber que existia. Depois, os bandeirantes paulistas vieram para cá e trouxeram os escravos africanos que já mineravam em sua terra de origem; eram mestres", consolidando a prosperidade aurífera da região.

Esses novos habitantes também trouxeram a devoção à Nossa Senhora do Rosário e fortaleceram a Irmandade. A lei imperial vigente determinava que, sem uma confraria, não era possível criar uma vila, já que vivíamos o período do padroado. "A Igreja era o Estado, e o Estado era a Igreja", lembra Barbosa. Apesar de outras duas irmandades terem se desenvolvido na cidade, apenas a do Rosário permaneceu forte e foi responsável pela consolidação do desenvolvimento da região, e isso graças à espiritualidade vinda dos trabalhadores africanos. Um legado importante e nem sempre reconhecido, ainda hoje.

O que é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e qual o significado dela?

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos funciona como todas as outras confrarias de Minas Gerias. Minas Novas é a nona vila do ciclo do ouro e, com a descoberta de Bom Sucesso, com a vinda de muitas pessoas para esta região, logo se formou um arraial. Ao se formar um arraial, que recebeu o nome de Nossa Senhora do Bom Sucesso São Pedro Fanado do Araçuaí, logo em seguida, muito rápido, se formou a Vila do Fanado. E para ser tornar vila era preciso ter, ao menos, uma confraria, era uma determinação do governo português, do império, já que vivíamos o período do padroado. A igreja era o Estado e o Estado era a Igreja. Significa que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por certo, foi a primeira a ser criada no arraial das Minas Novas, porque já trazia uma tradição da África.

Muito antes já havia a evangelização da Igreja Católica na África pelos dominicanos. Essa evangelização trouxe, nas caravelas, nos navios negreiros, uma população que já tinha a tradição do Rosário. Aqui, especificamente, se você for ouvir o tambor soando, vai perceber duas palavras que são do dialeto banto, "tolete calunga", que é quando vai se entrar na roda, e "quenda", que significa "vamos em frente, vamos seguir, vamos embora". Essas duas palavras que eles ainda usam nas interações do tambor são de origem banto[1]. Existia calunga menor e a calunga maior. A calunga maior significa o mar, a grande divindade que eles iam enfrentar, o mar gigantesco. Então, eles teriam que louvar a calunga maior. E a calunga menor era a morte, mas não a morte no sentido ocidental, do medo, não, mas a morte como companheira do homem, aquela que tira a dor. Essas eram as duas entidades da religião africana que eles trouxeram para o Brasil.

Através de estudos, buscando aqui e ali, a gente tem a certeza mesmo do que aconteceu. Por exemplo, em Ouro Preto, em Cachoeira do Campo, que foi a primeira irmandade negra de Minas Gerais, nasceu em 1711. Se tirarmos conclusões nesse sentido, a gente sabe que a irmandade aqui foi fundada pelos bantos, que era uma etnia profundamente religiosa. Eram agricultores profundos conhecedores de ervas medicinais, e, sobretudo, talvez, a etnia mais religiosa da África. Vieram para cá já doutrinados, e aí a necessidade de se ter uma irmandade, a necessidade de se ter uma confraria para criar-se a vila. É provável que tenha sido a primeira. Explico: tivemos aqui três irmandades. Descobrimos através de documentos históricos que tivemos a Ordem Terceira de São Francisco, a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, sendo que as duas primeiras se extinguiram, mas, na cronologia de alguns estudiosos, ela vem em primeiro lugar.

Tem uma professora de Ouro Preto que elaborou uma tese sobre a ligação dos leigos nas vilas, as irmandades leigas nas vilas de ouro. Ela aborda, por exemplo, Minas Novas, Bom Sucesso das Minas Novas como Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Ordem Terceira de São Francisco e Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos. Então, essa irmandade nasceu com a vila, nos primórdios da vila, e foi sobrevivendo até que, em 1810, houve um primeiro registro da irmandade. E provavelmente por um motivo: em 1808 a Família Real vem para o Brasil, e nós estamos em pleno regime de padroado.

O rei, no caso, Dom João, determina que haja um senso em todas as paróquias e dioceses do país. Não havia essa sociedade civil que há hoje, então, era a Igreja que batizava, fazia o registro de nascimento do cidadão, era a Igreja que enterrava, havia a guia de enterramento, a Igreja casava, havia a certidão de casamento, também era ela quem distribuía as terras, a sesmaria. Todos os movimentos sociais daquela época estavam colados na Igreja. Você não podia exercer qualquer atividade dentro

de uma vila se não pertencesse a uma irmandade. E, fora isso, para você ser aceito numa sociedade, você teria que se converter ao cristianismo.

Aqui proliferou o número de cristãos novos, porque se convertiam. Inclusive o caso do Fanado. Augusto de Lima Junior, um grande historiador mineiro e brasileiro, num livro em que ele fala sobre as minas de ouro e diamante, nas Minas Gerais, ele cita que a Vila do Fanado não diz respeito ao fanado, e nem diz respeito, como o pessoal daqui fala, ao falhado. Ele diz literalmente que lá havia um cristão novo de alcunha Farias, que alcançou grande poder aqui na região, inclusive se tornou Barão de Minas Novas, e que ele era amigo da coroa portuguesa, que, por sua vez, deu para ele o direito de minerar o antigo rio Araçá, como os índios chamavam o fanado, da cabeceira à foz. Ele escreve para um padre, que tomava conta dos negócios dele no Serro, que o rio Araçá dava um ouro fino, mas às burras, ou seja, muito ouro. Então, tudo aqui tem fanado no meio, na assinatura de Araçuaí, como rio do Fanado, Vila do Fanado, mas não por causa do fanado, mas porque o grande acontecimento aurífero aqui foi a descoberta de Bom Sucesso.

O fanado dava um ouro fino, e muito. Mas quando descobriram aqui era mata fechada e tinham os índios, os botocudos[2], que eram temíveis aqui na região e que só foram pacificados anos depois, por Teófilo Otoni. Então, o que aconteceu, quando chegaram aqui era como chegar no eldorado, o ouro lavado há milhares de anos sem que os nativos da região se interessassem. Os índios desconheciam e não tinham apego ao ouro, como, por exemplo, os astecas no Peru. Eles não tinham esse apego, não havia rituais que envolvesse ouro. E para os portugueses a primeira cata foi na mão, e muito ouro, então, foi a descoberto do Bom Sucesso. Da descoberta do Bom Sucesso nasceu o arraial; em menos de três anos nasce uma vila, que era uma coisa espetacular para a época. Porque a vila só poderia existir por determinação do rei. Era o máximo onde um lugarejo poderia chegar.

Isso significa que a irmandade está intrinsecamente relacionada com tudo isso. Afinal, vieram os negros que sabiam muito mais de ouro que os portugueses. Porque os portugueses ficaram dois séculos aqui, ou mais, pisando no ouro sem saber que existia. Aí chegam os paulistas, os bandeirantes, e entram para as Minas de São Paulo, como chamava Minas Gerais. Porque, na verdade, a gente nasceu da atitude dos paulistas que entraram para os sertões.

Enfim, depois disso, os negros vêm em proporção muito maior para cá, e lembrando que na África eles já mineravam, eles entendiam plenamente de ouro, eram mestres. Inclusive, eram muito bem tratados os "escravos de mina", porque o senhor queria produzir cada vez mais riqueza e não maltratava tanto os negros. Ele queria rendimento. Tanto que a Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos nasce e se estrutura; as outras desaparecem. Por exemplo, a Ordem Terceira de São Francisco, mesmo sendo uma potência, há relatos de que houve uma certa reprimenda da Igreja em relação a essa ordem.

Mas Minas Novas tem um problema sério de documentação dentro da Igreja. De 1912 para trás não se tem documento nenhum, todos desapareceram. Aqui respondia como diocese por toda essa região, que ia do limite diamantífero até o sul da Bahia. Além da comarca do Jequitinhonha, que é muito antiga. Minas Novas era denominada comarca do Jequitinhonha, depois que surgiu a comarca de Minas Novas. Mas a comarca do Jequitinhonha era gigantesca, ela tinha o tamanho de um estado, de um país. Então essa questão dessas irmandades terem desaparecido, ou por questões políticas da própria Igreja ou outras questões, é o seguinte: a irmandade do Rosário se firmou o tempo todo, porque ela congregou desde sempre todos.

Existe uma tradição aqui que é a seguinte, nem sempre acontece, mas coincide. Quando o rei é branco, a rainha tem que ser negra; quando a rainha é negra, o rei é branco. Isso num fundamento de irmandade, para que se conviva harmoniosamente. Minas Novas é uma cidade mestiça. Diferente de outros polos que se formaram por aí, ela é uma cidade mestiça. Por isso ela tem essa tradição de festas. Nós temos um Carnaval, desde sempre, desde a época do entrudo[3]. As pessoas vêm, procuram. Você tem outras festas tradicionais que acontecem. Por exemplo, no mês de junho aconteceu a Festa do Divino[4], há pouco tempo, mas com muita participação popular. Nunca houve assim uma separação real aqui. As famílias são, graças a Deus, muito misturadas. De maneira geral, nós somos mestiços, a cidade inteira.

Então, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário sobreviveu a tudo isso. Primeiro, porque ela preservou os ritos tradicionais, já foram feitas várias tentativas de mudar os dias da festa, mas a data aqui é fixa porque a própria irmandade aprovou isso em plebiscito. Foi realizado um plebiscito com votações aqui e em Belo Horizonte, para os minas-novenses que moram lá e que são irmãos do Rosário, e deu que a festa deve permanecer nos mesmos dias para não se tornar comercial. E isso mantém os ritos.

A importância da irmandade nesse sentido é que ela envolve a fé, a parte cultural e até mesmo a parte comercial, já que mexe com o comercio da cidade. Vem muita gente para a cidade. Existe uma tradição das pessoas aqui de pintarem, reformarem a

casa para receber seus hóspedes, os parentes que vêm de longe. De comprar roupas novas, isso tudo é uma tradição.

Na verdade, 200 anos tem o registro da festa, a partir do pedido de Dom João, em 1808. Foi quando o enviado do arcebispado da Bahia visitou paróquia por paróquia, e chegou aqui num dia de festa de Nossa Senhora do Rosário. Então ele registra essa festa para o arcebispado da Bahia. O primeiro registro da festa é de 1810, exatamente dois anos depois que a Família Real chegou ao Brasil. Porque havia um senso, o rei queria saber a quantas andava a Colônia, e só poderia saber disso através das igrejas, da sacristia, das paróquias, dioceses. Porque a vida civil passava pelas sacristias, passava pela Igreja. Então, em 1810 é feito o primeiro registro dela.

E já existia antes?

Já existia antes. Ela vem da fundação da cidade, ou melhor, da fundação da vila. Ela é classificada assim nessa ordem por vários historiadores, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Ordem Terceira de São Francisco e Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, que foram as duas que desapareceram. A Irmandade do Santíssimo, por exemplo, que muita gente confunde, foi fundada por um grande benfeitor de Minas Novas, um pernambucano chamado Dr. Martiliano. Quando ele veio para cá, ele fundou a Escola Normal, ele era promotor de justiça. Além da Escola Normal, cria a Conferência de São Vicente, a Casa de Caridade e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, que já é uma irmandade mais nova. Ele vem para cá no final do século XIX. Ele também traz para cá o frevo. As bandas de música da cidade executam o frevo aqui a partir das primeiras partituras que o Dr. Martiliano trouxe.

Mas o fato é que as pessoas confundem muito, porque falam sobre a Irmandade do Santíssimo ter sido a primeira. Mas não. A Irmandade primeira, que foi reconhecida para a fundação da vila, é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Essa sim á a primeira irmandade, mesmo por conta da necessidade de que havia na lei imperial, do governo português, que dizia "sem uma confraria não tem como criar uma vila", como havia dito. Então pode ter tudo, pode estar dando ouro para danar, pode ter crescido e tal, mas ter uma confraria era um dos quesitos para se tornar vila.

Como é a formação da Irmandade atualmente, quem são as pessoas que compõem a irmandade? Qual a estrutura hierárquica?

Nós temos uma diretoria formada por provedor, vice-provedor e tesoureiro, que cuida das finanças da irmandade, vice-tesoureiro, escrivão e 2º escrivão, além do procurador. Tem os conselhos de irmãos que também participam, porque a festa é grande e precisamos ter vários grupos. Então, tem a comissão de festa e a comissão de liturgia. Essa comissão de festa cuida de muitas coisas. E, diferentemente de outras irmandades, o congado de São Benedito pertence à Irmandade de Nossas Senhora do Rosário, porque todos que estão ali no congado são irmãos do Rosário também.

Você tem a guarda de honra da Irmandade, que é um outro grupo. Essa guarda pertence à irmandade também, e a irmandade cuida dela como se fosse uma guarda mesmo, já que antigamente, quando o cofre saía, não existia banco, e saía com tudo dentro, joias, doações, para ir para a igreja e demonstrar para os irmãos que estava tudo lá. Depois voltava cheio de moedas, pagamentos dos anuários, para a casa do tesoureiro. Então, a guarda da irmandade, além de abrir caminho, ela guardava o cofre com as tais armas do Rosário, que é o pontão e a espada. Você tem a guarda, tem o tambor do Rosário, o candombe, todos pertencem à irmandade. A Irmandade não tem grupos isolados que vão e participam da festa. Na festa você convida vários grupos de fora que vêm e participam. Mas esses grupos aí estão inseridos dentro do conceito da irmandade, porque todos eles são irmãos do Rosário. Ou seja, tem lá seu nome escrito no livro dos irmãos.

Maria de Fátima Figueiredo e Maria Natalina de Oliveira Carvalho
Rainhas da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Minas Novas

A fé em Nossa Senhora do Rosário

Em Minas Novas, a devoção a Nossa Senhora do Rosário atravessa gerações. De fato, a própria Irmandade do Rosário tem sua história diretamente ligada ao desenvolvimento e personalidade da cidade. Momento mais esperado do ano, o mês de junho celebra a santa, reunindo toda a diversidade cultural do município e região. Entre nobreza e devoção, o papel das rainhas da festa é descrito com paixão. Maria de Fátima já é a terceira geração da família diretamente envolvida com a festa. Seu avô, José Boaventura, compôs as ladainhas que até hoje cantam na igreja. Sua mãe, não por acaso, Maria do Rosário, junto das irmãs, cantaram as primeiras novenas da festa na cidade. Também profundamente devota, Maria Natalina credita sua paixão à fé na santa e a continuidade da tradição familiar, que aprendeu com a mãe.

Vocês duas são as rainhas?

Maria de Fátima – Eu sou a rainha velha e vou fazer a festa este ano.

Maria Natalina – E eu sou a rainha nova que vou receber a coroa dela.

Gostaria que vocês explicassem para as pessoas que não conhecem, como é a festa e qual o papel das rainhas?

Maria de Fátima – No caso, eu vou fazer a festa este ano. A festa começa no dia 15 de junho. Mas antes da festa tem a mesa, que é a mesa dos reis que é para poder fazer a festa do ano seguinte. Tem a mesa, escolhe os novos reis, quer dizer, o rei que vai fazer a festa nesse ano. Porque a gente vai fazer a festa e, no dia 25, a gente vai passar a coroa para quem vai fazer a festa no próximo ano. Então, começa sempre no segundo domingo do mês de março, logo após a Páscoa, quando tem a mesa.

Logo em seguida tem a lavação da igreja, o pessoal se junta 4h, para pegar no rio essa água para lavar a igreja. Isso é coisa dos antigos. Desde quando surgiu, em 1800 e tanto, ela tem 200 anos. Então, logo que começou, eles iam ao rio, pegavam a água e vinham lavar a igreja. E depois que lavava a igreja eles faziam o angu para servir o pessoal que participava disso. Depois que lavada começava a festa, as novenas, que são nove dias evidentemente. E cada dia da novena tinha um tema de acordo com a campanha da fraternidade.

Começa no dia 15, quando é dia 23 tem o mastro, o foco mesmo da festa. Depois do mastro, os reis, tanto o velho como o novo, dão um chá na casa deles. Tem o rei e a rainha. Por exemplo, eu sou de uma família e ele de outra, que foram escolhidos. No dia da festa vai ter o chá na casa dos quatro festeiros. A rainha nova e o rei novo. A rainha velha e o rei velho. Todo mundo faz o chá em casa e distribui, dá tudo de graça para o povo. O pessoal vai, bebe, come, dança, tem forró, congado, banda, no caso, é a Banda de Taquara.

Quando é dia 24, reúne as comunidades todas, os congados, e a gente faz o cortejo. Junta o congado, a banda de Taquara, as bandas de música. Todo mundo vai, primeiro na casa do rei velho, pega ele, logo em seguida vai e pega a rainha velha, faz o cortejo e vai para a igreja, quando tem a missa. Depois da missa tem os comes e bebes novamente. Mas aí são doces. De tarde tem a procissão com o pessoal do rei e rainha velha.

Quando é no dia 25 tem a buscada do cofre. O pessoal se reúne na igreja novamente e vai à casa do tesoureiro buscar o cofre. Esse cofre é onde acolhe a oferenda que eles dão, que os irmãos dão. Buscam esse cofre, tudo em festa, pega o cofre, leva à igreja, o padre é que abre e ficam o dia todo recolhendo as ofertas que dão. E quando é de tarde, vai buscar o rei e rainha novos.

Maria Natalina – Já é o dia que eu entro como rainha, e já vou vestida como rainha nova. O rei novo me busca em casa, leva a gente para a igreja, os quatro reis, e vão buscar o cofre para recolher as ofertas, que aqui nós chamamos de "anuais". O pessoal passa o dia todo na igreja recolhendo anual. Quando são 18h fecha o cofre para começar a missa da posse. Daí tira a coroa dela e coloca em mim. A partir dessa hora eu já sou a rainha nova. Isso até o próximo ano.

E fora a festa, entre um ano e outro, qual o papel da rainha durante esse ano?

Maria de Fátima – A gente fica fazendo os preparativos. Por exemplo, eu fiquei, desde o ano passado até agora, fazendo algo para arrecadar e fazer a festa. Essa festa é muito pesada, não tem de onde tirar. A irmandade ajuda, mas muito pouco.

Maria Natalina – A ajuda vem mais da população da cidade. O pessoal da cidade ajuda muito a gente.

Maria de Fátima – Ajuda demais. Porque inclusive tem os leilões, as barraquinhas, tudo em prol da igreja.

Então a rainha aglutina essa responsabilidade?

Maria de Fátima – Sim, essa responsabilidade de fazer a festa esses três dias, 23, 24 e 25. Esse ano foi mais difícil porque é ano de eleição, pouca gente pode ajudar. Mas fizemos algumas rifas e promoções para conseguir algum dinheiro. Porque hoje tudo é dinheiro, a gente tem que se preocupar com cortejo, as roupas para as pessoas vestirem, é tudo alugado. A roupa da rainha é alugada. Eu, no caso, preciso usar quatro vestidos, e cada vestido custou 400, 500 reais o aluguel. Mas para poder fazer uma coisa bonita.

Maria Natalina – Uma outra coisa é que para fazer a festa do Rosário nós precisamos ser irmãs do Rosário. Tem a irmandade do Rosário, e para fazer a festa tem que ser irmã do Rosário fielmente. Tudo que tem da igreja a gente precisa participar, ser fiel mesmo. Então, a gente já falou, mas dia 25 vai lá e paga, é pouquinho, mas a gente paga. Se tem uma reunião da irmandade e nos convidam, a gente participa. Como ela falou, no dia da mesa, em que escolhe os reis, são os irmãos do Rosário que votam. O pessoal da mesa, no caso a diretoria da irmandade, colocam os nomes. Daí os irmãos vão e votam naqueles que eles entendem que têm a capacidade para fazer a festa e que é fiel a irmandade. É assim que funciona.

Quantos anos tem a irmandade?

Maria Natalina – Mais de 200 anos.

Essas celebrações que vocês fazem durante a festa, de lavar a igreja, tudo isso, na época dos escravos já se fazia isso, vocês herdaram isso deles?

Maria Natalina – Isso foi feito primeiro por eles. Inclusive antes, a lavação da igreja só era feita pelos negros. Assim, eu já ouvi falar. A buscada da santa também eram os negros que traziam. Hoje não, a comunidade em geral carrega a santa, mas antes era só o pessoal "de cor" que carregava a santa. Pega lá na pedra do Rosário, no Rio Fanado, e roda a cidade até chegar à igreja. Isso no dia 23. Ao chegar à igreja, tem o meio-dia festivo, com bastante fogos.

O ponto alto, o ponto principal dessa festa qual é?

Maria Natalina – Eu acho que é o cortejo. Porque o cortejo é onde busca os reis velhos, no dia 24, leva para a igreja, celebra a missa solene. Volta, entrega eles, e tem uma mesa que arruma na porta do festeiro, chama mesa do doce, que é uma tradição. Mas, quando a rainha chega, já não tem mais doce não. É um pote de doce, e o pessoal pega, inclusive sai gente com o pote na cabeça. Doces de mamão, de batata, doce de leite, tudo isso.

E o que significa para vocês esse título de rainha da festa? E podem falar também sobre a rainha do congado?

Maria Natalina – Nós somos a rainha de Nossa Senhora do Rosário, o que representa a fé que nós temos primeiramente em Deus e depois na santa. O que leva a gente a fazer a festa, ter todo tipo de trabalho que tem, é a fé que nós temos.

Maria de Fátima – A rainha do congado já é a de São Benedito.

Maria Natalina – Isso. A rainha do congado, que é outra moça, ela é também da festa de São Benedito. E o congado de São Benedito é o congado de São Benedito dos Homens Pretos de Minas Novas.

Maria de Fátima – Eles também participam da festa do Rosário, mas tem a festa de São Benedito também.

Maria Natalina – É o grupo mais forte que tem, pelo menos em Minas Novas, na nossa comunidade, é o congado de São Benedito, que participa de todas as festas.

Vocês também são do congado?

Maria Natalina – Eu sou componente do congado, ela não.

Vocês duas são também de comunidades quilombolas?

Maria Natalina – Não, nós não somos de comunidades quilombolas.

Maria de Fátima – O pessoal daqui pertence a Minas Novas também. Mas tem o pessoal de Chapada, Berilo.

Vocês então entendem serem de uma geração urbana, da cidade de Minas Novas?

Maria Natalina e Maria de Fátima – Isso.

Qual o significado de Nossa Senhora do Rosário para vocês, e como vocês aprenderam esse significado?

Maria Natalina – Acho que vem dos pais da gente. Quando a gente era pequena, nossa mãe nos levava para assistir a festa, e falava da fé que tinha em Nossa Senhora do Rosário. A gente aprendeu assim e vem seguindo a tradição.

Maria de Fátima – Inclusive, minha mãe é bem devota em Nossa Senhora do Rosário. O pessoal de casa, já é a quinta festa que fazemos. Meu pai já fez, minha mãe, minha irmã, meu irmão e agora eu estou fazendo.

E pode repetir a rainha ou rei?

Maria de Fátima – Depois de dez anos, se quiser fazer de novo, pode fazer. Minha mãe tem um devoto danado por essa santa, o pai dela já fazia parte da festa. Ele que fez as ladainhas que canta na igreja, nas novenas, o latim que tem durante a missa. Tudo foi o pai dela que fez.

Como chamava o seu avô?

Maria de Fátima – Chamava José Boaventura. O apelido dele era Roxo. Ele que fez as músicas que cantava. Minha mãe falava assim: "quem cantou a primeira novena aqui em Minas Novas, na festa do Rosário, foi eu que cantou". Foi ela, tia Luciana e tia Margarida.

E como é o nome da sua mãe?

Maria de Fátima – Chamava Maria do Rosário também. Mas era chamada de Zarinha. Nossa família é muito grande.

Mestre Antônio de Bastião (Antônio Luiz de Matos)
Comunidade São Benedito do Capivari

O mestre dos tambores mineiros

Mestre Antônio é referência na arte da luteria de tambores e caixas na região de Minas Novas, e sua fama já alcançou terras bem mais longínquas que a região do Vale do Jequitinhonha. Foi reconhecido como mestre artesão luthier, em fevereiro de 2001, pela Fundação Artística de Ouro Preto, a FAOP, por mérito e técnica de passar por tantos anos seus ensinamentos pelo método da oralidade, transmitindo o que aprendeu com seus ancestrais. Dentre eles, Mestre Antônio destaca a figura de seu avô, Artur Barreiro, que dedicou sua vida na feitura dos tambores, agrupamento de músicos e de quem herdou as ferramentas para o trabalho de luteria. Nascido em 1943, suas histórias e pensamentos perpetuam a cultura pulsante do Vale do Jequitinhonha, que passam pelas festas religiosas, ritos, lendas e costumes.

A minha origem de nascimento é um local chamado São Benedito do Capivari, distrito de Minas Novas, mas depois fui para Ribeirão do Meio. Nasci em 1943 e sou conhecido como Antônio de Bastião, mas hoje ainda mais conhecido com a patente de Mestre Antônio. Quando falo isso, percebo que minha identificação vem com a história de meus ancestrais. O local de origem não é longe daqui, Capivari, perto de Barra do Ribeirão do Meio, por isso as pessoas falam Capivari Barra, e quem for por lá fica sabendo da história de Antônio de Bastião, o Mestre Antônio.

A minha história vem de meus ancestrais, o tataravô de meu bisavô, e aí vem aquela história, de pai para filho. Meu avô, que me ensinou o oficio do tambor, chamava Artur Barreiro, Artur Luiz Pereira. Ele era chamado de "mão sem cova", porque não tinha cova na mão de meu avô, eu também, Antônio de Bastião, também não tenho cova nas mãos. Em vez de Mestre Antônio, eu gosto mais que me chame de Antônio de Bastião, porque meu pai chamava assim.

Eu venho de uma linha, de uma história... eu não ganhei na tele sena, mas acho que ganhei uma coisa muito melhor, que foi a história de meu bisavô que chamava Pi, ele era avô de minha mãe, e minha bisavó chamava Tereza, mãe de meu avô, Artur Barreiro. Ele era aqui de Minas Novas e tinha um grupo que mexia com caixa, com tambor, tinha contato com um senhor aqui de Minas Novas chamado João Lelé, além de outros tamborzeiros, e eles tinham um grupo de jovens, que depois até assumi, tinham 22 alunos. Eu fiquei com esse grupo de meu avô até quando pude, porque Minas Novas é uma cidade muito boa, ciclo do ouro, mas na mão mesmo, é de "outros".

Então isso tudo é passado que herdei, minha bisavó fugiu de Salinas e foi para um lugar chamado Bananal. Ainda bem que Deus do céu deixou tudo na minha cabeça porque nós não tivemos o direito de estudar, meu pai não teve o direito de estudar, e meu avô menos ainda. Mas eu acho que tudo isso que ficou na minha cabeça é por conta de tanta coisa boa, forte, que comi no mato, como folha de espinho da agulha, ora-pro-nobis[1], esse é beleza, mas também língua de vaca[2], folha de quiabo. Mas falando em memória, quero lembrar de Artur Barreiro, esses trabalhos que eu faço, está a mão de Artur Barreiro. Ele não era assim só um artista, ele era uma pessoa que sabia articular e fazer as coisas, por isso tinha grupo também.

Eu quero deixar uma história aqui. O congado de São Benedito dos Homens Pretos, de Minas Novas, eu acompanho há muito tempo, não quero dizer que fui um dos fundadores, mas acompanho há muito tempo. Em certo tempo eu tocava acordeon, tinha uma sanfona oito baixos, que comprei em São Paulo. Falando disso, lembrei da história das tochas, dos escravos. Quando eles queriam sair, eles apagavam as luzes todas, o fogo, jogando água, para despistar o capanga, o sentinela, aquele que batia neles, que então achava que eles estavam tudo dormindo e dormia também. Daí os escravos iam para o mato, fugiam, eles usavam enxada, batiam enxada, mas na cabeça deles o som era dos tambores. Isso minha bisavó contava, e com isso eles ficavam naquela festa ali.

E com isso é que veio a história do congado, de São Benedito, Unido do Rosário. E, de modo geral, os tambores entram na festa de Nossa Senhora do Rosário, na mesa branca, nos candombes[3]. E por isso tem esse nome, Unido do Rosário. Eu faço os tambores, mas você pode usar em mesa branca, no terreiro de umbanda. Você pode usar os tambores, porque ele tem uma história, a Nossa Senhora, a nossa mãe poderosa, ela tem esse contato com o que eu tenho com a natureza. De um modo geral, ela acolheu sim, ela não teve distinção. E aí candomblé, mesa branca, terreiro, preto velho, essas coisas, são todos unidas, cada um, cada um, sem ninguém jogar pedra um no outro. Porque a mãe nossa, Nossa Senhora do Rosário, ela é a mãe de todos. São Benedito foi descendente altíssimo dos quilombos. Isso são histórias vivas, a base da casa. Os escravos são base da casa, e essa história da base da casa vem do pai, São Benedito, o congado, esse congado que tem aí dos Homens Pretos.

Eu toco também, sou acordeonista do congado, conto histórias, venho do tempo das missões, dos cruzeiros, das penitências. Estou fazendo um trabalho na minha comunidade, um trabalho que conta a história de uns escravos, que diz assim. Enquanto você descansa, carrega pedra na cabeça pelada, porque raspavam a cabeça da gente. Eu carreguei muita pedra, fazendo penitência, para vir chuva. Minha avó, Flozina, falava para gente carregar pedra, nove dias, subindo um morrão e descia no rio Capivari. Nós chegávamos lá, levava uma e trazia outra. Era penitência mesmo, pegava uma no campo, levava e colocava dentro da água, na cabeça pelada. Os mais velhos é que raspavam nossa cabeça, e a gente não tinha o direito de vestir uma roupa, só vestia uns panos feitos no tear, pano de algodão. Então era um passado, um outro mundo, hoje não é o mundo de ontem.

Eu conto essas histórias e meus filhos choram. Eu tenho um filho, que chama Adão, mora em Guariba, ele dana a chorar quando conto esse caso. Tenho um neto que chama Kaique, e eu fiz um rascunho de uma rabeca. Porque meu avô fazia tudo isso, ele fazia viola de cocho[4], eu também fiz muita viola de cocho, mas daí um pau

bateu no meu olho, e não consigo mais fazer aqueles traços. Mas por isso faço os tambores que vocês estão vendo.

Quando que o senhor começou a fazer tambor?

Eu nasci, rodei em São Paulo, vendi muita cruz na praça da Sé. Mas, depois que meu avô morreu, a minha avó Flozina foi lá em casa, eu já era casado, e levou as ferramentas de meu avô. Eram poucas, um formão, um macete, poucas. A gente tinha enterrado ele há pouco tempo, aqui em Minas Novas, o Artur Barreiro. Mas ela chegou com as ferramentas, me deu e disse que era para eu seguir com o que meu avô estava fazendo, e passar para os outros também. Mas naquela época estava voltado para São Paulo, para poder ajudar minha família. Mas Antônio de Bastião, ele me ensinou, e falou para eu fazer o que meu pai fazia, e que meu avô fazia, que eu não teria dificuldade na vida. E graças a Deus, não falta comida na minha mesa, porque acho que tenho essa benção.

E foi a partir daí que o senhor começou a fazer os tambores?

Foi assim. Primeiro a minha avó falou de eu tomar conta disso, mas respondi que achava não ter condições. Mas ela insistiu, dizendo que era eu quem acompanhava o que meu avô fazia, que ele mesmo, meu avô, dizia que o único que poderia seguir fazendo o que ele fazia, era eu, da nossa família. Daí entrei, minha avó danou chorar, conversando com minha finada esposa, a Rosária. Foi quando minha esposa entrou para falar comigo, dizendo que eu deveria pegar as ferramentas de meu avô, e falar com minha avó que estava chorando. Quando cheguei diante de minha avó, meu coração derramou (emocionado), e eu disse que pegava as ferramentas para ela não chorar mais. Ela ainda disse para eu pegar as ferramentas porque meu avô falava muito de mim. Eu peguei as ferramentas e deixei lá.

Naquela época eu trabalhava de encarregado, em construção civil, deixei as ferramentas e fui para São Paulo. Não sabia ler nada, mas trabalhava direito. Até que uma "coisa" disse assim para mim, "vai embora, vai embora, vai embora". Fui conversar com o mestre de obras que precisava ir embora, e o mestre disse que não era para eu sair de lá porque a obra parava. Mas aquilo ficou cutucando em mim, eu deitava na cama e não conseguia dormir, parecia que estava vendo meu avô. Então voltei a conversar com o mestre que disse que me liberava da obra só se arranjasse outra pessoa para deixar no meu lugar. Arranjei um amigo para ficar no meu lugar e vim embora.

Quando eu cheguei em casa, passado uns dois dias, a finada minha esposa me perguntou, "e aí?". Quando levantei um dia, disse a ela que não voltava mais para São Paulo, que ficava aqui. Mas ela respondeu que duvidava disso, porque desde que tínhamos casado, em 1964, eu ia e ficava muito em São Paulo. Mas a alma de meu avô foi que deu um jeito, e aí aconteceu isso. De repente, tinha gente fazendo o levantamento das histórias e eu fui agraciado como mestre, a partir de uma história que veio das raízes. Agraciado pela FAOP (Fundação Artística de Ouro Preto, ele foi agraciado como mestre luthier, em 2001).

Rosarinha Coelho (Maria do Rosário Coelho Mota)
Minas Novas

As histórias de dona Rosarinha

Um poço encantado de histórias, Maria do Rosário Coelho Mota, conhecida como Dona Rosarinha, hipnotiza quem a escuta com seu jeito doce de desfiar um fino novelo de causos sobre Minas Novas. Nascida em plena Festa do Rosário, neta de vó negra, estudada, desde muito pequena observa e relata acontecimentos da cidade. Representa muito bem o sincretismo de povos da cidade, já que tem parentesco direto com negros, índios e portugueses.

De sua visão humanística saem histórias que solidificam e perpetuam a cultura viva de Minas Novas. Possui em casa um acervo precioso de artesanato local que estão diretamente ligados aos costumes, modo de viver e festejos da região. Representações locais fiéis como as cenas das "viúvas de maridos vivos", série que mostra a dura realidade dos maridos que precisam buscar emprego longe e deixam as mulheres logo em seguida do casamento, com filhos, casa e trabalho para cuidar.

Eu tenho esse nome (Maria do Rosário Coelho Mota) porque nasci na véspera de Nossa Senhora do Rosário, dia 21 de junho de 1939. Estou completando 75 anos, três quartos de séculos muito bem vividos. Sou neta de índios e negros. Tem muita gente negra na minha família, mas a negra que mais se destacou foi minha avó materna, Ritinha Gomes e o tio José Gomes, que era chamado de Mestre Juca.

Eles estudaram numa escola normal aqui de Minas Novas, que funcionava no Sobradão, ótima escola. Lá ensinava latim, inglês, português, francês, e os negros estavam virando poliglotas. Mas foi fechada logo que eles se formaram, porque os brancos se revoltaram com aquilo, os senhores, falavam que eles não iam ter mais empregados porque os negros estavam estudando, estavam tendo essa oportunidade de estudar, e lugar de negro era na lavoura, era cuidando dos senhores em casa, das donzelas.

Essa escola, quando fechou, a sua avó ainda estudava lá?

Ela chegou a formar, só não sei bem a data. Ela e meu tio se formaram. Mas foi a última turma. Porque além deles, outros negros tentavam estudar lá. Uns eram barrados, outros conseguiam, então a escola fechou, não queriam que os negros estudassem. E além de tudo, eles eram professores. Eram descriminados até por alunos. Mas a escola fechou por conta disso.

Aqui em Minas Novas o racismo era impressionante, até nas igrejas. A igreja matriz era frequentada pelos ricos, pelos brancos, pelos senhores, donos dos escravos. A igreja do Amparo, um pouquinho para cima, era frequentada pelos pardos, que não eram nem negros e nem brancos. E a igreja do Rosário, que foi construída pelos negros, era frequentada por eles. E tinha um padre branco, um padre pardo, e um padre negro.

Explica melhor essa história das igrejas em Minas Novas.

Em Minas Novas tinha a igreja de São Francisco, que era frequentada só pelos brancos. A igreja de Nossa Senhora do Amparo, que era frequentada pelos pardos. E a igreja do Rosário, que foi construída e frequentada pelos negros. Eles trouxeram lá da África, de Moçambique, a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

De noite, eles construíram uma capelinha de pau a pique. Quando eles terminaram de construir a igreja, na quinta-feira, e isso eles trouxeram lá da terra deles, fizeram a quinta-feira do angu, que era a lavação da igreja, a preparação da igreja para começar a festa. Por isso que chama Nossa Senhora dos Homens Pretos de Minas Novas. Aqui a festa tem esse nome. E os reis e as rainhas eram todos negros. Eles lavavam a igreja de noite, com os potes de barro. Construíam durante o ano, iam fazendo os potes durante a noite, depois que os senhores iam dormir, eles iam para o rio. O caminho foi até reconstituído agora. Desciam da igreja, iam lá na pedra do Rosário buscar água nos potes de barro para lavar a igreja.

E como eles ficavam a noite inteira trabalhando, eles comiam o angu. Chamava quinta-feira do angu, era com couve. Eles tinham plantação de milho que eles cuidavam durante o ano, para fazer o fubá e os canteiros de couve, que era a única coisa que eles comiam. Então, até hoje tem a quinta-feira do angu. Canta, vai lavando a igreja, o povo vai buscar água no rio, vai lavando, esfregando e cantando as músicas, enquanto eles vão esfregando o chão. Eles lavam e cantam, "essa roda aqui é de preto / só branco que entrar cai no cipó" vão cantando.

A senhora é escritora, quantos livros a senhora tem?

Eu já lancei três livros. Um chama "Rabiscos", o segundo "Prosa e Verso de Lá e de Cá", que meu sangue indígena não me deixa ficar quieta num lugar, eu fico um tempo aqui e outro lá. Mas o livro já teve o título de "História de Lá e de Cá", quando eu estava morando aqui. Depois eu mudei e lancei o livro novamente, então, lá virou "Cá", e aqui virou "Lá". E o terceiro é o "Idas e Vindas".

Qual o assunto do primeiro?

O "Rabiscos" é porque tenho mania de escrever. Quando eu estudava, eu ganhava muito prêmio de redação, toda noite eu escrevia, e sempre no caderno, com caneta preta. O livro fica debaixo do travesseiro, eu acordo sonhando, sonhando não, pensando em alguma coisa, tiro ele sem ascender a luz, e vou escrevendo. No dia seguinte consigo colocar em ordem. Então, para mim isso era rabisco, mas agradou tanto o povo, que eu, então, fiz o segundo.

Meu filho, esse que faleceu, foi quem diagramou o livro, digitou, fez tudo

direitinho, e também fez umas fotos bonitas minhas. Fizemos o lançamento do livro, "Idas e Vindas", esse terceiro. Agora eu já tenho o quarto que vai chamar "Meus Seis Amores", que são meus seis netos. Porque amor mesmo, eu só tive um, o pai dos meus filhos, meu marido. Mas aqui ninguém sabe quem são os seis amores, todo mundo fica pensando, "ela já namorou fulano, fulano", não, são meus seis netos.

E no "Idas e Vindas" a senhora tem várias personagens, quais são as personagens que a senhora tem lá?

A que o povo se interessa muito é sobre Rita Pezinho, uma senhora que, naquele tempo que ninguém tinha aposentadoria, ela vivia de favores das pessoas, pedindo esmola. Mas tinha uma família, que mora perto da igreja do Rosário, que gostava muito dela. Ela chamava Rita Pezinho, e aqui em Minas Novas tem um ditado, que fala assim, "ilusão de Rita Pezinho", para uma coisa que, às vezes, é impossível.

Porque foi o seguinte. Vocês vão assistir os festejos e verão que tem a fogueira de São João. Ela pulou a fogueira de mãos dadas com um moço, porque dizia que viravam compadres. Mas ela foi saltar a fogueira e pisou na brasa acesa e queimou todos os dedos. Mesmo assim, toda manhã ela olhava os pés para ver se os dedos estavam nascendo de novo. Então, era ilusão dela, porque os dedos não iam nascer novamente. Daí é que ficou esse negócio aqui em Minas Novas de quando a pessoa pensa alguma coisa impossível, se fala, "o, ilusão de Rita Pezinho".

Rita Pezinho era negra?

Ela era negra. Tem também o João de Deus, que vocês já devem ter escutado muita história sobre ele.

Conta um pouquinho?

O João de Deus era um negro, que era chefe de outros negros na festa, onde a maioria das pessoas é negra. A guarda que carrega as bandeiras fazendo aquelas evoluções em frente do rei, são todos negros. João de Deus era o chefe, um homem alto, forte, ele ficou no lugar de Dom Serafim, quando Dom Serafim mudou daqui para Itamarandiba. Ele também parente de escravo, gritava o leilão, e gritava no dia da posse, que vocês vão ter oportunidade de ver.

É assim, quando a pessoa leva donativo, se leva um real, ele gritava, "Maria do Rosário, um real", o tambor bate, "bufe", aí quando uma pessoa dá cem reais, "um devoto, cem reais". Ele ficava o dia inteiro gritando, vocês vão assistir dia 25. Então, quando a pessoa dá cem reais, o tambor bate bastante, conforme a quantia que a pessoa dava. E ele então fazia esse papel, até uns cinco ou seis anos atrás, agora quem faz isso é o neto dele, que também é negro.

E tinha outro personagem, que era a Geraldona, uma louca, negra, que morava atrás da igreja de São Francisco. Ela gritava tanto com fome, mas a gente tinha medo de ir lá. Ninguém sabe como ela morreu. Quando dava lua cheia, não sei se tinha alguma coisa, ela começava a gritar, então o povo todo afastava dela. Sofreu muito, não tinha parente.

Como a senhora fez para levantar a história dessas pessoas?

Através da minha avó. Minha mãe conta, que eu com três anos já contava histórias com princípio, meio e fim. Na minha biografia tem isso. E eu vivia perguntando as coisas para minha avó, aquela que era negra. Ela então me contava os casos todos e eu já escrevia, já anotava num caderno.

A senhora tem uma biografia, quem escreveu?

Meus filhos que escreveram.

Mudando de assunto, a senhora comentou sobre a igreja de São Gonçalo?

Falando mais um pouco das igrejas aqui de Minas Novas, tem a igreja de São Gonçalo, que foi construída ali em baixo, no lago de São Gonçalo. De lá é visto o morro da Contagem, onde se contava o ouro. Porque aqui tinha muito ouro, que era mandado para Portugal. Então, dessa igreja os portugueses fiscalizavam, de binóculo, um binóculo que usava naquela época, bem comprido. Os escravos contando o ouro no morro da Contagem. É a igreja mais antiga que tem aqui em Minas Novas.

Agora, a senhora poderia contar um pouquinho dessa coleção de peças que a senhora tem na sua casa?

Essa exposição que tenho aqui está completando 30 anos. São de vários artesãos, alguns já faleceram. A peça que mais o pessoal se interessa é da viúva de marido vivo. Porque no Vale do Jequitinhonha as famílias são criadas mais pelas mulheres. Por isso temos aqui, na primeira cena, o casal se conhecendo, namorando em um jardim. Depois, eles já estão abraçados, ficam noivos, e depois o casamento. Olha aqui

a festa do casamento, os noivos montados no burro, sozinhos, e depois os padrinhos todos a cavalo.

As famílias, as mulheres estão até amamentando, montadas a cavalo, e daí a festa do casamento. Se for crente, vai casar na igreja de crente, se for católico, casa na igreja de católico. Tem o casamento, e o homem já está com a viagem marcada para ir a São Paulo colher laranja, café, cortar cana. Deixa a mulher grávida, e ele não vê a mulher grávida, ele vai e ela está começando a gravidez. Quando ele volta, em dezembro, o nenê já nasceu.

O neném já nasceu, e ela fica sozinha então, com trouxa de roupa na cabeça para lavar, carregando o neném, com balaio de verdura na cabeça, carregando o neném, com lenha, carregando o neném, capinando, carregando o neném. O marido volta de São Paulo, que estava lá cortando cana, colhendo laranja e café, ele vem, batiza, registra a criança que nasceu, e deixa a mulher grávida de novo. Se ele vier dez vezes, ela tem dez filhos.

Esta senhora com duas crianças, é para simbolizar que a mulher cuida da família quase que sozinha. Depois, o marido mal remunerado, mal alimentado em São Paulo, volta aposentado sem receber nada. Olha ele aqui, de camisa azul, se alimentando sentado, nem consegue ficar em pé, escorado, tudo por causa da doença que ele adquiriu fora, porque foi muito mal alimentado, trabalhou muito de sol a sol. Depois, olha ele lá de chapéu, mais doente, a mulher acompanhando.

E, para terminar, ele ainda mais no fim da vida. Porque aqui no Vale do Jequitinhonha, a mulher vive mais que o homem, o homem vive mais fora da família. Costuma morrer primeiro que ela, e ela segue o caminho dela mais alguns anos, ou talvez meses. Agora essa mesma história se repete com os filhos, netos, e depois a outra geração começa do mesmo jeito que começou essa aqui.

Aqui ainda tem outras representações da vida da região, certo?

Essa parte da exposição explica como era a vida aqui da região nossa, antes da Copasa, antes da água encanada. Os escravos buscavam água no rio e enchiam todas as talhas da casa. Era água para lavar roupa, aliás, não, lavava roupa no rio, mas era água para tomar banho, para lavar vasilha, para engomar. Em todas as casas tinha uma caneca igual a essa aqui, que era para tirar a água para beber, colocar na canequinha, para não beber direto, se não diziam que a água ficava baba. Então, essa caneca os próprios escravos faziam.

Já aqui, era antes da Cemig, as pessoas mais abastadas tinham os lampiões, como esses aqui, mas era lampião feito com lata. E tinha o candeeiro. Esse feijão aqui era para mostrar como que os escravos, depois que eles cultivavam o feijão, colhiam o feijão, secavam, mas como eles conservavam. Tem um barro nesta região aqui chamado tabatinga, eles socavam a tabatinga no pilão e colocavam a tabatinga no feijão, para conservar, para não dar caruncho. E aqui, era o arroz com pequi, que era a comida preferida dos escravos, como aqui, o feijão preto e o arroz com pequi, que era a comida mais forte que os escravos gostavam, e que nós herdamos aqui em Minas Novas. Nosso prato preferido é o arroz com pequi.

Sebastião Soares Pereira, Maria Rodrigues de Souza Soares, Domingos Ramos Soares
Comunidade de Sabará

Terra até tem. Mas eu planto, planto, planto e não sai mais nada

Nos relatos dos moradores da comunidade de Sabará, chama a atenção a insistência no tema da falta de água. Afinal, eles viveram tempos de mais abundância quando o rio Sabará alimentava tudo: terras, hortas, animais e famílias. Mas não se deixam abater e trabalham até hoje, apesar da idade, como atesta seu Domingos. “Eu vivo da roça até hoje. Ainda mexo com milho e tenho duas vacas. Mas agora não tem capim para elas, então, preciso comprar uma raçãozinha, e vamos levando a vida.”

Dona Maria também traz suas lembranças de um tempo mais farto. "Na época do meu pai, eu lembro dos canaviais. Tem vezes que olho e penso que foi um sonho. Antes tinha jambeiro, laranjeira, mangueira. A gente apanhava jambo assim por cima das casas". Por conta da falta de água, até as manifestações culturais se esvaziaram. "Na Festa do Divino, antes chegava aquele tanto de gente na sua casa. Rezava o terço, depois cantava o Nove, dançava Roda. Agora, tem vez que chegam três pessoas, um com a caixa, outro recebendo o dinheiro e outro para o Divino Espírito Santo."

Como está a comunidade de Sabará hoje?

Sebastião – O que a gente conheceu de Sabará hoje só tem o nome. Porque a maior riqueza que nós tínhamos era a água. Hoje você olha, da cabeceira até a barra, só tem areia. Uma hora tem água e outra não tem. Antes você via de tudo, roça de milho, de mandioca, feijão. E hoje não produzo, porque a gente não tem aquele reforço. Fui nascido em Capoeirinha, essa aqui também é minha comunidade. Eu tenho um terreninho ali em cima, uma rocinha, mas não aproveito porque não tem água. Já tem uns 15 ou 20 anos que está lá parado, eu não posso movimentar, porque não tem.

Sabará na mesma situação. Então eu uso uma mina, que é uma riqueza que Deus deixou para nós. Ela não corre mais do que dessa quantidade da posição de meu dedo. Mas ela abastecia, acho que umas noventa famílias. Veio encurtando, acabando, acabando, e hoje abastece umas 13 famílias, e eu estou nesse meio. Às vezes a gente tenta um recurso, ou espera que o tempo melhore. A estrada para descer no meu terreno, dá uns 500 a 600 metros, às vezes eu pelejo e não consigo.

Então, é assim, se eu depender de uma pipa d´agua, eu tenho que carregar o tambor na cabeça, porque não vai no meu terreno. E não sou só eu, essa prioridade está para todos. A estrada, do transporte escolar, de dezembro para cá tem um trecho dela que só passa moto ou um carrinho pequeno. Um caminhão não pode passar.

E faz quanto tempo que a água parou de aparecer lá?

Sebastião – Ah, não tenho nem ideia.

Domingos – Estou com 63 anos, quando nasci, a água corria no terreno de casa. Nós tínhamos arrozal em casa. Eu nasci em 1952, desde os treze anos de idade eu saí para trabalhar, meu pai não tinha condição de mexer com nada, então saí para São Paulo. Mas naquele tempo, ao redor de casa era só água, em tudo que era grota. Hoje não tem água para um mosquito beber, não existe. Sabará acabou e vai só acabando.

Em função dessa seca, vocês entendem que tem muita gente que sai da comunidade?

Domingos – Já saiu foi muito, já acabou, pode contar os moradores que ficaram. Só os mais velhos que ficam, os mais novos saíram.

Sebastião – Da minha casa para baixo, hoje, só tem quatro moradores. Saiu tudo por conta dessas crises. Nós estamos ali num pedaço, onde já é Sabará, onde ele mora, estamos em sete famílias, o resto você só vê casa fechando.

Maria – Eu sou viúva, era casada com um tio dele. Tem 27 anos que meu marido morreu, sou a mulher mais sofredora de Sabará. Moro sozinha, não tem água. Tem um poço artesiano em Sabará, para dar água para todos, e deu água para 13 famílias, e eu fiquei jogada. Eu não tenho água não. Se Roni não levar água de pipa para mim, eu morro de sede. Sou doente. Foi colocado no papel pedindo água para 30 famílias, e só tem 13 bebendo dessa água.

Eu sou mãe de dez filhos, mas Deus tirou dois, tenho oito filhos em São Paulo, moro sozinha. Quando meu marido morreu fiquei com nove filhos para criar, tinha uma menina de seis meses. Mas nesse tempo eu trabalhava, tinha saúde, as coisas davam, a água era boa, tinha o Sabará lá que era famoso, passava perto da casa desse compadre. Hoje está seco de pegar areia. A gente só vê água assim, choveu hoje, correu, amanhã esteou, acabou. Hoje a gente só tem a "caixa de goteira", e é com ela que nós remediamos com a água. Mas ela não dá conta de a gente usar um ano, dois. Ela acaba.

A água a gente bebe, dá para as galinhas, lava roupa, ela acaba. E quando acaba, tem vezes que eu venho até aqui com tambor de água para fazer comida. Mas agora eu não pego mais, porque sou mulher que não aguenta nem mais quatro quilos. Se eu pegar qualquer peso, eu não durmo de noite, com dor nas cadeiras. E não tenho, não porque não tem no poço artesiano, tem, mas fui eu que ficou fora disso.

Vocês comentaram de já ter tido cerca de 30 famílias em Sabará, quantas famílias tem lá hoje?

Maria – Tem umas 23 famílias, mas a água só tem para 13 famílias.

Sebastião – Mas ele quer saber de antes, e não dá nem para contar.

Maria – Tem casa que foi largada porque não tinha água. Lá tem casa fechada que a gente olha e o coração dói, de ver a casa que o pessoal trabalhou para ficar e não pode ficar. E tem casa lá que se a pessoa adoecer e morrer, dá trabalho para tirar, porque não tem estrada. O carro que leva os meninos para estudar, antes descia para fazer a volta lá, mas hoje não faz.

Sebastião – Tem lá um barranco que caiu em dezembro no meio da estrada. Nós tiramos um trecho de enxada, mas só passa carro pequeno, e é difícil. A tal ponte pequena que caiu.

A gente gostaria de falar também sobre manifestação cultural, como vocês disseram, lá era mais habitado, embora agora tenha diminuído, também em função desses problemas. Mas sobre as manifestações culturais, de danças, festas, tem alguma coisa que é marcado em Sabará, que sempre acontece? Como era na época que tinha essas famílias todas lá e como é hoje nesse sentido?

Sebastião – Antes, as festas que a gente conhecia, que acontecia lá, tinha O Nove, Caboclo, Roda, Batuque e a Folia do Divino.

Domingos – A Folia do Divino era uma festa grande lá.

Maria – Todo mundo ficava em casa esperando o Divino Espírito Santo, hoje nem graça tem. Quando o Espírito Santo chega em sua casa, chegam três pessoas.

Nenhuma dessas manifestações acontece ainda?

Maria – De vez em quando acontece, mas acabou.

Domingos – De primeiro não tinha baile, não tinha nada, eram só essas danças mesmo. E nossos pais também não gostavam de a gente mexer com baile e forró, não gostava.

Maria – Eu mesmo choro lá em casa, porque o mundo acabou e ninguém viu. Porque a gente via um rio passar, o Sabará não dava passagem para ninguém, nas águas. Só tinha um lugar onde a gente passava nele. Porque não passava de tão forte que ele era. E hoje a gente tira areia de dentro dele para fazer reboque, dá para gente chorar. Hoje não tem lugar nenhum para fazer uma roça. Se a gente quer comer um mingau, que não tem um fundinho de terra no fundo da casa, tem que comprar o milho para fazer o mingau ou um angu. Eu era mulher de plantar três quartos de milho, hoje eu não planto nem meia medida, porque não tem terra.

Sebastião – Terra até tem. Mas eu planto, planto, planto, mas não sai mais nada.

Maria – Antes era jambeiro, laranjeira, mangueira. A gente apanhava jambo assim por cima das casas, que caía. Hoje nem dá para saber que tinha.

Domingos – Cafezal, era de tudo, quando tinha água. Era uma vida rica, porque quem tivesse coragem de trabalhar tinha as coisas. Ainda trabalho todo dia, mas...

Vocês vivem de quê?

Domingos – Ainda mexo com milho, tenho duas vacas. Mas agora não tem capim para comer, então precisa comprar uma raçãozinha. E vai levando a vida.

Maria – Se tem duas, vende uma para comprar ração para a outra. Tem coisas que não vamos ver mais nunca. Quando tinha meu pai, eu lembro de ver os canaviais. Tem vezes que olho e penso que foi um sonho. Meu pai tinha um canavial lá que, se mostro para vocês hoje o lugar, vocês vão pensar que é mentira. As trincas que têm no chão dão para colocar as mãos.

Domingos – Quem conheceu Sabará antigamente, era rico na água.

Maria – Antes fazia as plantações, de cebola. Hoje vai lá para ver? Por isso que ninguém fica mesmo. Eu sou mãe, e se falo para um filho ficar mais, eles respondem que se ficarem morrem com o tempo, não tem água nem para beber e nem para tomar banho. É difícil.

Domingos – O pior de tudo que, infelizmente, ninguém é culpado disso. A gente se criou naquela fraqueza, não estudou. Nossos pais criaram a gente nesse ramo da lavoura. E até hoje ainda levo minha vida. Meus meninos não formaram, mas estudam. Então, como o caso dela, só está eu e minha veia em casa, sozinhos. Se quiser fazer a vida, ganhar o pão, fazer alguma coisa, precisa sair. Eu tenho quatro filhos, três moram em Curitiba e uma menina mora em São Paulo. Mas é assim aqui, é difícil.

Maria – Se a gente tivesse uma água no terreno dava para fazer até uma hortinha. Imagina, sozinha, ou duas pessoas, com uma hortinha, dava para viver. Quando a gente tem uma água, a gente tem mais ciúme dela do que comer.

Domingos – Eu vivo da roça até hoje, fome a gente não passa.

Sebastião – Feijão e arroz, graças a Deus, não falta na mesa.

Maria – Mas esse arroz e feijão vêm do armazém. Porque no tempo que era bom, quanto feijão tinha lá. Até o capim está morrendo porque não está resistindo mais.

Gostaria de perguntar qual a religião de vocês, em Sabará, a maioria das pessoas?

Domingos – É católica.

Os pais, avós, todos eram católicos?

Domingos – Eram, todos.

E candomblé, não tinha?
Maria – Não tinha.

Nunca teve?
Maria – Nunca teve.

Vocês são de uma comunidade quilombola. Quando que vocês começaram a ter noção que vocês eram descendentes de ex-escravos? Falavam sobre isso quando vocês eram pequenos, os pais, os avós?

Maria – Falavam. Eles falavam que tinham os escravos, e nós ficávamos pensando de como seria. Meu pai e mãe cansavam de falar isso com a gente. Só que quando a gente é menina, mais nova, colocava aquilo na cabeça, mas não entendia nem o que era. Mas hoje a gente sabe e lembra que os pais falavam.

Tinham umas velhas lá em casa, a vovó Celina, elas falavam do povo escravo, e de que a mãe dela tinha sido vendida. Que ela se criou sem conhecer a mãe dela. E eu danava chorar e perguntava de como ela tinha vivido sem a mãe. Ela falava que não tinha jeito, e que tinha que fazer o que os homens faziam, se não apanhava. Pois eles compravam.

Domingos – Tem uns valos velhos no meio da mata, falam que era do tempo da escravidão. Uns valões, que diz que no tempo da escravidão punha os que não podiam com nada, tinha que trabalhar e fazia aquilo. Mas eu mesmo não cheguei a conhecer não.

Agora falando sobre a festa que vocês tinham, a Festa do Divino, que dia era comemorado?
Domingos – Dia 24 de junho.

Hoje em dia vocês não fazem todo ano essa festa?
Maria – Faz todo ano, este ano mesmo já passou na nossa casa. Só não é como era antigamente. A gente gostava de fazer rapadura.

Maria – Chegava aquele tanto de gente na casa da gente, com o Divino Espírito Santo, e de noite o povo sambava a noite toda. Primeiro rezava o terço e depois cantava O Nove, dançava batuque, dançava Roda. No outro dia dava o almoço e tornava a sair. De noite o pouso era em outra casa. Agora hoje tem tão pouca gente, que o povo já saiu até em três, um com a caixinha, outro recebendo dinheiro e outro para o Divino Espírito Santo. Só três, chegam na sua casa, você dá a jantinha, o pessoal come e já vai dormir. Acabou tudo. Mas a festa do Divino, em Minas Novas, continua do mesmo jeito.

E qual era a comida nessas festas?
Maria – Era feijão, arroz, galinha, um molho de abóbora ou molho de mamão. Se tivesse ali uma alface, salada, muito biscoito com café. Era um prazer, a alegria do povo.

Vocês ainda mantêm a mesma comida que seus pais faziam, que os avós faziam, vocês mantêm?
Maria – Tem. Até hoje a gente ainda faz do mesmo jeito.

O que vocês fazem?
Maria – A comida natural nossa é feijão com arroz, um molho. O dia que a gente pode tem uma carne. Carne de porco, ou boi, ou galinha. Também macarrão, ou verdura.

E biscoito, bolo, essas coisas vocês não fazem?
Maria – Faz.

O que vocês comiam quando eram crianças?
Sebastião – Olha, eu mesmo comia raiz do mato, raiz de mucunã. Lavava ela, que nem a mandioca, ralava. Naquele tempo nem rapadura quase não usava. Moía cana, furava uns buracos num pau, tocava aquela garapa e adoçava com ela. Eu já passei de tudo.

Maria – E quem não tinha socador, socava no pilão e colocava nela.

Sebastião – Hoje se você não tem, vai no comércio e compra. Antigamente era só quem tinha, e quem tinha as coisas nem olhava para nós. Nós tínhamos que trabalhar o dia inteirinho, e quando era de tarde, ganhava só um pouquinho de arroz, e de canjiquinha de milho. Um pouquinho de rapadura e canjiquinha e ia embora. E ainda escutava assim: “depois amanhã eu quero você de novo aqui”, era assim.

Maria – É, os homens eram sofredores. Trabalhava para trazer um pouquinho para as mulheres e os filhos comer, e no outro dia tinha que voltar de novo para ganhar mais. Mas o tempo era bom. Você trabalhava e tinha as coisas para comer. Hoje não, hoje todo mundo pode comer melhorzinho. E o povo velho aposenta, porque, se não, como faria? Porque hoje, se eu fosse capinar umas duas covas de milho, estava morta.

Virgem da Lapa

Fundada por um rico português chamado Antônio Pereira dos Santos, Virgem da Lapa foi elevada à categoria de vila em 1891, desmembrando-se do município de Minas Novas e anexada ao de Araçuaí. Sua fundação é considerada em 1729, por doação de extensos terrenos entre a margem esquerda do rio Araçuaí e direita do Rio Jequitinhonha .

Importante também para a cidade é o córrego de São Domingos, que devido à exploração de ouro nas suas margens, originou o primeiro nome, Arraial de São Domingos. Em 1823 foi criada a Paróquia de São Domingos. O nome de Virgem da Lapa só veio a ser criado oficialmente em 1948, porque, até então, era denominado como São Domingos do Araçuaí, já que pertencia a esse município.

A fazenda de lavoura e criação onde Antônio Pereira dos Santos se fixou, ficava num lugar denominado de Pega, onde mais tarde se estabeleceu uma das comunidades quilombolas da região. Talvez sem saber, dona Joana Leite de Souza Nascimento vive hoje, no alto de seus 92 anos de idade, onde o próprio município de Virgem da Lapa começou o seu desenvolvimento. Ela, bisneta de escravos, nasceu e foi criada nessa comunidade. Comenta que no início só haviam ali duas famílias, a dos Lopes e a dos Leite, justamente a de seus pais.

Para ela, a origem de tal comunidade tem outro ponto de vista. “Os escravos viviam correndo dos fazendeiros, que paravam tudo aí por perto. Eles não tinham como passar o rio, e ficavam gritando ‘pega, pega’”. Antes de se aposentar, dona Joana trabalhava na roça plantando arroz, feijão, andu e milho. E comenta que a principal celebração da comunidade, a festa da Senhora Santana, recebe gente

de vários outros municípios como Berilo, Pacheco e Araçuaí. Aliás, é famosa a peregrinação de devotos que vão a pé de Araçuaí a Virgem da Lapa.

A religiosidade é sempre muito presente na região. Outra celebração bastante lembrada é a Festa de Santa Cruz. Laurinda Figueiredo de Oliveira, da comunidade de Almas, descreve a festa: "Cada um descia de sua comunidade, rezando e, quando chegava no cruzeiro, cada um colocava sua pedrinha lá. Levava um litro de água e deixava aquela água descendo, lavando ela. Era assim durante nove dias. Quando nós começávamos a fazer a penitência, as roças já estavam morrendo, e quando terminávamos já era debaixo de água, chovia mesmo", relembra.

Bem representativo também é o artesanato de Virgem da Lapa, tendo como um dos principais artigos a vassoura de coqueiro. A matéria-prima diminuiu muito à medida que as plantações de eucalipto avançaram na região, há muitos anos. Na comunidade de Almas, em pouco tempo caiu de nove para três as artesãs locais. Mas a tradição sobrevive e recebe gente de longe para adquiri-las.

Até a data de 20 de maio de 2016, eram 17 as comunidades quilombolas de Virgem da Lapa certificadas pela Fundação Palmares (Alto Jequitibá, Curral Novo, Pega, Quilombo das Almas, União dos Rosários, Campinhos, Capim Puba, Mutuca de Baixo, Lavrinha, Pianos, Pacheco, Córrego do Brejo, Morro Redondo, Gravatá, Massacará, Onça e São José).

Joana Leite de Souza Nascimento
Comunidade do Pega

Um século de sabedoria

Bisneta de escravos, dona Joana Leite nasceu e cresceu na comunidade do Pega, e nos concedeu um lúcido depoimento do alto de seus 92 anos de idade. Foi do tempo em que, na comunidade, só tinham duas famílias, justamente as de seus pais, os Lopes e os Leite. "Eram só essas duas famílias aqui, depois é que foi vindo mais gente. De primeiro eram poucas casas, mas depois cresceu bem", recorda. Sobre a origem do nome da comunidade, relembra histórias repassadas de geração a geração. "Os escravos viviam correndo dos fazendeiros, que paravam tudo aí por perto. Eles não tinham como passar por causa do rio, e ficavam gritando 'pega, pega.'".

Sou Joana Leite de Souza Nascimento e a comunidade aqui chama Pega.

A senhora nasceu aqui mesmo?

Nascida e criada, e graças a Deus estou com 92 anos aqui. Só saio para passear, quando vou em Aparecida, no Senhor de Bom Jesus.

Seus pais são daqui também, do Pega?

Sim, nascidos e criados.

Avós também?

Também, nascido e criado.

A senhora tem uma ideia aproximada de quanto tempo tem a comunidade do Pega?

Não.

Mas desde seus avós vocês estavam aqui?

Quase que nem avós eu conheci. Só conheci uma das avós, mas eu era muito pequena.

Quantos anos a senhora tinha?

Não sei ao certo.

Os pais da senhora morreram há quanto tempo?

Tem muitos anos.

A senhora participou da fundação, do início aqui da comunidade do Pega?

Quando eu nasci, quando me entendi por gente, a comunidade aqui já estava.

A senhora sabe por que tem esse nome aqui?

Porque os escravos viviam correndo dos fazendeiros e paravam tudo aí perto. Então os fazendeiros chegavam dizendo "pega, pega!", porque não tinha como eles passarem para cá.

Por conta do rio?

Por causa do rio. Os fazendeiros chegavam e ficavam falando "pega, pega", e a comunidade ficou chamando Pega.

Como é o nome do rio?

Aqui é o rio Araçuaí.

Esse rio agora está com água, tinha mais água antes?

Essa água era parada, que a gente via só uma pedra grande que tem ali embaixo, e uns travessões que tinham ali em cima. Mas isso aqui tudo era parada, de tão fundo que era.

A senhora chegou a pegar ouro?

Pegava muito.

Pegava onde?

Até em Berilo nós caçávamos ouro. Tinha uma lavra em Berilo, nós saímos daqui e íamos para lá trabalhar.

A senhora faz ou fazia algum artesanato?

Não, eu só mexia com serviço de roça.

O que a senhora plantava e colhia?

Nós plantávamos arroz, feijão, andu, milho, de tudo um pouco.

O que é o andu?

Uns baguinhos de feijão redondinho, e a gente se alimentava com ele, do tipo de feijão mesmo.

E hoje o que vocês plantam aqui?

Hoje quase que nós não plantamos nada aqui, porque o tempo mudou. Nós plantávamos milho. Arroz paramos de plantar, porque não dava nada, o tempo mudou. Hoje nós plantamos milho e feijão.

O que vocês comem vem de onde?
Vem de fora, faz a compra na feira. Quando pode, faz pelo mês, quando não pode, vai todo sábado e compra um pouquinho.

Como vocês vivem aqui hoje, de onde vem o dinheiro?
Do governo, manda para nós.

Mas é aposentadoria?
É aposentadoria, eu tenho uma.

E aqui na comunidade tem festas ainda?
A gente faz uma festa da Senhora Santana, no dia dela. Nós rezamos o terço, celebra a missa quando tem padre.

O que é a festa da Senhora Santana?
A festa junta bastante gente e passamos nos divertindo de noite.

Mas tem alguma dança, cantoria?
Dança quase que está desusando aqui. Antes tinha dança, mas hoje quase está desusando. Passa a noite aí divertindo, mas não tem dança não.

E quais eram as danças que tinham antes?
Era baile.

Que instrumentos a senhora lembra para embalar essas danças?
Antes era sanfona, mas hoje é "som".

A senhora gosta mais de como é feito hoje ou antigamente?
Antigamente era melhor, era sanfona.

Vinha gente de outras comunidades ou só daqui?
Vinha gente de longe, de Araçuaí, Berilo, Pacheco, vinha gente de tudo quanto é lugar.

Em que época acontece essa festa de Santana?
Mês de julho.

Mas tem a ver com festa junina?
Não, não tinha nada a ver. O povo se divertia durante a noite, e no dia seguinte pegava a estrada e ia embora.

Tem alguma comida que era especifica dessa festa?
Antes a gente fazia banquete. Depois passou a fazer só o café com quitanda.

O que tinha no banquete?
Fazia tutu, carne, todas as misturas. Nós tratávamos o povo que vinha de fora, porque as vezes ficavam dois, três dias aqui com a gente, nós dávamos comida.

A senhora dançava também?
Antes eu dançava sim.

A senhora tem ideia de quantas famílias tinha antes aqui no Pega, no tempo em que a senhora era mais nova, e agora, se saiu muita gente daqui?
Eu não tenho muito essa lembrança. Aqui cresceu bem, de primeiro era poucas casas, agora cresceu. Tem muitas famílias, até de fora. Aqui só tinha duas famílias, que eram Lopes e Leite. Leite era para o lado de minha mãe, e Lopes era do lado de meu pai. Eram essas duas famílias que tinham aqui. Depois é que foi crescendo. E muita gente de fora também deu para vir morar aqui.

Então começou mesmo com as famílias de seu pai e de sua mãe, depois é que vieram outras?
Começou com nós aqui.

No caso da família da senhora, deve saber que a senhora é descendente de ex-escravos?
Sim.

Na família da senhora quem era escravo, seus bisavôs?
Meus bisavôs que eram.

E a senhora lembra das histórias?
Não lembro não.

Mas eram seus bisavós que eram escravos, eles é que vieram para cá?
Sim.

E eles vieram de onde, a senhora sabe?
Não sei não.

PAMP

Laurinda Figueiredo de Oliveira e Nídia Oliveira Batista
Comunidade de Almas

Chovia mesmo

Na memória das moradoras da comunidade de Almas, lembranças da mais tenra idade. Dona Nídia recorda que, quando criança ainda, arriava mula para poder levar cana no engenho. Trabalhavam muito, carregando sacos de estopa para plantar capim. Mas também lembra de momentos bons de comunhão, mais naturais de tempos passados. “A gente fazia a Sexta-feira da Paixão, fazia comida em conjunto, um levava comida para o outro. Era aquela boniteza: todos andando com as comidas, prato de arroz, de doce.”

Era também tempo das festas de Santa Cruz na comunidade, e das penitências, quando juntava gente de Almas e Cabeceira da Onça, como bem rememora dona Laurinda. "Cada um descia de sua comunidade, rezando, e quando chegava no cruzeiro cada um colocava sua pedrinha lá. Levava um litro de água e deixava aquela água descendo, lavando ela. Era assim durante nove dias. Quando nós começávamos a fazer a penitência, as roças já estavam morrendo, e quando terminávamos já era debaixo de agua, chovia mesmo."

Laurinda Figueiredo de Oliveira – Comunidade de Almas, tenho 67 anos.

Nídia Oliveira Batista – Sou de 1940 e completo 74 anos agora em dezembro. Eu sou batizada como Hilda, mas mudei meu nome para Nídia. Sou criada aqui mesmo, em Almas.

Dona Nídia, comece falando da história aqui da comunidade, o que a senhora tem de memória?

Nídia – Minha memória daqui começa de quando a gente mudou para cá. Eu fui nascida no Córrego D´água, nós éramos em dez, cinco daqui e cinco de lá. Meu pai trabalhava lá, no garimpo, sem casa, só levando a bateia e de noite dormia na casa do pai dele. De dia ficava trabalhando, sem a casa, e de noite dormia na casa do pai. Quando chovia abria uma bateia na cabeça dos filhos. Ele foi rodando, tirando ouro daqui e de lá. Depois de um tempo ele voltou para cá para comprar essa fazendinha, porque esse negócio de trabalhar para os outros, é como ser escravo. E a gente trabalhava muito sofrendo, carregando aqueles sacos de estopa para plantar capim, as mangas sujas. Eu cansei de trabalhar lá, também fazia isso.

Eles mudaram para poder moer cana, e eu sempre pegava uma mulinha brava e arriava para poder carregar cana, no engenho. Eu nem sei se tinha uns dez anos nessa época. Meu pai veio com uma vaquinha no campo. As vacas cresceram e nós mudamos para cá. Ficamos aqui, meu pai plantou um mandiocal, canavial e comprou esse pedacinho de terra. Mas ele não teve a cabeça de registrar o documento, comprou, recebeu e pagou. Na década de 1950 meu pai comprou aqui. Comprou as terras, disse que era para os filhos não ficarem na "casa do pau". E ficamos morando aqui e acolá, mas não tinha cerca de arame em canto nenhum. Pagamos os impostos, mas não documentamos a terra.

Quando vocês chegaram aqui, quantas famílias tinham na comunidade de Almas?

Nídia – Quando chegamos, tinham poucas famílias, só tinha Bastião, Maria Emília do outro lado, Afonso morava ali em baixo, na rocinha, a veia Luiza morava em outra casinha. Meu pai morava lá embaixo, e nós plantamos cana, mandiocal. Depois minha mãe morreu e meu pai ainda continuou trabalhando mais um tempo, até quando não pode mais trabalhar. Os irmãos casaram e eu fiquei sozinha em casa, fazia roça. Depois, saí, na cidade, para trabalhar e mandar um pouco de dinheiro para meu pai. Numa ocasião fui para São Paulo, trabalhar lá. Fiquei um ano e voltei. Acho que voltei para cá em 1972, logo casei e fiquei por aqui mesmo. Aqui a gente parecia escravo mesmo, não tinha nada, nada, nada.

E a senhora acha que a vida mudou?

Nídia – Com o tempo a vida mudou. O povo trabalha mais, vai adquirindo as coisas, uma vaquinha daqui um leitãozinho acolá, e fomos levando a vida assim. Fazia roça, de vez em quando chovia, a gente colhia muito mantimento, costumávamos colher seis sacos de feijão. Um outro irmão e primo meus mudaram para cá, e eles colhiam 12 sacos de feijão. Mas a gente não está colhendo mais nada, custa a chover. E olha que tinha água que passava nesse córrego, corria água. Só vendo no tempo da minha avó. Mas aí foi secando, secando e ficou uma mina pequenininha. Até hoje tem uma mina de água, graças a Deus. Mas não dá água para todos, até pegam um pouco, mas não tem para jogar no depósito. Hoje as coisas melhoram porque um aposenta daqui outro acolá.

A senhora sabe se na história da família da senhora tinha algum escravo?

Nídia – Minha avó contava dos escravos, ela mesma trabalhou com os escravos. Ela sofria, trabalhava até meia noite. Quando eles deitavam, que ela ia "enxugar a roupa no corpo", ela falava para nós. Ela trabalhou com os escravos, muito.

Ela vivia em outro lugar?

Nídia – Aqui nesse mesmo lugar, mas eu não sei onde ela trabalhou com esses escravos, mas ela trabalhou. Foi muito sofrida, muito sofrida. Acabou que ela morreu em São Paulo, um filho levou ela para lá, e passou muita fome lá também. O filho dela morreu logo. Eles moravam numa ilha, tinham um bote e quando chovia, a casa

enchia de água, e eles no bote, ficavam do lado de fora até abaixar a água do rio, para então voltarem para casa.

Das histórias que ela contava para a senhora, dessa época dos escravos, do que eles tinham como tradição, coisas que eles faziam, formas deles se reunirem, comidas, dança. Vocês herdaram deles, vocês mantiveram?

Nídia – A gente fazia a Sexta-feira da Paixão, fazia comida em conjunto, um levava para o outro. Aquela boniteza tudo andando com as comidas, um prato de arroz, doce, um levando de uma casa para a outra, aquela boniteza na Sexta-feira da Paixão. Minha mãe e minha avó contavam que ainda teria um tempo de a gente dar um prato de ouro para receber um prato de comida. Um tempo em que, quem é novo, desejaria ser velho, e quem é velho desejaria ser novo para gozar de bom tempo. E tudo que elas falaram está chegando. Então, é um prato de dinheiro para um prato de comida, minha avó sempre falava. Da gente ver muita coisa de admirar, e nós já estamos vendo.

Agora, dona Laurinda, vamos falar um pouco das festas que a senhora conhece, como a festa de Santa Cruz. Aliás primeiro conta um pouco da sua família, vocês são da mesma família?

Laurinda – Avô e avó, são os mesmos. É uma "parentagem" só.

Todos aqui?

Laurinda – É, tudo parente. Sobre as festas, há uns anos era muito bom, a festa de Santo Antônio, de São João. Todo ano meu pai fazia a festa de São João, todo ano ele rezava o terço. Fazia muito biscoito, socava milho, colocava uma quarta de milho de molho, socava tudo isso no pilão para fazer bolo e dar ao povo. Fazia uma fogueirona, dançava a noite toda, comia bolo. Por muitos anos aconteceu assim, hoje é que não está tendo as festas de São João como já teve.

E por que?

Laurinda – Sei lá, a juventude não tem mais força de fazer o que os velhos faziam. Hoje os mais novos parecem que estão mais cansados. O que eu mesmo já fiz, hoje eu não faço, e os novos também não fazem. Levantar meia noite e ir para o pilão socar milho até oito, dez horas da manhã. Tirar aquele monte de fubá para cozinhar e fazer bolo. Hoje os novos não fazem isso. Aqui são poucos que socam no pilão.

Vocês têm pilão em casa?

Laurinda – Tem, sempre soca, fazemos farinha, bolo.

Há quanto tempo a senhora acha que isso mudou?

Laurinda– Ah, já tem tempo, porque meu pai já tem uns vinte e cinco anos que morreu. No tempo de meu pai tinha essa tradição todo ano. O meu tio Ricardo também, ele era da fogueira de Santo Antônio, rezava o terço, fazia forró, a gente dançava batuque. Era muito bom, bom mesmo.

Outras comunidades da região vinham participar dessas festas?

Laurinda – Vinha sim. A de Santa Cruz vêm, do Samir vêm, a gente também vai na comunidade deles.

Gostaria que a senhora contasse para gente a história da penitência?

Laurinda – É assim, juntava gente daqui, da comunidade de Almas com a Cabeceira de Onça, que eu morava lá, e nós descíamos. A cruz era lá embaixo. Nós descíamos de lá e eles desciam daqui. E cada um descia de seu lugar rezando. Chegava ao cruzeiro, cada um com sua "pedrinha" na cabeça, colocava lá no pé da cruz. Levava um litro de água, virava no pé da cruz, e deixava descer lavando ela. Era assim durante nove dias. Quando nós começávamos a fazer essa penitência, as roças já estavam todas morrendo, os milhos todos torcido, feijão já tinha morrido. E quando nós terminávamos essa penitência, já terminava debaixo de água. Chovia mesmo, e continuava chovendo, e as águas eram muito boas.

Em que período que chovia?

Laurinda – Em outubro e novembro. Às vezes até em setembro, em 29 de setembro, de primeiro, aqui chovia bastante. Hoje é que não está chovendo, mas chovia. Meu pai sempre falava assim: "é, meus filhos, dia de São Miguel é dia de chuva". E era mesmo, chovia. Aí a gente plantava, dia 15 de outubro. Para a gente ir para a festa, enquanto nós não limpássemos um bocado de feijão que ele coloca para nós limparmos, nós não íamos. Ia, rezava, tinha vez que rezava dentro de casa, porque a chuva não deixava a gente ir. Chovia bastante mesmo, chovia direto. Se um tempo para cá a chuva diminuiu muito mesmo.

A penitência também vocês não fazem mais?

Laurinda – Hoje a penitência, aonde eu escuto que faz ela, é na rua. Porque na rua tem o cruzeiro, que chama Cruzeiro Senhor da Boa Vida. Num tempo desses se reza lá, mas aqui na roça parou, porque os córregos acabaram. Naquela época tinha córrego que pegávamos pedras e levava. E hoje, até isso acabou. Se fosse, seria naquele cruzeiro lá embaixo, mas para ir daqui até lá, tem buraco demais. Os mais novos até vão, mas para os mais velhos, é difícil. Dia de sábado mesmo estiveram lá, teve juiz, juíza, tudo aqui nas Almas, foram lá rezar o terço. Quem agüentou, foi quem não agüentou, ficou. Eu fiz janta para eles, comeram, fiz um bolo de aniversário. Como sábado rezou o terço, eu comemorei num dia só. Eu vou completar os anos na quarta-feira, mas comemoramos ontem.

Foi aqui a festa, como é o nome da festa?

Kerlane Murta – Festa de Santa Cruz[1].

Laurinda – Foi muito bonito, acho que tinha umas 150 pessoas. Jantaram, comeram, beberam.

Tem alguma música que acompanha essa festa?

Laurinda – Sim, o meu primo tem sanfona, que toca na festa do Rosário, e ele já tem a tradição de ir mesmo.

A senhora sabe um pouco daquela cantiga do Senhor Santa Cruz?

Laurinda – Da "levantação" da bandeira?

É, a senhora lembra, canta um pouco?

Laurinda e Nídia – "O que nuvem, tão bonita / O que nuvem, tão bonita / Que Deus mandou para nós ver / Que Deus mandou para nós ver / Quero ver Senhor, quer ver / Quero ver Senhor, quer ver / Quero ver chover na terra / Quero ver a chuva na terra / Piedade Senhor, piedade / Piedade Senhor, piedade / Piedade dos pecadores / Piedade dos pecadores".

Tem um nome essa cantiga?

Laurinda – "Que nuvem tão bonita que Deus mandou para nós ver", é penitência. Tem muita reza. Só que penitência para nós, tem muito mais de uns quarenta anos que eu não vou, mas não esqueci as rezas até hoje.

A senhora é benzedeira?

Laurinda – Eu benzo um pouco.

Kerlane – O interessante dessa tradição é benzer contra quebrante e mau olhado, mas o que acho mais interessante é benzer animais doentes. Às vezes tem uma vaca, uma égua, um cachorro, eles benzem os cachorros, e é tanta fé que cura, os animais ficam bons. Fala um pouco dessa tradição, que não pode deixar morrer não.

Laurinda – Para reza de bicho mau, essas coisas assim, ou quebranto, pode rezar a que fala assim. "Sua pedra, que no mar foi achado, e foi uma pedra consagrada. Assim como os padres, bispos e arcebispos não celebra a missa sem ela" ... aí fala o nome do que a gente vai rezar... "no seu corpo não entra nenhum mau. Nem quebranto, nem olhado e nem mau olhado. Com o poder de Deus e a Virgem Maria, vai para as ondas do mar, aonde não canta galo e nem galinha, vão Jesus, Maria, José, Amém". Esse aí que já entra no bicho mau, no quebranto, no mau olhado, que é olho gordo que fala.

E a da senhora, qual é?

Nídia – Eu sei outra que é quase imitando essa. "Era pedra bela, pedra salgada, foi achada no mar. O papa, o bispo e arcebispo e os papos de ramos não celebram missa sem ela. No corpo desse cliente", ou qualquer um que falar o nome da pessoa, "não entra nem quebrando, nem olhado, nem mau olhado, nem excomungado". Fala isso umas três vezes, daí rezam três pais nossos, três ave marias "e a fé de paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo". E não tem nada que com fé em Deus que não cure.

E a reza para curar dor de barriga de criança? Porque naquela época não tinha médico, não tinha conhecimento médico. Para dor de barriga, criança que tinha o "mau de sétimo dia", que tinha também?

O que era o mau de sétimo dia?

Laurinda – Que a criança nasce doente.

Nídia – De dor de barriga era assim. "Deus é papa e Jesus Cristo é bispo. No corpo dessa pessoa reze quebranto e mau olhado passado, na barriga dessa criança".

Vocês são benzedeiras desde quando?

Laurinda – Eu rezo terço desde os 12 anos.

Nídia – De uns tempos para cá, que antes eu não sabia nada. De uns tempos para

cá, a gente salva muita coisa. Tem um irmão que o menino dele morreu de quebranto, ele não sabia nada. Levou esse menino na rua, deixou o menino peladinho, o menino muito gordo, gemia tanto, não tinha um remédio para esse menino, morreu de quebranto e não descobriu nada.

E a senhora, desde os 12 anos? Como a senhora descobriu isso, foi de sua mãe?

Laurinda – Foi pela minha idéia. De primeiro, nós não sabíamos o que era rádio. Era pobreza, que todo mundo era fraquinho e não tinha condição de comprar um rádio, e televisão era só para os ricos, a gente nem conhecia. Aí meu irmão comprou um radinho de mão, e todo dia, 6 horas tinha missa, e toda vez que o padre começava a celebrar a missa, eu estava ali pertinho escutando. E com isso eu aprendi, pela minha ideía. Minha mãe não sabia rezar terço, meu pai não sabia, pela minha inteligência eu aprendi. A tia Eulália também, que era dona da penitência. De primeiro, era uma velhinha, vestia uma saiona que batia lá no pé. Aí todas as vezes que ela chegava ao Cruzeiro, eu gostava de estar ali perto dela. Meu pai era muito bravo, e então, ele avisava a gente em casa, chegava lá tinha que ficar pertinho dela ajudando ela rezar, e com isso eu aprendi.

Raizeiro, tem aqui também?

Laurinda – Eu conheci raizeiro. Tinha o João do Burro que morava lá no Cardoso, ele era raizeiro. E além dele, já conheci vários raizeiros. Tinha a dona Ana que morava em Araçuaí, e até hoje tem.

Kerlene – Até hoje tem né, o Angico, o Pachico.

Laurinda – Tem unha d'anta[2], raiz de mangaba[3], casca de jatobá[4].

Também se usa muito, até hoje, para tratamento, no caso mais mulheres e para o útero, é o barbatimão[5]?

Laurinda – É barbatimão. Têm muitas raízes no campo que são boas.

Nídia – Hoje, por qualquer coisa, o povo adoece e vai lá ao médico, mas eu não gosto. Eu sou diabética, tenho bronquite asmática, tenho problema de pressão, mas não gosto de ir ao médico todo mês não. De vez em quando eu vou, porque tem receita vencendo e eles me entregam remédio. Mas não gosto de ir ao médico sempre não.

Essas raízes ainda são fáceis de encontrar?

Laurinda – João é que pega sempre, eu não pego. Raiz de mangaba, jatobá e casca de angico[6] não são difíceis não, as outras, só para quem conhece.

Kerlane – Tia, gostaria que a senhora relatasse para nós um pouco sobre a história de Santo Reis, porque eu cresci dentro do Santo Reis. Como surgiu?

Laurinda – Quem cantava esse Santo Reis eram seus padrinhos. Porque o Reis, tem que ter as pessoas que "tiram" e outras pessoas para "responder". Então eles eram os mestres tiradores, e a gente acompanhava o Reis. A gente cantou durante muito tempo. Hoje que o povo está preguiçoso e não está cantando como cantava antes.

Em que época acontecia ou acontece o Santo Reis?

Laurinda – Acontece até hoje. É no Natal. Porque aqui a gente reza os nove dias de novena. Começa dia 15 de dezembro e termina de 24 para 25, até hoje. Eu mesmo já fiz aqui em casa. Hoje eu não faço porque nós temos a igreja, então reza lá. Levam o presépio lá também.

E como acontece, é um grupo tocando que anda pela comunidade, ou é numa noite?

Laurinda – Não, de primeiro até era. Quando nós começamos essa Folia de Reis, aqui era animada demais. Tinham muito jovens, as moças e os rapazes, e os casados também, todo mundo animava. Nós catávamos direto. Mas aí um bocado dos meninos foi embora, as meninas também foram embora. Então hoje só reza o terço e canta as rezas, mas o Reis mesmo não está tendo não, já tem uns dois anos.

A senhora acha que essa falta de manter a tradição na comunidade de todas essas rezas, tanto o Terço de Maio, como a Domingada do dia 15 de outubro, e também, a do Santo Reis, a senhora acha que essa falta de pessoas e de jovens, não seria incentivo, um meio de sobreviver, de estar estudando?

Laurinda – Acredito que sim, que é isso mesmo. Acabou aquela influência que, no nosso tempo, nós tínhamos.

Kerlane – Hoje mesmo a comunidade é mais vista só por pessoas mais velhas.

Laurinda – Só os mais velhos, porque os mais novos, se eles querem ganhar um dinheirinho é "lá fora". Um vai, começa a trabalhar, compra um ranchinho. Do ranchinho já tem uma casinha, e com pouco, já está morando lá, nem vem mais para cá.

A maioria do povo desta comunidade está em Belo Horizonte. Mas os mais velhos, enquanto tiver vida, segura essa peteca para não deixar cair. Não é animado como era de primeiro, mas também nós não deixamos de celebrar. Tem a Rita aqui que é nossa dirigente, celebra o culto todo domingo. O padre vem aqui e celebra missa.

Está acontecendo aquele terço aqui no cruzeiro, em frente?

Laurinda – Está.

Todo mês tem?

Laurinda – Não, o mês mesmo é maio. Dia das mães a gente sempre reza no cruzeiro, dia de finados. A gente não pode parar não, enquanto tiver vida tem que seguir para frente.

Kerlane – Eu acharia interessante que se passasse essas rezas, principalmente para benzer, para a juventude que tem hoje.

Laurinda – Eu mesmo já passei o terço para várias pessoas. Se não aprendeu é porque não quis, minhas meninas mesmo, todas sabem. Até os meninos homens sabem. Mas com esse negócio de mudar de igreja hoje, o povo parece que está perdendo a fé de Deus, que tudo é evangélico. Meus filhos mesmos todos são evangélicos hoje.

E a senhora criou eles nessa reza.

Laurinda – Criei nessa doutrina, e eles "passaram". Mas tudo passa sabendo, porque eu sabia, e eu ensinei para eles.

E sobre artesanato, a vassoura de coqueiro é própria aqui da comunidade, feita aqui. Tem algum artesanato que era feito aqui na comunidade só, e não é feito mais?

Laurinda – Acho que só a vassoura mesmo, que começou dos mais velhos. Hoje as meninas que apresentam. Mas eu e a Nídia aqui, nós éramos tiradouras de vassoura, das velhas.

Nídia – Mas nós levávamos na cabeça, não era no lombo de cavalo não.

Laurinda – Não, e não tinha moto, nós íamos a pé. E fazia as vassouras, amarrava, levava para a feira na cabeça. Tinha dia que vendia, outro dia não vendia. Trocava, às vezes, nós tínhamos vassoura e os outros tinham laranja, tinha banana, a gente trocava. Era assim. Eu já tirei muita vassoura.

Maria da Conceição Oliveira e Domingos Batista Oliveira
Comunidade Onça de Baixo

Uma grama de ouro por dia

Dona Maria e seu Domingos se conhecem desde pequenos. Vindos de Córrego de Laranjeiras, constituíram família roçando nas terras de Massacará, em conjunto com a Comunidade de Onça de Baixo. O nome vinha do córrego que tinha água abundante. “Tinha muita água, a nascente era lá na chapada. Mesmo quando a chuva estiava ele continuava correndo”, relembra dona Maria. Plantavam milho, feijão, mandioca, e até hoje seguem com a atividade como podem. “Só plantamos milho e mandioca mansa; a chuva de tempos para cá não chega”, lamenta ela. Ao relembrar festas, como a de Santa Cruz, em 3 de maio, e de Nossa Senhora da Lapa, em 15 de agosto, recordam da libertação dos escravos, história que ouviam de seus ancestrais. “Eles foram libertados e aí inventaram essa reza.”

Maria da Conceição Oliveira – A comunidade aqui é Massacará. Mas a comunidade mesmo, principal, toda, é Onça de Baixo. É porque são dois córregos, a comunidade é lá, e aqui é um córrego e chama-se Massacará. Mas não é comunidade, a comunidade chama Onça de Baixo. Eu nasci em 1944, dia 29 de agosto.

É mesmo, então a senhora tem 70 anos. E o senhor, como é seu nome?

Domingos Batista Oliveira – Eu sou de 1939, dia 30 de outubro, já estou com 75 anos.

Vocês nasceram nesta comunidade?

Maria da Conceição – Não, nascemos em outra comunidade. Mas quando nascemos não se chamava comunidade. Eu nasci no Córrego de Laranjeira.

E o senhor?

Domingos – Também foi lá.

Como vocês vieram parar aqui?

Maria da Conceição – Viemos para cá porque éramos pequenos, e meu pai deu de vir morar aqui, e trouxe nós pequenos. Ele ainda ficou por lá mais um tempo, e depois, já crescidos, casamos e eu fui morar com ele lá novamente, e depois viemos para cá e estamos aqui até hoje.

As famílias de vocês já se conheciam de lá?

Maria da Conceição – Éramos conhecidos, parentes, primos, pais, avós, tudo parente.

Os filhos de vocês nasceram aqui em Massacará?

Maria da Conceição – Foi. Mas a primeira nasceu lá no Córrego de Laranjeira, sou mãe de cinco filhos. Duas meninas, que já são casadas, três meninos, um mora em São Paulo e dois já falecidos. Mas tudo homem já, o mais novo, que morreu já há uns sete anos, estava com 32 anos de idade.

E como criaram seus filhos, o que cultivavam ou faziam?

Maria da Conceição – Trabalhava fazendo roça, ou trabalhava um dia para uma pessoa, ou para outra, era assim.

A vida, naquela época era melhor ou pior que agora?

Maria da Conceição – Em alguns pontos era melhor porque chovia mais, e as lavouras vingavam mais. Agora hoje, em certos pontos supera, está melhor hoje.

Por que a senhora entende que hoje está melhor?

Maria da Conceição – Mudou muitas coisas, "para trás" a gente não tinha ganho de nada, não vinha ajuda como está vindo hoje. Não tinha ganho de nada em canto nenhum.

Hoje vocês têm que tipo de ajuda?

Maria da Conceição – Antes da gente se aposentar, tinha ajuda que vinha de vez em quando, a gente ganhava alguma coisa, uma feira, ajudava a gente muito. Outra hora ganhava roupa, porque tínhamos hora que não tínhamos. Mas depois que nós aposentamos, melhorou mais, melhorou muito mais.

Quando vocês se aposentaram?

Maria da Conceição – Teria que pegar o papel, assim eu não lembro.

Mais de dez anos?

Maria da Conceição – Sim, tem mais.

E o senhor?

Maria da Conceição – Foi junto.

Quando vocês falaram de roça, o que vocês plantavam?

Maria da Conceição – Plantava milho, feijão e mandioca. E até hoje a gente trabalha ainda, mas bem pouquinho, só planta milho e mandioca mansa. A chuva de tempos para cá não chega, tem plantações que chegam numa altura que não vingam, perde.

Quando vocês vieram para cá, qual era a diferença desse local, de antes para agora, tinha muita gente, como era?

Maria da Conceição – Tinha bastante gente aqui. Tinha gente mais velha e bastante gente nova também. Depois os mais velhos foram morrendo, os mais novos foram saindo para fora, e ficou pouca gente.

Hoje, quantas famílias tem aqui?

Maria da Conceição – Aqui em Massacará, tem sete famílias.

Todos moram aqui?

Maria da Conceição – Sim.

Vocês ficam aqui o tempo todo, ou ficam em Virgem da Lapa e voltam?

Maria da Conceição – Não, ficamos aqui o tempo todo. Só vamos lá dia de feira e dia de pegar nosso trocado, depois volta.

Antes, quando vocês chegaram aqui, quando casaram, tinha festa, como vocês se divertiam?

Maria da Conceição – Festa com sanfona, não. Mas todo ano tinha uma reza ali no cruzeiro. Uma reza que a gente reza cem vezes a mesma reza, ajoelhando e levantando, chama-se Santa Cruz.

Domingos – Até hoje tem, dia 3 de maio, todo ano reza.

Maria da Conceição – Daí, quando era o tempo de agosto, dia 15 de agosto, a gente ia muito lá na festa de Nossa Senhora da Lapa.

Essa reza que a senhora falou, que reza cem vezes, na festa de Santa Cruz, qual reza que é?

Maria da Conceição – É assim, mas eu não vou seguir ela toda não. "O, minha arma, ponte e reza, forte, a morte, vem no passar. No caminho... cruz, de mim satanás ou a cruz o dirá. Olha a reza de Santana... Hoje no dia de Santa Cruz mais de cem vezes me ajoelho, cem vezes ave Maria rezei. Cem vezes pelo nome de Jesus chamei, cem vezes me levantei e cem vezes me ajoelhei". Aí, a gente está de joelho, levanta, faz o nome do Pai, quem quer, e torna ajoelhar. Cem vezes. É uma hora e meia de reza.

Domingos – É a reza que "liberou" os cativeiros.

Maria da Conceição – No princípio do mundo... não era o cativeiro, um outro povo...

Domingos – Era cativeiro...

Maria da Conceição – Daí eles falaram para nós libertar essa...

Domingos – Não era libertar.

Maria da Conceição – Aí eles pegaram, e fizeram essa reza, e foi libertado. E ficou, do princípio do mundo.

E – Para libertar os escravos?

MCO – É. Ou libertar ou comemorar, não sei. Eles foram libertados e aí inventaram essa reza.

É dia 3 de maio?

Maria da Conceição – É, 3 de maio.

E isso quem contou para vocês, seus pais, avós?

Domingos – A gente já "achou" eles celebrando essa reza.

Maria da Conceição – Quem contou para nós, foram nossos pais que eram mais velhos. O pai de meu pai, contou para meu pai, e meu pai contou para nós. E eu conheci o pai de meu pai contando para meu pai ainda, Tomé. Eu conheci meu avô, pai de meu pai. Conheci o pai de minha mãe.

A senhora tem ex-escravos na sua família?

Maria da Conceição – Eu não.

Mas a senhora lembra deles contarem isso? Porque os quilombolas são os descendentes de ex-escravos, que fugiram e ficaram em lugares escondidos. Vocês já são descendentes de alguém que já foi escravo, lá para trás. Essas histórias os pais de vocês contavam?

Maria da Conceição – Não, isso aí eles não contaram para nós não, assim não.

Do tempo da escravidão, como era naquele tempo, eles não contaram para vocês?

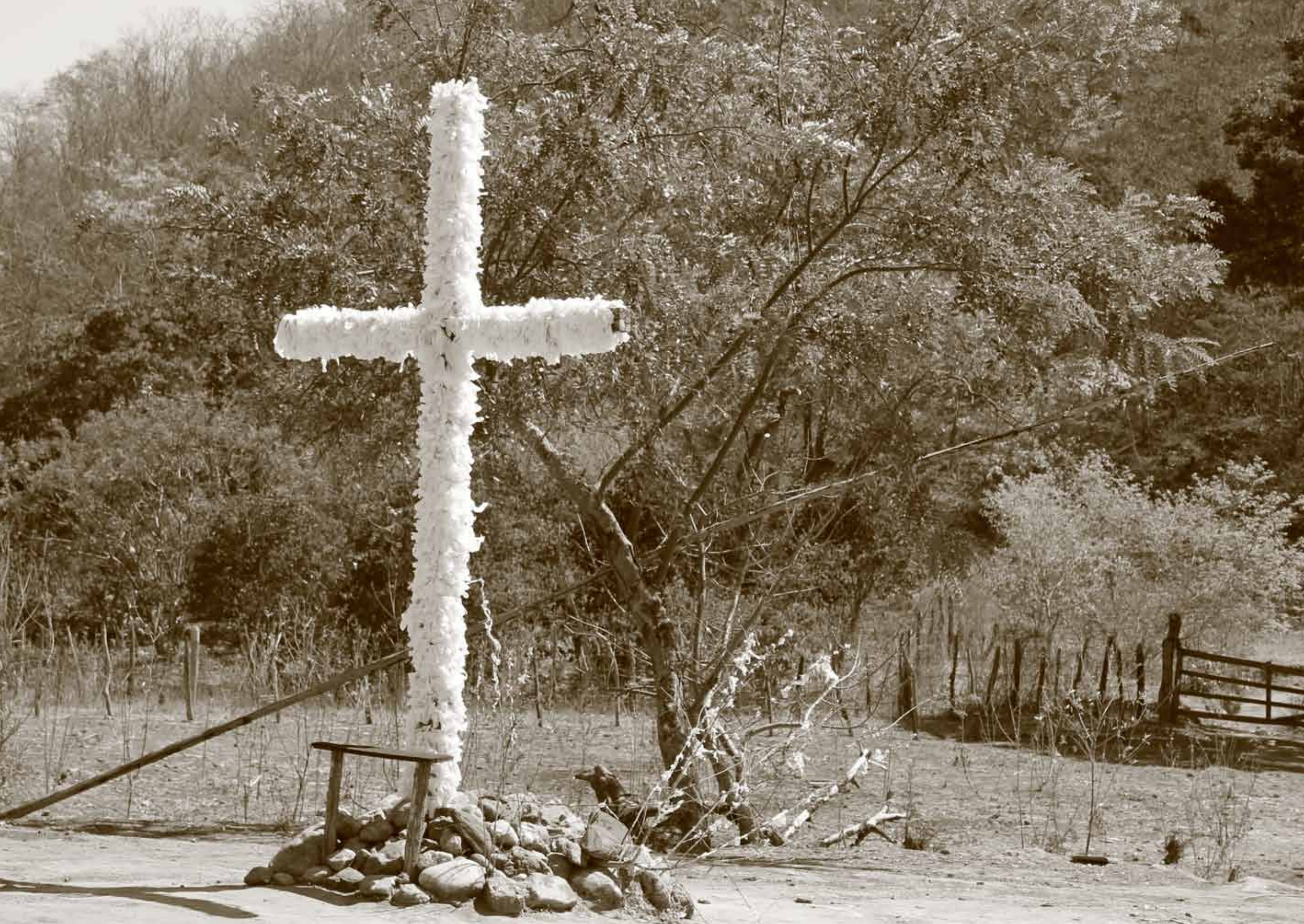
Domingos – Não.

Vocês sabem por que a reza de Santa Cruz é feita dia 3 de maio?

Domingos – Eles falaram para nós que é só porque esse negócio dos escravos, né. O que eles contaram foi isso, que foi para libertar os escravos.

Depois da reza tem alguma outra coisa que faz para marcar essa data? Só tem a reza, ou depois também dança, tem comida?

Maria da Conceição – Dança e come, bebe, come frango caipira. E come biscoito, bebe café, bebe vinho, bebe cachaça, bebe tudo. Quando é sanfona, é sanfona, quando não é liga um som alto e dança até o dia amanhecer.



O que vocês dançam?

Maria da Conceição – Forró, aí no terreiro. Homem abraçado com mulher, mulher abraçado com homem, e dança. Dança dentro de casa.

Mas antigamente vocês dançavam o que nessa festa, era a mesma coisa ou mudou com o passar do tempo?

Maria da Conceição – Mudou, porque de uns tempos para trás era sanfona, viola, violão. E de uns tempos para cá mudou muito porque os meninos novos não querem sanfona, nem viola, nem violão, só quer "som". É só isso que mudou.

Mas ainda tem os instrumentos?

Maria da Conceição – Tem, lá em cima, aí na comunidade, ainda tem. Nós mesmos não temos sanfona, essas coisas, mas tem um vizinho que tem.

Vocês sabem o que quer dizer Massacará?

Maria da Conceição – Não sei.

Por que tem esse nome?

Maria da Conceição – Quando viemos para cá, porque morávamos lá na Laranjeira, já tinha uns fazendeiros aí, e esse córrego tinha esse nome. Mas eu saber porque, não sei.

E esse córrego, tinha muita água?

Maria da Conceição – Tinha muita. A nascente era lá na Chapada, e corria de lá, direto. Mesmo quando a chuva estiava ele continuava correndo. Depois foi acabando, acabando, a mina lá em cima, dizem que secou, acabou.

E vocês chegaram a pegar ouro aí?

Maria da Conceição – Aqui nesses córregos, para baixo, para trás, pegava. Muito pouco, mas pegava, não dava muito não. A gente ia com a bateia, tirava. Tinha vez que tirava uma grama por dia, outro dia ia e não tirava nada. Tinha semana de tirar umas 5 gramas, era assim. Agora, depois que a agua acabou, nada.

Vocês sabem quantos anos tem a comunidade aqui? Cem anos, duzentos, cinquenta, a senhora sabe?

Maria da Conceição – O Massacará?

É.

Maria da Conceição – Tem mais. Porque quando eu cheguei aqui, tinha umas velhas que já eram velhas e moravam aqui, já tinha esse nome, e elas já morreram há uns oitenta anos, ou mais. Mas já tinha esse nome, e elas já moravam, velhinhas.

Como era o nome delas?

Maria da Conceição – Essa que eu lembrei chamava Maria, mas a gente tratava como Iaiá.

Ela morreu muito idosa?

Maria da Conceição – Acho que uns noventa e poucos ela tinha. A gente não sabia muito dessas coisas, porque os mais velhos, tinham coisas que não falavam com a gente. Por exemplo, quando chegamos aqui, meus irmãos foram para a escola, em Virgem da Lapa. E meu pai, não sei, ele tinha uns problemas, e vocês desculpem eu falar, mas ele não deixou eu ir para a escola não, disse que eu já era velha, deveria trabalhar. Não sei nem como pega num lápis para escrever, ele não deixou eu ir para a escola, disse que eu já estava grande, que era para trabalhar.

Quantos anos a senhora tinha?

Maria da Conceição – Devia ter uns 12 anos, por aí. E os outros mais novos é que foram para a escola.

A senhora então nunca foi para a escola?

Maria da Conceição – Não.

Mas a senhora lembra de querer ir?

Maria da Conceição – Eu, meu Deus, eu queria ir sim, mas ele não deixou. Quando tinha forró, dança, eu hoje chamo forró, mais para atrás era dança, meu pai não deixou eu dançar. Eu não sei dançar porque meu pai não deixou.

Ele passava assim pertinho de mim dançando, e eu sentada olhando para ele. Aí as outras duas, que é a Domingas e a Santa, são minhas irmãs. A Domingas mora ali em cima, e a Santa mora em São Paulo, elas não assuntaram com meu pai, e elas aprenderam a dançar. E eu não sei pegar num homem para dançar não (risos).

O que elas dançavam era sempre forró ou tinha outro tipo de dança?

Maria da Conceição – Eles tocavam sanfona, eram umas músicas até bonitas. Agora hoje, eles dizem que é forró.

A senhora lembra de alguma música de antigamente?

Maria da Conceição – Assim para cantar não.

E o senhor, estudou?

Domingos – Foi a mesma coisa. Eu comecei a trabalhar desde os oito anos de idade, na enxada, na foice. Não tinha escolas, não é que não tinha, mas não tinha condição de estudar não.

O senhor lembra que outras pessoas estudavam, ou ninguém conseguia estudar?

Domingos – A gente morava em Laranjeiras e não tinha.

Maria da Conceição – Era longe daqui de Virgem da Lapa, não tinha condição de vir de lá para estudar aqui.

E o senhor chegou a dançar, tocar sanfona?

Domingos – Tocar sanfona, esse negócio de instrumento não. Agora esse negócio de brincar, de dançar, isso aí até hoje se dá para eu ir, ainda brinco.

E o senhor vai onde, na festa do Rosário, ou aqui na festa de Santa Cruz.

Domingos – Na festa do Rosário, até já trabalhei de ajudante, batendo tambor, muitos anos atrás. Depois acidentei essa mão, e ficou ruim para movimentar. Para trabalhar com ferramenta eu tenho que segurar com as duas mãos, porque só com essa não dá. A mão é sem jogo, eu acidentei, foi um golpe de foice aqui ó.

E o senhor aprendeu a batucar com quem, tocar tambor, com quem?

Domingos – Foi com meu sogro, que era o pai dela, e os companheiros aí.

Maria da Conceição – E o pai de meu pai. Primeiro foi com o pai de meu pai. Ele tocava, lá na festa do Rosário, batia tambor. Aí meu pai acompanhou e, meu tio Mariano também, junto do meu tio Antônio de Barros. Aí aprenderam e ficaram muito tempo trabalhando na festa do Rosário. E mais outros primos. Tem um velho no Curral Novo, chama Justiniano, parece que ele já completou cem anos. Ele brincou muito, mas agora não está mais brincando na festa do Rosário porque a idade passou. Mas trabalhou muito. Meu pai era capitão de tambor, e esse Justiniano era uma outra coisa.

Domingos – Ele cantava.

Maria da Conceição – É. Aí esse Justiniano está vivo, parece que ele ia completar cem anos esses dias.

Aonde ele está?

Maria da Conceição – Ele mora lá no Curral Novo.

A senhora falou que seu pai ensinou o seu Domingos a tocar tambor. No começo, quando seu avô era novo, já tinha festa do Rosário? A senhora lembra de ele falar de quando criança ele já participava?

Maria da Conceição – Não lembro não. Eu não sei como ele entrou na festa do Rosário.

A cultura quilombola, toda essa tradição que vocês têm, vocês acham que está se perdendo com o passar do tempo, ou os mais jovens têm a preocupação de aprender o que vocês faziam antes, de manter essas tradições todas, seja na dança, seja na comida, na forma como vocês vivem, de plantar e colher. Isso é uma coisa que vai ser mantida ou vocês acham que vai se perder com o passar do tempo?

Maria da Conceição – Como era para trás, esses novatos que tem hoje não estão querendo fazer como era antes não. Eles querem seguir para frente, mas do jeito que está. Tem alguns que nem gostam que a gente fale como era tempos atrás. Eu já ouvi gente dizer “ah, isso aí é coisa de velho, coisa de antigo”.

Mas quando tem os batuqueiros, tem gente nova também?

Maria da Conceição e Domingos – Tem, e muito, muito mesmo.

Domingos – Agora mesmo, depois de amanhã, vai ter festa do Rosário em Virgem da Lapa. Mas não tem gente como era no meu tempo. Mas meu sogro, meus compadres, já mexeram muito o sistema de andar com a festa.

Vocês lembram de alguma música de outros tempos e que não tem mais?

Domingos – Eu esqueci tudo, minha cabeça hoje em dia não está boa para lembrar mais não.

O senhor comentou até de toque, tinha toque do tambor que o senhor não escuta mais hoje?

Domingos – Não lembro mais. Tem muitos anos que deixei de mexer com a festa, esqueci tudo.

Maria Moreira dos Santos e Maria Valdeci Souza Santos
Comunidade de Cardoso

Acabou a água, acabou o ouro

Do alto de seus 84 anos, dona Maria Moreira é história viva da Comunidade de Cardoso. Ela se lembra do tempo em que a região abarcava dois córregos abundantes, São Domingos e Córrego da Onça. “Secaram os dois”, lamenta. Participava das festas do Rosário, mas parou de ir depois que seus conhecidos faleceram. Sua sobrinha, Maria Valdeci, dá mais detalhes: “As pessoas mais idosas é que sabiam fazer a festa como era antigamente. Minha mãe foi juíza quatro vezes da festa do Rosário. A festa tinha acabado e ela foi uma das pessoas que levantaram.” As duas contam que antigamente não havia lamparina; o pavio era de algodão e, colocado numa vasilha, era molhado com azeite. “Até óleo de cozinha iluminava”, lembra dona Maria, que trabalhou na enxada capinando de segunda a sexta, e também tirava ouro. Mas depois que os córregos secaram, “acabou a água, acabou o ouro”.

Dona Maria, quantos anos a senhora tem, a senhora nasceu aqui?
Maria Moreira dos Santos – Tenho 84, nasci aqui sim.

E os pais da senhora, são daqui também?
Maria Moreira – Sim.

O que a senhora tem de lembrança da sua infância, desse lugar, que não tem mais?
Maria Moreira – Era muito bom, tinha muita festa, a gente plantava e colhia. Hoje a gente planta e não está colhendo mais. Se vai em festa, tem bagunça.

Que festas que tinham antes?
Maria Moreira – Era forró, tinha sanfona.

A senhora toca?
Maria Moreira – Eu não, só escutava e dançava.

O que a senhora dançava?
Maria Moreira – Valsa, tango, batuque, lambada.

E vilão, não tinha aqui?
Maria Moreira – Não sei o que é vilão.

É uma dança.
Maria Moreira – Era batuque.

Aqui tinha congado também?
Maria Valdeci Souza Santos (sobrinha de Dona Maria) – A congada aqui é a mesma coisa do batuque. Antes falava batuque, mas hoje é congada.

Em que festas a senhora lembra que tinha danças e canto?
Maria Moreira – Você pergunta de datas, meses, não sei não.
Maria Valdeci – Não, comemorativo, que nem tem a festa no cruzeiro.
Maria Moreira – Tinha a festa no cruzeiro, e de sábado, de quinze em quinze dias, dançava a noite toda. Dançando, tinha sanfona, pandeiro, cantando, era muito bom.

E de instrumentos, tinha sanfona, pandeiro?
Maria Moreira – Violão.
Maria Valdeci – Prato, não tinha instrumento. Prato, litro, eram nossos instrumentos antigamente.
Maria Moreira – Tinha hora que batia uma colher na outra, era assim.

E hoje não tem mais essas festas?
Maria Moreira – Hoje não tem mais festa, hoje tem bagunça. Aqui mesmo ninguém faz mais festa não.

E artesanato, tinha alguma coisa que ainda tem, como panela de barro?
Maria Moreira – Eu lembro que o povo fazia, panela de barro, pote, botija.
Maria Valdeci – Fiava linha, ela fazia cobertor, batia o algodão na vara, como não tinha tear.
Maria Moreira – Era almofada e batia com a flecha e fiava.
Maria Valdeci – Tingia com lama, hoje é tintol, mas antes urgia com lama. Eu era pequena, mas lembro da minha tia fazendo. Pegava lama podre da lagoa, colocava no chão, na terra para tingir, fazer roupa para nossos irmãos, para gente ir para escola.

E a senhora parou de fazer por quê?
Maria Moreira – Parei, acabou, não tem roda mais, não tem tear mais. Algodão, tem hora que eu ponho ali e lembro de quando fiava.
Maria Valdeci – Não tinha lamparina igual tem hoje, ela fazia o pavio de algodão, colocava na vasilha, molhava com azeite.
Maria Moreira - Até com óleo de cozinha iluminava, era tristeza.
Maria Valdeci – Ou não, naquele tempo a gente era feliz e não sabia.

A família da senhora é grande, a senhora tinha irmãos, seus pais já moravam aqui na comunidade de Cardoso?
Maria Moreira – Não, moravam no Córrego da Onça, eu que vim aqui para o Cardoso. Daí minha mãe morreu e criei meus filhos, quatro filhos, um morreu, outro está desaparecido, e outro mora em São Paulo.

E a festa do Rosário aqui, a senhora participa?
Maria Moreira – Eu ia muito, agora não vou mais.

12t
Ezbon
Fabricação Propria

Mas o que a senhora acha da festa do Rosário?

Maria Moreira – É boa.

A senhora acha que eles mantém as tradições, como era antigamente, ou o que mudou?

Maria Moreira – Mudou porque as pessoas morreram.

Maria Valdeci – As pessoas mais idosas que sabiam fazer a festa como era antigamente. Agora não faz mais, tudo é diferente. Minha mãe mesma foi juíza quatro vezes, da festa do Rosário. A festa tinha acabado, aí minha mãe foi e levantou. Eu até tenho papel lá em casa da minha mãe dando depoimento, achei essa semana em casa. A festa acabou e minha mãe falando que levantou a festa de novo.

Tem mais de trinta anos que minha mãe levantou, tinha acabado, agora tem até hoje. Mas ficou diferente. Antigamente a gente saía nas casas pedindo ajuda para as pessoas, e eles davam frango, arroz. Reunia na casa, fazia o jantar para o povo, tinha o angu na quinta-feira, a gente pedia. Hoje parece que é tudo através de projeto para comprar, antigamente era mais fácil, diferente.

Aqui no Cardoso, qual é a festa mais tradicional?

Maria Moreira – Essa festa de setembro.

Maria Valdeci – Essa festa no cruzeiro.

Maria Moreira – Mas no cruzeiro eles mudaram para São Geraldo.

Maria Valdeci – Vai ser no cruzeiro a festa, vai ser muito bonita a festa, tem o juiz, tem a "zeladeira", a gente tem várias fotos da festa que podemos mostrar para vocês. Tem a "juizinha", é menininha, tem o dono da bandeira, o mastro. Veste todos eles de branquinho, de terninho, essa festa de setembro é muito bonita. É no segundo sábado de setembro. Seria dia 13, mas como faleceu uma das mulheres que era da festa, adiou e ficou para 20 de setembro.

E essa festa, a senhora acha que também mudou, de antigamente para agora?

Maria Moreira – Mudou muito. Antigamente era boa, vinha gente até de Araçuaí para a festa.

Que lembrança a senhora tem dessa festa de como ela era antigamente?

Maria Moreira – Antigamente, rezava lá no cruzeiro, tinha festa com música, sanfona, dava almoço, era assim. Hoje não é mais.

Que tipo de comida que servia nessas festas?

Maria Moreira – Tinha feijão, tutu, galinha, carne de porco, doce, a festa era muito boa.

Que doces, por exemplo?

Maria Moreira – Doce de mamão, doce de leite.

Dona Maria, há um temp, eu ouvi falar que aqui no Cardoso corria muita água, vocês lavavam louça, roupa. Fala para nós um pouco disso?

Maria Moreira – Corria mesmo. Pegava aí, bebia era água desse córrego, lavava roupa. Hoje a gente não usa ela para nada.

Vocês sobreviviam com a água que passava no córrego?

Maria Moreira – Sim, do córrego de São Domingos, como nesse córrego da Onça. A água era boa.

E secou tanto o córrego de São Domingo como o da Onça, os dois?

Maria Moreira – Os dois.

Faz tempo?

Maria Moreira – Faz tempo.

Maria Valdeci – Mais ou menos uns 27 anos atrás, quando Thiago nasceu, mês de maio, tinha água até o pescoço, mergulhava. E caçava ouro, "bateiando".

A senhora tirou muito ouro daí?

Maria Moreira – Antes era ouro. Ouro, enxada. Antes trabalhava capinando de segunda a sexta, era assim que era minha vida.

Quando acabou o ouro, quando acabou a água?

Maria Moreira – Acabou a água, acabou o ouro.

A senhora ainda faz trabalho de casa, as quitandas, biscoito, pão?

Maria Moreira – Não.

Maria Valdeci – Mas cozinha gostoso ainda. No passado, na festa de setembro, a tradição era dela todo ano, os temperos eram dela. Vinham buscar ela aqui para temperar os frangos. O tempero dela é especial.

Além de alho, cebola, o que a senhora usa no seu tempero?

Maria Moreira – Pimenta verde, pimenta do reino, vinagre, é assim que eu tempero o frango.

E o refogado para fazer o frango, usa alguma coisa especial?

Maria Moreira – Ponho cebola. É o mesmo tempo para fazer o frango, coloca para cozinhar e depois colocava para assar no forno.

Mauro Gonçalves
Comunidade de Campinhos e Capim Puba

”Um mar de eucalipto”

As comunidades de Campinhos e Capim Puba já foram muito produtivas. Ali se plantava mandioca, cana, criava-se gado, além do extrativismo que tornava possível colher pequi, mangaba, frutos próprios da chapada que permeia as comunidades. Mas depois da chegada das plantações de eucalipto, a água foi secando e tudo foi ruindo, obrigando seus habitantes a migrarem para outros lugares, ou para a cidade, ou ainda mais longe: São Paulo e Belo Horizonte. Natural de Campinhos, Mauro Gonçalves já é a quarta geração da sua família que vive e luta para preservar o que ainda resta da chapada.

Seu empenho é para preservar as terras que ainda permanecem intactas, inclusive detentoras de duas nascentes, que, se as plantações de eucalipto avançarem, correm sério risco de secar. “Essa terra é quilombola, não pode ser vendida, não pode ser desmatada, isso é importante para nós. Outra questão é o investimento em água. É preciso arranjar um meio de furar poços ou mesmo captar água de chuva”, pondera.

Meu nome é Mauro Gonçalves, sou nascido na comunidade de Campinhos. Sou casado, pai de três filhos, trabalho aqui na zona rural, na roça. Consigo conciliar o trabalho da roça com o da cidade. Estou estudando, no segundo ano de Administração de Empresas, e concilio essas coisas com certa dificuldade, mas consigo estudar, trabalhar e cuidar da minha família. E o que é mais importante, estou preservando a nossa cultura, nós somos um povo quilombola. Minha família vive nessa região há mais de cem anos.

Você sabe quanto tempo tem essa comunidade de Campinhos?

Aproximadamente 150 anos. Mais de cem anos eu tenho certeza.

Sua família está aqui desde quando, ou quantas gerações de sua família estão aqui, pais, avós?

Umas quatro gerações. Meu bisavô, meu avô, meu pai, e nós agora, com meus filhos. Então já são cinco gerações, aproximadamente.

Você comentava a história do seu avô. Qual foi a herança de seus bisavôs para ele, em termos de terra aqui, o que ele herdou e como ele cuidou disso, e deixou isso para vocês?

Essa terra aqui era da esposa dele, que era minha avó. Ela herdou da família dela e a vida dele foi aqui, plantar, colher. Ele plantava mandioca, fazia farinha, plantava cana para fazer rapadura. E ele preservou essa área durante o tempo de vida dele. Ele faleceu com 77 anos. O pai dele criou ele aqui, ele morreu com 77 anos morando nessas terras. Antes aqui tinha uma abundancia muito grande de água, e essa água veio secando com a chegada das plantações de eucalipto. Ele conseguiu preservar uma área muito pequena do eucalipto, aproximadamente uns 300 hectares de chapada que ele conseguiu preservar, e não foi plantado eucalipto. Mas, nos últimos anos, os outros moradores acabaram vendendo e plantaram eucalipto em volta, e secou nossa água aqui. Hoje resta uma pequena nascente.

Por que não dá para continuar aqui, qual a situação que impede as pessoas de ficarem aqui?

São vários fatores, um é a falta de água. Sem água é impossível, nossa água está muito pouca. Antes tinha bastante e foi diminuindo até tornar inviável a vida aqui. Nós temos pouca água e não tem investimento nenhum da parte pública. Não estamos captando água aqui, nem água de chuva e nem de poço artesiano.

Seu avô e bisavós eram daqui também?

Todos nascidos e criados aqui. Meu bisavô nasceu aqui, que criou meu avô, que criou minha mãe, tudo nessas terras, e que também me criou aqui. Só que a partir de mim, por exemplo, eu não consigo mais criar os meus filhos aqui igual ele nos criou. Eu preciso buscar uma complementação de renda fora, tenho que trabalhar na cidade e aqui ao mesmo tempo.

E no caso de seu avô, qual é a lembrança mais antiga sua de como ele preservava as terras?

Ele vivia plantando mandioca, uma cultura bem familiar, agricultura familiar. Ele plantava mandioca, cana, criava algumas cabeças de gado, vacas, além do extrativismo, apanhando pequi, mangaba, tudo fruto da chapada. E também fazia artesanato para trocar por outras coisas na cidade. A base da subsistência dele eram essas.

Vocês têm aqui uma chapada que usam para subsistência. É de onde ainda conseguem tirar uma água mínima para sobrevivência, para questões de trabalho, para artesanato? Como essa chapada hoje é utilizada por vocês?

É utilizado por duas comunidades quilombolas, tanto a nossa como a comunidade de Almas. Eles também utilizam para extração do material das vassouras, para apanhar pequi, mangaba, para raízes medicinais. É usado para esse fim hoje. Porque as outras chapadas que existiam aqui foram desmatadas. Desmataram tudo na região aqui e plantaram eucalipto.

Qual o tamanho dessa chapada?

Eu creio que uns 300 hectares de chapada.

E quanto desses 300, para vocês, seria importante preservar?

Nosso objetivo é preservar ela integralmente, toda ela. Mas como tem esse

conflito, o mínimo que a gente considera já seria alguma coisa. Tanto é que nós cercamos, levantamos uma cerca antiga que nós tínhamos, e que era propriedade de meu avô, onde ele plantava mandioca e abacaxi. Lá nós conseguimos cercar uns 87 hectares nessa chapada.

Mas qual o mínimo que vocês precisam para manter?

Esse talvez seria o mínimo. Mas o interessante é que ela fosse preservada toda. Ela não serve só para nós, ela serve para todos aqui. E meu avô nunca estabeleceu uma cerca para fechar ela, deixava o acesso livre para todo mundo. Aqui é um lugar de todo mundo, todas as comunidades vivem disso aqui.

Se eles tomaram conta, você disse que tem duas minas, o que acontece?

Tem duas nascentes na região. Acontece que vão secar, com certeza, porque assim que eles conseguirem documentação para desapropriar, eles vão desmatar para plantar eucalipto.

E secando essas duas nascentes, qual o reflexo disso para vocês?

Ah, é abandonar tudo, acabar tudo, porque a gente ainda mantém lá, vocês viram, planto abacaxi, laranja e mais alguma coisa, por conta da água que ainda existe. Secando essa água, eu vou plantar como? Não tem jeito.

São quantas famílias que compõem essas comunidades que você está falando?

Nessa comunidade nossa aqui, de Capim Puba e Campinhos, aproximadamente ainda umas 20 famílias que estão resistindo. Antes era bastante, mais de 70 famílias. Só que tiveram que mudar, todo mundo.

E mais as de Almas?

Almas eu não sei precisar quantas, a Kerlane (Kerlane Murta) deve saber melhor que eu.

No caso dessa luta que vocês têm para preservar essa terra, como tem sido as reações a ela?

Nós hoje entendemos que isso é uma questão vital para nós, a questão da terra, da água e a questão da chapada preservada. Para nós aqui é uma questão vital mesmo, de subsistência. Porque se forem tomadas essas terras, eles se apropriarem mesmo e se estabelecer cerca, o pessoal não vai poder entrar mais. Daí não vão conseguir tirar o material para a vassoura, não vão conseguir apanhar o pequi, que é fonte de renda para nós aqui. Então, acabando isso o jeito é largar tudo e ir embora.

Vocês foram ameaçados?

Eu me senti ameaçado, porque quando eu os procurei, tentei resolver de uma forma amigável. Tentei conversar com eles para deixar o mínimo de chapada para nós, que é um direito nosso. Todas as pessoas aqui que moram na região, os outros fazendeiros, as outras pessoas sabem que essa terra era cuidada pelo meu avô, cuidada há mais de cem anos pela minha família, que é da minha família, é uma posse da minha família, então esse pessoal sempre respeitou isso. Só que o pessoal que veio, veio para tomar mesmo. É uma coisa muito triste para nós, se perdemos isso, estamos perdendo nossa identidade e nossa forma de viver.

Em relação a cultura quilombola de vocês aqui, com essa situação toda que você contou, das pessoas saindo daqui para tentar sobreviver em outros lugares. Do que, dessa cultura, seja em termos de danças, comidas, festas, coisas que agregavam vocês, de tudo isso o que vocês conseguiram manter, se é que vocês mantiveram alguma coisa em função disso tudo?

A gente ainda mantém, porque participamos da festa de Nossa Senhora do Rosário, mas tudo na cidade. Na zona rural mesmo é muito pouca coisa, porque dispersou todo mundo. Um foi procurar a vida num lugar, outro em outro, ficou difícil mesmo preservar alguma cultura do local.

O que tinha antes?

Antes tinha festa, festa de bandeira no mês de junho. O pessoal reunia muito para fazer festa no final de semana. Tinha a cultura da comunidade. Reunia para fazer farinha, para fazer rapadura. Tudo em sistema de mutirão, um ajudando o outro. Só que como cada um foi para um lado aí ficou difícil para gente.

Vocês tocavam alguma coisa, tinha congada?

Era mais Folia de Reis no final de ano.

Até quando foi a Folia de Reis?

Que eu me lembre, até aproximadamente, o ano em que meu avô morreu, mais ou menos, até 1987, porque ele faleceu em outubro de 1988, e aí já não teve mais. De lá para cá acabou mesmo.

Da época de sua infância, de seu avô, você lembra de coisas que ele falava para você, sobre a escravidão, dos escravos que tinham fugido, vocês são descendentes deles?

Somos descendentes de escravos. Ele contava que o pessoal veio fugido da região de Teófilo Otoni, o avô dele, o bisavô dele, e se instalou nessa região aqui. Eles tinham aqui como um refúgio mesmo, que é um lugar de difícil acesso. E aqui eles criaram uma resistência mesmo, um quilombo para desenvolver a vida deles aqui.

E ele passou para você como eles viviam, o avô dele, a situação dentro dessa questão ainda como escravo?

De escravo, lembro dele falar muito pouco. Ele falava da forma rudimentar de vida. Eles tinham que produzir tudo que precisavam. Eles tinham que plantar o algodão, fiar, tecer e fazer a roupa. Tanto é que ele contava uma história que ele tinha duas calças, ele tinha que lavar uma, e colocando para secar enquanto estava vestida a outra. Porque se sujasse aquela outra tinha que ficar com ela suja até secar a outra.

Uma vez uma dessas calças rasgou, ele ficou só com uma. Numa noite, teve que lavar ela, colocar em cima do fogão, porque tinha que ir para a cidade no outro dia. Então ele dormiu enrolado num pedaço de pano e aconteceu que essa calça desprendeu e caiu no fogão, queimou tudo. No outro dia ele não teve como ir para a cidade, porque não tinha outra calça para colocar. Era uma situação bem difícil.

E em relação a comida, nesse mesmo processo que você está falando da roupa?

Mesma coisa, tanto é que não tinha transporte nenhum para essa região. Tudo que consumia tinha que ser plantado e produzido no lugar. Eles viviam de frutas e do que plantavam. Cana, mandioca, batata doce, tudo, se não colhesse não tinha o que comer.

Tinha alguns pratos que eles faziam, e que de vez em quando vocês repetem e fazem ainda hoje?

Mais é o bolo de fubá. Tinha um mingau que eles faziam da raiz, acho que mungunzá, era uma raiz que eles colhiam no mato, não me lembro o nome. E fazia muito, mas agora, como não está chovendo não estamos fazendo mais. Estamos perdendo bastante nossa identidade por conta disso.

E a festa de Nossa Senhora do Rosário, ela foi mudando desde quando você era criança até hoje, ela mudou muito ou mantem as tradições?

Mantem bastante ainda do começo. Mudou um pouco porque antes o pessoal morava muito na zona rural, mas hoje em dia não, o pessoal está mais na cidade. Mas as tradições ainda são mantidas. O pessoal toca tambor, tem a comida, faz o angu no dia. Então não mudou muito, muito não.

Você comentou da festa das Bandeiras, qual o significado dela e como ela acontecia, qual era a estrutura da festa?

Hoje ainda a gente consegue manter essa festa na região. Todo ano, em São Pedro, nós temos essa festa aqui. Reúne a comunidade, faz uma festa, tem churrasco, farofa, tudo. Depois tem o levantamento do mastro com a bandeira. Tem leilões, o dinheiro arrecadado nós usamos para manter a nossa festa, da comunidade e a associação, afinal, gera custo, então tiramos dinheiro dessa festa.

E qual o significa dessa festa, ela é feita em nome de quê?

É para festejar São Pedro. É uma festa que, desde que eu sou criança me lembro dela aqui na comunidade. É bastante importante para nós, há muitos anos ela acontece aqui. Nós perdemos ela por um tempo, depois resgatamos e estamos realizando ela todo ano durante o São Pedro.

E quando vocês resgataram?

Deve ter uns dez anos, mais ou menos. Eu voltei a morar aqui, porque tive que morar em São Paulo uns tempos. Eu voltei para cá há uns sete anos, e o pessoal já tinha voltado com ela há uns três anos. Daí eu voltei, engajei com eles e estamos mantendo até hoje.

Vocês envolvem as crianças nessa festa?

Envolve porque tem fogueira, tem tudo, as crianças gostam bastante.

Mas tem uma preocupação delas estarem presentes no sentido de preservarem para o futuro?

Sim, a gente passa para eles a importância de não perder a nossa identidade. Isso faz parte de nossas raízes, é nossa cultura, nós passamos isso para eles. Na cidade tem um centro de cultura onde nossos filhos participam muito. Tem dança de capoeira, danças folclóricas, professor dando aulas, e eles participam.

O que você acha mais importante para os quilombolas, para essa cultura, para esse grupo social, para que essa história continue sendo preservada, a identidade de vocês? O que você acha que é mais importante, o que vocês precisam garantir para que isso seja perpetuado?

Acho que, primeiramente, a posse da terra. Uma terra denominada, demarcada, essa terra é quilombola, não pode ser vendida, não pode ser desmatada, isso é importante para nós. Outra questão é o investimento em água. Precisa arranjar um meio, furação de poços ou mesmo captação de água de chuva. Porque nossa situação de água aqui, vocês viram, é muito triste. Antes tinha bastante água e hoje não tem nada. Então, acesso à terra, porque nosso meio é o extrativismo, preservação e uma demarcação dessas terras para a comunidade quilombola.

A Fundação Palmares tem atuado aqui, ela é parceira de vocês ou é um órgão público que está distante? A Fundação Palmares foi criada para defender o direito das comunidades quilombolas, entre outras comunidades negras. Como funciona aqui?

Para nós, aqui, estamos começando. Eu mesmo, já voltei há uns seis anos, não vejo muita ajuda deles aqui não. Eles têm ajudado, mas é muito pouco ainda, muito distante do que nós esperamos. A questão de demarcação de terra mesmo, vir alguém para nos auxiliar. Como uma assessoria jurídica que precisamos muito, para ver essas terras. Porque são terras devolutas, ainda, e se o pessoal que está reivindicando isso é gente que tem dinheiro, fica muito difícil para nós. É o que precisamos, da demarcação de nossas terras e uma doação maior da Palmares no nosso meio.

Faz dez anos que a luz elétrica chegou aqui na comunidade de Capim Puba, e quatro anos na comunidade de Campinhos. Lembrando que as duas são consideradas mesma coisa. Só que lá em Campinhos ainda encontra alguém morando, já aqui em Capim Puba não tem quase mais ninguém. (Ele mostra um reservatório de água).

Tem um poço artesiano ali embaixo, às vezes a água chega até aqui, outras não. Porque tem muita quebra de bomba, então é difícil o pessoal ficar aqui. Mas vocês podem ver que eles vêm aqui sempre, duas a três vezes por semana. Aqui a lenha que eles usam para cozinhar. São casinhas bem simples mesmo.

O que as pessoas comem aqui?

Ah, tem que trazer de Virgem da Lapa. Aqui não produz mais nada não. No outro lugar que nós vamos ainda conseguem produzir alguma coisa, eu mesmo consigo. Eu tenho mais ou menos umas duas mil mudas de abacaxi plantada, tenho laranja, banana, porque a terra lá é um pouquinho melhor que essa. E eu também ainda tenho um pouco de água lá, numa cisterna, que conseguimos molhar as plantas.

Puxa, aqui não produz nada, nada, tem que trazer tudo?

Nada, nada. O que produzia aqui antes era o artesanato que eles faziam. Outra questão aqui também é a questão agrária. Que tinha chapada aqui, que o pessoal vivia do extrativismo. Apanhava pequi, mangaba, a vassoura, que é um artesanato muito utilizado na nossa região, que até hoje na comunidade de Almas elas fazem muito. Agora aconteceu que estamos com problema na justiça. Olha aí onde eles passaram trator, para cercar essa chapada todinha para eles. Eu fiz uma cerca lá. Mas coloquei na justiça, porque essa chapada aqui, o pessoal que está tentando tomar ela, nunca morou na região. E nossas duas comunidades estão aqui há mais de 150 anos. Eu tenho registro, eu tenho conhecimento, são mais de 150 anos. Esse pessoal nunca morou aqui, não tem posse, não comprou isso de ninguém, e está querendo tomar.

Aqui é uma prensa onde eles usavam para fazer farinha. Tinha uma prensinha de madeira, e um varão aí, eles ralavam a mandioca, colocava aí, prensava para no outro dia tirar a massa seca para fazer a farinha.

Isso deve ser muito antigo?

Muito antigo. Isso aqui deve ter mais de 60 anos, bem mais. A base desta comunidade era o artesanato, como vocês estão vendo ali tem pote, eles usavam madeira e barro. Fazia isso e levava para a cidade para trocar por alimento, roupa, a base da comunidade era essa.

Quantas pessoas tinham aqui?

Nas duas comunidades tinha mais ou menos 60, 70 famílias, nas duas, Campinhos e Capim Puba. Só que hoje em dia, alguns faleceram, outros foram para São Paulo, mas a maioria ainda mora aqui no município de Virgem da Lapa.

Mas aqui mesmo no lugar tem quantas famílias agora?

Aqui deve ter umas seis famílias, e na outra comunidade, que é do lado deve morar umas dez, mais ou menos. Em torno de umas dezesseis a dezoito famílias que moram aqui na região, hoje ainda. O que levou muito o pessoal mudar daqui foi a questão da água. Secou as nascentes e ficou difícil. (A gente caminha pela comunidade e tem peças antigas pelo chão, de artesanato). Já imaginou colocar um negócio desse na cabeça e ir até Virgem da Lapa caminhando!?

Qual a distância?

Onze quilômetros, mais ou menos.

Como eles faziam?

Cada mulher levava uma coisa dessa aqui.

Quanto pesa um desse?

Uns 30 quilos.

Como chama essa peça?

Aqui eles chamam de pote, o maior chama "taia", e os menores, pote. Aqui eles faziam pote, panela, colher de madeira, gamela de madeira, tudo feito do barro aqui da região. Mas como a água foi secando, foi se tornando uma atividade sem lucro, não tinha mais como manter. Daí o pessoal teve que mudar mesmo.

E essas atividades eles faziam de muito tempo atrás, desde os ancestrais, ou é algo mais recente?

Não, isso aqui é muito antigo. Só do que meu avô relata, tem mais de cem anos isso. Ou bem mais que isso.

E essa atividade, quem fazia, eram só as mulheres?

Era, basicamente. Os homens trabalhavam mais com a madeira, fazendo colher, gamela, porque exigia mais esforço físico. Enquanto que o barro era fácil de moldar,

Tereza Alves Assunção Santos
Comunidade Rosário de Baixo

Naquele tempo ninguém adoecia

Dona Terezinha é mais uma valente remanescente de quilombo da comunidade de Rosário de Baixo, no município de Virgem da Lapa. Suas histórias são relatos vivos de um povo forte em suas tradições, que aprende a atravessar adversidades com coragem, criatividade e perfeita sintonia com a natureza de seu entorno. Olhar atento para as mudanças de costumes e crenças na comunidade, observa como, apesar de aumentar significativamente o número de famílias em sua comunidade, quase metade da população passa quase o ano todo fora, trabalhando em São Paulo. Relata sobre festas e hábitos, e não deixa de refletir sobre a vida passada e presente, fazendo associações reveladoras.

A senhora é nascida na comunidade do Rosário de Baixo?

Não, eu sou nascida na comunidade do Funil, papai morava lá. Depois papai comprou um terreno aqui, e viemos morar aqui.

A comunidade já existia?

Já, mas não era como agora não. Quando eu vim para cá, eu era criança ainda, e fomos morar "ali" embaixo, na fazendo do finado Dico, que já morreu. Meu pai comprou um terreno para cima, que meus irmãos moram para cima, e eu casei com gente daqui. Depois, ainda vim morar aqui na casa da minha menina, que morava com a avó, que morreu, e eu vim ficar aqui na casa porque eles estão em São Paulo.

A senhora lembra a idade que tinha quando veio para cá?

Eu tinha uns oito anos, eu estudava ainda e fui criada aqui.

Quantas famílias tinham, mais ou menos, naquela época?

Naquela época tinha umas 20 famílias, agora já têm umas 45 ou 50 famílias.

Aumentou então?

Só no Rosário de Baixo, mas o pessoal não está aqui, a metade das casas estão fechadas porque as pessoas estão em São Paulo.

Por quanto tempo, num ano, as pessoas ficam em São Paulo.

De um ano a outro, agora estão chegando.

Eles ficam lá oito ou nove meses e depois vêm para cá, é isso?

Os que têm família deixam mulher aqui, e depois vêm. Outra hora leva a mulher, e traz a mulher de volta. Mas quando eu vim morar aqui, não tinha "rodagem", não tinham essas casas que vocês estão vendo agora. Tinha casa, mas era de barro batido, meu pai também fazia.

A senhora tem ideia de quanto tempo tem essa comunidade, alguém já falou quanto tempo tem?

Essa comunidade aqui é velha, tem muitos anos. Tem uma mulher que nasceu e criou aqui, ela morreu tem pouco tempo com 110 anos. Quando eu vim para cá ela estava bem velha já.

Tem alguma festa que é realizada aqui na comunidade do Rosário?

Tem todo ano.

Qual festa é?

Festa de Nossa Senhora do Rosário, tem leilão, tem missa todo mês.

Mas aqui na comunidade?

Sim, na igreja que vocês passaram. Este ano mesmo, dia 13 de janeiro tem uma festa aqui, vocês estão convidados.

Como chama a festa?

Nossa Senhora do Rosário. Sobe a bandeira, a gente reza o culto na igreja.

Essa festa do Rosário aqui, é em janeiro, normalmente as festas por aqui, na região, acontecem em outubro, certo?

Primeiro era em agosto, agora nós mudamos para janeiro porque é mês que todo mundo está aqui.

Sim. Mas a festa do Rosário que vai ter em Virgem da Lapa?

A de Nossa Senhora do Rosário é diferente, tem em outubro, é dia 12, com os tamborzeiros.

Mas qual a diferença da festa de vocês em janeiro, para essa que acontece agora em outubro, em Virgem da Lapa?

Nenhuma diferença, é a mesma santa, mas mudou. Lá é com tamborzeiros e aqui é outra coisa. Aqui o padre vem, celebra a missa. Por exemplo, eu sou dona da bandeira, eu chamo vocês e vêm todo mundo aqui em casa para tomar um café com biscoito, ou jantar. Depois sai cantando todo mundo, batendo pandeiro, tocando viola. Chegando lá, reza, o padre já está esperando, sobe a bandeira. Depois tem o leilão, e o dinheiro que junta, paga tudo. É a comunidade que faz, todo mundo dá um frango, dá um litro de vinho, e aí o dinheiro fica para a comunidade. Tudo que fica na igreja, ninguém vai pedir na prefeitura, é a comunidade que ajuda. Há pouco tempo aqui eram 45 famílias, mas já aumentou, porque vai casando e vai fazendo casa.

Não tem tamborzeiro nessa festa de vocês aqui?

Se nós chamarmos, eles vêm.

Mas tradicionalmente não tem?

Já veio, já passou aqui na nossa comunidade e fizemos um almoço para eles. Batucaram, almoçaram e foram embora. Mas no dia da nossa festa aqui, que é mês de janeiro, nós alugamos um carro e eles vêm, mas é só para levar a bandeira até a igreja.

Têm outras festas aqui na comunidade?

Não, só quando os meninos querem fazer um churrasco, mas não tem "festarada" não.

Festa tradicional é só essa?

Só essa mesmo.

Quando a senhora diz tamborzeiro, é a congada?

É. As mulheres com aquele saião, ficam rodando. Vem a rainha e o rei, vai para igreja. Daí canta, come, a gente faz o que comer e beber para eles, batucam bastante e depois vão embora.

Essa festa mudou muito ao longo dos anos?

Essa festa está diminuindo. Ninguém mais está querendo ser rainha.

Mas a festa de vocês, de janeiro, ela mudou ao longo dos anos.

Mudou porque nós pedimos para o padre mudar para o mês de janeiro, porque dezembro aqui fica cheio de gente, o pessoal tira férias, muita gente mora em São Paulo, tudo trabalha lá. Então, quando é janeiro, dia da nossa festa, tem muita gente.

Mas com relação ao que era feito antes e agora, mudou?

De primeiro era diferente, a gente só rezava o terço e acabava. Não tinha nem igreja, a gente rezava debaixo do pé de mangueira. Mas Deus deu força para nós e fizemos a igreja.

A religião de vocês aqui, das comunidades, é a Católica?

É.

Não tem nenhuma outra religião?

Tem um tio meu que é crente. Ele ia fazer uma igreja aqui, mas nós não quisemos. Eu acho que Deus é um só, mas cada um serve o que quer. Eu não vou à igreja crente, prefiro a minha mesmo, mas não tenho nada contra. Mas quando eu conheci o Rosário aqui, era diferente. As casas não são boas, são diferentes de quando eu conheci, tinha muito buraco, cobra, rato, barata, escorpião... escorpião ainda tem, de vez em quando eu mato um. Cobra já é muito difícil da gente ver, mas de primeiro tinha. Ás vezes a gente estava dormindo e elas ficavam andando em cima das telhas.

Dona Terezinha, tem alguma coisa aqui na comunidade que a senhora acha que é diferente de outras comunidades? Artesanato, ou outra coisa, que a senhora entende que é feito só aqui?

Tem uma tradição de casamentos que acontecem nas festas aqui, em janeiro. E uma cantiga que o pessoal canta. É assim. "A folha do coqueiro não balança mais / A moça já casou e não namora mais". Aí todo mundo fica batucando e o sanfoneiro tocando.

Como são esses casamentos, eles casam na cidade e depois vêm para cá?

Sim, eles vêm para cá. Ficam tomando uma "cervejada", depois vão jantar, e depois ainda dançam. Esse ano vai ter também, e tem uns tachões.

Que tipo de doce tem?

Todo tipo, doce de feijão, mamão, leite, batata, canjica. São uns tachões enormes.

E comida salgada?

É mais doce, mas faz feijão com toucinho, macarronada, arroz, frango assado, carne de porco, carne de boi, frango caipira. Tem que ter um terreiro grande para fazer a mesa, e uma grande roda, todo mundo senta e vai comendo. Que nem em restaurante, que eu já trabalhei, e também como empregada doméstica. Coloca um avental, touca na cabeça, tudo organizado, é muito bonito.

Qual a principal dificuldade que vocês têm aqui nessa comunidade, para viver aqui?

É só quando chove, que o carro não desce, a gente tem que carregar a feira na cabeça, lá da reta até aqui. Porque não tem cascalho na reta ainda. Mas nós

agradecemos que temos a água da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais). Arrumamos os canos com um vereador de Belo Horizonte, mas como eu não tenho marido, eu paguei para um camarada abrir a valeta. Toda hora que eu ligo o relógio, tem água.

Então aqui, água para o consumo não falta?
Não. Tem luz... agora nós temos luz. Mas em casa, no poste não tem não.

E quando chegou a luz em casa?
Faz tempo, uns quarenta anos, eu tenho uma menina que está com 41 anos.

Água nunca falta aqui nessa comunidade?
Só quando não tem, que falta lá na rua e falta aqui também. Nós não mexemos com água no córrego não.

Vocês não dependem de caminhão pipa?
Não, por enquanto não.

E plantação, essa água dá conta?
Nós não fazemos horta. Só usamos para lavar roupa, mas tem hora que pago 50, 60... a luz também vem cara, tem hora que pago 80, não sei porque. Quando um homem vem, de três em três meses fazer leitura, embora pagamos todos os meses, mas quando ele vêm, podemos esperar no outro mês, que já vêm uns 100, 80, mas nós pagamos todos os meses. E para falar a verdade a vocês, não dependemos de prefeito. Não adianta a gente sair daqui para ir à rua, caminhando, ou pagar um carro, um taxi, 30 reais para ir pedir um apoio para um prefeito que não olha para sua cara. Agora o outro, o Dinho, ele era muito bom, mesmo para tratar a gente.

Dona Terezinha, quando a senhora era pequena e chegou aqui na comunidade, vocês se juntavam para contar histórias. Tem alguma história especifica aqui da comunidade?
Naquele tempo que eu cheguei aqui era diferente. Era melhor que agora. Porque esses córregos todos eram poços de água, a gente ficava brincando dentro da água, pegando peixe, caçava ouro, pegava ouro de colher, na bateia. Agora não, agora é diferente porque está muito seco. Naquele tempo era mais gostoso, não tinha essas retas, que vem um, vem outro na sua casa, só tinha caminho que você não podia nem andar. Mas era mais gostoso porque era mais "fechado". A gente brincava de noite, pulando corda, fazia guisado debaixo de pau, fazia direto.

Guisado o que é?
É modo de dizer, de cozinhar assim debaixo de pau, numas panelinhas pretas.

Até quando vocês conseguiram pegar ouro?
Quando chover, nós vamos para o córrego caçar ouro.

Ainda hoje?
Hoje não caça porque não tem água.

Mas até quando vocês conseguiram pegar?
É só chover que nós vamos para o córrego caçar ouro. Mas aí depende de quando tem água. Dá para tirar mais de uma ou duas gramas de ouro, por dia.

Ainda hoje em dia, mas quando chove?
Quando chove, quando tem água no córrego aqui, ninguém fica em casa, difícil, fica todo mundo no córrego. Mas só que mudou, ficou diferente, como estou falando para vocês, tem muita "rodagem", e acabou com os pés de pau, cortou muito. Tinha muita ingazeira na beira dos córregos, tinha grama, aparecia até sucuri dentro da água, ela ficava escura dentro do córrego. A gente não bebia essa água, a gente bebia a água do córrego. Era tudo gostoso.

Às vezes a gente ia pegar água na barragem, tinha uma vaca morta lá, a gente empurrava para lá a água e bebia, e estava com saúde. E hoje, a gente está comendo coisa comprada, cara e está tudo doente. Naquele tempo ninguém adoecia. Era difícil saber de pessoas que estavam sentindo esses problemas que estão sentindo hoje.

Uma mulher que morreu agora aí, há pouco tempo, com 110 anos, ela nunca ia no médico. Ela morreu foi de idade mesmo e não de doença. Comprava aquelas partes de boi, que hoje a gente joga fora, para comer. E essas coisas que a gente compra hoje, que está tudo contaminado, com remédio. Não comia óleo, matava porco no chiqueiro para comer. Galinha era em casa, ovo era de casa também. Não cozinhava de gás, não tinha geladeira, não tinha

água gelada, não tinha nada. Tinha a água do córrego, chegava no córrego e bebia água, pegava no pote.

Era assim que nós vivíamos e era gostoso, melhor que agora. Tinha mais liberdade, andava á noite para onde quisesse, não tinha nada de bandido, homem matando gente, roubando, nada. Você saía, deixava uma casa aberta, ia à rua e voltava, com cesta de feira na cabeça, trazia de Virgem da Lapa até aqui, nós trazíamos na cabeça. Quando você achava, ainda, para comprar fiado. Tinha vez que ia para o córrego, na base de seis horas da manhã, e quando era meio dia, você ia para a rua vender ouro para comprar coisa para comer.

Mas vivia feliz, não sentia nada. Pelo menos eu vivia feliz nesse tempo. Agora a gente vive feliz, mas tudo doente. De noite a gente ficava aí, quando era calor, um ia à casa do outro. A gente ia fiar, para fazer coberta, aqueles cobertores de tear. Aqui mesmo tinha uma tenda de fazer farinha, fazer rapadura, nós trabalhávamos noite e dia tocando a roda para fazer farinha de mandioca e biju. Tirar goma, essa goma que nós compramos, nós não comprávamos. Nós plantávamos a mandioca e colhia. A cana, nós plantávamos e moía no engenho.

Era tão gostoso naquele tempo. Ali mesmo ainda tem um resto de engenho na casa do compadre Sebastião. Hoje não, hoje tem as casas onde o pessoal vai para o mundo afora trabalhar, arruma a casa, mas não é como era antigamente não. Não tinha colchão, era de palha, comprava saco e costurava, e fazia aquele colchão, enchia com aquela palha de bananeira para dormir. Mas era bom, porque saúde sempre tinha.

Vicencia de Souza Oliveira
Comunidade de Capim Puba

Nossa Senhora do Rosário, sua casa cheira /
cheira cravo e rosa / flor da laranjeira

Crescida no batuque, plantando capim e semente de algodão, dona Vicencia se interessou pelas danças desde os dez anos de idade. Lembra das histórias de escravos que sua mãe e vó contavam. “Tinha um lugar onde nós morávamos que era um monte de pedras. Eram dos escravos que tiravam ouro e ia acumulando aquilo tudo. A gente ia lá e minha mãe contava histórias de quando começou as congadas, do povo da África.” Ela mesma tirou ouro que vendia para comprar roupa e comida. Mas trabalhavam cantando.

"A gente trabalhava cantando para tirar ouro ou fiar na roda, para fazer cobertor, roupa de vestir. Usava era roupa de algodão." O grupo do qual participa chama-se Batuque sem Preconceito e possui cerca de dez integrantes, todas mulheres. Além da celebração do Rosário, se apresentam sempre que são chamadas em festas ou outras manifestações religiosas.

A senhora tem casa em Capim Puba, quantos dias a senhora fica lá?

Eu fico três dias, no final de semana. Por causa das crianças na escola eu não posso ficar muitos dias por lá.

Mas qual a maior dificuldade para viver lá?

Eu sou só, sou viúva. Se fosse para eu ficar junto com as crianças lá, eu ficava, mas as crianças não podem, porque estudam.

Fora as crianças estudarem, a senhora tem alguma outra dificuldade para ficar na comunidade?

Sim, porque eu tenho vontade de fazer roça, e não posso. Até tem um mato bom para fazer, mas eu não tenho quem me ajuda. A gente não está podendo roçar para não fazer queimada. E também não acho outra pessoa para me ajudar a fazer, porque eu só mexo com as "beirinhas".

E água?

Água tem, lá tem o poço artesiano, só que não é todo dia que tem água para nós. É muita gente que precisa da água. Às vezes eles ligam para uma parte, para um canto, depois liga para outra parte, para nós. São umas três comunidades que usam daquela água, um poço só.

A senhora é batuqueira, certo, desde quando?

Acho que desde uns dez anos de idade.

E como foi que a senhora virou batuqueira?

Porque na nossa comunidade, de vez em quando, a gente fazia festinha. E os meninos cantavam, a gente batucava, nós também cantávamos. E tinha um grupo que ensinava a gente, uns moços de Araçuaí. Fomos aprendendo, e agora na festa do Rosário nós somos batuqueiras mesmo. Chama "Batuque sem Preconceito".

Vocês chamam de batuque, mas alguns chamam de congada, qual é a diferença?

Não tem diferença. Eu lembro que minha avó contava histórias do tempo dos escravos. Tinha um lugar onde nós morávamos, lá pertinho, que tinha um monte de pedras. Era dos escravos que tiravam ouro e ia acumulando aquele monte de pedras. A gente ia lá e minha mãe contava história sobre eles, de quando começou as congadas, do povo da África. Coisas do tempo da escravidão.

Que mais a senhora lembra dessa época, que sua mãe contava?

Eu lembro que a gente sofria muito, nós tirávamos ouro pouquinho, para se viver. Tinha vez que não tirava nem duas gramas. Tirava pouquinho, tirava dois décimos para gente sobreviver. Vendia para comprar comida e roupa.

E quando vocês tiravam ouro, vocês cantavam?

Cantava, a gente trabalhava cantando. Tirando ouro ou fiando na roda para fazer cobertor, roupa de vestir. Usava era roupa de algodão, tecia os panos e fazia roupa. Naquele tempo a gente sofria, mas o tempo era bom.

Tem alguma cantiga que a senhora ainda lembra?

Tem, mas agora eu não estou lembrando.

Se lembrar um pedacinho já vale.

Tinha uma de mulher rendeira. "Olê muié rendera / olê muié renda / tu me ensina a fazer renda / que eu te ensino a namorá".

Dessas histórias que a sua mãe contava, de sua avó, dos escravos, que mais a senhora lembra que ela contava, como era a vida?

A vida era sofrida. A vida de minha mãe e de meus avós era muito sofrida. Contava a história toda. Quando a gente era criança, ainda me lembro de a gente ajudar ela para comer. Nós sofríamos, morávamos num deserto. Precisa só ver quando a gente ia trabalhar para os outros, plantando capim ou semente de algodão, tínhamos que amarrar uns panos nos pés para aguentar. Tinha muita ladeira para subir, e o sol esquentava muito. A gente sofria muito naquele tempo.

Quantos anos a senhora tinha?

Naquele tempo eu devia ter uns dez anos, porque eu comecei a trabalhar nova para ajudar a criar os mais novos.

O grupo de batuque, que a senhora começou a participar com dez anos, teve mudanças daquele tempo para hoje?

Teve mudanças. De primeiro a gente batucava, já tinha as roupas preparadas, uma saia rodadinha, curtinha. E hoje mudou, já são umas rouponas compridas. Mudou muita coisa.

Quantas pessoas tem o grupo de batuque daqui?

Acho que tem dez batuqueiros.

São só mulheres?

Só mulheres, mas tem uma hora do batuque que os homens entram no meio.

A senhora toca?

Eu não toco nada, de vez em quando eu toco pandeiro.

Dança?

Danço.

E quais as músicas, as cantigas que vocês mais apresentam no batuque?

Nós apresentamos mais essas que os tamborzeiros cantam. A gente já acostumou com as músicas do Rosário. Eles gostam mais de cantar essas, e então ajudamos eles.

A senhora pode dar o exemplo do nome de algumas músicas, dessas que vocês tocam no Rosário?

Posso. Tem uma música que fala assim: "encontrei Nossa Senhora, na beira do mar / com seu vestido branco e seu "apo" cor do mar / seu "apo" cor do mar, encontrei Nossa Senhora, vestida de branco e coroa de rosa". Essa eu lembro, mas tem outra de Nossa Senhora do Rosário. "Nossa Senhora do Rosário, sua casa cheira / cheira cravo e rosa, olêlê / flor da laranjeira".

As mulheres que estão no batuque são de várias comunidades ou só tem de uma?

Tem mulheres acho que de umas três comunidades.

Quais comunidades são?

Do Rosário, Ranô e Capim Puba.

São essas dez mulheres?

Tem aqui de Virgem da Lapa também, e da Onça também.

Vocês se apresentam em que momento, fora a festa do Rosário?

Tem vezes que tem algumas reuniões para nós, para gente não ficar esquecendo. A gente vem nas reuniões para ter um treinamento, e vai tocando para não esquecer.

Mas tem outras festas em comunidades que vocês vão?

Sim, quando fazem as festas nos chamam. Para a irmandade do Rosário, por exemplo, para apresentar com o tambor, e nós vamos como batuqueiras.

Então vocês estão ligadas à irmandade?

Sim.

Nos eventos que tem a irmandade vocês estão sempre tocando?

Sim.

A senhora tem filha, elas têm interesse em aprender o batuque?

Tenho. A que mais tinha interesse, Deus levou ano passado. Ela ficou grávida, e no dia que ganhou o nenê não escapou não, teve um problema. Ela tinha 15 anos, gostava do batuque.

E as outras filhas?

Não tem interesse não, elas não moram aqui. Só tem duas, e elas não tem interesse não.

Então, como a senhora acha que será daqui alguns anos, se não consegue passar para os mais jovens?

Eu acho que vai enfraquecendo, porque os mais novos não querem aprender. Mas

tem muitas meninas novas que estão entrando. Tem um bocado que só vai quando os maiores vão para levar.

A senhora aprendeu com a sua mãe?

Não, minha mãe não batucava não.

Com quem a senhora aprendeu?

Eu aprendi no grupo mesmo, eu via formar o grupo e eu ajudava eles batucarem. Não sei muito bem, mas eu acompanhava eles.

A senhora falou de outras festas que o grupo é convidado, que tipo de festas, por exemplo?

Quando vai levantar o mastro, que tem uma "domingada". Ou quando tem uma festa de aniversário, casamento, daí chama os tamborzeiros, e nós vamos acompanhar.

O que é a "domingada"?

Domingada é assim uma festa de dia 19, dia 3 de maio, dia 29. São dias de santo que eles chamam a irmandade do Rosário.

Esses dias que a senhora falou, são os dias de alguns santos?

Tem muitos que são dias de santo e outros não. Pode ser dia de aniversário, e também chamam. Dias de festas.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos vão, em primeiro lugar, a todas as comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, protagonistas deste projeto, que resistem bravamente a décadas de violações de seus direitos. A gratidão se estende a todos os articuladores locais dos municípios de Berilo, em especial Alessandro Araújo e Sanete Esteves de Sousa; Chapada do Norte, destacando Fabiane Cinara Vissotto e Sandro Gomes dos Santos (Sandrão); Minas Novas, onde contamos com o empenho de Adão Domingos e sua equipe na Secretaria de Cultura; e Virgem da Lapa, especialmente a Kerlane Oliveira e Mauro Gonçalves. Empenhados em nos acolher, esses parceiros não mediram esforços para que alcançássemos o maior número de comunidades possível, para além das planejadas em muitos casos.

Agradecemos também aos nossos patrocinadores e apoiadores, em especial Eduardo Saron, Camila Zamith, Natalia Cerri e Maria Beatriz Cardoso, do Itaú; Guilherme Carvalho, Lucas Odoni e Rose Melo, da Petrobras; Fábio Torres, Jenny Valente, Pedro Victor Lito e Marcia Telles, da Finep; Etevaldo Lucas Queiroz, Lurdenilde Almeida e Nathália Dornellas, da Cemig; e o grande amigo Milton Kanashiro. Com compreensão elevada, eles puderam entender que se tratava de um projeto fundamental, não só para as comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, mas para a cultura do estado de Minas Gerais e, de certa forma, para toda a população quilombola do Brasil, mártires de luta e preservação cultural no país.

A busca de apoio a uma iniciativa como esta é uma luta diária e cruel. Sem a sensibilidade dessas empresas e pessoas, não teríamos conseguido. Por isso, celebramos a parceria de vocês ao nosso lado.

Somos gratos também a parceiros que, direta ou indiretamente, contribuíram para um desenvolvimento consistente do projeto. São eles os funcionários da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, em Belo Horizonte, e as técnicas e funcionárias da SEFIC/Ministério da Cultura, Carla Almeida, Adriana, Tânia Boita. Por mais de três anos, as representantes do Minc foram nosso apoio técnico permanente na execução deste projeto.

Além de familiares, amigos e parceiros que são, sempre, inspiração e fortaleza em nossa caminhada.

Notas

Berilo

Apresentação

http://www.minasgeraismg.net/cidades/berilo

Nesse dia a casa encheu de gente

1. Conhecido como capim colonião, tem origem na África. Tem a forma de uma touceira grande e densa, que pode atingir até três metros de altura. Geralmente encontrada em regiões quentes e úmidas, que propiciam melhor seu crescimento. Fonte: http://www.agronomia.com.br/conteudo/artigos/artigos_gramineas_tropicais_panicum_colon.htm

2. O tecido Americano é muito procurado para artesanato. Utilizado para bordar, sua procura é mais comum para utensílios de decoração e pode ser usado para fazer toalha de mesa, de chá e jogo americano. Fonte: http://www.dcatarinense.com.br/DetalhesProduto.aspx?id_produto=434&id=62&n1=4

A jovem guardiã das tradições

1. Patrola é um maquinário que abre, nivela, limpa e escava terrenos. Fonte: https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1

2. A Anemia Falciforme tem como principal característica a deformação nas membranas dos glóbulos vermelhos do sangue. Por conta dessa alteração, essas membranas podem se romper com maior facilidade, causando anemia. A doença é genética nos afrodescendentes das Américas e não há tratamento específico para ela. Fonte: Associação de Anemia Falciforme de São Paulo. Disponível em: http://www.aafesp.org.br/o-que-anemia-falciforme.shtml e Site Dráuzio Varella. Disponível em: https://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/anemia-falciforme/

Minha avó vivia num casarão chamado senzala

1. Utensílio usado para exploração de minério em pequena escala, entre os quais o ouro. Ele é mergulhado na água e, com sua agitação, em movimentos circulares, separa-se a água e os sedimentos depositados na bateia. Essa separação acontece pela diferença de densidade entre os minérios metálicos dos demais sedimentos. Muito usado pelos ex-escravos e seus descendentes, até hoje é mantido nas casas das famílias quilombolas. Mas a falta de água impede a atividade nos dias atuais. Fontes: http://www.arlloufill.com/pages/bateia e https://pt.wikipedia.org/wiki/Bateia

2. A partir do século XVIII, a cada término de uma colheita, os proprietários de terras promoviam uma grande festa tendo como referência uma dança de origem portuguesa. Assimilada e adaptada pelos escravos brasileiros, os movimentos da dança simulam movimentos de ataque e defesa, onde os participantes utilizam bastões de madeira firme e verde ainda. Costuma ser apresentada em atos, que podem ser denominados, conforme a região, como toque do tam-tam, troca de lugar, perna sobre bastão, bastão sobre a cabeça e finalizada com uma roda, ou o chamado "cerradinho", uma sequência de sete gestos rápidos. O ritmo tem uma forte influência afro. Fonte: Centro Nacional de Cultura e Folclore Popular. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001774.htm e http://cadernoedf.blogspot.com.br/2016/02/danca-do-vilao.html

3. "Dança e canto de origem africana, trazidos pelos escravos bantos, especialmente de Angola, para o Brasil. No final do século XVIII ainda não era considerada uma dança brasileira, mas uma dança africana no Brasil. Sua origem sempre foi associada aos batuques e folguedos dos negros, embora como dança, a coreografia sempre foi descrita como tendo certa influência espanhola. Entende-se que a chula, o tango brasileiro e o fado, nasceram ou muito devem ao lundu". Fonte: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo.

4. Dança típica nas comunidades quilombolas de Minas Gerais. Homens e mulheres formando pares, dançam e cantam ao som de instrumentos musicais jogando versos. Ao final de cada verso todos se viram versando no formato de perguntas e respostas uns aos outros. Fonte: https://www.childfundbrasil.org.br/blog/voce-conhece-danca-do-nove/

5. Prato bem típico da culinária brasileira e muito popular na cozinha mineira. Geralmente preparado com farinha de milho (fubá), em muitas regiões conhecido como polenta, principalmente em regiões de influência italiana. Além da farinha de milho, o angu também pode ser preparado com farinha de mandioca. Fonte: http://cozinha-deminas.blogspot.com.br/2015/02/angu-e-um-prato-tipico-da--culinaria_7.html#!/2015/02/angu-e-um-prato-tipico-da-culinaria_7.html

6. Também conhecido como congo ou congada, é um auto popular brasileiro de motivação africana. O bailado simula a coroação do Rei do Congo e da Rainha Ginga, de Angola, com a presença da corte e seus vassalos. Seu enredo pode tratar basicamente de três temas, o encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário, submergida nas águas, a vida de São Benedito e a representação da luta entre Carlos Magno contra a invasão moura. Umas das referências do congado brasileira é a representação feita na cidade de Chapada do Norte, durante os festejos para Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Fontes: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo e https://pt.wikipedia.org/wiki/Congado e http://www.folclore.net.br/congado.php

Uma pessoa sem história não é ninguém

1. Juridicamente, a devassa é uma investigação que apura um crime. Uma pesquisa de provas, observação, certidões e inquirição de testemunhas para averiguação e um ato criminoso. No Brasil, durante a Inconfidência Mineira, os autos de devassa, ou autos de processo judicial, foram movidos pela coroa portuguesa contra Tiradentes e os demais inconfidentes para apuração do crime de traição. Fontes: https://www.significados.com.br/devassa/ e https://pt.wikipedia.org/wiki/Auto_de_devassa

2. A Folia de Reis, também conhecida como Reisado, é uma festa popular brasileira de caráter religioso e folclórico. A porta de entrada foi o nordeste brasileiro, porém em nosso país a tradição ganhou traços culturais particulares incorporando aspectos de cada cultura local. Um destes exemplos está presente na música, com a presença das batidas típicas dos tambores africanos. Ela é realizada entre o período do Natal até o Dia de Reis, em 6 de janeiro. Fonte: Sua Pesquisa.com. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/musicacultura/folia_reis.htm

3. Imagens de roca são imagens sacras levadas em procissão e vestidas com trajes de tecido. Importantes nos cultos católicos principalmente no período barroco. São também conhecidas como imagem de procissão, imagem de vestir ou imagem de bastidor. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1tua_de_roca

4. Certidão de batismo, batistério. Fonte: https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1

Jequitinhonha: cultura e talento em abundância

1. De origem africana, o batuque costuma ter como principais características as palmas e o sapateado, acompanhados ou não de canto. No Brasil o termo é mais comum para apontar ritmos marcados por vigorosa percussão. Típico de comunidades quilombolas, principalmente no norte de Minas Gerais, as variações de coreografias e acompanhamentos variam de região para região. Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=3151

2. Festa de origem católica celebrada no dia 13 de dezembro. Originada na Escandinávia, a festa exalta a santa que é considerada a protetora da visão, com missas, novena e procissão. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Luzia_(festa)

Nascida e criada na Folia de Reis

1. Pipa grande para depositar ou transportar cachaça. Fonte: https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#2

Chapada do Norte

Apresentação

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=311610

Com a palavra, a Rainha do Congado

1. Dança dramática ou folguedo inspirada em reminiscências ameríndias, de marcante presença na ilha de Itaparica, na Bahia, mas também com ocorrência em outras localidades do Brasil. São representados vários episódios, mas com um núcleo dramático focado no rapto de uma rainha dos caboclos pelo capitão-do-mato. Um feiticeiro descobre o paradeiro da rainha e o raptor é preso. Fonte: Enciclopédia da Música Brasileira e http://dancasfolcloricas.blogspot.com.br/2011/03/caboclos.html

Família unida na congada, viola e cantoria

"Antigamente a gente juntava em mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro"

Uma grande família chamada Alves

Planta rasteira de cultivo anual, é próprio de regiões de clima quente. Seus frutos são verdes, comestíveis, ovalados e com espinhos moles e nada pontiagudos. Planta rica em zinco, mineral importante para os tecidos do corpo e o metabolismo do açúcar. Como durante o cozimento costuma-se perder o zinco, é aconselhado consumo cru, em salada ou suco. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maxixe_(hortali%C3%A7a)

Minas Novas

Apresentação

1.http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=314180&search=minas-gerais%7Cminas-novas%7Cinphographics:-history&lang=_ES

A banda centenária

Devoção ao Rosário e conhecimento aurífero dos escravos: a história de Minas Novas

1. Grupo etnolinguístico de povos distribuídos entre a África equatorial e austral, ou África subsaariana. O termo é também usado para o indivíduo trazido como escravo para o Brasil e que pertencem a esse grupo linguístico, de regiões como Congo, Angola, Moçambique e Benguela, entre outras. Fonte: https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#3 e https://pt.wikipedia.org/wiki/Bantus

2. Denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a grupos de diversas filiações indígenas, de diversas regiões, embora principalmente entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. O termo veio por conta dos botoques labiais e auriculares que esse grupo de indígena tinha costuma de adotar. Como habitavam áreas consideradas estratégicas pelos colonizadores, foram muito perseguidos e atacados, tanto pela coroa portuguesa como por outras tribos indígenas. Fontes: http://ifesbotocudos.blogspot.com.br/ e https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#5

3. São brincadeiras populares de rua introduzidas pelos portugueses por volta do século XVI, durante os três dias que precedem a entrada da Quaresma. A palavra especificamente era usada para os bonecos gigantes, feitos de madeira e tecido, que faziam parte do Carnaval português desde a Idade Média. Fonte: http://www.suapesquisa.com/carnaval/entrudo.htm e https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#6

4. Originada em Portugal, no século XIV, comemora a descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos, embora no Brasil se misturam manifestações religiosas e profanas. A comemoração costuma acontecer cinquenta dias após o domingo de Páscoa, mas varia um pouco de região para região. O principal símbolo da comemoração é a pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo. Fonte: Site UOL Educação. Disponível em: http://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/festa-do-divino-comemoracao-tem-sete-seculos-de-existencia.htm e http://escola.britannica.com.br/article/483241/Festa-do-Divino

O mestre dos tambores mineiros

1. A ora-pro-nóbis é uma hortaliça originária do continente americano e encontrada em abundância na região sudeste do Brasil. Muito usada na culinária mineira e também nas comunidades quilombolas, o prato mais comum é o frango com ora-pro-nóbis. Em latim significa "rogai por nós", e segundo tradições, esse nome foi dado por algumas pessoas que a colhiam no quintal de um padre enquanto ele rezava em latim. Fonte: http://www.petitgastro.com.br/ora-pro-nobis-um-ingrediente-originario-do-continente-americano-muito-usado-na-culinaria-mineira/ e https://www.beneficiosnaturais.com.br/ora-pro-nobis-beneficios-e-propriedades/

2. Planta originária no Brasil, possui diversos outros nomes como bredo, maria-gorda, buglosa, caruru e fumo-do-mato, entre outras terminações. Quase todas as partes da planta são utilizadas na medicina caseira, em várias regiões do país. Entre as principais propriedades estão ações sedativas, antigripal, diurética, desobstruente, tônica, para citar algumas. Fonte: https://beneficiosdasplantas.com.br/lingua-de-vaca-beneficios-e-propriedades-dessa-planta-e-seu-cha/

3. "Encontrado nos verbetes de Candomblé, o Candombe do Rio da Prata é diverso, constituindo uma festa profana semelhante aos reisados, congos, maracatus e coroamento de reis nas festas de Nossa Senhora do Rosário. Os negros de origem banta dão o mesmo nome aos centros de sua devoção. Muito encontrado no interior de Minas Gerais e centro-oeste, chegou ao Brasil vindo da África". Fonte: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo e http://www.bibliotecaderitmos.com.

br/ritmo/candombe/

4. Pertencente ao grupo dos alaúdes curtos, acredita-se que sua origem é fruto da união entre as culturas europeia e americana, mais precisamente uma mistura das tradições portuguesas e indígena brasileira. Bastante comum nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Sua caixa de ressonância é confeccionada da mesma maneira que se faz um cocho, objeto usado para colocar alimento de animais, na zona rural. Fonte: http://www.infoescola.com/musica/viola-de-cocho/ e https://en.wikipedia.org/wiki/Viola_de_cocho

Virgem da Lapa

Chovia mesmo

1. Protetora dos animais domésticos e das propriedades particulares, em especial nas áreas rurais, essa tradição portuguesa costuma ser comemorada no dia 3 de maio. Esse foi o dia em que Santa Helena apresentou a Dioclesiano a cruz em que Jesus Cristo foi crucificado. Um dos costumes da festa são os enfeites que ornamentam as cruzes, feitos de papel crepom, seda e flores. As cruzes costumam ser colocadas nos currais, galinheiros, beira das estradas, porta das casas ou pontos mais altos das cidades. Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=2146

2. É uma planta de use essencialmente medicinal, de casca perfumada, espessa e muito amarga. Nativa no Brasil, Chile e Peru, geralmente indicada para diarreia, cólica intestinal, dor de estomago, fraqueza e anemia. Fonte: http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/casca-danta.html#.WHvW79NTu1s

3. A mangabeira pode ser encontrada do norte ao sudeste do Brasil. Tanto no fruto como na raiz, traz muitos benefícios medicinais por ser muito rica em ferro e vitaminas A, B1, B2 e C. Seus benefícios estão na ação anti-hipertensora, digestiva, antiulcerogênica e laxante. Fonte: https://www.tuasaude.com/mangaba/

4. Árvore encontrada da floresta amazônica e na Mata Atlântica. Considerado um energético natural, é muito rica em potássio, ferro, fosforo, cálcio e vitamina c, e por isso fortalece o sistema imunológico. Entre as suas propriedades ainda estão o alivio nos problemas de articulação, redução de açúcar no sangue e um poderoso protetor do fígado, entre outros. Fonte: http://www.saudedica.com.br/os-7-beneficios-do-jatoba-para-saude/

5. É uma planta medicinal, também conhecida como Barbatimão-verdadeiro, barba-de-timan, casca-da-mocidade ou ubatima, e é muito usada para ajudar a tratar feridas, hemorragias, queimaduras, dores de garganta ou inchaços e hematomas na pele, por exemplo. Além disso, esta planta também pode ser utilizada para ajudar no tratamento de doenças como diabetes ou malária, por exemplo. Fonte: https://www.tuasaude.com/barbatimao/

6. O xarope preparado com angico é muito usado para tratamentos respiratórios, como asma, bronquite e tosse por ser eminentemente expectorante. Indicado também para inflamações como faringite e problemas nos pulmões. Seu cultivo é também popular pela qualidade da madeira, para fabricação de moveis e matéria prima para objetos diversos. Fontes: http://remediodaterra.com.br/beneficios-do-cha-de-angico/ e http://www.remedio-caseiro.com/cascas-do-angico-possuem-inumeras-propriedades-medicinais/

Bibliografia

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Os quilombos e as novas etnias. In: LEITÃO, Sérgio (Org.). Direitos territoriais das comunidades negras rurais (Documentos do ISA, n. 5) São Paulo: Instituto Sócio-ambiental, 1999

ALVARENGA, Oneida. Tambor de Mina e Tambor de Crioula: registros sonoros do folclore musical brasileiro. São Paulo: Discoteca Pública Municipal, 1948

ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura Popular Brasileira: Martins Fontes, 2007

ARRUTI, Maurício. O quilombo conceitual: para uma sociologia do artigo 68. Tempo e Presença. Rio de Janeiro, 2003

ARRUTI, Maurício. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Rio de Janeiro, 2004

BERTOLINO, Junia. Os Arturos e o congado: símbolo de luta e resistência. In: Cedefes, 2007. Versão eletrônica: http://www.cedefes.org.br/new/index.php?conteudo=materias/index&secao=3&tema=31&materia=3444

BRAGA, Ana Socorro Ramos; GOMES, Clícia Adriana Abreu; MENEZES, Flávia Andresa Oliveira de. Tambores de Piqui, Cartas de Liberdade: memória e trajetória da comunidade Piqui da Rampa. São Luís: Associação Comunitária do Povoado Piqui, 2007

BRANDÃO, Théo. Quilombo. Cadernos de Folclore, nº 28. Rio de Janeiro: Funarte, 1979

CARNEIRO, M. L. Fucci. O racismo na história do Brasil. São Paulo: Ática, 1998

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra.

Quilombo, território e geografia. In: Revista Agrária, nº 3, São Paulo, 2006. Versão eletrônica: http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria/revistas/3/8_carril.pdf

CARVALHO, Ana Paula Comin. Emergência de etnicidade: dos territórios negros aos "quilombos urbanos. Texto apresentado no Fórum de Pesquisa 33 – "Levantar Quilombos: pressupostos, métodos, conceitos e efeitos sociais das experiências de mapeamentos de comunidade negras rurais no Brasil", 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda/PE, 2004

CASAL, Manuel Aires de, 1976. Comarca do Serro-Frio. P. 178-182 in: Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do reino do Brasil. Belo Horizonte,

Itatiaia/ São Paulo, EDUSP, 342 p. (1.ed., 1817, Rio de Janeiro, Impressão Regia). (Reconquista do Brasil, 27)

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972

CEDEFES. Os avanços das comunidades quilombolas de Minas Gerais em 2005. In: Observatório Quilombola, edição novembro/dezembro, 2005. Koinonia; Versão eletrônica: http://koinonia.org.br/oq/uploads/conjunturas/Conjunt1.pdf

CEDEFES. Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI – História e resistência. Belo Horizonte: Autêntica/CEDEFES, 2008

COSTA, Cândida Soares. Imagens do negro em livros didáticos adotadas para o I Triênio do século XXI, segundo indicação do MEC. In: Sociedade, Democracia e Educação: qual universidade? Petrópolis: Vozes, 2004

COSTA, João Batista de Almeida. Brejo dos Crioulos e a sociedade negra da Jaíba: novas categorias sociais e a visibilização do invisível na sociedade brasileira. In: Pós – Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Brasília: Universidade de Brasília / Katakumba Editores, 2001

COSTA, João Batista de Almeida. Mineiros e baianeiros: englobamento, exclusão e resistência. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2003

COSTA, João Severiano Maciel da. Memórias sobre a escravidão. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988

Famílias estão sem água e endividadas: comunidades reassentadas pela Cemig na construção da usina de Irapé não conseguem pagar a conta de energia. In: Caderno Gerais, Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte/MG, 11/02/2007

FERRETTI, Sérgio; CÉCIO, Valdelino; MORAES, Joila; LIMA, Roldão. Tambor de Crioula. Cadernos de Folclore, 31, Rio de Janeiro: Funarte, 1981

FERRETTI. Sergio. Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1996, (Original, 1985).

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Um Natal de Negros: Esboço etnográfico sobre um ritual religioso num quilombo amazônico. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 1995, v. 38 n. 2

FON FILHO, Aton; FELIPPE, Claudia; RAINHA, Roberto. Quilombolas: apropriação de direitos. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2013

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. A Comunidade dos Arturos. In: Negras Raízes Mineiras: os Arturos. Belo Horizonte; Maza Edições, 2000. (Coleção Minas & Mineiros)

GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombos e Palmares – Minas Gerais no século XVIII. In: Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. A escravidão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1976

MATTOSO, Kátia de Queirós. Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982

MONTELLO, Josué. Os Tambores de São Luis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975

MOURA, Clóvis. Os Quilombos e a Rebelião Negra. São Paulo: Brasiliense, 1981

MOURA, Clóvis. Resistência ao escravismo. Ática, 1987

NUNES, Pereira. A Casa das Minas. O culto dos voduns jeje no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 1979, (Ed. Original, 1947)

O'DWYER, Eliane Cantarino & OLIVEIRA, Osvaldo Martins de.

Relatório de Identificação da Comunidade Negra Rural de Porto Corís, município de Leme do Prado – MG. Fundação Cultural Palmares e Universidade Federal de Alagoas, 1997

O´DWYER, Eliane Cantarino. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002

OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Os Arturos: unidos pela festa. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 2005

PAIVA, Eduardo França. Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 2º link

http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_fontes.html

POHL, Johann Emanuel, 1976. Viagem no interior do Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia/ São Paulo, EDUSP, 417 p. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Apresentação e notas de Mário G. Ferri. Nota de Milton Amado (Reconquista do Brasil, 14)

RAMOS, Adriana Vaz. A indumentária simbólica: das festas ao teatro – A Congada na Comunidade dos Arturos. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC, 2000

RAMOS, Arthur. O Folclore Negro do Brasil. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1954

RAMOS, Arthur. O Negro na civilização brasileira. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956

RAMOS, Donald. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII. In: Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1975. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte, Itatiaia/ São Paulo, EDUSP, 378 p., il. 1.ed. francesa, [1830]. Trad. Vivaldi Moreira. Nota de Edison Moreira. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. (Reconquista do Brasil, 4).

SIDÔNIO, Maria Luzia. Os Luízes. Belo Horizonte: FAT Editores, 1998

SILVA, Djalma Antônio da. O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2005

SYDOW, Evanize. Vida e Resistência- Comunidades Remanescentes de Quilombos de Alcântara, Maranhão. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2004

TINHORÃO, José Ramos. Música popular de índios, negros e mestiços. Petrópolis: Vozes, 1975

VIEIRA FILHO, Domingos. Folclore Brasileiro: Maranhão. Rio de Janeiro: FUNARTE/CBDF, 1977

Todos os meus antepassados são nascidos e criados aqui. Meu bisavô criou meu avô, que criou minha mãe, que também me criou aqui. Tudo nestas terras. Só que eu não consigo mais criar os meus filhos como eles me criaram. Eu preciso buscar uma complementação de renda fora, tenho que trabalhar na cidade e aqui ao mesmo tempo.

Somos descendentes de escravos. Meu avô contava que o pessoal veio fugido da região de Teófilo Otoni, o avô dele, o bisavô dele, e se instalou nessa região. Eles tinham aqui como um refúgio por ser um lugar de difícil acesso. E neste local eles criaram uma resistência mesmo, um quilombo para desenvolver a vida deles.

Ele falava da forma rudimentar de vida, tinham que produzir tudo o que necessitavam. Precisavam plantar o algodão, fiar, tecer e fazer a roupa. Não tinha transporte nenhum para essa região. Tudo o que consumia tinha que ser plantado e produzido aqui. Eles viviam de frutas e do que plantavam. Cana, mandioca, batata doce. Se não colhesse, não tinha o que comer.

Mauro Gonçalves, comunidade quilombola de Campinhos, Virgem da Lapa, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Apoio
Patrocínio
Realização